

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LENINA LOPES SOARES SILVA

NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA



NATAL/RN

2010

LENINA LOPES SOARES SILVA

NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

NATAL
2010

LENINA LOPES SOARES SILVA

NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

Tese de Doutorado, apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais.

Área de concentração: Pensamento Social, Sistemas de Conhecimento e Complexidade

Orientador: Dr. José Willington Germano

NATAL
2010

LENINA LOPES SOARES SILVA

NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

Tese de Doutorado, apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, **APROVADA** pela Banca Examinadora composta pelos professores:

Dr. José Willington Germano
(Presidente/Orientador – PPGCS/UFRN)

Dra. Isabel Cristina de Jesus Brandão
(Examinadora/Externa - UESB)

Dra. Dalcy da Silva Cruz
(Examinadora/Interna - UFRN)

Dra. Brasília Carlos Ferreira
(Examinadora/Interna - UFRN)

Dra. Geovânia da Silva Toscano
(Examinadora/Externa - UERN)

Dra. Janete Lima de Castro
(Examinadora/Interna/Suplente - UFRN)

Dr. Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
(Examinador/Externo/Suplente - UERN)

NATAL
2010

In memoriam

Aos meu pais
Vital Marcelino e Antônia Lopes (Antonieta),
aqui contém muito do que me ensinaram
e um pouco do roteiro ainda inacabado
do que me delegaram como missão na vida...

Aos companheiros do curso de doutorado
Everaldo Barbosa e José Correia Sobrinho,
pelos muitos sorrisos
e pelos diálogos sobre a vida solidariamente vivida...

Ao professor José Maria Cançado,
cujos ensinamentos e interpretações
dilataram o presente, desafiaram o tempo,
capacitaram o passado e contraíram o futuro
e aqui são “modos de presença”
de seu pensamento e do de Pedro Nava.

A vocês dedico com saudades este trabalho...

NOTAS ACADÊMICAS E DE AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A forma de constituição desta tese foi possibilitada pelo diálogo entre a empiria (obra de Pedro Nava) e a fundamentação teórica (as propostas de Boaventura de Sousa Santos) e, de igual modo, colocando-as em discussão entre estudiosos de diversas áreas de atuação e formação, ora formal, ora informalmente, os quais nos forneceram segurança para a pertinência e a relevância do trabalho de tradução que tivemos que empreender.

Esta estratégia resultou, acreditamos, em melhoria do trabalho pelas colaborações recebidas, com singular dedicação de meu orientador professor doutor José Willington Germano em todos os momentos (este trabalho é nosso), a quem agradeço com carinho e muito respeito pelo intelectual solidário que aprendi a admirar.

Ainda, de modo especial, ao professor Boaventura de Sousa Santos, de quem recebi não só apoio e sugestões, mas, de certa forma, o aval de que a leitura e a análise que vinha fazendo dariam contribuições para novas e outras buscas sociológicas e epistemológicas na literatura memorial, como discurso de um tempo e de uma experiência social, vivenciada por protagonistas intelectuais – usando suas palavras – “portadores de novos discursos e experiências sobre a sociedade, a ciência e a vida.”

Agradeço particularmente a alguns estudiosos que se dedicam reconhecidamente a estudos sistemáticos de autores, itinerários sociais, sociologia literária, do conhecimento e da cultura, memórias e autobiografias, com os quais mantive diálogos durante a pesquisa, dentre os quais, cito com carinho os professores: Maria da Conceição Xavier de Almeida, dedicada estudiosa de Edgar Morin; Alexsandro Galeno Dantas, leitor das lógicas de Antonin Artaud; Dalcy da Silva Cruz, emérita intérprete de Caio Prado Júnior (a interlocutora mais assídua); Vânia de Vasconcelos Gico, estudiosa de Luiz da Câmara Cascudo; Tânia Elias Magno, pesquisadora do itinerário de Josué de Castro; e Ailton Siqueira, o eterno estudante de Clarisse Lispector. De modo particular, ao professor Manuel Antonio Baeza, *da Facultad de Ciencias Sociales, da Universidad de Concepción*, do Chile, pelos comentários críticos sobre nossa pesquisa quando de nossa participação no XXVII Congresso ALAS/2009.

Assim, observando que a compreensão das práticas discursivas disseminadas em obras literárias é relevante para o momento histórico social, no qual estamos vivendo, de globalização mercadológica e de esquecimento daquilo que podemos incluir como do mundo do espírito, da cultura, dos laços afetivos e das aprendizagens, rejeitamos os modos relacionais impostos por esta globalização e afetivamente agradecemos ao professor Moisés Calle pelos diálogos solidários e aos professores Edmilson Lopes Júnior e Orivaldo Pimentel e também às professoras Dalcy da Silva Cruz, Brasília Carlos Ferreira e Geovânia da Silva Toscano, pelas serenas e relevantes contribuições no Seminário Doutoral.

Não poderíamos deixar de agradecer, com especial atenção e carinho, aos companheiros e companheiras de todas as horas do Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação/UFRN: Mércia Maria de Santi Estácio (a leitora incansável), Alcides Leão dos Santos Júnior (dileto amigo/escutador), Adriana Aparecida de Souza e Anderson Christopher dos Santos (modos de presenças), Anaxsuell Fernando da Silva, José Gllauco S. Avelino de Lima, Dalmo Oliveira, Raimundo França, Osicleide, Pablo Spinelli, Simone Cabral, Berenice Rego, Ana Maria, Gilcerlândia, Joicy, Dalliva, Thalita, Hylana, Ozaías e Gleydson.

E, ainda, aos simpáticos secretários do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, nas autoridades de Otânio e Jefferson.

À professora Altamira Medeiros, pela correção atualizada de Língua Portuguesa e ao amigo Raimundo Muniz, pelo enquadramento nas normas técnicas.

Por fim, com afeto agradeço a todos os meus familiares e amigos, especialmente aqueles que de bem perto acompanharam o cotidiano deste trabalho, meu marido Damásio, companheiro das sobras do tempo e das horas incertas, e aos meus filhos Thiago e Thales, e às minhas noras Yossonale e Mábia, e a minha sempre menina Lannisse. Agradeço ainda com carinho às amigas Raimunda Germano, Reny Maldonado, Gláucia, Janete Castro, Rosana Vilar, Maria Ferreira, Rosário Cabral e Áurea Frazão, pelo companheirismo fraternal.

Obrigada!

A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com as nossas recordações como os primitivos que pintavam a Natividade, o Pretório e a Ressurreição, dando à Virgem, a São José, a Nosso Senhor, a Pilatos e aos centuriões, roupas medievais em ambientes italianos, flamengos e espanhóis.

Pedro Nava

RESUMO

Consiste, este trabalho de tese, de uma tradução da obra do médico brasileiro, Pedro da Silva Nava (1903-1984), em particular, de seus escritos memorialísticos e das crônicas, articulados com os de história da medicina, objetivando-se defender que as narrativas autobiográficas são fontes de pesquisas capazes de promover discussões sobre a dilatação do presente na confluência de uma sociedade desigual e complexa, em constante processo de mudança, como a brasileira. A fundamentação teórica e metodológica circula no entorno dos estudos, propostas e teses de Boaventura Santos sobre passado capacitante, subjetividade desestabilizadora, sociologia das ausências, razão cosmopolita e trabalho de tradução. As bases empíricas, extraídas da literatura produzida por Nava, foram analisadas tendo como referentes esta fundamentação e estudos que possibilitaram o fluir da tradução, entre outros, de Antonio Candido, Arrigucci Jr., Boris Cyrulnik, Beatriz Sarlo, Ecléa Bosi, Ítalo Calvino, José Willington Germano, José Maria Cançado, Lev Vygotsky, Marilena Chauí, Paul Ricœur e Walter Benjamim, sem descuidar daquilo que consideramos imprescindível à pesquisa científica, à produção de conhecimentos prudentes e pertinentes, na perspectiva de uma vida decente. As inflexões iniciais traduzem o sujeito das Memórias e sua educação/formação, para, em seguida, situar as Memórias do sujeito no contexto literário, científico, histórico e poético brasileiro (1972-2010). Trazem seus principais intérpretes, discutindo a racionalidade empregada pelo Narrador, que defendemos aproximar-se da cosmopolita, evidenciando a constituição de narrativas cujas presenças inserem-se de antemão à verve modernista, vinculada à matriz discursiva contrária à literatura como espaço de dominação, disseminada no Brasil no início do Século XX. Desse modo, articula-se àquela na qual as preocupações conformam a construção da formação social do Brasil, como patrimônio nacional, através da narrativa literária com enfoque em um princípio histórico que torna o passado capacitante. Permite, assim, sua releitura, para cujas tramas convergem à memória, os modos de vida, a pluralidade da linguagem e da cultura brasileira, formada por vários povos, confluindo para uma concepção, não de cultura, mas de multiculturalidade brasileira. A questão da memória foi tratada no espaço-tempo das experiências do ser que narra, moldado por uma subjetividade desestabilizadora que buscou ordenar os testemunhos de um tempo, de uma história e de uma sociedade, recontando-os pela imaginação criadora, quase ficcional, para fazer circular seus conhecimentos sobre o Brasil, unidos aos seus conhecimentos médicos, bem como aos de outros sujeitos de seu grupo de convivência e de outros grupos com os quais manteve contato. Assim, retratou bens culturais materiais e imateriais do país como forma de preservação, atribuindo-lhes significados e sentidos. Aproxima-se, portanto, da perspectiva de sociologia das ausências, pela dilatação do presente e pelas lógicas a ela inerentes em suas narrativas de si e do Brasil.

Palavras-chave: Memória. Narrativa autobiográfica. Subjetividade desestabilizadora. Passado capacitante. Racionalidade cosmopolita. Sociologia das ausências.

RESUMEN

Esta tesis consiste de una traducción de la obra del médico brasileño, Pedro da Silva Nava (1903-1984), en particular, de sus escritos memorialísticos y de las crónicas, articulados con los de historia de la medicina, objetivándose defender que las narrativas autobiográficas son fuentes de investigaciones capaces de promover discusiones sobre la dilatación del presente a la confluencia de una sociedad desigual y compleja en constante proceso de mudanza como la brasileña. La fundamentación teórica y metodológica circula en el entorno de los estudios, propuestas y tesis de Boaventura Santos sobre pasado capacitante, subjetividad desestabilizadora, sociología de las ausencias, razón cosmopolita y trabajo de traducción. Las bases empíricas extraídas de la literatura producida por Nava fueron analizadas considerando como referentes esta fundamentación y estudios que posibilitaron la fluidez de la traducción entre los de Antonio Candido, Arrigucci Jr., Boris Cyrulnik, Beatriz Sarlo, Ecléa Bosi, Ítalo Calvino, José Willington Germano, José Maria Cançado, Lev Vygotsky, Marilena Chauí, Paul Ricœur y Walter Benjamin, sin descuidarse de aquello que consideramos imprescindible a la investigación científica, a la producción de conocimientos prudentes y pertinentes, en la perspectiva de una vida decente. Los despliegues iniciales traducen el sujeto de las Memorias y su educación/formación, para enseguida, situar las Memorias del sujeto en el contexto literario, científico, histórico y poético brasileño (1972-2010), exhibiendo sus principales intérpretes y discutiendo la racionalidad empleada por el Narrador que defendemos aproximarse de la cosmopolita, evidenciando la constitución de narrativas cuyas presencias se incluyen de antemano a la elocuencia modernista, vinculada a la matriz discursiva contraria a la literatura como espacio de dominación, diseminada en Brasil al inicio del siglo XX. Se articula, así, con aquella donde las preocupaciones conforman la construcción de la formación social del Brasil como patrimonio nacional a través de la narrativa literaria con enfoque en un principio histórico que lo vuelve el pasado capacitante, permitiendo su relectura, para cuyas tramas convergen a la memoria, los modos de vida, la pluralidad del lenguaje y de la cultura brasileña, formada por varios pueblos, confluyendo para una concepción no de cultura, pero de multiculturalidad brasileña. La cuestión de la memoria fue tratada en el espacio-tiempo de las experiencias del ser que narra, moldeado por una subjetividad desestabilizadora que ha buscado ordenar los testimonios de un tiempo, de una historia y de una sociedad, recontándolos por la imaginación creadora, casi ficcional, para hacer circular sus conocimientos sobre el Brasil unidos a sus conocimientos médicos, así como los de otros sujetos de su grupo de convivencia y de otros grupos con que mantuvo contacto. Por ello retrató bienes culturales materiales y no materiales del país como forma de preservación, concediéndole significados y sentidos. Se aproxima, por tanto, de la perspectiva de sociología de las ausencias, por la dilatación del presente y por las lógicas a ella inherentes en sus narrativas de si mismo y del Brasil.

Palabras clave: Memória. Narrativa Autobiográfica. Subjetividad desestabilizadora. Pasado capacitante. Racionalidad cosmopolita. Sociología de las ausências.

ABSTRACT

This thesis is a translation of work of the Brazilian doctor, Pedro da Silva Nava (1903-1984), in particular, his memoirs and chronicles, articulated with the writings of medicine history, aiming to defend that the autobiographical narratives are sources of research capable of promoting discussions on the expansion of the present at the confluence of complex and unequal society in constant changing process as the Brazilian. The theoretical and methodological support circulates around studies, proposals and thesis by Boaventura Santos about empowering past, destabilizing subjectivity, sociology of absences, cosmopolitan reason and translation work. The empirical support drawn from the literature produced by Nava were analyzed with reference this reasoning and studies that have facilitated the flow of translation among others, the studies of Antonio Candido, Arrigucci Jr., Boris Cyrulnik, Beatriz Sarlo, Ecléa Bosi, Ítalo Calvino, José Willington Germano, José Maria Cançado, Lev Vygotsky, Marilena Chauí, Paul Ricœur and Walter Benjamin, without neglecting what we consider indispensable to scientific research, the production of relevant knowledge and prudent, in view of a decent life. The initial inflections reflect the subject of the Memoirs and its education/training, to then place the Memoir subject in the literary context, scientific, historical and Brazilian poetic (1972-2010), bringing great interpreters and discussing the rationale used by the Narrator that we defend stand closer to the cosmopolitan, showing the formation of narratives whose presence insert itself beforehand to modernist verve, linked to the discursive array against the literature as domination space, disseminated in Brazil in the early twentieth century. So, it articulate with those in which the concerns adjust the construction of the social formation of Brazil as a national heritage through literary narrative that focuses on a historical principle that becomes the past empowering, allowing his rereading, whose converge to memory, the lifestyles, the plurality of language and Brazilian culture, formed by several people, converging into a design not of culture but multiculturalism in Brazil. The memory issue was addressed in the space-time of experiences of being that narrates, shaped by a destabilizing subjectivity that sought to order the testimony of a time, a history and society, retelling them by creative imagination, almost fictional, to make circulate his knowledge about Brazil attached to his medical knowledge, as well as other subjects in his living group and other groups with whom they maintained contact. Thus, he portrayed both tangible and intangible cultural assets of the country as a form of preservation, giving them meanings and sense. It approaches, therefore, from the perspective of sociology of absences, the expansion of the present and by the logic inherent in his narratives of self and Brazil.

Keywords: Memory. Autobiographical narrative. Destabilizing subjectivity. Empowering past. Cosmopolitan rationality. Sociology of absences

SUMÁRIO

RESUMO
RESUMEN
ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 DA INTENÇÃO À AÇÃO: a construção teórica e metodológica da pesquisa	15
1.2 ESTRUTURA DAS “NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA”	41
2 CAPÍTULO I: REFLEXÕES ACERCA DE PEDRO NAVA UM SUJEITO MÚLTIPLO	44
2.1 PEDRO NAVA, UM NARRADOR DO BRASIL	45
2.1.1 O médico	56
2.1.2 O historiador da medicina, o professor e o cientista médico	63
2.1.3 O poeta	69
2.1.4 O artista plástico	74
2.1.5 O escritor memorialista	78
2.2 NOTAÇÕES COMPLEMENTARES	82
3 CAPÍTULO II: DOS BOTÕES DOURADOS À LINHA DE TIRO: A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO MÉDICA DE PEDRO NAVA	86
3.1 CRIANÇA E INFÂNCIA NA ESCRITA DE PEDRO NAVA	89
3.2 AS INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DISCIPLINAR MILITAR NA EDUCAÇÃO DE PEDRO NAVA	104
3.3 A FORMAÇÃO MÉDICA NA PRÁTICA DA ESCRITA DE SI	118
3.4 REFLEXÕES ADICIONAIS	130
4 CAPÍTULO III: SABERES COMPARTILHADOS: OS INTÉRPRETES DA OBRA NAVIANA	132
4.1 OS CRÍTICOS LITERÁRIOS	136
4.2 OS POETAS	151
4.3 OS TRABALHOS ACADÊMICOS	159
4.4 À GUIA DE REINTERPRETAÇÃO	169
5 CAPÍTULO IV: A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS NAS NARRATIVAS DO BRASIL DE PEDRO NAVA	172
5.1 A ECOLOGIA DE SABERES NA POLIFONIA DA MEDICINA POPULAR BRASILEIRA	183
5.2 A ECOLOGIA DAS TEMPORALIDADES NOS TEMPOS DA LITERATURA DE SI	192
5.3 A ECOLOGIA DOS RECONHECIMENTOS: o negro como protagonista da experiência social brasileira	203
5.4 A ECOLOGIA DAS TRANSESCALAS NO MOVIMENTO INTER-	215

ESCALAR DO ITINERÁRIO NAVIANO NO RIO DE JANEIRO	
5.5 A ECOLOGIA DAS PRODUTIVIDADES NA REDESCRIÇÃO DA VELHICE NAS MEMÓRIAS	222
5.6 REAQUECENDO A TRADUÇÃO	227
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS	235

1 INTRODUÇÃO

[...] Se tomarmos a palavra **memória** na significação do que ela representa para o indivíduo como prática adquirida, conhecimento comprovado e experiência armazenada e se aplicarmos à ciência, à arte médica como monumento das ideias e doutrinas que são o seu corpo, veremos que essa evocação é tudo o que há de mais vivo [...]. Memória – não como lembrança imobilizada e contemplação paleontológica das idades mortas, mas como a representação dos caminhos que foram trilhados em vão e que não podem ser retomados; como a crítica dos erros pretéritos que é um aviso aos obstinados; como a análise do acerto antigo que é orientação atual da procura congênere. (NAVA, 2003c, p. 12, grifo do autor).

Imbuídos desta concepção de memória desenvolvida por Pedro Nava, iniciamos este trabalho de tese com interpretações resultantes da pesquisa intitulada “Itinerários Sociais e singularidades da formação médica em narrativas autobiográficas,” na qual foram analisados os livros de memórias de dois autores médicos: Pedro da Silva Nava (1903-1984) brasileiro, e Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004) suíça, radicada nos Estados Unidos da América. Vale esclarecer que, para a composição desta tese, escolhemos discutir apenas as interpretações feitas na produção memorial e em algumas crônicas, ilustrando-as, em alguns momentos, com a produção de história da medicina de Pedro da Silva Nava.

A escolha pela obra de Pedro Nava levou em consideração a relevância desta no contexto literário brasileiro, aliada à sua densidade e a quantidade de trabalhos acadêmicos já elaborados no Brasil sobre ela. Isto demandou muitas leituras, além das que nos serviram de suporte empírico e aporte teórico e metodológico, como dimensões fundamentais e indissociáveis, inerentes a esta pesquisa, pois tivemos que empreender um verdadeiro estado da arte dos estudos já realizados, tendo como empiria seus escritos publicados, no Brasil.

Pedro Nava nasceu em 1903 e faleceu em 1984. Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, tornou-se carioca por opção. Foi médico de formação e escritor por decisão e escolha deliberada, nos tempos e momentos de sua vida nos quais considerou propícios para tal investimento humano, social e existencial. Sua produção, como escritor, encontra-se estruturada em publicações brasileiras

reunidas em cinco trabalhos históricos relacionados com a Medicina quais sejam: “Território de Epidauro”, “Capítulos da história da Medicina no Brasil”, “Atas reumatológicas (comunicações em dois volumes)”, “O anfiteatro (textos reunidos por Paulo Penido), O bicho Urucutum (textos de medicina reunidos por Paulo Penido) e “A medicina de Os Lusíadas.” Existe ainda a “Biografia do Doutor Torres Homem” que é um livro inacabado, citado pelo autor em “Galo-das-Trevas: as doze velas imperfeitas”, o quinto volume de suas memórias, no qual expõe os motivos da não continuidade da escrita de “um trabalho de admiração pelo prodigioso mestre.” (NAVA, 2003b, p. 37). Os originais desta Biografia encontram-se no Acervo do Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Há também os trabalhos formados pelos sete livros que formam o conjunto das Memórias¹: “Baú de ossos: memórias 1”; “Balão cativo: memórias 2;” “Chão de ferro: memórias 3”; “Beira-mar: memórias 4”; “Galo-das-trevas - as doze velas imperfeitas: memórias 5”; “O círio perfeito: memórias 6”; e o que o Narrador² deixou inacabado, “Cera das almas”, fragmento de um livro com 36 páginas, publicado após sua morte. E, ainda, “Viagem ao Egito, Jordânia e Israel (anotações de viagens) e “Caderno 1 e 2 (anotações pessoais). Ele também produziu e publicou algumas crônicas e artigos em jornais de grande circulação no Brasil e, de igual modo, concedeu entrevistas à mídia impressa e televisiva³. Informamos que serão referenciados os livros de Pedro Nava que forem citados e interpretados ao longo do texto.

Existem publicados também apresentações e prefácios de livros, poemas, cartas, artigos de crítica literária, entrevistas, e discursos em livros, jornais e revistas, bem como sua produção como artista plástico em ilustrações de livros e desenhos e também pinturas presenteadas a amigos. Alguns dos seus poemas e desenhos, bem como cartas dirigidas a Mário de Andrade, encontram-se na Pasta 72: Arquivo de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de

¹ O termo Memórias, grafado com inicial maiúscula será utilizado para nos referirmos ao conjunto da obra memorialística de Pedro Nava, já usado por outros pesquisadores de sua obra, dentre estes Cançado (2003).

² O termo Narrador, grafado com inicial maiúscula, será adotado em alguns momentos para nos referirmos ao autor das Memórias – Pedro da Silva Nava – forma escrita também já utilizada por vários pesquisadores, entre os quais Cançado (2003) e Arrigucci Jr. (1987). Esclarecemos que o sentido e significado de Narrador para nós se inserem na perspectiva teorizada por Benjamim (1994) como aquele sujeito que retira das experiências vividas em sociedade elementos para construir sua narrativa, que é também a de seus ouvintes e leitores.

³ Para maiores informações, ler: “Diálogos com Pedro Nava: a sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo”, de Sandes (2005) e “Pedro Nava: memória”, de Nunes (1987).

São Paulo (USP). As cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava foram publicadas em (ANDRADE, 1982), livro cuja edição foi organizada por Fernando Peres a pedido de Pedro Nava.

É preciso informar que alguns estudiosos da obra de Nava, entre os quais Souza (2004), sugerem que sua produção científica na área da medicina gira em torno de 300 trabalhos publicados no Brasil e em outros países; já Villaça (2007) informa que são aproximadamente 400 trabalhos. Anuímos, por estas razões, que não há consenso entre os pesquisadores quanto à quantidade da produção científica do autor, especialmente se compreendermos que as Memórias, em grande parte, são decorrentes de um minucioso trabalho de pesquisa documental sobre a vida na sociedade brasileira de seu tempo.

1.1 DA INTENÇÃO À AÇÃO: a construção teórica e metodológica da pesquisa

A intencionalidade precípua deste trabalho, em síntese, é uma tentativa de dar visibilidade às lições do passado, no presente, para o futuro, encontradas particularmente nas Memórias. Estas são traduzidas como experiências e leituras sociais de um sujeito que, ao falar de si, imprimiu nesta fala/escrita as relações sociais vivenciadas no itinerário de sua vida, tendo em vista que, assim como Vigotski⁴ (2003, p.151), ideamos que “está implícita na memória a utilização e a participação da experiência anterior no comportamento presente”, confluindo para o desenvolvimento tanto do pensamento como da linguagem, no campo das experiências de conhecimento. Então, à luz das narrativas de Nava, implica afirmar que “o autor é o originador, por muito discutível e secundária que a sua originalidade possa ser”, usando as palavras de Santos (2001, p. 93), de tudo que aqui for traduzido.

Tratamos, assim, de uma tradução das interpretações sociais do Brasil do final do Século XIX e por quase todo o Século XX, constituídas por Pedro Nava em suas narrativas. Desse modo, a temática de investigação circula embalada em uma abordagem cujo enfoque enraíza-se nas relações sociais e históricas do Brasil, visto

⁴ Informamos que a grafia do nome Vigotski (2003) obedecerá, neste trabalho, à forma expressa na edição de cada livro. Portanto, aparecerão grafias diferentes ao longo do texto.

como um país que foi colonizado em conformidade com a racionalidade e as regras emanadas do universo eurocêntrico. Estas, parcial e distorcidamente incorporadas da “retórica básica dos poderosos” promovidas “[...] por líderes intelectuais pan-europeus na tentativa de defender os interesses do estrato dominante do sistema-mundo moderno”, conforme Wallerstein (2007, p. 27), modeladores, portanto, da racionalidade ocidental dominante.

O aporte empírico no qual buscamos substratos para discussão de uma nova racionalidade ativa, tolerante, leitora dos silêncios e das diferenças, e desinteressada de certezas paradigmáticas, usando as palavras de Santos (2001, p. 42), encontra-se na obra literária brasileira já nominada. Este nos chegou motivado por leituras em outros autores que, sem fugir aos determinantes socioexistenciais, deslindam reflexivamente, na literatura, o homem em sociedade e a sociedade nos homens, como construtos humanos, culturais, econômicos e histórico-sociais, dentre os quais destacamos Walter Benjamin, Ítalo Calvino, Carlo Ginzburg, Ecléa Bosi, Beatriz Sarlo e Antonio Candido. Nessa direção, a constituição argumentativa, deste trabalho de tese, pode ser compreendida enquanto releitura social de memórias brasileiras elaboradas pelo Narrador que transpôs simbolicamente suas experiências sociais de vida para a arte literária, de um modo cuja singularidade e qualidade ainda carecem de desvelamento.

Dessa perspectiva epistêmica e social, contextualmente, a pesquisa fundamenta-se nas proposições de Santos (2006) sobre novas trajetórias para estudos e pesquisas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, pautadas em uma nova racionalidade a qual denomina de cosmopolita, por possibilitar entendermos que “a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante”. (SANTOS, 2006, p. 94). É, para este autor, uma racionalidade emergente que se opõe à razão indolente em sua forma metonímica, ocultadora e descredibilizadora de sujeitos e de saberes em nome da ordem necessária à manutenção do colonialismo e, conseqüentemente, do desenvolvimento do capitalismo, especialmente, nos mundos pós-coloniais, sendo, portanto, a razão indolente considerada como conformista, estabilizadora das diferenças e mantenedora dos silêncios impostos a vários povos e culturas. Para Santos (2006), mundos pós-coloniais são aqueles mundos carregados de sensibilidades ainda inexploradas que,

no segundo milênio foram alvo das descobertas Ocidentais e, ao longo do tempo, tem sofrido as violências impostas pelos colonizadores/descobridores, dentre as quais destaca o epistemídio cultural e cognitivo. Epistemologicamente formam um conjunto de correntes teóricas e analíticas com ênfase, mas não apenas, nos estudos culturais, os quais procuram demonstrar que o colonialismo não chegou ao fim, se for interpretado tendo como parâmetro as relações sociais enquanto relações políticas que continuam a ser estabelecidas de forma autoritária e discriminatória.

A razão indolente, segundo Santos (2006), como instrumental intelectual de organização e explicação da realidade e do mundo, se desenvolveu no contexto sociopolítico de consolidação do Estado liberal na Europa e na América do Norte, nos meandros das revoluções industriais e do desenvolvimento capitalista, do colonialismo e também do imperialismo. Esta foi se constituindo histórico-socialmente e se apresenta em quatro formas modelares, presentes no pensamento hegemônico, a saber:

A razão impotente, aquela que não se exerce porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria; a razão arrogante, que não sente necessidade de exercer-se porque se imagina incondicionalmente livre e, por conseguinte, livre da necessidade de demonstrar a sua própria liberdade; a razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria-prima; e a razão proléptica que não se aplica a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele e o concebe como uma superação linear, automática e infinita do presente. (SANTOS, 2006, p. 96).

Nesta tese, nos atemos, portanto, à crítica da forma metonímica da razão indolente por ser nela que encontramos as formas monoculturais de visão de mundo, de sociedade, de arte e de ciência disseminadas em lógicas que se reivindicam como verdadeiras; pautadas em certezas produtoras de inexistências (que dizemos ser visíveis concretamente) por reconhecermos que tais lógicas se alicerçam e são legitimadas em cânones científicos, artísticos, literários e culturais hegemônicos, conforme estudos de Santos (2001, 2006).

Nesse sentido, buscamos nas Memórias navianas aquilo que nos possibilitasse caminhar pela contraposição dessas lógicas, partindo da visão de passado do Narrador, para, a partir daí, nos guiarmos para a compreensão de sua

subjetividade e racionalidade impressas na sua produção literária, sendo estas representativas de seu pensamento e de sua cultura.

Santos (2006) defende que novos estudos, particularmente aqueles voltados à implantação de estudos culturais, podem enveredar para a constituição de conhecimentos humanísticos pautados em novas racionalidades. Estas devem ser buscadas em novos discursos ou em discursos alternativos, quais sejam aqueles que carregam, em suas simbolizações, projeções e escalas, indicativos de novas leituras sociais em contextos sociais pós-colonizados, demandantes de um trabalho de tradução capaz de dialogar e de fazer interagir cultura e conhecimento e conhecimento científico com conhecimento não científico.

Acrescentamos, a este entendimento de tradução de Santos (2006), o sentido e o significado dados por Panichi e Contani (2003) em um estudo sobre a construção do texto em Nava.

A tradução tem como princípio retirar de uma fonte antecedente (não necessariamente elementos de outra língua) significados implícitos que possam funcionar em complementação descobrindo, assim, novas realidades. Toda tradução requer uma nova informação estética. (PANICHI E CONTANI, 2003, p. 139).

Advém dessas percepções o enfoque informativo que empreendemos reputando que a justificativa para uma investigação desta natureza já vem inserida no percurso sociocultural e profissional tracejado por Nava, no qual são explicitadas, de forma reflexiva, certas invisibilidades presentes na sociedade brasileira do Século XX. Muitas delas ainda perduram no cenário brasileiro do Século XXI, embora pareçam inexistentes.

Dentre tais invisibilidades realçam-se aquelas concernentes aos diversos modos de vida e a expropriação social vista como natural; aos variados usos da Língua Portuguesa; à educação embalada por um pensamento que conforma uma prática disciplinar militar; ao uso do poder no Estado brasileiro como coisa privada; à ideia de ordem hierarquizada pela verticalização de relações baseadas em superior e inferior, de acordo com a origem social e a cor da pele dos sujeitos; à permanência de relações sociais fundamentadas em preconceitos raciais antes e após a libertação dos escravos; à falta de reconhecimento da multiculturalidade da

formação do povo brasileiro, constituído, fundamentalmente, pelas culturas dos índios (brasileiros), dos africanos e dos europeus, bem como pelas práticas e experiências populares de cura, muitas ligadas aos costumes africanos e aos indígenas, talvez ainda não reconhecidas/pesquisadas pela medicina científica.

Trazemos, por essas vias, aos diálogos com as Ciências Sociais as percepções sobre o Brasil de um pensador brasileiro que, fazendo a leitura de si entrelaçada a de sua sociedade, manteve, como diz Candido, “a tensão básica, que assegura a eficiência do discurso e consiste no senso particularizado do concreto, traduzido simultaneamente em termos universais de visão do homem e do mundo”. (CANDIDO, 1987, p. 69).

O itinerário social e as singularidades da formação médica de Nava são, de certa forma, reconstituídos e utilizados no texto, observando-se como sua formação (básica e superior) se apresenta na escrita de si, entremeada na tecelagem dos fatos e acontecimentos vividos, sem descurarmos de sua percepção de criança e infância, repensada de forma retroativa, pelas lembranças dos momentos iniciais de sua vida; revisitados criativamente em suas visões da vida humana, importantes para a formação de sua subjetividade, de seus modos de pensar sobre sua sociedade e sobre a sua realidade pelas condições existenciais vividas e revividas.

Assim, como esta formação configura o itinerário social deslindado nas Memórias, pela reconstituição dos espaços sociais dos sujeitos e instituições nos quais foram vividas as experiências do Narrador? Foi uma das primeiras questões suscitadas pela leitura.

Esta questão nos auxiliou a defender que as Memórias, como narrativas autobiográficas, são fontes de pesquisas capazes de promover discussões sobre a dilatação do presente⁵ na confluência de uma sociedade desigual e complexa em constante processo de mudança, como a brasileira. Reconhecemos, todavia, a impossibilidade de onisciência da memória e de mediação no processo recordativo, envolvidas por fenômenos subjetivos que podem se apresentar unificados pelas marcas de reconstituições desejadas e utópicas que já sofreram mediações socioculturais. Como nos ensina Sarlo (2007), pautada em Susan Sontag, para dizer

⁵Santos (2006, p. 101) considera que a crítica à forma metonímica da razão indolente é condição necessária para a ampliação e diversificação do presente ou de sua dilatação. Para ele só é possível recuperar a experiência desperdiçada em todo o mundo, criando-se um espaço-tempo que pressupõe a releitura do passado, para se exercer a dilatação do presente através de procedimentos metassociológicos, como a sociologia das ausências.

“que diante dos restos da história é preciso confiar menos na memória e mais nas operações intelectuais, compreender tanto ou mais que lembrar [...]”. (SARLO, 2007, p. 52). Com isto concorda Nava quando diz que “só há dignidade na recriação.” (NAVA, 2000, p. 314).

A reconstituição do itinerário do Narrador nos motivou a expor uma releitura de sua obra conduzida e situada histórica e socialmente, tendo as propostas de Santos (2006) sobre sociologia das ausências como condutora analítica. Dessa maneira, mediante a busca de entendimento sobre a racionalidade empreendida nas Memórias, é que reivindicamos aproximar-se da cosmopolita idealizada por Santos, como capacidade cognitiva de condução do pensamento para além dos modelos hegemônicos de pensar. Vale ressaltar que racionalidade cosmopolita para Santos (2006) traz em si possibilidades de compreensão que conduzem a dilatação do presente pelo reconhecimento do passado como capacitante, aspiração que, segundo este autor, só tem sido formulada até o presente “pelos criadores literários” (SANTOS, 2006, p.101). Trata-se, nessa significação, de uma racionalidade que consegue diante das tradições e das comunidades científicas se mostrar, veiculando em suas postulações o reconhecimento de diferentes culturas, formas de interação e de conhecimentos, fazendo dialogar conhecimento científico e não-científico.

Para Santos (2006), a racionalidade cosmopolita questiona o presente e o expande, contraindo, assim, o futuro, sem prescindir do passado como espaço/tempo onde se encontram experiências sociais inesgotáveis. Sendo assim, a dilatação do presente é possibilitada pela confrontação do presente com o passado, conduzida em meio a probabilidades históricas que tornam possíveis a contração do futuro por possibilitar a demonstração da diversidade de experiências sociais existentes no mundo.

Os encaminhamentos da pesquisa pautaram-se na compreensão de sociologia das ausências como um procedimento investigativo com possibilidades epistemológicas e democráticas de demonstrar que: “o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não-credível ao que existe,” (SANTOS, 2006, p.102). Nesse sentido, procuramos encontrar na obra de Pedro Nava presenças que foram transformadas em ausências pela razão metonímica monocultural, moldada por pensamentos indolentes incapazes de ver na realidade aquilo que está fora do hegemonicamente

determinado pelo universalismo europeu, promovido pelo desenvolvimento capitalista globalizado, das trocas e das práticas sociais desiguais, especialmente, nos mundos pós-coloniais como o brasileiro, narrado pelo autor. Assim, caminhamos em direção a um pensamento que hipoteticamente desejávamos prudente com possibilidades de identificar no espaço-tempo brasileiro as trocas desiguais praticadas contra as culturas que compuseram a nossa, e que foram subordinadas à cultura do colonizador.

Para isto nos sedimentamos em uma percepção analítica cujas dimensões apontam para a visão de passado, como capacitante, com potencial emancipatório à medida que operativamente pode ser visto como prática desviante, tendo em vista que “o desvio é uma prática liminar que ocorre na fronteira entre um passado que realmente existiu e um passado que não teve licença de existir.” (SANTOS, 2006, p. 91). É o condutor, portanto, de novas interpelações e interpretações sugestivas de identificações de experiências, práticas e ações sociais nos mundos pós-coloniais, relidas por subjetividades capazes de pensar a transformação social.

Essas subjetividades são entendidas em trabalhos guiados pela sociologia das ausências como subjetividades desestabilizadoras, criadoras de mestiçagem, desejosas de reconhecimentos para protagonistas e grupos sociais tornados inexistentes, marginalizados pela globalização hegemônica, caracterizadas como barrocas por suas probabilidades de reinvenção e experimentação dentro de uma sociedade dominada por outros modos de criação e de leitura do mundo e da vida. São reconhecidas quando conseguem desestabilizar os cânones criados para desacreditar experiências e práticas que não se enquadram nos critérios da razão metonímica.

Nessa perspectiva, foi possível pensar em uma sociologia demandante da transformação das ausências em presenças, substitutivas de monoculturas geradoras de pensamentos indolentes em pensamentos prudentes capazes de mover novos modos de reflexão e de intervenção, quem sabe?, em processos sociais antes invisíveis ou pouco discutidos. Criam-se, assim, novos caminhos de leituras e de pesquisas, tendo como fonte a literatura memorialística e, quiçá, as crônicas se pensarmos, com ponderação, como Cyrulnik (2009, p. 205) ensina, pois, “com uma única vida, pode-se escrever mil biografias. Não é necessário mentir, basta deslocar uma palavra, mudar um olhar para iluminar um outro aspecto da

realidade enterrada”. E, como Sarlo convencionou “a literatura, é claro, não dissolve todos os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa *de fora* da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo” (SARLO, 2007, p.119, grifo da autora).

Tal delineamento direcionou o trabalho de tradução das Memórias como imprescindível à interpretação do pensamento de Nava, fazendo também uma leitura para a compreensão da sociologia das ausências como trajetória analítica, pautada na expansão do presente e moldada na apreensão cognitiva de cinco ecologias ou lógicas, conforme Santos (2006), quais sejam:

- a) A ecologia de saberes, fundamentada em uma epistemologia capaz de reconhecer os processos subjetivos da condição, da criação e da imaginação humana, num diálogo entre diferentes formas de conhecimento e de saberes científicos e não científicos;
- b) A ecologia das temporalidades, na qual se observa que, no trabalho de tradução, os diferentes tempos presentes se complementam, pois são tempos que muitas vezes não são lineares, tempos diversos em diferentes culturas; são possibilidades de dilatação do presente, especialmente quando o sujeito narra suas próprias experiências, fazendo uso de sua linguagem e de suas leituras sociais;
- c) A ecologia dos reconhecimentos, que trata de uma busca que abre espaço para o reconhecimento das diferenças recíprocas contra os epistemicídios culturais, sociais e simbólicos, particularmente aqueles inseridos nos mundos pós-coloniais;
- d) A ecologia das transescalas, que opera desglobalizando o local pelo exercício da sociologia cartográfica, é determinante para a visibilidade das diferenças sociais e contextuais, como um modo de demonstração do universal no local;
- e) A ecologia das produtividades, que rediscute a questão do desenvolvimento, propondo a de envolvimento, da cumulação pela distribuição baseada em princípios de cooperação e solidariedade e da inclusão em vez da exclusão. Nesta ecologia há também a preocupação com a produção do conhecimento científico e a construção de novos saberes na perspectiva de um conhecimento prudente. (SANTOS, 2004).

A leitura interpretativa das Memórias deu condições de assimilar, em alguns fragmentos de sua escrita, postulações que podem ser vinculadas à racionalidade cosmopolita desenvolvida por Santos (2006), para o reconhecimento de novos discursos ou de discursos alternativos, interpretando-se o Narrador como um escritor múltiplo que vai do local para o universal, segundo Candido (1987), de forma particular.

Em linhas gerais, a crítica literária, incluindo-se Candido (1987), informa que Nava é um escritor capaz de articular lógicas de construções discursivas para além da percepção imediata, da leitura primeira. E, como nesta crítica, “a relação é entre dois sujeitos e não entre um sujeito e um objeto,” pois sobre Nava e Candido, fazendo uso das palavras de Santos, entendemos que “cada um é a tradução do outro e ambos são criadores de textos, textos esses escritos em linguagens diferentes, mas ambas necessárias para aprender a amar as palavras e o mundo,” (SANTOS, 2001, p. 93) e para se pensar através de “uma aprendizagem mútua e, portanto, de uma literacia multitemporal.” (SANTOS, 2006, p.110).

Tais considerações são alicerçadas nas contribuições para reflexões sobre o viver que ocorrem na concretude da vida, da condição e da existência humana em busca de dignidade para si e para os outros, deambulando por seus processos de condução da vida em sociedade e do papel do sujeito social em suas ações, como intelectual, encontradas em pensadores, como Gramsci (2000b), Morin (2002b), Sarlo (2006) e Calvino (2009), dentre outros. Nesse sentido, inserimos na interpretação da história sociocultural brasileira, contida na elaboração dos textos que contam a história pessoal e as do mundo circundante do Narrador, o que visualizamos do seu perfil intelectual e de seu pensamento inserido nesse contexto – de vida e obra em uma sociedade que se encontrava em pleno processo de modernização.

Reconhecemos que perduravam, nesta sociedade, conflitos econômicos, políticos, sociais e humanos e que estes também foram pontos de reflexão do autor das Memórias, o que nos impõe, portanto, limites interpretativos ao concordarmos com Mendes (2002, p. 514), que nos informa: “por uma lógica de simetria, a análise das memórias individuais permitirá salientar os limites do trabalho de enquadramento e especificar o trabalho pessoal, pela narrativa e pelo discurso [...]”. (MENDES, 2002, p. 514). Assim sendo, sempre que necessário traremos o próprio

Narrador para o diálogo, mostrando-o em pequenos trechos, como criador, escultor primeiro de sua arte a qual apenas traduzimos com a visão do nosso presente e dos saberes com os quais dialogamos na artesanaria deste trabalho.

Isto posto, é interessante apresentarmos nossa compreensão sobre memória, informando que esta vem sendo construída a partir dos autores já citados e de Ricœur (2002, p. 374), que afirma: “a história só nos atinge através das modificações que impõe à memória, pois a memória constitui a primeiríssima relação com o passado”, de Chauí (2002, p.125), quando revela que “a memória é a evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais,” e de Cyrulnik que diz:

Os homens sem história têm uma alma dispersa. Sem memória e sem projeto, ficam submetidos ao presente como um drogado que só é feliz no clarão imediato. Quem não tem memória não vira ninguém e quem tem medo de seu passado se deixa apanhar pela própria sombra. (CYRULNIK, 2009, p. 13).

Então, se a memória é a ponte que nos une ao passado, a memória humana alimenta o presente, permite nos situarmos em algo que foi internalizado no passado de forma significativa, tanto de maneira positiva, quanto negativa. Ela é capaz de contribuir para a associação das imagens que permanecem presentes na mente, tornando o sujeito da memória singular em termos subjetivos. Isto confere à memória um caráter de recursividade como capacidade humana de vida intelectual, que vai aquém e além do tempo presente, em especial, quando é preservada através de recursos de comunicação e expressão, como a escrita.

A memória

é permanente e oscilatória, faz parte da aventura do conhecimento, de maneira confusa e difusa, mas é necessária à condição do vivo e do vivido. Assim, é por intermédio das lembranças que se pode interagir com o passado, interrogá-lo, revivê-lo e interpretá-lo para superar desafios e talvez encontrar perspectivas para o futuro. (SILVA, 2008, p. 17).

Para Vygostky (1989a, 1989b) e Bosi (2003), a memória como função mental superior traz possibilidades ao pesquisador de utilizá-la em suas formas de expressão e representação social (fala e escrita) como recurso de construção histórica, com vistas à interpretação social e cultural, pois as lembranças são imagens construídas no presente. Vale ressaltar que elas podem ser expressas pela via da linguagem oral ou escrita, conscientemente, pelo sujeito que as usa para reconstruir e representar o seu passado, e o de sua coletividade, como assinala também, Halbwachs (2004).

A metodologia adotada para a condução da pesquisa foi tecida observando essas capacidades da memória, aliadas a outros construtos conceituais que nos informam sobre os perigos de quereremos enquadrar “achados” em memórias escritas como realidades. E isto eles não são, pois mostram apenas níveis de realidade, como nos alerta Calvino (2009) em seu trabalho sobre literatura e sociedade, e Sarlo (2007) em suas análises sobre as condições teóricas, discursivas e históricas de trabalhos memoriais e autobiográficos.

Assim, podemos afirmar que a trajetória metodológica apenas sinalizou os caminhos da pesquisa como um processo racional e, de certo modo afetivo, cuja análise final assimila o trabalho de tradução como um procedimento que em si é partilha de conhecimentos e saberes; é imaginação epistemológica; é possibilidade de reinvenção cujos objetivos são as possibilidades de criação e recriação de constelações de saberes e práticas. E, como recriação e partilha de conhecimentos, se torna também, como as Memórias, revelador e denunciador de injustiças e desperdícios sociais.

Estes caminhos foram se fazendo e refazendo, a partir dos que já haviam sido traçados, pois, embora sistematizados previamente, na prática indicaram novas escolhas. Muitas destas nos angustiavam por se encontrarem em nossa percepção sempre em fase de construção e de ajustes teóricos e metodológicos. Contudo, entendemos que as escolhas visavam conferir maior visibilidade à temática, por esta não partir de questões sociais visíveis e mensuráveis estatisticamente e, também, por não ser uma problemática social incomodante, embora instigante. Inserindo-se, no entanto, no universo constitutivo de novos conhecimentos científicos, pautados em um diálogo entre saberes, possíveis de se constituírem em alicerces literários.

Questionamo-nos: seria este um modo de se compreender a sociologia das ausências com ênfase na pesquisa literária; ou uma sociologia mais voltada para questões epistêmicas; ou até de imersão histórica e memorialística que pudesse promover um repensar de suas explicações e interpretações; ou, ainda, um modo apenas aparentemente novo para a leitura social de tempos pretéritos de uma sociedade específica, sem incorrer em generalizações idealísticas; ou, sem negar o que há de universal no aporte investigado, tendo como fundamentos teóricos as perspectivas de uma nova racionalidade, novas lógicas para a compreensão do mundo em sociedade e de novas atitudes diante da pesquisa acadêmica?

Por estas vias questionadoras, construímos uma espécie de cartografia do pensamento, dos fatos e acontecimentos presentes na narrativa do autor, com ênfase nas simbolizações e expressões elaboradas por ele na constituição de seu monumento literário, como classifica Bueno (1997) a obra de Nava. Fizemos muitas escolhas, e reafirmamos isto porque consideramos impossível esmiuçar o todo das Memórias e dos demais escritos do autor. Partimos, assim, da formação do sujeito Narrador e de suas percepções sobre esta, como fundamento social e cultural de construção de sua subjetividade, para, em seguida, buscarmos a compreensão das lógicas que guiaram sua narrativa, seu pensamento e suas interpretações sociais, culturais e científicas. São estes os dois estames de partida e chegada, a visão de passado e a subjetividade, constitutivos e unificadores da metodologia que empreendemos na pesquisa.

Essas orientações metodológicas foram também encontradas em Santos que expõe: “As virtualidades da cartografia simbólica, ou seja, de uma abordagem assente no estudo das escalas, projecções e das simbolizações, são fundamentalmente três” (SANTOS, 2001, p. 222), isto é, aquela vinculada ao “modo de pensar e analisar as práticas institucionais dominantes sem depender das formas de autoconhecimento produzidas pelos quadros profissionais que as servem, (SANTOS, 2001, p. 223)”; a atenção à materialidade instituída e suas regras; e “a combinação entre a análise estrutural e a análise fenomenológica.” (SANTOS, 2001, p. 224).

Essas estratégias auxiliaram na condução argumentativa dando base para a interpretação das ideias de Nava e subsidiaram a tradução e a produção dos

conhecimentos esperados, derivados de uma memória que contém experiências brasileiras dos Séculos XIX e XX.

Os desdobramentos desta pesquisa foram realizados em momentos concomitantes, tanto teóricos como metodológicos, nos quais nos apropriamos dos conteúdos das Memórias e dos demais escritos de Nava, exceto aqueles voltados especificamente para a área de sua especialidade médica – a reumatologia; consultamos seus principais intérpretes e as teorias que deram sustentação à análise e à interpretação das ideias para a composição deste trabalho, indo ao encontro de uma sociologia das ausências. Para Santos (2006), é um procedimento metassociológico que parte do reconhecimento das dificuldades de construção de um conhecimento multicultural, mas que é capaz de captar silêncios, diferenças, necessidades, ausências e aspirações, fazendo “comparações entre os discursos disponíveis hegemônicos e contra-hegemônicos.” (SANTOS, 2001, p. 30). As análises sociológicas, inerentes a este procedimento entendem o silêncio como um sintoma daquilo que potencialmente não se pode cumprir, ou foi destruído pelo colonialismo ocidental. Esta sociologia pode ser exercida movendo-se no campo das experiências sociais e seu “elemento subjetivo é a consciência cosmopolita e o inconformismo ante o desperdício da experiência.” (SANTOS, 2006, p.118).

Os discursos hegemônicos, aos quais nos referimos, são aqueles disseminados pelo universalismo europeu calcados em fundamentos extremistas, alocados em verdades naturalizadoras da violência e do epistemícidio cultural e social praticado como política para esconder as desigualdades abissais geradas pelo capitalismo, amplamente utilizados pelos colonizadores imperialistas.

Quanto aos discursos contra-hegemônicos, compreendemos como aqueles com possibilidades de fazer circular conhecimentos como forma de reconhecimento, sendo assim tradução do outro, de uma condição de objeto para a de sujeito, particularmente nos mundos pós-coloniais, como o brasileiro. Trata-se de um discurso cujos praticantes não se desprendem de suas trajetórias de vida pessoais e coletivas, que não opõe natureza e cultura e revaloriza a visão humanista através da compreensão do mundo em vez de sua manipulação elaborada, fazendo distinções entre culturas, experiências e práticas sociais.

Os caminhos possibilitaram diálogos que permitiram a polifonia de ideias e o diálogo entre os saberes literários e os conhecimentos das Ciências Sociais, para,

assim, se constituírem como conhecimentos que se deslindam de tudo que desumaniza; que aparta os saberes, nos assegurando de que a aventura da ciência e do conhecimento humano pode ser conduzida pela prudência e pela pertinência, como nos ensinam Santos (2004) e Morin (2002), respectivamente.

Pontuamos tais reflexões pela observação de que, nas últimas décadas do Século XX e no início do Século XXI, a ciência vem sendo discutida, em especial, no mundo acadêmico, em busca de um novo paradigma que contribua para a compreensão da complexidade do conhecimento social, tecnológico e humano pela revalorização de estudos humanísticos capazes de fazer dialogar arte e literatura em torno de múltiplos saberes.

Entre os pensadores que se preocupam com a questão, há os que, dentre outros, como Santos faz uma crítica à epistemologia positivista. Este propõe novos procedimentos para as pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas através da emergência de uma nova racionalidade científica, a cosmopolita, sendo esta capaz de “expandir o presente e contrair o futuro”, (SANTOS, 2004, p. 790), para evitar o desperdício das experiências. Nas análises já percorridas por este pensador está a proposição, já referida, de sociologia das ausências, cujo objetivo é “[...] transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças”, (SANTOS, 2004, p. 786), embora reconheça que,

apesar de a situação parecer estar a mudar, ainda hoje é muito fácil produzir ou aplicar conhecimento escapando às consequências. A tragédia pessoal do conhecimento só é hoje detectável nas biografias dos grandes criadores da ciência moderna de finais do Século XIX e começo do Século XX. (SANTOS, 2001, p. 31).

Inferimos das proposições suscitadas por Santos (2001, 2006), que acredita numa “ciência do sensível”, que é possível encontrar novos discursos em memórias e narrativas autobiográficas, observando-se que são inúmeros os autores literatos, cientistas, artistas, poetas e professores que, num certo momento da vida, se põem a re/ver o mundo, a re/imaginá-lo, re/construindo assim suas próprias vidas. Constroem documentos declarados de si e testemunhos de sua sociedade no movimento complexo da vida. Nessas re/invenções, re/encontram saberes, coisas, lugares, pessoas, acontecimentos, alegrias e tristezas, enfim, processos de

sociabilidades que fazem denotar, na escrita de si, um mapa do eu interior, imaginário, memorialístico que não é a realidade, mas a configura em níveis que transitam entre o real e o irreal, segundo Calvino (2009), e que são simbolicamente representados através da escrita.

Para o leitor, pesquisador ou não, funciona como um despertador de sentimentos vivenciados através dela, como aquilo que foi vivido e que deixou marcas tatuadas na vida, na memória individual, re/afirmada na memória coletiva e, muitas vezes, confirmadas pelo próprio leitor através de outras leituras ou de suas próprias vivências sociais.

Por essas considerações, entendemos que se o espaço, o tempo e o contexto social, que são narrados, descritos e criticados em memórias e narrativas autobiográficas não são a realidade, trazem seus traços, seus fragmentos, são como rastros que dela ficam e que podem ser representados como tradução – refletida e reinventada para o presente –, fazendo com que esta vá ao futuro. Nessa concepção, todo conhecimento é autoconhecimento, como sinaliza Santos (2003b). Este tipo de literatura talvez funcione para o leitor como testemunho de um sujeito sobre o seu mundo, tempo e espaço; mundo que não foi apenas dele e nem é apenas de seu leitor, como na perspectiva ensejada por Ginzburg (2007) e Benjamim (1994).

Interpretar este tipo de obra literária é, em certo sentido, viver o passado alheio, tornando-o nosso, especialmente quando essa leitura tem algo a ver conosco, com nossas convivências sociais e profissionais. Em muitas delas podemos, de certa maneira, partilhar da narrativa, ideando momentos, refletindo sobre o que nos está sendo dito e dado pela escritura, pelo discurso do outro que desejou se fazer audível, visível, traduzindo suas experiências, oferecendo lições de vida, seu modo de ser e viver, sentir, amar e desamar, de se interpretar, interpretando sua sociedade. É como se esse outro desejasse que escutássemos o que não foi conhecido pelos outros de seu tempo pretérito por meio de sua fala interior, que se faz presente, exteriorizada de forma memorial. Estas são propositivas, de certa forma, já defendidas por Bosi (2003) em seus estudos sobre memória e sociedade.

Salientamos que a compreensão de narrativa autobiográfica, aqui deslindada, vai além da desenvolvida por Lejeune (1975), que a considera como

uma “retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, enfatizando sua vida individual, em particular, a história de sua personalidade.” (LEJEUNE, 1975, p. 14). O Narrador relido foi além de sua própria história e de sua personalidade – outras histórias e outras personalidades foram biografadas e interpretadas nas Memórias; foi além da prosa, fazendo poética e estética em suas narrativas do Brasil entrelaçadas pela arte e sua imaginação criadora.

Nosso entendimento assume as teses desenvolvidas por Halbwachs (2004) para a memória, como narrativa social, ao assumir que lembrar não é viver o passado outra vez, mas refazê-lo, reconstruí-lo e re/pensá-lo com imagens, ideias e símbolos do presente, com intencionalidade re/construtiva, elaborando, assim, uma memória coletiva através da escrita de si.

Escrever memórias e autobiografias é prática corrente na vida de pensadores de grande porte, dos clássicos aos populares. Dessa forma, confessar que viveu, como fez Pablo Neruda (1974)⁶, é uma das maneiras encontradas por escritores, poetas e pensadores para deixar marcas de suas vidas incrustadas na história da humanidade, na sociedade na qual viveram e experienciaram inúmeros fenômenos, propondo ou apenas expondo visões de mundo para a posteridade, socializando aquilo que deveria ou poderia ser: o vir a ser ou não, quem sabe? Muitos são estudados exaustivamente como uma tentativa de recomposição daquilo que não ficou dito ou que não podia ser dito em determinados momentos, naquele tempo do seu presente, passando à compreensão e à interpretação daquilo que foi silenciado para o futuro. Aproveitam, assim, as experiências em uma re/elaboração vivencial (objetiva e subjetivamente), para que outras pessoas possam aprender ou sentir, perceber a condição humana refletida, com e de certo modo, como eles – os memorialistas. Esses são criticados e interpretados, muitas vezes, sem os cuidados necessários à lida com o pensamento, com a vida, com a história de outrem. No entanto, estes cuidados são relevantes para a construção do conhecimento a partir da literatura em bases éticas e com a consciência necessária para se evitar a tragédia do conhecimento, como abordam Santos (2004) e Morin (2002), dentre outros pensadores de nosso tempo.

⁶ Pseudônimo de Nefatli Ricardo Reys Basoalto (1904 -1973), poeta e escritor chileno, Prêmio Nobel de Literatura de 1971, autor, dentre outras obras, de: *Confieso que he vivido. Memórias* (NERUDA, 1974).

É válido destacarmos dois escritores, dentre inúmeros que escreveram memórias para sedimentar a argumentação que vimos desenvolvendo como justificativa deste estudo, ideia esta já desenvolvida por Ginzburg (2007, p. 53) ao afirmar que “há figuras do passado que o tempo aproxima em vez de afastar”. Aqui optamos pelas “figuras” Calvino (1994, 2000) e Semprun (1995).

Em “Palomar” (CALVINO, 1994), um livro que pode ser traduzido esteticamente como de enorme introspecção, Calvino envereda por rumos reflexivos memoriais e aponta que os mortos nada mais podem acrescentar. Contudo, diz que os vivos continuam a viver e que estes podem “introduzir modificações até na vida dos mortos”. (CALVINO, 1994, p.111). Para este escritor, essas modificações é que contam para os vivos, embora os mortos devam ser vistos com certo senso de pertencimento à humanidade, portanto, aos vivos.

De outra feita, em “O Caminho de *San Giovanni*” (CALVINO, 2000), suas memórias são conduzidas através de reflexões sobre a vida humana e suas condições e situações no espaço e tempo terrenos. Traz a sua narrativa autobiográfica o seu modo de pertencimento e des/pertencimento ao mundo, perpetrando interpretações de si, através de suas relações com os outros, incluindo, nestas, um legado de experiências no tocante às suas construções textuais e literárias, ideologias, escolhas pessoais e relações afetivas no âmbito intrafamiliar.

Por estas significações, não seriam estas memórias lições de e para o futuro, formas de socialização da vida humana que podem trazer contribuições para os processos de sociabilidade em constante des/envolvimento, ou não poderiam ser essas memórias aproveitadas pelos vivos, evitando assim o desperdício das experiências?

Pela via dessa memória de Calvino (2000), cujos elos integradores são as transposições de um plano de vida para a arte literária, podemos asseverar que este escritor fez uma dilatação de seu tempo presente, tendo em vista que suas experiências são/podem ser assimiladas por muitos leitores, escritores e cientistas que cultivam o mundo do espírito e da sensibilidade, até o momento atual, primeira década do Século XXI, nos aproximando de suas experiências pessoais através do tempo.

Nessa direção, Semprun (1995) em “A escrita ou a vida” uma autobiografia de encontros, de sentimentos e de pensamentos sobre o mundo e sobre o estar no

mundo – dele fazendo parte –, esclarece que em certo momento de sua vida “tinha que escolher entre a escrita e a vida” (SEMPRUN, 1995, p. 191), e que ele escolheu a vida; o esquecimento deliberado do vivido (que para ele não se separava da escrita), para poder viver, sobrevivendo à escrita. Contraditoriamente, o silêncio, a ele imposto, cada vez mais o fez reconhecer o poder da escrita em e para sua vida e para o diálogo entre as pessoas e as culturas dos povos.

O conteúdo deste livro de memórias de Semprun (1995) nos leva a questionar: como teríamos conhecimento dos últimos momentos de vida de Maurice Halbwachs (1877-1945) em *Buchenwald*, um campo de concentração nazista no leste da Alemanha, se não fosse através desta autobiografia, deste testemunho do vivido de Semprun? Este memorialista foi aluno de Halbwachs e quando ambos encontravam-se neste campo de concentração, em *blocks* diferentes, ele mesmo correndo riscos, aos domingos visitava seu velho professor e, em uma dessas visitas, observando que o professor “chegara ao limite das resistências humanas”, segurou seu corpo em seus braços e em pânico tentou evocar uma prece a algum Deus, mas o que veio a seu espírito foram os versos de Baudelaire: “*ô mort, vieux capitaine, il est temps, levons l’ancre... nos couers que tu connais sont remplis de rauons.*” (SEMPRUN, 1995, p. 31). Então, “ele sorri, morrendo, seu último olhar em mim, fraterno”. (SEMPRUN, 1995, p. 32).

Como as singularidades desse momento poderiam fazer parte de nossas reflexões sobre as ações humanas, na barbárie da Segunda Guerra Mundial, se esta autobiografia não existisse? Certamente, este fato ficaria invisibilizado pelo terror da guerra se Semprun não tivesse sobrevivido à escrita. Teria imperado o silêncio e os últimos momentos de vida e as condições, nas quais ocorreu a morte de Halbwachs, seriam apenas mais uma das marcas de horror encoberta pela invisibilidade gerada pelo Holocausto; pelo não falado; pela ausência do visto e não dito; sobre aquilo que deveria ter sido ouvido, mas que não foi, naquele momento, para servir como exemplo às futuras gerações. Indelévelmente, esta experiência transposta para a escrita tem servido para muitos leitores como mote reflexivo sobre esta narrativa e para promover a busca incessante do sentido de “humanidade da humanidade,” como postula Morin (2002) em busca da identidade humana planetária.

Esta narrativa de Semprun (1995), enquanto objeto literário, apresenta também os compromissos do autor com as grandes causas do momento social e

histórico por ele testemunhado, nos meados do Século XX. Por isto, podemos compreendê-la na composição de várias razões de si, por traduzir a morte de alguém que lhe era caro em arte poética, em sentimento vivencial, opondo-se ao silêncio dos que foram e são impedidos de falar ou ao “desperdício da experiência”, de acordo com a proposição de Santos (2001).

Destes entendimentos foi possível assimilar, durante a pesquisa, que as memórias e autobiografias originam expectativas para o futuro, à medida que podem ser pensadas como perspectivas e possibilidades que demandam atitudes humanas, reavaliadas no processo de escrita de memórias. Vale salientar que isso torna o passado um manancial de possibilidades inexploradas, *locus* capacitante, fonte inesgotável de experiências sociais, de novos discursos e de discursos alternativos que devem ser buscados em pesquisas sociológicas para que não percamos os fios significativos da história, como quer Ginzburg (2007).

Em certo sentido, as memórias escritas traduzem a vida, mas, não são vida, embora denotem vivências sociais e mostrem o itinerário social percorrido; elas apenas servem à vida. Corroborando esta assertiva em entrevista à TV Senado, no Programa Leituras, apresentado pelo jornalista Maurício Melo Júnior, no dia 27 de maio de 2007, o poeta brasileiro Thiago de Mello, mundialmente conhecido por sua luta em defesa dos direitos humanos, afirmou: “escrevo para servir à vida”. Assim, por que não pensarmos em retirar da escrita e da leitura (da literatura), como ensina o nosso grande poeta, lições para se estar no mundo, movendo processos de sociabilidade e amalgamando nestes o diálogo entre as diversas formas de saberes, como também pensava Nava?

Foi tecendo questões, como as já formuladas até aqui, que a problemática desta pesquisa foi conduzida, tendo a leitura, a literatura, a escrita de memórias e de narrativas autobiográficas como um sentido, uma meta de desabrochamento de sentimentos e reflexões sobre a vida, com enfoque sociológico. Além disso, foi na leitura ativa de memórias, como um processo de compartilhamento de ideias capaz de possibilitar que diferentes pessoas sintam o mesmo prazer ou desprazer que sentimos; que façam diferentes interpretações e busquem num mesmo autor temas diversificados para seus estudos, como o que nesta pesquisa foi efetivamente desenvolvido que a conduzimos na perspectiva do ser no mundo e na dimensão de suas ações como sujeito social.

Desta maneira, delimitamos e construímos a temática que circula no entorno, penetrando nos itinerários sociais percorridos pelo autor em foco, como uma tentativa de compreender o que há de singular em suas Memórias que poderiam ser relidas, tendo como parâmetro a busca de uma nova racionalidade exposta de forma amplificada pelo Narrador. Dessa forma, vale ressaltar o entendimento de que na escrita memorial os processos subjetivos são ativados e burilados pela visão do presente, conforme salientam Bosi (2003), Chauí (2002), Vigotski (1989a, 1989b), Ricœur (2007); Cyrulnik (2005; 2009); e Sarlo (2007, 2006; 2005), entre outros autores.

Estes são componentes argumentativos que serviram para defendermos que tais narrativas, enquanto memórias pessoais em escritas de si, são modos particulares de compreensão da vida, da sociedade e do mundo, trazendo em seus desdobramentos os silêncios, os não ditos, o que foi calado em certo momento. Enfim, as experiências vividas transladadas para a arte literária, ora tornada temática de estudo e ao mesmo tempo base empírica, para construir o nosso próprio conhecimento que, neste momento de exposição, já tem muito de passado retido na memória, que só poderá ser conduzido por lembranças – trans/lidas como aprendizagens.

A questão central desta tese gira em volta dos contornos possíveis, dentro do universo literário definido como universo das memórias e das narrativas autobiográficas, entendidas como produções literárias de um sujeito sobre si mesmo, uma escrita de si que se desdobra do passado e se faz presente; uma escritura construída, tendo, fundamentalmente a própria memória como recurso e fonte de pesquisa; uma construção textual cuja estruturação encontra-se no sujeito da memória que a ela recorre enquanto função mental, elemento da inteligibilidade e capacidade fundamental da intelectualidade; propulsora da cognição e da imaginação criadora, que a ela também recorre voluntariamente para percorrer de forma recursiva, reversível e recíproca sua história, a de seu grupo e a de sua sociedade, perfazendo e refazendo seu itinerário social, através da escrita.

Para o entendimento dessa tradução de níveis de realidades vividas e revividas, expostas e retratadas por Nava, nos valem, em alguns momentos, das teorias de Ricœur (2007) a respeito da narrativa enquanto forma de representação do mundo e do tempo materializado em bases experienciais, o que a torna construto

humano. Nos respaldamos ainda em Halbwachs (2004) sobre a memória como capacidade humana de reconfiguração do passado, a partir do presente, em certo sentido, uma possibilidade de expansão do passado/presente pelo presente/passado, para o futuro. Sendo assim, o entendimento sobre memória pode ser interpretado como uma construção social e individual, portanto, coletiva, de acordo com estes autores e os demais já citados. Sem deixar de lembrar que também o esquecimento tem seu lugar na memória.

Chega o momento de lembrar que os fios históricos desta pesquisa começaram a ser tecidos durante nosso Curso de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFRN, no qual participamos da condução da pesquisa “Memórias da Formação Médica: lembranças de alunos egressos das três primeiras turmas concluintes do Curso de Medicina da UFRN”. Os resultados são parte da dissertação, por nós defendida, intitulada “Lembranças de alunos, Imagens de Professores: narrativas e diálogos sobre formação médica”, sob a orientação do Professor Doutor José Willington Germano, esta que, em parte, já se encontra publicada em livro. (SILVA, 2008).

Tanto a investigação teórica quanto a pesquisa empírica da dissertação nos possibilitaram adentrar no universo das memórias e das narrativas autobiográficas. Em dados momentos, ouvindo os depoimentos dos sujeitos da pesquisa que nos apresentavam particularidades de sua formação; em outros, nos apropriando de singularidades dessa formação através da leitura de autobiografias de autores médicos, dentre as quais as Memórias de Pedro Nava, e seus livros de história da medicina.

Foi na construção da referida dissertação que passamos a entender melhor a relevância da literatura memorialista para o campo da pesquisa social. Contudo, entendemos, como Calvino (2009), que

os fatos reais sempre são maiores, mais verdadeiros e instrutivos que os narrados; e os militantes representados nos livros continuam muito inferiores em evidência humana e em novidade histórica, se comparados àqueles que, aos poucos e a muito custo, formam-se na realidade. (CALVINO, 2009, p. 21).

Mas também que “as coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprios, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais [...]”. (CALVINO, 2009, p. 21).

Durante o Mestrado foi também que começamos a estudar sistematicamente a obra de Boaventura de Sousa Santos, no Grupo de Pesquisa “Cultura, Política e Educação”, do PPGCS/UFRN, no Grupo de Estudos “Boa-Ventura”. Ali nos deparamos com suas teses sobre as possibilidades de um novo mundo e de uma nova forma de se fazer ciência, sem nos esquecer de reler o passado histórico e socialmente, um passado que para ele tem amplas possibilidades de novas leituras sociais, culturais e econômicas. A partir desses estudos, passamos a compreender o que este pensador postula como sociologia das ausências, da forma como já explicitamos.

Outros eventos também concorreram para nossa decisão. O primeiro foi durante a disciplina “Interrogações Científicas Contemporâneas”, cursada também no Mestrado, ministrada pela professora doutora Maria da Conceição Xavier de Almeida, no PPGCS/UFRN, cujas leituras contemplavam narrativas que as consideramos como autobiográficas, de grandes cientistas, dentre as quais: “A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política”, de Werner Heisenberg (1996), e outras leituras, como as do médico Oliver Sacks, “Com uma perna só” (SACKS, 2003) e “Tio Tungstênio: memórias de uma infância química” (SACKS, 2002). Estas leituras nos fizeram reconhecer as potencialidades de pesquisa existentes na literatura quando se promove a religação de saberes.

O segundo foi o Seminário Temático: “Sociedade e Educação”, ministrado pela professora doutora Vânia de Vasconcelos Gico, no qual foram trabalhados referenciais teóricos e metodológicos que tratam da ciência, da universidade, de memórias e de narrativas autobiográficas como fontes e métodos de pesquisa em leituras, tais como: “Amkoullel, o menino fula”, de Amadou Hampâté Bâ (2003), “Homens e caranguejos”, do médico brasileiro Josué de Castro (2001) e “Memórias do viver e do morrer”, de Elisabeth Kübler-Ross (1998); além de leituras de teses de doutorado cuja empiria privilegiava itinerários sociais de autores brasileiros e a elaboração de memoriais, como avaliação neste Seminário⁷. Essas leituras foram

⁷ A experiência deste Seminário encontra-se publicada em: REVISTA DA UFG - Tema ENSINO SUPERIOR. Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás - Ano VII, n. 2, dezembro de 2005.

sedimentando o projeto de pesquisa que apresentamos para mudança de nível do mestrado para o doutorado em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, citado no início desta introdução.

Estes foram, indubitavelmente, os elementos despertadores da materialidade desta tese, cuja base empírica é a literatura produzida por Pedro Nava, articulada com as discussões de uma sociologia das ausências. Isto, de certa maneira, para tentar aprofundar os conhecimentos já adquiridos no Mestrado, na tentativa de compreender a natureza e o caráter teórico e científico dessas narrativas, como escrita de si, como temática de estudos, fontes de pesquisa para as Ciências Sociais e Humanas. Talvez o desejo fosse ir além dos depoimentos falados, como praticamos na pesquisa de dissertação, quando lidamos com memórias orais, pois ora lidamos com memórias escritas.

Esta perspectiva permitiu acreditar que assim poderíamos dar continuidade aos estudos sobre memórias da formação médica, tendo em vista que o Narrador das Memórias foi médico e que os médicos no Brasil nos primeiros anos da República tinham, segundo Gondra (2000), uma formação voltada para a inserção no processo civilizatório brasileiro em todas as instâncias sociais, pois eram formados para enveredarem pelo poder estatal, assim como engenheiros e advogados.

Ressaltamos que, nesta tese, foram incorporadas às discussões, como elementos articuladores, interpretações feitas por autores considerados intérpretes do Narrador, que legaram à literatura brasileira e mundial obras marcadamente críticas sobre as Memórias. Estes foram consultados no sentido de promover encontros de significações para consubstanciar, além do suporte empírico investigado, o aporte epistêmico que dá sustentação às argumentações empreendidas. Daí advém talvez o caráter de originalidade deste trabalho, qual seja a análise das Memórias navianas a partir de uma abordagem com enfoque nas Ciências Sociais, com o intuito de, diante dos conhecimentos encontrados, compreendermos as lógicas que sedimentam e sustentam seu discurso narrativo para assim traduzi-las e nomeá-las.

De igual modo, assentimos que a sociologia das ausências, neste domínio de pesquisa, exigiu o exercício da imaginação epistemológica e cartográfica para que pudéssemos encontrar nas simbolizações não só o que elas mostram, mas

também o que elas ocultam para lidar com mapas cognitivos que operam simultaneamente com diferentes subjetividades, no sentido de detectar as articulações locais/globais nas Memórias.

Nesse sentido, a cartografia foi compreendida como uma estratégia que permitiu sistematizar os dados para interpretá-los tendo a visibilidade do conjunto. Isto possibilitou um diálogo entre os autores em foco, vinculando teoria e empiria, nos conduzindo a retomar Santos (2001), para dizer que a “cartografia simbólica das representações pode ser entendida como mapas e [...] os mapas são um campo estruturado de intencionalidades, uma língua franca que permite a conversa sempre inacabada entre a representação do que somos e a orientação que buscamos.” (SANTOS, 2001, p. 224). Nessa linha interpretativa, Nobre (2003, p. 69) também considera que a cartografia simbólica é um procedimento de pesquisa capaz de “apresentar e organizar os resultados obtidos em atividades de campo”, como mapas que facilitam a leitura do todo em investigação, no campo social das experiências de conhecimentos.

Dessas perspectivas, foi possível compreender a pertinência das lógicas da sociologia das ausências, como fundamento e procedimento analítico para discussão, reflexão e interpretação do conteúdo das narrativas autobiográficas de autores que conseguem teorizar, em suas memórias, suas próprias experiências, como no caso de Pedro Nava.

Esclarecemos que a leitura ativa das Memórias ocorreu em quatro momentos concomitantes, mas distintos pelos procedimentos metodológicos adotados. E, embora nesta pesquisa teoria e metodologia caminhem juntas, seguindo mapas que foram elaborados para serem lidos como sinais cognitivos de pensamentos que se uniram através do tempo, é preciso mostrar cada percurso.

No primeiro e segundo momentos, algumas questões guiaram a leitura das Memórias em interpretação, dentre elas destacamos as seguintes: Quem é o sujeito Narrador das Memórias? Como a sua formação se apresenta na escrita de si entremeada nos fatos e acontecimentos sociais de seu tempo e momento histórico? Há, neste Narrador, um sentido de teorização das experiências por ele vividas, no espaço brasileiro? Existem no itinerário social de Nava, recriado nas Memórias, modos da vida social brasileira tornados por ele visíveis? Será possível encontrar algum tipo de manifesto social nas Memórias? E, o que há de singular na formação

médica do autor que merece ser destacado no trabalho de tradução ora empreendido?

Estes questionamentos nos conduziram ao terceiro momento e ao encontro de outros intérpretes desta obra. Neste, nos baseamos na formulação de questões exteriores à obra, mas referentes a ela, quais sejam: Como a obra de Nava foi recebida no contexto literário brasileiro? Quais seus principais críticos? Como esta crítica vem se delineando? O que os críticos informam sobre as Memórias, como substancial para a compreensão da racionalidade empreendida pelo Narrador? Será que esta crítica a percebe como uma narrativa brasileira?

No quarto momento, a re/leitura seguiu uma estratégia, por nós formulada, visando à condução cartográfica pretendida, tendo como guias as questões que conduziram a primeira leitura. Assim, elaboramos uma ficha, composta, à esquerda, pelas categorias/temas de análise e interpretação, a saber, as ecologias que compõem os procedimentos necessários à condução da sociologia das ausências. Buscávamos, assim, encontrar, para compor o trabalho de tradução das Memórias, as lógicas empreendidas pelo Narrador e que estas nos permitissem o diálogo com as propostas de Santos (2006). À direita, deixamos espaços para serem preenchidos no processo de releitura, conforme modelo a seguir.

LÓGICAS DA SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS	SIMBOLIZAÇÕES/PROJEÇÕES/REPRESENTAÇÕES NAS MEMÓRIAS
Ecologia dos Saberes	Ex.: Diálogo entre saber científico e popular, Baú de Ossos, p. 34 Ex.: Modernismo, Balão Cativo, p. 333-336 Ex.: Educação Sexual, Balão Cativo, p. 347-349
Ecologia das Temporalidades	Ex.: Tempo, Cera das Almas, p. 6
Ecologia das Transescalas	Ex.: Analogia entre Brasil e França (Balão Cativo, Chão de Ferro).
Ecologia das Reconhecimentos	Ex.: Questão racial, Baú de Ossos p. 17 Ex.: Língua Portuguesa, Balão Cativo, p. 330-336
Ecologia das Produtividades	Ex.: Narrador situa-se etariamente Cera das almas, p. 11.

Quadro 1: **Diálogos entre Boaventura de Sousa Santos e Pedro Nava**

Fonte: Elaboração da autora para esta pesquisa (2006-2010) a partir da obra dos autores.

A releitura das Memórias foi direcionada também pelos objetivos já expostos e propostos para a análise, que teve, como vimos, critérios de sistematização que

deram subsídios para encontrarmos substratos para dialogarmos sobre a formação, o espaço-tempo e a projeção das Memórias de Nava, interpretados em contraposição aos cinco modos de produção de não-existência, sugeridos por Santos (2006): a monocultura do saber e do rigor do saber; a monocultura do tempo linear; a lógica da classificação social; a lógica da produção da inexistência; e a lógica produtivista. Estes cinco modos são confrontados com cinco ecologias: a dos saberes; das temporalidades; dos reconhecimentos; das transescalas; e das produtividades.

As possibilidades de diálogos entre diferentes áreas do conhecimento, em especial nas Ciências Sociais e Humanas, foram visualizadas nas Memórias; com isso as consideramos como legítimas “[...] para participar de debates epistemológicos com outros saberes [...]”, Santos (2004, p. 790), incluindo-se os das Ciências da Saúde, o que nos levou a considerar o que propõe Gico (1998), quando diz: “o estudo de autores é desafiador pelo fato de que tais estudos, longe da significação fechada da narrativa, representam a socialização de uma época e de uma cultura”. (GICO, 1998, p.11).

No cotejamento dessas ideias, apontamos sua relevância nos contornos de um espaço aberto às pesquisas sociais pelas notações a seguir:

- a) por traduzir informações existentes em conhecimentos novos, presentes em memórias e autobiografias, fomentando as discussões em torno de uma sociologia das ausências com base na literatura;
- b) pelas contribuições dos itinerários sociais, enquanto caminhos para a contextualização e interpretação das experiências vividas;
- c) pelos percursos e perspectivas de estudos que podem fluir de seus resultados em termos de compreensão para a formação dos sujeitos, com destaque para a formação médica, não só como componente integrador de autobiografias, mas como processo formador profissional;
- d) como contribuição das Ciências Sociais para as discussões sobre essa formação, anuindo para a inserção de novos conhecimentos nas Ciências Sociais, Humanas e da Saúde, tais como os que vêm sendo debatidos na Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, nos últimos anos, que privilegiam a religação de saberes de diferentes áreas do conhecimento para sedimentar a formação e a atuação em saúde.

1.2 ESTRUTURA DAS “NARRATIVAS DO BRASIL NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA”

Ao concluirmos este estudo, nosso sentimento é de inconclusão, pois muitas questões ainda se apresentam como pouco exploradas ou até mesmo inexploradas, mas para esclarecê-las seriam necessárias mais leituras e releituras para melhor equacioná-las com a multiplicidade de informações reunidas sobre o Narrador e suas Memórias.

Todavia, é preciso pensar que o esforço empreendido rendeu frutos e estes devem ser compartilhados, impondo-se, no entanto, a perspectiva de continuidade. Foi com este espírito que conduzimos a estruturação desta tese, cujo título é “Narrativas do Brasil nas Memórias de Pedro Nava”, em quatro capítulos, além desta “Introdução” e das “Considerações Finais” que a seguir apresentamos sucintamente. Ressaltamos que os dois primeiros capítulos procuram retratar o sujeito das Memórias e os dois últimos, as Memórias do sujeito.

No primeiro capítulo, “Reflexões acerca de Pedro Nava: um sujeito múltiplo,” reunimos informações e reflexões sobre o autor e sua obra, com o objetivo de apresentá-lo no seu itinerário social e em suas múltiplas atuações profissionais, artísticas, literárias e sociais, situando-o social, histórica e culturalmente.

No segundo capítulo, “Dos botões dourados à Linha de Tiro: a educação e a formação médica de Pedro Nava,” são apresentadas reflexões suscitadas sobre educação brasileira nas Memórias na confluência de aspectos que configuram a construção do Narrador como sujeito social, a partir de suas lembranças da infância, inseridas na dinâmica das relações sociais que conformaram sua formação educativa e profissional. A dinâmica educativa a qual nos referimos ocorreu em espaços formais e informais no contexto da educação brasileira na chamada I República do Brasil nas três primeiras décadas do Século XX, que é discutida tendo como suporte teórico autores como: Germano (1995, 2008ab) e Saviani (2007).

No terceiro capítulo, “Saberes compartilhados: os intérpretes da obra naviana,” trazemos algumas interpretações feitas em estudos que tiveram como suporte empírico/interpretativo a obra e em particular as Memórias de Pedro Nava, delimitadas ao período de 1972 a 2010, no Brasil.

No quarto e último capítulo, “A sociologia das ausências nas narrativas do Brasil de Pedro Nava,” discutimos as perspectivas de uma sociologia simbolizada literariamente nas Memórias e nos demais escritos históricos e memoriais em suas interpretações sobre o Brasil, e em suas experiências sociais, profissionais e pessoais. Aqui, anuímos que o Narrador imprimiu em sua escrita uma nova racionalidade que se aproxima da cosmopolita – descrita por Santos (2006).

Nas “Considerações Finais,” retomamos algumas discussões contidas no corpo da tese e apontamos estudos que poderão ser desenvolvidos a partir da obra literária por nós utilizada como fonte de pesquisa.

Estes quatro capítulos – como artigos, resumos expandidos e resumos no todo ou em partes – foram publicados em anais de eventos e periódicos nacionais e internacionais a partir de 2007⁸, durante o curso de doutoramento. Nos últimos três anos, portanto, escrever e apresentar estes trabalhos nos serviram de apoio teórico e metodológico, ao mesmo tempo em que possibilitaram atualizações sobre a obra

⁸SILVA, Lenina Lopes Soares. **Configurações da escravidão negra no Brasil na épica de Pedro Nava.** In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL, 2010, Natal/RN. Programa de Pós-graduação em História/UFRN, 2010. v. 1. p. 1-11.

_____.; GERMANO, José Willington. **Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira nas Memórias de Pedro Nava.** In: XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA, 2009, BUENOS AIRES. MEMÓRIAS:XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA. Buenos Aires - Argentina : Universidade de Buenos Aires/Faculdade de Ciências Sociais, 2009. v. 1. p. 00-00.

_____.; GERMANO, José Willington ; LIMA, J. G. S. A. **Educação e pensamento militar no Brasil República.** In: IX CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, 2009, RIO DE JANEIRO. EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO : QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

_____.; GERMANO, José Willington ; LIMA, J. G. S. A. **Lições de literatura no ensino de História da Educação.** In: IX CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, 2009, RIO DE JANEIRO. EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO : QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

_____. **Criança lembrada, infância revivida: notas breves de uma pesquisa.** In: II REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 2009, Natal/RN. Direitos, Justiça e Diferença na América Latina. NATAL : UFRN, 2009. v. 00. p. 01-12.

_____.; GERMANO, José Willington. **A formação médica na prática da escrita de si.** In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____.; GERMANO, José Willington. **Mediação pedagógica em notações de memórias.** In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____. **As "misturas do humano com o divino" na medicina popular do Brasil Colonial.** In: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL: A EXPERIÊNCIA COLONIAL NO NOVO MUNDO (SÉCULOS XVI A XVIII). NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____. **Lições do passado: memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro.** E-CADERNOS CES/Portugal, Universidade de Coimbra/PT, Coimbra, 2008, v. 02, p. 01-12.

_____. **A roda da vida.** Revista Kairós, v. 10, p. 259-264, 2007

de Pedro Nava e sobre pesquisas que se desenvolvem, concomitantes a esta no campo da História⁹ e da Literatura, portanto, aportadas nas Ciências Sociais e Humanas e com novos autores que discutem memórias.

A estrutura deste trabalho pautou-se em uma visão transdisciplinar que foi iniciada pelo sujeito produtor de sua existência e de sua obra da qual subjaz sua subjetividade expressa de forma racional e desestabilizadora. Isto pode ser confirmado na recepção desta obra nos meios literários e acadêmicos que vimos como em um jogo de perspectivas ao qual demos enfoque, visualizando a sociologia das ausências como aquela que está ainda sendo produzida, mas já provoca “o confronto e o diálogo entre saberes” e “o confronto e diálogo entre processos através dos quais práticas diferentemente ignorantes se transformam em práticas sábias”. (SANTOS, 2004, p. 790). A ideia-chave foi provocar um diálogo ameno entre várias áreas do conhecimento, especificamente voltado à compreensão de uma nova racionalidade para interpretações sociológicas literárias.

Por fim, afirmamos que o direcionamento do pensamento do Narrador foi mapeado e suas singularidades foram expostas na análise de sua narrativa como de um ator social que se destacou, na cena médica e literária brasileira, por seus trabalhos no Século XX, traduzindo os saberes e as experiências em novos conhecimentos, dando base para que outros autores e atores sociais pudessem refletir sobre seu pensamento, tornando-se protagonistas de uma ciência mais sensível, mais humana e mais prudente.

Por esta ótica, pudemos inseri-lo entre aqueles sujeitos portadores de subjetividades desestabilizadoras,¹⁰ no momento em que compreendemos seu pensamento inserido em seu contexto de vida e obra em suas narrativas do Brasil.

⁹ Como a pesquisa de doutoramento desenvolvida pela professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Vanda Arantes do Vale “**Pedro Nava - cronista de uma época**: medicina e sociedade brasileira (1890-1940),” na Universidade Federal de Minas Gerais (2005-2009). (VALE, 2009).

¹⁰ Termo cunhado por Boaventura de Souza Santos para designar aquelas subjetividades que têm “especial capacidade de energia e vontade de agir com *clinamen*” (capacidade de desvio) em um campo aberto de “reinvenção e experimentação” do barroco. (SANTOS, 2006, p. 92).

2 CAPÍTULO I: REFLEXÕES ACERCA DE PEDRO DA SILVA NAVA: UM SUJEITO MÚLTIPLO

Faz parte das perfeições do homem, mesmo dos menos perfeitos, a criação de seu próprio personagem. De uma imagem sublimada de si mesmo, que corresponde não ao que ele é, mas ao que deveria ter sido ou ao que pretendia parecer. É assim que cada um carrega a ilusão do próprio símbolo e do próprio emblema. E é essa, no fundo a configuração que temos de consentir nos nossos semelhantes e sobre essa contrafação generosa e prudente, devemos construir o mito do **documento declarado**. (NAVA, 2004b, p. 75, grifo do autor).

Este primeiro capítulo reúne informações e reflexões acerca de Pedro da Silva Nava. Em linhas gerais, objetivamos apresentá-lo no seu itinerário social e em suas múltiplas atuações profissionais, artísticas, literárias, poéticas e sociais, situando-o social, histórica e culturalmente. Optamos por assim proceder considerando desnecessário elaborarmos notas biográficas tendo em vista que estas estão disponíveis no Brasil em biografias, impressas e *on line*¹¹.

O nosso desejo nestas reflexões apresentativas (apresentadoras) foi o de trazer nuances que nos ajudassem a compreender o sujeito Narrador no percurso de sua vida, auxiliando também o leitor a conhecer o autor/Narrador da obra que é suporte empírico deste trabalho de tese, assimilando aspectos relevantes de sua formação em seu processo vivencial.

Este sujeito é, assim, traduzido em sua produção literária na perspectiva de compreendê-lo significativamente em seu espaço, tempo e momento, cuja intencionalidade-fim é a apreensão de seu pensamento, inserido no processo de desenvolvimento sociocultural de sua sociedade. Ressaltamos que Nava foi um intelectual engajado que, por sua verve criativa, foi além do seu momento existencial ao construir suas Memórias, transformando-as em “memórias videntes do Brasil,” conforme Cançado (2003).

Estas são para nós o testemunho de que Nava ao registrá-las demonstrou fundar-se em uma epistemologia para além de seu tempo, dentro de seu espaço sociocultural pelo reconhecimento dos processos subjetivos que emanam da

¹¹ Para maiores informações acessar Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://pedronava.clientes.tecnopop.com.br>>.

condição de ser humano, de tornar-se humano numa espécie de transcendência social, de busca de dignidade para si e para os que o cercavam. Isto lhe permitiu registrar a si, sem fugir de seu grupo de origem, apresentando as entranhas de sua sociedade desigual e excludente e as mazelas do Estado que a regulava em sua época, de forma discriminadora para muitos e protecionista para uns poucos.

Na elaboração deste capítulo seguimos a ordenação cronológica biobibliográfica sobre o Narrador elaborada por Marília Rothier Cardoso, publicada em Souza (2005). Esta nos informa que Pedro da Silva Nava é um brasileiro, médico, especialista em reumatologia, artista plástico, poeta, cientista, historiador e professor de medicina, além de escritor memorialista.

Informamos, ainda, que o autor das Memórias escreveu uma vasta obra científica e literária modelada por uma perspectiva humanista, na qual deixou fluir sua imaginação criadora para interpretar o Brasil, criando para este país um “modo de presença” no cenário literário de acordo com as análises de Cançado (2003); e elaborou o “painel da sociedade, de uma época e de uma região – é o Brasil [...]”, conforme o historiador Iglésias (2009).

2.1 PEDRO NAVA: UM NARRADOR DO BRASIL

As Memórias foram escritas nos últimos anos de sua existência entre 1968 e 1984 e trazem o que aqui conformamos denominar de lições socioculturais em documentos declarados (como ele sugere na epígrafe inicial deste capítulo) em narrativas sobre o Brasil e seu povo, de forma ampliada, pois as Memórias têm caráter enciclopédico. Torna-se, assim, um Narrador de um tempo brasileiro.

Para Benjamim (1994), narrador é um sempre aprendiz da experiência transgeracional, que recorre aos saberes do passado, seus e de seu grupo, bem como daqueles conhecimentos que conseguiu se apropriar ao longo da vida para compor suas narrativas em um encontro consigo mesmo, no tempo e espaço vivido e revivido, pois, para este autor, o que anima a narração é a memória: o encontro do eu com sua história e sua humanidade, como acreditamos fez Nava.

Em um trecho das Memórias, Nava nos diz: “Eu também sou um canto de cidade janelas e portas hermeticamente fechadas, uns passeios vazios do elemento humano. Meu quadro é a representação simbólica de minha solidão.” (NAVA, 2003b, p. 38). Como o narrador de Benjamim, mescla-se ao espaço vivido através de sua obra. Talvez por esse motivo seus livros sejam reconhecidos pela crítica como parte da cultura que aqui se fez e faz, com suas diferenças e semelhanças, uma cultura que na visão do Narrador nos conforma como herdeiros da cultura mundial, mas que pode ser singularizada como brasileira. Para isto é imprescindível des/localizar o local e localizá-lo no universal ou des/universalizar o universal e localizá-lo no local, como ele mostra nas Memórias em belas analogias e metáforas de espaços e práticas brasileiros em relação a espaços e práticas estrangeiros. Remodela, assim, as influências e interferências dos colonizadores e povoadores na cultura brasileira em suas leituras sobre a vida e a sociedade em sua escrita, que, se traduzidas pela visão de Santos (2006), podem ser compreendidas no sentido de uma ecologia das transescalas, uma lógica nova, um modo de pensar sobre a sociedade, a ciência e o mundo.

Para Souza (2004), foi a obra memorial que notabilizou Nava como escritor, e esta, embora escrita na velhice, foi construída ao longo de sua vida, pois, desde a mais tenra idade, apresentava-se como um observador contumaz e um pesquisador arguto dos hábitos e costumes de seu povo – o brasileiro.

O Narrador era um colecionador de relíquias sobre as quais diz que sem elas não poderia ter escrito as Memórias. É preciso, no entanto, dizer que as Memórias retratam não somente fragmentos memoriais de suas experiências pessoais e sociais advindos da memória voluntária. A memória involuntária também tem seu papel nas Memórias.

Assim, também sem perder o fio da história e da memória nas crônicas escritas por Nava, durante o período militar implantado no país a partir de 1964, elas trazem de forma contundente críticas à forma como vêm sendo tratadas as questões sociais e culturais no Brasil por seus governantes, nas quais os retratos da experiência brasileira são interpretados indo às entranhas das relações sociais, econômicas e políticas.

Essa leitura nos permite dizer que as Memórias são decorrentes de um longo trabalho de pesquisa e de documentação em arquivo pessoal, no qual

constam, entre outros, instrumentais usados como elemento despertador de memórias, para o autor “gatilho associativo,” álbuns de fotografias, cartas, cartões postais, objetos de uso pessoal, desenhos, caricaturas e roteiros descritivos e pontuais dos lugares onde viveu e de viagens feitas. E, também de objetos herdados de seus familiares e enviados para o Narrador por amigos e por familiares destes. Informamos que a maior parte destes documentos e objetos, inclusive os originais da produção memorialística, encontram-se no acervo do Arquivo do Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Estas observações sobre o Narrador, como colecionador e arquivista, são ratificadas por todos os seus intérpretes, inclusive por aqueles que encontram em Nava um escritor complacente e limitado em suas percepções sobre o Brasil, por ele retratado de forma positiva, como Aguiar (1998), com quem não concordamos nesse aspecto.

Em outra direção, destacamos o trabalho de Guimarães (2002), no qual a autora expõe a variedade expressiva de Nava demonstrando como foi construído o projeto memorialístico fundamentado no arquivo pessoal. Com base na memória e em suas relações sociais, familiares e de amizade, recriando personagens, olhando fotografias e pinturas de rostos e, sobretudo, na leitura onde se inseria como leitor voraz, não só de livros, mas dos espaços circundantes das artes plásticas, à miséria a qual via submetido seu povo. A história oral também compõe a empiria das Memórias, o que vem reforçar a ideia de ser este autor um Narrador do Brasil do Século XX.

Nas Memórias, ele informa que durante toda a vida fez um trabalho de assimilação cultural, que vai dos hábitos alimentares às maneiras de enterrar os mortos, e esse se encontra registrado em sua produção literária e científica. Entendemos, ainda, que foi na forma de apreensão da vida, do aprender e do ensinar das escolas onde estudou, sobretudo dos professores do Colégio Pedro II e da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, assim como nos relatos de aprendizagem com seus familiares e de suas experiências profissionais como médico, que fizeram afluir às possibilidades inerentes a um aprendiz singular dos processos de sociabilidade e da condição humana.

Essas aprendizagens alicerçaram sua atuação como médico, historiador, professor e escritor memorialista, sem jamais descurar de seu profundo interesse pela história e a educação médica, pela literatura e pelas artes em sua luta por

dignidade humana, apresentadas em retratos experienciais em defesa dos negros, índios e prostitutas inseridos por ele como protagonistas no movimento da história brasileira em suas narrativas.

Nava pode, dessa maneira, ser apresentado como um habilidoso aprendente dos modos de vida do povo brasileiro pela absorção da realidade do “chão de ferro,” das Minas Gerais, à “beira-mar,” do Rio de Janeiro, que deram título a dois de seus livros de Memórias, interligados por suas experiências, como médico no interior e nas cidades brasileiras, de igual modo, no mundo. Nestes, fez circular seus conhecimentos médicos/científicos, artísticos, poéticos e literários. Essa habilidade lhe rendeu críticas como as de Campos (1992), ao afirmar que Nava criou sobre si uma aura divinizante ao mesmo tempo em que anui com o profundo conhecimento do Narrador sobre o conhecimento humano.

Essas experiências, aliadas às habilidades para a escrita, o desenho e a pintura, retratam a sempre beira-mar da vida, com suas idas e voltas fluidas e em ebulição. São como substratos capazes de instigar leituras, no futuro, de um mundo lido por ele por quase todo o Século XX, no “chão de ferro,” e no “balão cativo” iluminados pelo “galo-das-trevas,” por onde transitam pobreza e riqueza, saberes e ignorâncias, liberdade e opressão como herança multifacetada, cujas diferenças ele denuncia em seus retratos do Brasil, inscritos nas Memórias e nos demais escritos históricos e jornalísticos.

Devemos, nestes, incluir o espaço-tempo criado imagetivamente por ele para dizer do passado, marcar o presente e, de certa maneira, predizer o futuro; enfim, para deixar suas lições na “criação de seu próprio personagem” ((NAVA, 2004b, p. 75), tornando assim o passado um tempo capacitante, usando as palavras de Santos (2006), para compreensão e interpretação da sua formação e do comportamento de sua sociedade, assim como de suas formas de refletir sobre estas. Esta interpretação foi também desvelada num estudo sobre Nava, por Bueno (1997, p. 23), quando diz que “o passado não é irrevogável. Cada leitura que dele se faz modifica-o de algum modo. À revelia de si mesmo, o memorialista acaba interferindo nesse passado. Ao tentar preservar a integridade dele, recria-o, transforma-o”, deriva-o em temporalidades literárias.

Há particularidades sobre este autor que podem singularizá-lo, dentre estas destacamos seu amor pelos livros, pela leitura dos mais diversos tipos, pela

valorização da palavra, especialmente da palavra escrita, como aquela da boa conversa, pensada e argamassada em textos, como meio de expressão humana de grande valia para a solução de conflitos e para a compreensão dos seres que vivem em sociedade; pelo profundo conhecimento da Língua Portuguesa que desejava brasileira e pela assimilação e representação dos valores culturais brasileiros; pela esperança na educação como guia de vida social, moralmente ativa.

Por essas trilhas, o Narrador discutindo sobre a história do espaço da cidade do Rio de Janeiro, revela:

Para saber essas coisas é preciso ler muito, prestar atenção às conversas, perder dias inteiros indo verificar um número de casa, ou conseguir a façanha de consultar uma coleção de jornais na **Biblioteca Nacional** que – neste país de analfabetos formados e analfabetos mesmo – em vez de ter um alto-falante na porta gritando – entrem para ler! – possui pessoal impedindo, o mais possível, acesso ao seu acervo. É preciso paciência e amor. (NAVA, 2003b, p. 8, grifo do autor).

Para Reis (2007), o Rio de Janeiro foi uma das cidades transformadas por Nava em personagem de suas Memórias. Tudo isto se encontra exposto em vários aspectos; basta saber encontrá-los, no conteúdo de seus livros memoriais e nos de história da medicina, como nos ensina Villaça (2007), ao defender que a história e a memória são o cimento que une a escrita bi/polarizada (médica e literária) de Nava; são a argamassa de seu fazer literário conduzido como autoconhecimento de si, de sua sociedade, da medicina, da história, das artes e da literatura; desvelador do eu e do espaço no qual viveu.

Assim, podemos, a partir da leitura das Memórias, idear que foi essa a forma que, como leitor de livros, tornou-se leitor da vida e do mundo no sentido dado por Freire (1987). Não queremos dizer com isto que a obra naviana abstrai uma verdade histórica da vida brasileira; contudo, afirmamos que ela possibilita refletir sobre esta sociedade com sentido de pertencimento a uma cultura que se formou com outras culturas, tornando-se – a brasileira. Permite também que se possa pensar sobre seu pensamento em termos de descobertas da racionalidade empregada nas Memórias e nos demais escritos deste Narrador, percorrendo seu itinerário social, intelectual, formativo e literário.

Observamos que a leitura das Memórias pode ainda nos conduzir a constatar que elas são testemunhos criativos do vivido, de um real/concreto que não se encontra totalmente expresso na história oficial, pois foi constituído no delineamento de rastros históricos em contornos de memórias sociais, coletivizadas funcionalmente na literatura, como obra de arte pelo Narrador. Transforma, assim, as muitas ausências em presenças brasileiras pelos caminhos literários percorridos com esforço histórico e aqui assentimos com esforço também sociológico e memorial. Desse modo, esforço desviante, pois o autor deriva-se de um grupo social cuja formação se encaminhava para o comando do Estado brasileiro nas três primeiras décadas do Século XX, que reivindicava para si compreender e explicar a realidade do país, a fim de conduzir e organizar seu destino como nação.

Acrescentamos que essa interpretação nos diz que tal grupo social pensava o Brasil partindo de uma visão centrada no pensamento europeu positivista que o formou, e do qual Nava discordava em várias dimensões, em particular no que se refere ao espaço público, à democracia e ao papel do Estado, embora não negasse as influências desse grupo sobre seu pensamento e em sua formação, o qual denominava de casta, que herdou poderes da Colônia e

continuou na República – fazendo-se instrumento dócil do Poder e instrumentando o Poder quando possível. Casta terrível, aderente como sanguessuga, dura para o escravo, o pobre, cruel para o povo, implacável para a massa de sangue, de carne desvvida pelo jejum crônico, pelas doenças, pelas condições subumanas em que vegeta – mas carne de que ela – a casta – mesmo assim ainda consegue (como quem tira caldo do bagaço repassado da moenda) – ainda consegue chupar soro e tutano – mal matando aqui e ali os apetites e reações de abandono, adoçando bocas e amordaçando línguas com obras públicas fabulosas e falsas, obras de benemerência e caridade ostentosas que reverterem em seu próprio benefício com polpudos juros. (NAVA, 2003b, p. 167).

Nava desvela-se como racionalmente diferente de muitos intelectuais de sua época, entre os quais Francisco Campos (1891-1968) e Oliveira Viana (1883-1951) dos quais divergia de suas leituras sobre o racismo no Brasil. No entanto, para assim agir teve que criar em sua escrita uma espécie de pluralização do eu que se espria e é aceito por pertencimento em diversos espaços sociais, alguns antagônicos entre si e diferentes daquele para o qual ele se formou, para o qual

deveria se dirigir e pelo qual deveria lutar, interpretação já elaborada por Cançado (2003).

Nesses espaços ele se fez audível tanto na zona de prostituição como na dos comunicadores e dominadores da nação,¹² o que nos permite dizer que o Narrador é um sujeito que pode ser considerado como portador de uma “subjetividade desestabilizadora” entendida por Santos (2006, p. 91) como uma subjetividade que assume, capacita e redime o passado de sua inércia e que, sendo desestabilizadora, “é uma subjetividade poética” – poeta era também Pedro Nava.

A literatura produzida pelo Narrador tanto em história da medicina, quanto na poesia e na prosa memorialística, fornece elementos de compreensão para além do presente. Carrega, enfim, um princípio de esperança no presente com o significado dado por Bloch (2005), se pensarmos que no passado está o que foi o presente e que ambos contêm as práticas sociais, políticas e culturais que necessitam ser traduzidas para a construção de um novo presente que foi futuro e logo será passado, tríade temporal que dizemos ser dialética em constante movimento e permanência.

Nesse sentido, Nava nos revela:

Passado... Presente – fração sempre presente num futuro desacontecido logo feito de farrapo de passado – esse, ah! sempre acontecendo na memória pois essa condição – acontecer – é indispensável à noção do passado e do presente. A simples tomada de consciência deste já é lembrança, já é memória, já é o moto-contínuo de fabricação do passado. (NAVA, 2001, p. 159).

Aduzimos por essa concepção de passado expressa pelo autor, que a sua preocupação com a expansão do presente num “sempre acontecendo” pode ser vinculada ao que Santos (2006) conforma como dilatação do presente, um passado que permanece em sentido psicanalítico ora latente, ora manifesto (FREUD, 1996) no sujeito subjetivo, objetivamente inserido em uma cultura, em uma civilização.

Uma imaginação do mundo brasileiro é assim, tornada possível por Nava de acordo com Cançado (2003) pelo retrato do Brasil do passado/presente para o

¹² Pedro Nava manteve em vida relações de amizade com políticos brasileiros que assumiram cargos públicos executivos, dentre estes o também médico Juscelino Kubstichek (1902-1976), presidente da República do Brasil no período de 1956-1961. Para saber mais, ler: Penido (1998).

futuro, num vai e vem de mediação temporal que plasma sobre a nossa cultura, una/múltipla, perene, mas efervescente, na linguagem das Memórias.

O exame das criações literárias navianas e das inúmeras notas de leituras e citações contidas em seus escritos nos estimula a dizer que este Narrador atribuiu também a si, de modo particular, o papel de contador de histórias de vida, refletidas no espaço-tempo do Brasil em processo de industrialização e de afirmação pós-colonial. E, escreve sobre outras vidas, incluídas em suas reflexões sobre cultura, política e sociedade, contadas de acordo com sua própria cronologia da história social de seu país, retratadas nas inúmeras biografias contidas nas Memórias.

É, nesta história, emanada de experiências e criatividade vividas, imaginadas e sentidas que o Narrador vê seu país sempre em processo de construção, alinhado a uma formação sociocultural constituída por várias culturas, diversos sangues, muitos povos, muitas crenças, unificados pelo espaço sociogeográfico, pela Língua Portuguesa e pelo sangue que corre em nossas veias (de índios, africanos e europeus); afinal, se dizia “um brasileiro integrado na tricromia da raça.” (NAVA, 2003b, p. 6). Estas reflexões incluem críticas às relações sociais e econômicas contingenciais às quais foi submetido, como se naquele instante tivesse tomado consciência delas como responsáveis pela maioria de seus sofrimentos e dos do povo brasileiro, o seu povo. O que alguns pesquisadores da obra interpretam como maniqueísmo, dentre os quais Bueno (1994), Campos (1992) e Aguiar (1998), dos quais discordamos neste aspecto, porque se assim fosse as Memórias seriam uma obra simplista ou simplificada pelo Narrador, com uma visão de mundo que não ia além da constatação do bem e do mal. E, não é apenas isto que lemos nas Memórias.

Apesar das críticas sinalizadas, pontuamos que o Narrador vai se reconstituindo enquanto sujeito de suas Memórias (que não são apenas lembranças de acordo com sua percepção), ao juntar, em torno da sua, a memória dos outros. Transformou-se, por assim proceder, em um construtor da memória coletiva, no sentido dado por Halbwachs (2004), por trazer do passado vestígios dos espaços sociais e culturais para seu presente e o de seus leitores, nele alicerçando o que se tornou singular de sua educação e de sua formação médica, pelo exercício literário. Dessa forma, como narrador de si, passou a sujeito cativo de uma cultura que nele se coletivizou, conforme interpretações de Cançado (2003).

Nessa contextura, seus escritos memoriais são rastros de várias vidas juntos aos quais se tornou um caminhante para re/compor seus próprios rastros históricos como um passeante (usando suas palavras) da vida. Assim foi tecendo seus percursos ao seu modo brasileiro de existir que, como um *flânuer* exigente de amor e conhecimento, foi buscando um rumo para criar um gênero memorialístico próprio a partir de seus antepassados e de sua própria infância e formação “de onde se vê nossa identidade,” como diz Cançado (2003, p. 199) que preferimos dizer: nossa cultura. Mesmo assim, ratificamos a interpretação de Cançado e trazemos Vale (2007) para corroborar, quando afirma:

O médico Pedro Nava, escrevendo suas Memórias, dissecou a sociedade brasileira e mostrou suas entranhas. Quando menino, observou a permanência de práticas galênicas em tratamento a pessoas de sua família. Jovem, estudou em uma instituição que foi ícone das propostas da organização da Medicina científica brasileira. Contemporaneamente ao curso de Medicina foi participante do modernismo que apresentou propostas diversas para a construção de um novo Brasil. (VALE, 2007, p. 85).

“Um novo Brasil” talvez fosse o sonho de Nava. Diante destas proposições, afirmamos a necessidade de traduzir as Memórias, classificando-as como um clássico da literatura brasileira, pela via de uma condução reflexiva. Clássico porque o Narrador conseguiu compreender e interpretar a época em que viveu, tornando sua obra reveladora e provocadora de “discursos críticos sobre si,” no sentido dado por Calvino (1993), explicando que “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes.” (CALVINO, 1993, p.11-12).

Isto nos leva a pensar que, ao tomarmos como elemento de construção interpretativa vida e obra de um autor, estamos assumindo assimilar criticamente posicionamentos, ideias, crenças, desejos e valores morais e éticos, na tentativa de descobrir as lógicas que sustentam não apenas a sua narrativa, mas seu próprio pensamento nela exposto, concordando ou não que o que está sendo dito ou com o que se diz da obra.

Tratamos, assim, de pensar o que há de singular no itinerário social, ora reconstituído de um escritor que dizemos ser múltiplo, como um dos critérios que não podem ser desprezados nos diálogos promovidos com ele como Narrador – sujeito/memorialista/personagem, diverso e complexo, o que vem dificultando a muitos estudiosos de sua obra dizer: de quem/de quais falam? Por quem e de quem falam?, quando a analisam, inclusive porque Nava cria para si um *alter ego*, o Egon, uma representação de si que vai acompanhá-lo em boa parte das Memórias.

E, desse modo, neste capítulo, ensejamos uma interpretação pontual feita a partir do cotejamento do que o sujeito criou, falou, traduziu, interpretou e fez, retirando o que consideramos relevante à compreensão da condução das reflexões posteriores neste trabalho de tese que, usando a literatura como empiria, tenta pensar a educação, a sociedade e a cultura brasileira sem se prender a interpretações literais das Memórias, estas já elaboradas por outros pesquisadores em outras áreas de conhecimento. No entanto, essas interpretações são consideradas na composição deste trabalho, denotando que o conhecimento sempre se faz a muitas vozes, a muitas escritas e leituras atadas por um *religere* literário com visão sociocultural.

Tudo isto pode ser compreendido a partir do conhecimento produzido pelo autor sobre o qual nos debruçamos, um narrador erudito com formação científica que molda seu trabalho através de descrições extensas, delineadas por uma escrita literária de qualidade inquestionável, capaz de transitar através da escrita, facilmente, por diversos estilos e idiomas, obras clássicas da literatura e das artes plásticas. De igual forma, descreve costumes, práticas e linguagens populares como aquelas ligadas às práticas de cura e à alimentação no Brasil. Sendo assim, as Memórias são uma fonte de saberes eruditos e populares, narrativas brasileiras focadas na existência dos seres humanos em sociedade e na dos laços culturais.

De suas linhas que consideramos bem traçadas, ora com amargura, ora com alegria, emana sempre a história em movimento como princípio de coesão e de articulação com/textual aliado ao conhecimento histórico e médico sobre o qual se dedicou por quase 50 anos, proposição de tese já defendida por Villaça (2007).

Unem-se a este princípio as percepções de tempo e memória como dimensões que se complementam na escrita, sem negar-lhe a dimensão de produtoras de esquecimentos como indica Ricœur (2007). Isto nos permitiu como

pesquisadora/leitora constituir uma argumentação substantiva para interpretá-lo e ao mesmo tempo traduzi-lo. Apreendemos seus pontos de vista, sua leitura de mundo, seu modo de ser e de transformar a vida em experiência de arte e suas artes em modo de viver/conviver, ou sobreviver, de ensinar e de aprender (quicá?) com seus encontros e desencontros. Nava encarava, à sua maneira, os conflitos existenciais, sociais, políticos e profissionais incrustados em si, alimentados por uma racionalidade que estava sempre em conflito com muitas que se insurgiam na sociedade em que se inseria como sujeito social atuante, particularmente em suas relações de trabalho. Sendo assim, a compreensão de argumentação substantiva aqui assumida é aquela que possibilita ao pesquisador/escritor promover uma comunicação efetiva e “[...] que oferece respaldo à tomada de decisões crítica, criativa e consciente [...],” conforme Botler (2005).

Nava perpassa na escrita as suas mais íntimas percepções e sofrimentos sobre a condição de fragilidade do humano diante da vida e da morte, de forma pormenorizada. Esses são assuntos bastante recorrentes em sua obra e caros à sua prática profissional como médico, consideradas por alguns intérpretes, dentre os quais Aguiar (1998) – a quem nos contrapomos –, em sua visão da obra como cheia de miudezas, lugares-comuns, forma acrítica de ler o mundo. Nossa leitura difere da de Aguiar, neste aspecto, porque traz a compreensão de que as miudezas e os lugares-comuns expostos em narrativas autobiográficas funcionam para o leitor interpretante como rastros sociais, compósitos de histórias de uma cultura, ali se encontrando similitudes e assimetrias que promovem o pensar sobre a condição humana, localizada em espaços comuns de produção da vida, no valor estético das pequenas coisas e na ética dos pequenos atos. São, portanto, pontos de leituras sociais que, se mapeados, traçam o comportamento de uma época.

Na escrita desse eu/outro/nós naviano(s), a sociedade se apresenta em sua permanência, existência e re/construção, conformada na produção literária confessional/memorial e acadêmica do escritor, cientista/médico/professor, poeta/narrador/artista... múltiplo..., como algo que circunda e introjeta-se nos sujeitos em todos os instantes da vida, sobre a qual assenta-se e manifesta-se a cultura com suas formas de produzir e reproduzir a existência, em modos e espaços diversos. Nestes também se produzem e reproduzem os sujeitos e suas ações em suas múltiplas facetas, interpretadas nas Memórias como experiências testemunhais da

vida em movimento; afinal, para o Narrador, “[...] cada ciclo da vida de um homem é um homem diferente do que foi e do que está por vir.” (NAVA, 2003b, p. 11).

2.1.1 O médico

As palavras da citação, a seguir, são de Nava, um sujeito que cursou medicina de 1921 a 1927, em seu discurso de posse como membro titular da Academia Nacional de Medicina do Brasil, e retratam um pouco de sua própria visão sobre si como médico.

Peço, entretanto, que me recebam como quem tem procurado suprir o que lhe minguava de talento pelo que conservou de coração. Como quem tem sido Médico e tem exercido a Medicina na certeza absoluta das suas possibilidades de sedar a Dor e retardar a morte. (PENIDO, 2003, p. 139).

Nestas, podemos interpretar que se trata de um homem que une razão e emoção, para quem a certeza se encontra nas possibilidades.

Nava graduou-se em sessão particular em 10 de janeiro de 1928, em Belo Horizonte, naquele momento Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Seus biógrafos e ele nas Memórias ressaltam que foi um aluno pobre, órfão de pai e que foi reprovado injustamente no primeiro ano do curso médico e que, ao concluí-lo, encontrava-se endividado com agiotas.

Durante o curso lhe faltavam vestimentas e livros, mas não a vontade de se tornar médico. Livros, em alguns momentos, tiveram até que ser de certo modo roubados com a conivência do livreiro e, em outros, lidos noite adentro em voz alta na casa de professores, junto com outros colegas. Para adquirir as vestimentas, ele teve que vender livros que foram de seu pai para conseguir comprá-las, situações narradas em “Beira-mar” (NAVA, 2003a) um de seus livros de Memórias. Todavia, tais dificuldades não conseguiram fazê-lo desistir de seus estudos e mesmo “filho de família empobrecida, pôde com o **capital social** de suas relações pessoais, inserir-se na elite intelectual e médica do país”. (VALE, 2007, p. 85, grifo da autora).

No período em que fazia sua formação médica, as classes urbanas no Brasil tentavam implementar vários movimentos sociais e culturais, especialmente literários e artísticos. Vemos nessa época o surgimento de sindicatos, de grupos de vanguardas artísticas, de movimentos políticos como o que ficou conhecido como tenentismo¹³, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a emergência da classe trabalhadora urbana-industrial e do movimento operário. Há também movimentos de intelectuais, como o ocorrido em São Paulo, denominado de Movimento Modernista do qual o autor participou em Minas Gerais, no Grupo de Estrela¹⁴, ao lado de amigos, como Carlos Drummond de Andrade.

De acordo com Souza (2004, p. 26), “o ano de 1922 marca, sem dúvida alguma, o início de grandes mudanças no quadro cultural e político do Brasil. Cria-se o Partido comunista e realiza-se a eleição de Artur Bernardes para a Presidência da República” e neste ano também aconteceu a Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Essas mudanças vão perdurar por toda a década de 1920, trazendo implicações para a formação de Nava, como estudante e profissional, tendo em vista seu espírito inquieto e seu gosto pelas coisas da literatura e das artes, sempre em busca de novos conhecimentos, de novas aprendizagens.

A leitura para o Narrador funcionava como um despertador reflexivo sobre as dimensões da vida e da dignidade humana em sociedade e sobre a formação de seus conceitos mais íntimos, como aqueles vinculados à sua área de formação profissional. Em “Beira-mar” revela esse vínculo: “[...] Medicina antes de mais nada é conhecimento humano. E este está tanto nos livros de patologia e clínica como nos da obra de Proust, Flaubert, Balzac, Rabelais, dos poetas de hoje, de ontem, nos modernos como nos antigos. (NAVA, 2003a, p. 435).

Seu trabalho como médico teve início no Centro de Saúde de Juiz de Fora, mas em 1929 regressou a Belo Horizonte, transferindo-se, em seguida, para Monte

¹³ Em linhas gerais Tenentismo foi um movimento social de caráter político-militar que ocorreu no Brasil nas décadas de 1920 – 30. Esse período ficou conhecido como República das Oligarquias e o movimento ocorreu com a participação de jovens tenentes do exército que contestavam a ação política e social dos governos das oligarquias cafeeiras. Os tenentes assumiam posições ordeiras, defendiam reformas políticas e sociais e combatiam a corrupção. Defendiam mudanças como: o fim do voto de cabresto e mudança no sistema de voto aberto para secreto e reformas no sistema educacional público. Melhores informações consultar Fausto (1995; 1972), Candido (1984) e ainda Spinelli (1996).

¹⁴ Grupo formado nos anos 1920, em Belo Horizonte pelos amigos: Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Martins de Almeida e Emílio Moura entre outros jovens e tinha caráter literário, artístico e cultural. (SOUZA, 2004).

Aprazível, em São Paulo. Como médico do interior viveu experiências inusitadas e estas são narradas em suas Memórias.

Em síntese, sua atuação médica no período entre 1928 e 1932 vincula-se diretamente às questões sanitárias e higienistas da época, em Minas Gerais e em São Paulo, mas era voltado também para questões de clínica médica generalista. Suas experiências médicas iniciais englobam, além do lidar e combater epidemias de tífus, nas mais precárias condições sociais de existência e de trabalho para ajudar a população, atendia a casos inesperados que vão do parto à necropsia e à medicina legal, passando pelo atendimento aos feridos na Revolução de 1930. Sobre este período informa:

Foi justamente nesse período de vibração patriótica e meio idiota de Minas e do Brasil, parte da população dum lado, parte do outro, em que a ambição, o desinteresse pelo povo, a teimosia boçal dumas dezenas de políticos lutando por suas ricas pessoas, ia desencadear a tolice de 30 e uma desordem arremedando a verdadeira **revolução** que ainda dos nunca chegou a nossa terra [...]. (NAVA, 2003b, p. 389, grifo do autor).

Nesta Revolução de 1930,¹⁵ Nava encontrava-se em Belo Horizonte; viveu as agruras desta e como cidadão e médico, vendo o necrotério do hospital cheio de mortos, reflete sobre “a esculhambação a que aquele início de Revolução atirara a capital de Minas” (NAVA, 2004c, p. 14), isto porque via “presente apenas aquele tiroteio e as iniciativas tomadas individualmente diante do fogo. Porque no resto não se sentia a presença dum órgão oficial [...]” (NAVA, 2004c, p. 14). Este é um registro do descaso do Estado com a população civil que ficou sem direção durante o levante. Esta experiência lhe dá argumentos para não participar da Revolução de 1932,¹⁶ quando se encontrava em Monte Aprazível no interior de São Paulo, onde ficou praticamente preso.

¹⁵ De acordo com o historiador Boris Fausto (1972, p.112) a Revolução de 1930, pôs fim à Primeira República, tornando-se um dos movimentos mais importantes da história do Brasil do século XX, pois acabou com a “hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil, no sistema capitalista internacional”. É o momento em que Getúlio Vargas assume a presidência do país pela força.

¹⁶ De acordo com Spinelli (1996) foi uma Revolução Constitucionalista ocorrida em São Paulo.

Já no Rio de Janeiro, em 1933 foi nomeado para o cargo de cirurgião - auxiliar e tem a oportunidade de conhecer a cidade, admirar os espaços e recolher fragmentos para a construção de seus escritos posteriores informando que “o conhecimento puramente local do Rio eu o aprendi numa grande escola: o serviço de ambulâncias do velho **Hospital de Pronto-Socorro**.” (NAVA, 2003b, p. 8, grifo do autor).

Devemos observar que os anos 1930 para o Brasil são caracterizados como de engajamento nacionalista em todas as dimensões sociais: política, religiosa, cultural e educacional. Desta última, podemos afirmar que começou a tomar corpo na consciência intelectual brasileira ainda nos anos 1920, com as reformas educacionais: a de Sampaio Dória, em 1920, em São Paulo; a de Lourenço Filho, em 1923-24, no Ceará; a de Anísio Teixeira, em 1925, na Bahia, a de Francisco Campos e Mário Casassanta, em 1927, em Minas Gerais; a de Fernando de Azevedo, em 1928, no Rio de Janeiro; e a de Carneiro Leão, em 1928, em Pernambuco. É preciso realçar que Nava como estudante de medicina, em Belo Horizonte, a partir de 1922, já participava de um grupo que discutia questões ligadas ao Movimento Modernista¹⁷ brasileiro, no qual se fez amigo para a vida toda, de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, e se mostrava, assim, simpatizante e militante social via literatura, poesia e artes plásticas.

A formação de Nava ocorreu nas três primeiras décadas do Século XX e estas foram, para o país, momentos ímpares de produção literária, particularmente, daquelas voltadas para a interpretação social do Brasil em reflexões de pensadores brasileiros, dentre os quais destacamos Euclides da Cunha (1896-1897), Monteiro Lobato (1882-1948), Manuel Bomfim (1868-1932) e Alberto Torres (1865-1917).

O período de formação básica e profissional de Nava é rico tanto nos aspectos sociais quanto literários, observando-se que, quando ele estava se formando, nascia no Brasil um novo modo de pensar o país, podendo-se dizer de dentro para fora. Segundo Gondra (2000), ao analisar alguns aspectos da educação brasileira após o período colonial, aos médicos, especialmente, por lidarem de perto

¹⁷ Movimento considerado o divisor de águas da cultura brasileira e segundo Souza (2004, p. 24), ligava-se “às rupturas da vanguarda europeia, voltadas para a fragmentação, a velocidade construtiva e a industrialização” e “proclamava a morte ao burguês, da retórica parnasiana dos salões, com o aceno de uma época de revolução artística.”

com a população, competia ter seu lugar demarcado na formação pelo compromisso social. Caberia a estes, portanto, incorporarem a sociedade nas suas reflexões e ações para que, a partir desta, pudessem “constituir-se como apoio indispensável ao exercício de poder por parte do Estado [...]” (GONDRA, 2000, p. 525). Portanto, a formação médica de Nava ocorreu vinculada a este espírito de formação médica no Brasil.

Esse período adentrou pelos anos 1930-40, quando o Brasil se inventava como País moderno e os ideólogos dessa modernidade buscavam ocupar os espaços socialmente disponíveis, de forma autoritária e ditatorial, política e economicamente falando; era o momento do Estado Novo (1937-1945) e nesse afã ocorreu também imposição de novas ideias. Segundo Herschmann e Pereira (1994), houve nesse momento histórico brasileiro a afirmação do Estado nacional, o desenvolvimento industrial e o surgimento de um estilo de vida urbano e, neste, medicina, educação e engenharia interferiram e contribuíram com seus saberes.

Em 1940, Nava assume a chefia de Clínica Médica do Hospital Geral Carlos Chagas e, em 1941, é nomeado diretor deste Hospital. Durante a Ditadura Vargas, em 1943, foi aposentado do serviço público por Decreto Governamental, em represália à sua participação e assinatura do Manifesto dos Mineiros.¹⁸ Talvez isto o tenha levado a afirmar mais de 40 anos depois que o poder brasileiro vem sendo conduzido por uma “casta fechada que exclui, expurga e corta possibilidades do impecunioso, do intelectual e de todo aquele capaz do crime do livre exame.” (NAVA, 2003b, p.167). De 1943 a 1945 atua como médico clínico, retomando suas atividades no serviço público em 1945, no Hospital de Pronto-Socorro, hoje, Souza Aguiar, no Rio de Janeiro.

Em 1946, assume a Chefia do Serviço Almeida Magalhães, de Clínica Médica de Homens, do Hospital de Pronto-Socorro e lá criou o que chama de “sistema de ensino,” que consistia em transformar o horário das visitas médicas em “hora de ensino e aprendizado,” cuja intenção era preparar todos os médicos do serviço para “substituir o outro, como sentinela rende sentinela, sem interrupção da

¹⁸ O Manifesto dos Mineiros foi uma carta aberta emitida em 1943, pela intelectualidade liberal de Minas Gerais. Defendia a redemocratização do Brasil, à época, governado pela ditadura do Estado Novo, sobre o comando de Getúlio Vargas que com mão de ferro impunha a censura aos intelectuais e os que a desrespeitava eram encarcerados. Esse Grupo da elite brasileira teve um papel fundamental na derrubada da ditadura Vargas. Para maiores esclarecimentos ver *site* do jornalista Franklin Martins. Disponível em: <http://www.franklinmartins.com.br/estação_historia>

vigilância, essa característica essencial do médico e sabendo exatamente o que tinha de fazer em continuidade de uma observação, dum tratamento, dum socorro emergente.” (NAVA, 2006, p. 23). Esta atividade foi proibida no Serviço e lhe rendeu muita revolta e sofrimentos.

Sua especialização em reumatologia foi feita em Paris, em 1948, para onde retornou em 1952 para dois estágios nos Hospitais *Lariboisière* e *Tenom*. É válido aqui salientarmos que Nava era contrário ao excesso de especializações que poderiam conduzir “os estudos médicos à consideração fragmentária e artificial das doenças de um aparelho ou dos desequilíbrios de um órgão [...]” (NAVA, 2003d, p. 205), a confundir a parte com o todo ou o todo com a parte. Mas, mesmo com essa preocupação, considerando-se cientista, não deixou de seguir o rumo ou o espírito de seu tempo e especializou-se em reumatologia após clinicar e ensinar medicina por quase 20 anos.

Já especialista, ocupa em 1955 a Chefia do Serviço de Reumatologia do Hospital Geral Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, onde, segundo vários de seus biógrafos, prestou um alto serviço à saúde brasileira por seu envolvimento com as questões de repasse dos conhecimentos médicos nesta área.

O médico sempre aprendiz construiu uma sólida formação continuada em medicina, pois observamos que em 1961, com mais de 30 anos de formado, dá andamento a esta, fazendo estágios nos serviços de reumatologia em *Aix-les-Bain*, na França. Contudo, em 1975, numa decisão tumultuada escreve uma carta à classe médica do Rio de Janeiro e abandona seu posto de médico e de mestre na Policlínica Geral do Rio de Janeiro¹⁹ por não mais poder trabalhar no anfiteatro desta, “instalado com dinheiro do bolso dele, tão grande a importância que ele dedicava às discussões médicas com os colegas,” quase com devoção, como informa Penido (2003, p. 28). Lá ele recebia médicos e estudantes brasileiros e estrangeiros para debaterem sobre casos médicos e atualização dos avanços científicos de sua área de especialização, sem descuidar do organismo como um todo. Para Penido (2003), a proibição abrupta e sem diálogo de suas atividades didáticas, médicas e científicas na Policlínica foi a verdadeira ativadora de sua depressão e morte.

¹⁹ A transcrição desta carta encontra-se publicada na íntegra em Penido (2003).

Em 1981, aos 78 anos e com quatro dos seus livros de Memórias publicados, torna pública sua decisão de suspender suas atividades como médico clínico. Passa, então, a atender apenas antigos clientes no consultório de um sobrinho. Nesta época, como médico era membro titular da Academia Nacional de Medicina (observe trecho do discurso de posse no início deste item e foto à página 63) e de outras sociedades médicas no Brasil e no exterior e também já era um escritor reconhecido pela crítica literária como um dos maiores memorialistas da Língua Portuguesa.

Na área de sua especialização médica fez o que podemos denominar de carreira médica de sucesso; como médico se fez cientista, historiador e professor e deixou às gerações futuras uma obra de grande valor para a compreensão da educação médica, da história da medicina científica e não científica do Brasil, bem como trabalhos científicos na área da reumatologia.

Como médico diante de certos posicionamentos sobre a profissão e os profissionais, e em defesa dos colegas que atuam no subúrbio desvela:

Eu não conheço nada mais irritante, nada mais dolorosamente injusto que o ar de superioridade adotado por certos médicos, engendrados no carreirismo elegante – quando se referem ao colega do subúrbio. Talvez não houvesse importância no fato, se não se misturasse a isso a tendência mais grave de considerar o profissional dos bairros como uma espécie de inimigo público revestido de tríplice perigo. O técnico menos capaz. O associado sujeito do farmacêutico. O do desnivelador da profissão pelo fornecimento de serviço a preço vil. [...]. (NAVA, p. 2003e, 113).

Ressalta, no todo da sua atuação médica, a relevância do repasse de experiências e a compreensão da história da medicina como base para a educação médica, traduzida por nós como princípio histórico e recurso didático para o ensino médico. Igualmente, uma preocupação com a prática médica sobre o que ensina:

A dúvida de Pasteur, no limiar do seu primeiro tratamento antirrábico, que sirva de modelo aos afoitos que experimentam no seu semelhante, aos intervencionistas, aos precipitados, aos esquecidos de que o primeiro cuidado de quem quer servir o doente é não prejudicá-lo com providências que podem ser científicas sem que deixem de ser intempestivas. *Primum non nocere...* (NAVA. 2003c, p. 11).

A citação acima, como vemos, pranteia uma das mais efervescentes ideias de Nava como médico, o cuidado com o doente, mesmo diante da aplicação do saber científico.



Foto 1: Posse de Pedro Nava na Academia Brasileira de Medicina (1957). (PENIDO, 2003, p. 138).

2.1.2 O historiador da medicina, o professor e o cientista médico

Para alguns intérpretes de Pedro Nava, entre os quais Villaça (2007) e Vale (2009), história, docência e ciência são aportes sobre os quais o Narrador se debruçou por toda a vida. Então vejamos:

As navegações, as descobertas, a vida dos índios conhecida na Europa através da obra dos cronistas e dos viajantes (e isso foi minuciosamente provado por Afonso Arinos de Melo Franco) vão influir poderosamente no pensamento de Rousseau, que inspira por sua vez novos moldes na educação dos meninos e vai agir, indiretamente, no próprio terreno da puericultura.[...]. As informações da Geografia Médica, comparadas às da História Geral, vão nos mostrar a rota das doenças, o caminho das contaminações e a expansão das pestilências – seguindo estradas abertas pelo homem nas suas transações de negócio pacífico, nos seus movimentos de guerra e no sentido das grandes migrações. [...]. A literatura por sua vez, na prosa dos ficcionistas, na inspiração dos poetas, na invenção da vida transposta ao teatro, é um mundo inexaurível de documentos que podem servir ao médico historiador. (NAVA, 2003c, p. 14).

O trecho acima é ilustrativo do título e, assim, assentimos que Nava aglutinava vários saberes de forma concomitante e de maneira amplificada uni/multidimensionalmente em seu fazer literário e histórico. Os principais investimentos de Nava como historiador da medicina encontram-se no livro “Território de Epidauro: crônica e histórias da História da Medicina (NAVA, 2003d),” publicado em primeira edição em 1947, e no subsequente “Capítulos da História da Medicina no Brasil (NAVA, 2003c),” publicado inicialmente na separata da revista “Brasil Médico Cirúrgico” em 1948. Estes dois livros são alimentados em fontes diversas que, vão de crônicas de viajantes a registros manuscritos, e passam pela História Geral e pela literatura, os quais comentamos adiante. E por que não dizer que estes se encontram nas Memórias, onde suas lições profissionais são presenças permanentes e indelévels.

Para ele,

a biografia dos grandes médicos não tem interesse de data ou de anedota. O que nelas interessa é o exemplo dado pelos que reúnem ciência à consciência, porque sua separação, como dizia Rabelais, significa apenas ruína da alma – “[...] *science sans conscience, n'est que ruine de l'âme.*” (NAVA, 2003c, p.11, grifo do autor).

Há também “A medicina de Os Lusíadas (NAVA, 2004)” e a “Biografia de Doutor Torres Homem (inacabado e não publicado)”.

Em “Território de Epidauro” (NAVA, 2003d), o autor apresenta e discute as origens da medicina brasileira, passando pela cirurgia vascular e a medicina interna com suas origens francesas, bem como pela medicina popular, sem descuidar do livro antigo de medicina.

Sobre a medicina popular, o cientista/médico articulado ao historiador faz uma análise documental de um manuscrito, usando um *modus operandi*, em menor escala, parecido com o utilizado por Ginzburg (1987) em “O queijo e os vermes.” O manuscrito analisado por Nava é datado de 1809 e ele o reconhece como importante documento da história da medicina popular brasileira do fim do Século XVIII e princípios do XIX. Neste documento estão registradas 44 receitas recomendadas para cura de males que acometiam a população. Dentre os males, Nava destaca a receita para o mal de engasgo e mostra a possível relação deste com a moléstia de Chagas existente no Brasil, que pode ser transmitida por um mosquito. Com audaz imaginação e criatividade, Nava analisa o manuscrito e o situa sócio-historicamente no espaço da medicina de nosso país; é curioso que ele expõe no livro as 44 receitas encontradas no manuscrito, tornando possível outras análises e interpretações. (NAVA, 2003d).

São contempladas ainda as especializações médicas e seus exageros e o uso da medicina como arma de troca movida por interesses diversos em cada classe social que assume o poder. O livro é composto por pequenos artigos/teses que em síntese trazem os ideais históricos e médicos do autor que reage de forma contrária à utilização da medicina motivada apenas por interesses econômicos, reafirmando-a como necessidade fundamental das sociedades, que devem aplicá-la com compreensão social nos moldes científicos e de forma contextualizada e ética.

Trata, portanto, dos meandros da medicina no Brasil alicerçado em fatos e documentos ligados à história da medicina no país, nos usos populares trazidos pelo

colonizador para a medicina moderna, como atividade científica no Século XIX, sob a influência da França.

Em “Capítulos da História da Medicina no Brasil” (NAVA, 2003c), o historiador da medicina legou para a área a compreensão de que a medicina popular brasileira apresenta características de uma mistura homogênea de humanidade e de divindade, alertando para as questões não apenas humanas, mas humanizantes de sua prática. Assente que, em seus primórdios, a medicina brasileira era uma medicina formada por componentes mágicos e empíricos condutores do social/cultural para a cura das doenças que acometiam o povo brasileiro no período colonial, encontrados ainda no Século XX, em sua prática, como médico no interior do país.

Nava (2003c) fez observações, neste livro, sobre medicina popular no Século XVII, sobre práticas religiosas e práticas populares de cura, corroborando a interpretação sobre práticas de cura no Brasil ao trazer fundamentos documentados de que no Brasil, do Século XVIII, a medicina popular e a religiosidade em suas práticas e circulação de saberes eram indissociáveis. Estas observações vão ser também visualizadas por ele, na primeira metade do Século XX, quando de sua experiência como médico no interior de São Paulo, conforme relatos nas Memórias.

Neste livro aponta ainda as influências da medicina francesa no Brasil e as dificuldades da medicina científica para se instaurar no país. Traz também algumas lições para o ensino médico e para a prática de pesquisa em história da medicina, sugerindo que entre as diversas fontes para se pesquisar sobre a história da medicina no Brasil não se deve desprezar a literatura de ficção.

Essa não existia no início de nossa história, mas, quando começa a aparecer, logo nas suas páginas surgem informações sobre doenças, doentes, procedimentos com os mortos, indicação de instituições que representam elemento informativo muitas vezes útil na compreensão de nossa medicina do fim do século XVIII, início e transcurso do século XIX. Manoel Antônio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis e Raul Pompéia estão cheios de descrições [...]. (NAVA, 2003c, p. 224).

Vemos, assim, que Literatura e Medicina para o Narrador são saberes complementares para a prática do historiador.

“A medicina de Os Lusíadas” (NAVA, 2004b) é também o título de uma conferência proferida por Pedro Nava em 1961, no Real Gabinete Português de Leitura, incluída no livro de mesmo título no qual o autor faz uma rica articulação entre o poema de Camões, grande poeta português, “Os Lusíadas” e a Medicina.

Nesta conferência Nava demonstrou ser capaz de religar saberes, transformando-os em conhecimentos que unem a arte poética à arte médica, mostrando-se aqui como poeta e médico sem descuidar do pesquisador e historiador. Nessa direção, o Narrador revela:

Não foi por um pouco de ouro e um pouco de pimenta – mas para dar ao Mundo outros mundos que os lusíadas se atiraram aos mares do quadrante. Fizeram isto numa época de integração nacional em que a crença em Deus e a concepção da Pátria eram a mesma no Rei e no último vilão. Luís Vaz de Camões foi seu índice e seu resumo e, na América, na Ásia e na África – onde quer que haja gota de sangue português – seu canto será sempre um rebate a nos chamar à cruzada daqueles barões que cimentaram, em várias terras, com sua carne e suas ossadas, os vínculos que nos unem em tradições, interesses e aspirações comuns. Estamos vendo suas velas que o vento enfuna, seus peitos que o coração dilata, sentimos o tumulto eterno e seu tropel, a estes capitães, missionários, marinheiros, governadores, donatários e vizo-reis, (X,147). (NAVA, 2004d, p. 50).

Este livro reúne ainda dois discursos. O primeiro intitulado: “Medicina e Humanismo,” no qual recepciona o professor Aloysio de Castro no Instituto Brasileiro de História da Medicina, e o segundo com o título: “Aloysio de Castro, o Gentilhomem da Medicina Brasileira,” onde faz uma homenagem à memória deste médico, na Academia Nacional de Medicina, em 1959.

O cientista médico acompanha o especialista e o historiador quando escreve, em 1937, o artigo “Esboço dos Fundamentos Históricos das Especializações no Terreno da Medicina Interna” publicado em Território de Epidauro, em primeira edição em 1947.

Em 1948, começa a publicar mais assiduamente artigos científicos; não queremos dizer com isto que a postura científica não tenha acompanhado a formação e o serviço do médico clínico. Apontamos esse período muito mais como o de surgimento de sua produção em divulgações científicas mais pontuais e ligadas à sua área de especialização.

Como cientista médico, muitos de seus trabalhos se encontram reunidos nas “Atas reumatológicas (comunicações em dois volumes),” as quais não serão comentadas aqui por pura falta de conhecimento sobre os temas ali tratados.

Destacamos que, em 1955, Nava já se tornara bastante conhecido em sua área de atuação médica e representou o Brasil como membro do Conselho Nacional de Pesquisa Brasileira na Exposição do *Palais de la Découverte*, em Paris. Ele acreditava em uma ciência que poderia ser produzida no Brasil através de uma política científica nacional e em sua trajetória percebemos essa militância ao se envolver *pari e passu* em atividades nas associações e sociedades científicas nacionais e internacionais. Assim, reunia esforços para a formação institucionalizada do que convencionamos chamar de uma *intelligentsia* brasileira, capaz de se comprometer com os problemas sociais internos do país, dialogando com as demais instâncias científicas do continente sul-americano, particularmente, e mundiais, especialmente as francesas as quais ele tanto admirava.

Como cientista médico pertenceu a várias sociedades e academias médicas e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Reumatologia, da qual foi também presidente. Participou da organização de vários congressos de reumatologia no Brasil e em alguns países sul-americanos. De acordo com Souza (2004, p. 106), Nava “notabilizou-se como pesquisador na área de Reumatologia, publicando mais de trezentos trabalhos.” Assim, o já professor de medicina atuava como um intelectual engajado, que produzia, organizava e fazia circular conhecimentos no país e fora deste.

Como professor de medicina, Nava era dedicado e orgulhava-se disto, pois, para ele, ensinar fazia parte do seu futuro como médico; sobre isto diz: “O futuro me reservava à docência, o professorado interino, a cátedra, o grau emérito que hoje tenho.” (NAVA, 2003a, p. 22).

É interessante registrar que o professor começou a se manifestar ainda em Belo Horizonte no início da década de 1930, na enfermaria dirigida por seu professor Ari Ferreira, na qual Nava atuou como voluntário lecionando Semiologia.

Em 1937, já no Rio de Janeiro, o professor Nava ingressa como livre-docente de Clínica Médica na Faculdade de Medicina, na época, agregada à Universidade do Brasil. Era também catedrático e professor emérito do Centro de Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nava, juntamente com o professor Pasteur Valéry-Radot, funda e se torna diretor da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina, em 1946.

Em 1952 é um dos professores catedráticos interino de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas e professor titular da Escola de Aperfeiçoamento Médico da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Foi também catedrático de Reumatologia da Escola de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, já com o título de professor “*Honoris causa*” da Faculdade de Medicina de Barbacena, em Minas Gerais.

No anfiteatro da Policlínica realizou, o que vimos no decorrer de suas Memórias, o ideal de bem formar o médico através de uma formação continuada de boa qualidade. No anfiteatro eram discutidos casos médicos entre autoridades sobre o assunto e destas discussões participavam também seus alunos e médicos de outras instituições que assim o desejassem. Ali, nos parece, ele se realizava como mestre da Medicina.

Em seu livro inacabado “Cera das Almas” (NAVA, 2006), a tristeza, por ter sido praticamente expulso do seu lugar ideal de ensino, se manifesta de forma nefasta, cruel, quase filípica, contra aqueles que para ele lhe tiraram a mais sublime ação de um mestre – ensinar, formar discípulos, pois para Nava há uma diferença marcante entre ser professor e ser mestre.

Segundo Geraldo Guimarães Gama (um de seus alunos), como professor de reumatologia Nava se destacava por proferir palestras “nas quais a clareza das exposições e o domínio dos temas era paralelo à elegância da linguagem.” (NAVA, 2003d, p. 17).

Para finalizar, em “Beira-mar” (NAVA, 2003a) informa que o período de sua atividade didática formal desenvolveu-se em três faculdades de 1936 a 1975, e em seguida afirma: “examinei sem-número de alunos, vários concursos para cátedra e docência e jamais reprovei ninguém. Minhas notas sempre foram de oito a dez para, apenas, não roubar os bons, os melhores.” (NAVA, 2003a, p. 26). Assim, suas lições como mestre da medicina se encontram distribuídas nas Memórias e em seus livros de história da medicina e nos inúmeros artigos científicos que publicou. Estas vão dos ensinamentos sobre conteúdos anatômicos à forma de atendimento ao paciente.

2.1.3 O poeta

Ideamos por algumas informações recolhidas que Nava, como poeta, constituiu-se conscientemente em 1922, no período em que cursava medicina, em Belo Horizonte, onde conheceu, dentre outros, os também poetas Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. No entanto, informamos que sua onda de poesia brotou no Internato do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, como ele informa em “Chão de ferro” (NAVA, 2001). A poesia de Pedro Nava é bissexta, isto é, esporádica, concentrando-se entre os anos 1925/1944, quando se corresponde com Mário de Andrade. Bissexta é a expressão cunhada por Manuel Bandeira para designar aqueles poetas que de quatro em quatro anos (o seu 29 de fevereiro) escrevem um belo poema.

Seus primeiros poemas publicados durante o curso médico foram “Tejuco,” com trecho contendo “Música” e “Diamantina”, em “A Revista”²⁰, em 1925; “Aterrissage,” poema comentado por Mário de Andrade em carta a Nava, datada de 1925, sobre o qual afirma Mário: “O Aterrissage é positivamente esplêndido.” (ANDRADE, 1982, p. 41).

O poema “Alegria” foi publicado em 1926, no terceiro número de “A Revista”, ano em que foi publicado ainda o poema “Se eu soubesse brincar,” no Diário de Minas, poema republicado em “O Jornal”, com ilustração de Di Cavalcante.

SE EU SOUBESSE BRINCAR

Si eu tivesse seis anos si soubesse brincar
pedia ao Menino Jesus que viesse me dar
seus brinquedos coloridos

E ele dava mesmo dava tudo
dava brinquedos variados de todas as cores
brinquedos sortidos
dava bolas lustrosas pra mim soltar de noite e
mandar todas pro céu com minha reza

Dava bolas dava quitanda dava balas
e havia de ficar melado, todo doce de minha baba.

²⁰ Órgão divulgador da Revolução Literária de 1922, em Minas Gerais e faz parte do conjunto das ações modernistas ali realizadas. (SOUZA, 2004).

E dava homenzinhos, arvinhas, bichinhos, casinhas e
em minhas mãos ingênuas eu tirava o mundo novinho,
cheiroso de cola e verniz, das caixas nurembergue
pra recomeçar deslumbrando a brincadeira da
vida

O Menino Jesus dava tudo si eu fosse menino
si soubesse brincar pra brincar com ele.

(NAVA, 1982)²¹.

Em 1926, escreve “Ventania,” poema também comentado por Mário de Andrade em carta a Pedro Nava (ANDRADE, 1982, p. 41). Em 1928, ficam conhecidos “Toadas para meu irmão,” “Reflexos”, “Noturno de Chopin” e “Noite de São João,” este último dedicado a Mário de Andrade.

Em 1932, em Monte Aprazível, produz o poema “Mestre Aurélio entre as rosas,” (SOUZA, 2005) é uma homenagem ao seu professor da Faculdade de Medicina, Aurélio Pires, o qual é dedicado ao seu grande amigo, também médico, Joaquim Cavalcanti. Em 1933, escreve “Poema para Rodrigo Melo Franco de Andrade.” Após cinco anos, em 1938, vem ao conhecimento do público os poemas “O possesso,” “O peixe” e, o mais conhecido, “O defunto” que, em 1956, foi publicado na “Antologia de poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos,” organizada por Manuel Bandeira (1965); neste foi publicado também “Episódio Sentimental.”

O DEFUNTO

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros
E as discretas decorações.

Quero a morte com mau-gosto!

²¹ NAVA, Pedro. *in*: ANDRADE, Mario de. Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

Dêem-me coroas de pano.
Dêem-me as flores de roxo pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enormes salva-vidas,
Com fitas negras pendentes.

E descubram bem minha cara:
Que a vejam bem os amigos.
Que não a esqueçam os amigos.
Que ela ponha nos seus espíritos
A incerteza, o pavor, o pasmo.
E a cada um leve bem nítida
A idéia da própria morte.

Descubram bem esta cara!

Descubram bem estas mãos.
Não se esqueçam destas mãos!
Meus amigos, olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos demoraram
Seus sabidos quirodáctilos?

Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos:
Até os furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

— Meus amigos! olhem as mãos
Que mentiram às vossas mãos...
Não se esqueçam! Elas fugiram
Da suprema purificação
Dos possíveis suicídios.

— Meus amigos, olhem as mãos!
As minhas e as vossas mãos!
[...]

(NAVA, 2005)²²

Em 1940, escreve “Canto à rainha do mar” e “Canto do afogado,” no qual o autor se interroga “Ai, em vós, amigos meus! Porque onde estais, que não me ouvis?”. Um ano depois aparece “Poema para meu amigo Mário Braga,” “Alcazar,” dedicado a Raquel de Queiroz, “*Nameless here for evermore*”, “Poema inglês” e “Poema das quatro horas.” Nesta década, escreve ainda, em 1943, “Toada do usurpador,” “Conto do usurpador” e “O canto do vingador.” (LE MOING, 1996).

²² NAVA, Pedro. O defunto. SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava 1903-1984: Trechos escolhidos.** Rio de Janeiro, 2005, p. 115-118.

Em 1945 dedica, “Antonaïr,²³” um belíssimo poema, à sua esposa Antonieta Penido (Nieta). Este poema se encerra com os seguintes versos: “Em silêncio sobre o mundo, Altaïr. Sobre mim e sobre Antonieta, Altaïr. Sobre nós, eternamente em tua luz, Altaïr / eternamente, Altaïr. Em silêncio, Altaïr. E-ter-na-men-te.” (PENIDO, 2003, p. 186-193).

“Palíndromo do amigo” é um poema dedicado ao amigo Afonso Arinos de Melo Franco quando da publicação do livro “Amor a Roma,” cujo título forma um palíndromo.

Estes são alguns dos títulos e versos dos poemas do poeta Nava, que tem também sua expressão poética registrada em sua prosa memorial e nos trabalhos de história da medicina aliada aos conhecimentos médicos. Todavia, é imprescindível lembrar que Nava em sua vida e após sua morte despertou vários poetas a poemizarem sobre ele e sobre sua obra memorial, dentre os quais grandes nomes da poesia brasileira como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes. Contudo, não existe ainda no Brasil uma publicação que reúna todos os poemas de Pedro Nava; estes se encontram publicados em livros, revistas, jornais, *sites* e constam de arquivos, como o de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

A maioria de seus poemas traduz uma poética de cunho sociável com alguns indícios ao modo, talvez, da literatura arcaica, pois são vários os que homenageiam ou são dedicados a amigos e à produção literária dos amigos e às amadas, sobre os quais não temos conhecimento suficiente para discutir com a profundidade que merecem, por isto apenas os citamos e fazemos algumas inferências comprovadamente leigas, mescladas a sentimentos despertados pela poética que emana dos versos. Para Bueno (1997), referindo-se a Nava, “o memorialista sabe que a palavra poética pode não ter nada a dizer, mas de alguma maneira misteriosa **significa**, ao dizer-se a si própria.” (BUENO, 1997, p. 136, grifo do autor).

Há, por outro lado, os poemas de amor, dor e morte e aqueles que procuram registrar instantes da vida, da cultura através da poética, além de versos que enfocam a fé cristã, apesar de se dizer alheio às religiões²⁴ e de vê-las como modos

²³ Palavra formada por aglutinação de *Anton* de Antonieta e *aïr* de Altair nome de uma estrela.

²⁴ Contraditoriamente, pediu aos amigos em sua carta-testamento de 1975, um enterro segundo os ritos da Igreja Católica.

de ser, de agir de uma cultura; do comportamento de uma sociedade. Mesmo assim, a poética naviana traz um Deus presente, como no poema dedicado a um amigo.

POEMA PARA RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE²⁵

Os elevadores estacaram unanimemente
e sem transição vibraram todos os tímpanos.
Depois um choro desmedido
derramou-se pelo edifício.
Mas foi parando aos poucos,
até perder-se em soluços abafados
um a um.
E houve o silêncio.
Eu suspeitei sem a menor malícia
a presença terrível dos arcanjos...
Mas onde?

Todos tinham medo de se fitar,
tanto a verdade fazia esforços
para se manifestar nas fisionomias cor de cinza.

O momento era de uma gravidade infinita
e devia haver uma lucidez inusitada nos homens,
porque todos pressentiram a decepção irremediável...
— enorme como o sentido oculto das coisas inertes
(seu sentido poético!)

E a presença de Deus foi tão absoluta
nas almas retransidas de horror,
que os poetas se sumiram na noite,
tornados de repente inúteis.

(NAVA, 1965)

É preciso lembrar que o poeta Nava inspirou com sua obra outros poetas, dentre os quais Hélio Lima Carlos, como podemos ler no poema “Os fantasmas da rua da Glória 190” publicado em Nava (2004c, p. XIII-XIV): “Então Pedro Nava contorna Pedro Nava/ A cabeça vizinha do osso crânio/ A face desabando/ O pescoço em ascensão de vértebras/ [...] E o fantasma exige outra face/A depuração do real/ E Pedro Nava nesse espelho/ A meio de esconder-se/ Volta para sentar-se na poltrona/ Onde um fantasma sai/ Dos seus olhos [...].”

²⁵ Poema datado de 1933, publicado *In*: BANDEIRA, Manuel. **Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos**. (1965)

2.1.4 O artista plástico

Pedro da Silva Nava inicia-se no desenho quando criança e nas Memórias há vários registros de seu gosto pelo desenho, ainda na infância. Isto pode ser observado também na criatividade artística expressa em cartas enviadas para familiares, nas quais o artista mostra traços elaborados na construção gráfica das letras em sua escrita.²⁶ Essa habilidade não se perdeu com o tempo e pode ser vista nas Memórias, interpretada pelo Narrador em alguns momentos, como a busca de compreensão de si, e de formas para simbolizar a si mesmo, traduzida no sentido de representação de sua própria solidão e de sua insônia. Vejamos: “Na insônia, minha pintura da Rua Royer-Collard mostra sua essência – minha essência.” (NAVA, 2003b, p. 38).

Na juventude criava esboços caricaturais de professores do Anglo-Mineiro e do Colégio Pedro II. Sobre sua atuação como ilustrador neste último Colégio revela que possui recortes de números da Revista ilustrados por ele e que constam da publicação “A Primavera,” segundo o Narrador, editada em Rezende no Rio de Janeiro, de propriedade de um colega.

De acordo com Aguiar (1998, p. 107), as caricaturas de Nava “têm muita leveza” e algumas são utilizadas como evocadores de lembranças na escrita das Memórias para descrever pessoas, indício bastante abordado por seus principais intérpretes.

Contudo, Nava vai aparecer como artista plástico em 1924, portanto, durante seu curso médico, publicando desenhos na revista “Estética”. Em 1925, continua em uma ilustração feita a nanquim com três desenhos no livro “Juiz de Fora, poema lírico”, publicado, em 1926, por Austen Amaro (2004).

Sobre os desenhos desses períodos ele informa em “Beira-mar”: “minha mania pela morfologia humana era tal que, numa fase paralela de produção de desenhos, eu só fazia figuras de esfolados.” (NAVA, 2003a, p. 94).

Essa verve artista vai se manifestar em outros trabalhos, dentre os quais destacamos: os desenhos que compõem a “Ilustração Brasileira”, no poema de Abgar Renault, intitulado “Aveu”, em 1928; na produção de oito guaches que

²⁶ Ver Correspondências no Acervo Pedro Nava (*on line*), da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://pedronava.clientes.tecnopop.com.br>>.

ilustram a obra “Macunaíma o herói sem nenhum caráter” (ANDRADE, 1928), de Mário de Andrade, edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez dedicada à memória de Cavalcanti Proença, publicada em 1978 (entre esses guaches existe um que pode ser lido como uma crítica do artista à insígnia “ordem e progresso”, de cunho positivista, da bandeira brasileira, que é substituída pela palavra “amor”, usada na composição da capa desta tese.



Figura 1: Um dos oito guaches de Pedro Nava que ilustram a obra “Macunaíma o herói sem nenhum caráter” (NAVA, 1978).²⁷

²⁷ NAVA, Pedro. In: ANDRADE, Mario de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Livros Técnicos e Científicos Editora/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (SP) Rio de Janeiro - RJ/São Paulo – SP;1978.

Há ainda a ilustração do “Roteiro Lírico de Ouro Preto” (FRANCO, 1982) são três aquarelas que estampam o livro de Afonso Arinos de Melo Franco, publicado em primeira edição em 1937.

Existem também os quadros que ornamentavam seu apartamento na Rua da Glória sobre os quais se diz que ele se divertia enganando os amigos, que o visitavam, com imitações do estilo de pintores famosos, como Cândido Portinari, segundo Penido (2003).

Em 1949, Nava pinta, em óleo sobre madeira, “Ilha da Boa Viagem” e “Vista da Igreja da Glória”, esta a partir de sua residência, na Rua da Glória, com visualização no curta-metragem de Fernando Sabino “Em tempo de Nava” (1971).

Assim, não apenas o desenho, mas, a pintura e a colagem vão auxiliar o escritor em seus escritos descritivos e fornecer suporte à sua imaginação criadora, especialmente na escrita das Memórias, como podemos observar no desenho.



Figura 2: **Desenho constante da página 51 dos originais de “Chão de ferro”** (NAVA, 2001).
Disponível em: <http://www.pedronava.clientes.tecnopop.com.br/processo_criativo.php>.

Mário de Andrade, a quem Nava presenteou vários desenhos, dentre os quais a imagem de um homem negro “Claudionor”, em 1927, faz alguns comentários sobre os desenhos de Nava em cartas a ele dirigidas e que se encontram publicadas em uma edição, organizada por Fernando Peres a pedido de Pedro Nava, comemorativa dos 60 anos da Semana de Arte Moderna. (ANDRADE, 1982).

2.1.5 O escritor memorialista

Pedro Nava afirma:

Eu não teria sido um escritor de memórias se não tivesse tido minha época de exteriorização literária num momento em que nós estávamos debaixo de uma ditadura, uma ditadura militar. E comecei a escrever, talvez para me livrar desse espantinho, para conversar comigo mesmo na impossibilidade de fazer isso com os outros. (NAVA, 1984).²⁸

Esta breve afirmação denota o quanto a imposição do silêncio durante a ditadura militar (1964-1985) afetava Nava e o fez voltar-se para sua escrita memorial. Entretanto, segundo Souza, uma de suas principais comentadoras, as primeiras manifestações de Pedro Nava como memorialista surgem “em 1952, com a publicação da crônica *Evocação da rua da Bahia*.” (SOUZA, 2005, p. 17), reproduzida como anexo em “*Chão de Ferro*” (2001). Essa crônica fez parte das homenagens ao cinquentenário de Carlos Drummond de Andrade. Já Villaça (2007) defende a tese de que o memorialista aparece com a publicação do livro “*Território de Epidauro*” (NAVA, 2003d), publicado em primeira edição em 1947. Contudo, vemos na epígrafe que a decisão de escrever suas Memórias, para além das crônicas da vida e da medicina, está mais ligada, conforme o Narrador, à condição existencial e social de ter decidido tornar-se escritor quando o Brasil se encontrava governado por uma ditadura militar que, para ele, era um espantinho do qual queria se livrar.

²⁸ Ver entrevista completa em entrevista à Folha: Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim_15mai1984.htm>.

Como memorialista, o Narrador destacou-se na cena literária brasileira, tornando-se para alguns críticos, como Candido (1987), Bueno (1997), Fávero (2000) e Cançado (2003), um escritor notável. Seu trabalho de construtor memorial de si e do país começou a ser posto na escrita em 1968, quando o Brasil vivia a ditadura civil-militar imposta ao país em março de 1964, regime que impunha a censura prévia sobre todas as produções artísticas e literárias e se destacava pelo autoritarismo praticado pelo governo. Esta era, portanto, mais uma ditadura vivida por Nava, e como enfrentá-la? Em seu livro inacabado das Memórias diz que

Getúlio e o Estado Novo estavam passando a bola para os **Tenentes** e para o treino da partida jogada em 1964 e que a *Journée de dupes* dos civis que conspiravam com a farda e ajudaram a dar aspecto de legalidade, à finalmente solução da famosa **questão militar** que vinha se arrastando desde o Império. Mal sabiam eles que estavam ajudando a pôr a *seva de Tiestes* onde cada **casaca** a gorilas serviu de mantimento. (NAVA, 2006, p. 14-15, grifos do autor).

Esta interpretação aproxima-se das desenvolvidas por Germano (2008) sobre este período, quando afirma: “em todo percurso de 1889 a 1964, o afã de construir um Brasil forte e poderoso rondou as mentes dos militares.” E, acrescenta: “ganhou mais força, no entanto, a partir de 1937, quando cresceu, no meio militar e em setores dominantes da sociedade brasileira, a ideia de construir um Estado autoritário de segurança nacional, para conduzir o desenvolvimento capitalista/industrial do país.” (GERMANO, 2008, p. 80-81).

É dessa forma que, segundo Souza (2005), no conjunto das Memórias o Narrador fez um acerto de contas com o passado, oferecendo ao memorialismo brasileiro um novo fôlego, pois, ao falar de si, ele reconstruiu histórias de família e de personagens históricas do Brasil, “transformando sua obra em referência histórica para a pesquisa sobre a cultura mineira e, por que não, brasileira,” (SOUZA, 2005, p. 15), em narrativas situadas política e socioculturalmente. Trata-se de um testemunho de uma época registrada por um intelectual brasileiro que se tornou memorialista, podendo essa apreciação ser reiterada pela tese de Santos (2004), de que todo conhecimento é autoconhecimento.

As Memórias formam um conjunto literário²⁹ e nele o escritor brinda o leitor com uma narrativa de sua vida articulada à vida da cultura brasileira, faz saber de um tempo social por ele vivido, todavia, retroage um pouco no tempo ao fazer uma espécie de arqueologia de seus antepassados. O escritor trabalhou nas Memórias, já idoso, em seu espaço-tempo – momento vivido, retratando fragmentos do não esquecido. Enveredou pelas cenas da vida cultural e social, preservadas pela memória e temperadas pelo imaginário que permeia, dosa a escrita de seu eu Narrador com um toque não sutil de saudade e tristeza, fazendo desabrochar duas de suas preocupações: a condição humana em seus momentos existenciais os quais desejava ver e sentir com dignidade para todos e com o respeito necessário aos povos que formaram o Brasil.

O primeiro livro das Memórias é “Baú de ossos” (NAVA, 2002), publicada em primeira edição em 1972, que começou a ser escrito em 1968, ano em que o Brasil e o mundo viviam grande turbulência em todos os setores, inclusive nas universidades; o ano do AI 5³⁰ e da implantação da ditadura militar com “D” maiúsculo. Neste ano também morre sua mãe dona Diva Jaguaribe.

“Balão cativo” (NAVA, 2000) é o segundo livro das Memórias e Nava começou a esboçá-lo em 1970 (quando ainda não havia sido lançado “Baú de ossos”). Neste traz suas vivências como uma criança órfã, desnudando suas primeiras experiências escolares. A primeira edição foi publicada em 1973.

“Chão de ferro” (NAVA, 2001) é o terceiro livro de memórias e foi concluído em 1975, um ano após a publicação do segundo livro das Memórias. O “Chão de ferro,” de Nava, retrata sua vida escolar como interno no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e sua convivência com familiares que tiveram grande importância em sua formação como homem, leitor e escritor. Foi publicado em primeira edição em 1976.

²⁹ Excelentes resumos de todos os livros que formam o conjunto das Memórias podem ser lidos em Vale (2009), entre outros, daí porque consideramos desnecessário fazê-los novamente, embora reconheçamos que todo pesquisador faz suas próprias leituras e escolhas.

³⁰ O Ato Institucional nº5 ou AI-5 emitido pelo regime militar brasileiro, se sobreponha à Constituição Brasileira de 24 de janeiro de 1967 e às constituições estaduais, delegava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais. Foi redigido pelo ministro da justiça, Luís Antônio da Gama e Silva, e entrou em vigor em 1968, durante o governo do general Artur da Costa e Silva, quando presidente do Brasil. Foi uma represália à decisão da Câmara dos Deputados, que não concedeu licença para que o deputado Márcio Moreira Alves fosse processado por um discurso no qual questionava: “até quando o Exército abrigaria torturadores?”. Mais informações em Germano (1995).

Em 1976 Nava dá início à estruturação do quarto livro das Memórias: “Beira-mar” (2003a) concluído em abril de 1978,³¹ e lançado no mesmo ano. Para Vale (2009, p.164), trata-se de um livro documento sobre o Modernismo e o ensino médico em Minas Gerais. Neste, trata de sua formação médica, discorrendo sobre a dinâmica da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte em termos de conteúdos, postura de professores, relação entre alunos, em meio a outros temas sociais e profissionais. Assim, reconta a história desta Faculdade a seu modo, pois esta já havia sido escrita por outros escritores.

“Galo-das-trevas: as doze velas imperfeitas” (NAVA, 2003b) é o quinto livro das Memórias e começou a ser escrito em 1978, sendo publicado em primeira edição em 1981. Aqui traça seu percurso profissional no início de sua carreira como médico, mostrando suas dificuldades de atuação.

O sexto livro de Memórias é “O círio perfeito” (NAVA, 2004c), concluído em 1983 e publicado no mesmo ano, quando o autor já iniciava o sétimo livro “Cera das almas” do qual ficou apenas um fragmento com 36 páginas que foi publicado após sua morte. “O círio perfeito” traz as vivências de sua carreira como médico já maduro, participante da vida social na cidade que ele escolheu para viver e morrer, o Rio de Janeiro.

Nava inicia seu trabalho memorialístico indo ao passado de sua família para chegar ao seu próprio passado. Mostra assim, os modelos de educação ao qual ele foi submetido, os ciclos de sua vida, seus amores e des/amores, as relações pessoais, profissionais e sociais, enfim, o processo de sua formação, amalgamado no do povo brasileiro nas décadas iniciais do Século XX. Vai conduzindo seus escritos tendo a memória como um instrumento que deve ser talhado, moldado pelo escritor para dar lógica à narrativa. Desse modo, dedica boa parte das Memórias ao seu ser criança e à sua infância, especialmente no primeiro e no segundo livro. Nestes o escritor oferece sua vida de criança aos seus leitores e intérpretes, já por ele avaliada, para que se possa refletir sobre a infância em um sentido ampliado do termo: infância como momento da vida recheado de experiências e aprendizagens que conduzirão os sujeitos vida afora, momento da formação do Narrador.

As Memórias de Pedro Nava possibilitam inferir que ao narrar vida social e cultural brasileira, transitando do Sudeste para o Nordeste brasileiro, vai fazendo

³¹ É o ano em que o autor publica uma série de resenhas literárias no “Jornal do Brasil”.

uma prospecção do passado e expondo as singularidades de seu próprio viver. Conforma experiências que configuram a multiculturalidade do seu povo – o brasileiro – através de descrições que apresentam, de forma peculiar, aspectos da alimentação, das relações sociais e familiares, da visão de morte, impregnados no seu eu e no imaginário social brasileiro por ele relatado.

Os conteúdos das Memórias remontam a lugares e pessoas conhecidos e situados geograficamente no espaço brasileiro, muitas dessas pessoas são biografadas por ele e descritas no movimento da vida que lá existia. Talvez o autor desejasse fixar o passado no presente, dizer que para pensar a cultura da sociedade brasileira é necessário situá-la na história de seu povo, falando também de pessoas comuns. Torna-se, assim, um biógrafo não apenas de seu grupo, mas de sua sociedade, pois também evidencia a existência de pessoas comuns com seus hábitos cotidianos de forma quase antropológica.

Nava mostra-se nas Memórias como um observador arguto das particularidades, modos de vida, jeito de ser brasileiro, na concretude do dia-a-dia, nas dinâmicas familiares, sociais, políticas e culturais, na práxis do cotidiano, na mistura ao mesmo tempo homogênea e heterogênea de suas diferentes e diversificadas culturas, em suas festas e rituais e nos usos da Língua Portuguesa. Podemos afirmar que seus escritos memorialísticos são crônicas que informam sobre modos da cultura brasileira que existem e são praticados para além das visões hegemônicas do mundo.

2.2 NOTAÇÕES COMPLEMENTARES

Estas são apenas breves notas opinativas que traduzem um pouco da produção literária de um sujeito que soube interpretar, de maneira otimista, o Brasil do Século XX, amalhando o que poderíamos sintetizar como formas sociais e culturais de vidas, algumas vezes articuladas em relações de poder dominadas por uma cultura política autoritária e clientelista. Essas formas são narradas embrenhadas nos movimentos políticos e sociais; banhadas pela formação intelectual e médica do autor que, ao representá-las, não perde as conexões ensejadas pelas condições existenciais e sociais de vida que o constituíram

memorialista, artista, poeta, médico e cientista. Nas suas produções podemos observar o fio condutor que perpassa seus escritos: um princípio histórico que se articula à prática educativa de sua vida e de sua formação médica, capaz de religar saberes, contexto e arte, cultura e ciência, mediados pela ética do bem-viver e bem-fazer para e com o outro.

A quantidade de aspectos da vida cotidiana, social e escolar descritos minuciosamente, nas Memórias, requerem que o leitor forme uma imagem (o mais próxima possível) da realidade do escritor e de sua formação. Assim, volve e revolve o passado em seu presente, já passado para ele e seu leitor. Enfim, em sua estruturação textual, Pedro Nava recorre ao que poderíamos denominar de conhecimentos cartográficos em mapas por ele desenhados, recheados de conhecimentos médicos, literários e artísticos. São cartografias de cidades, como Juiz de Fora, estudadas por Salgado (2003), e do Rio de Janeiro, por Reis (2007) como cidades transformadas em personagens pelo Narrador.

Sendo assim, nos é possível assentir ao que propõe Candido (1987), quando diz que o que gera o escritor múltiplo é “o amor ao detalhe,” derivado do “gosto pelo concreto” que “diminui a capacidade de escolha” do Narrador a quem tudo interessa. Para nós, Pedro Nava é um desses narradores de interesse no todo que está e vai além do gosto pela concreticidade da vida enfatizada em suas descrições arrojadas e poéticas do espaço-tempo brasileiro sobre o qual deambulou por quase todo Século XX. Além disso, foi um sujeito que transitou por uma gama de saberes que, podemos dizer, circulam do vulgar ao erudito e que podem ser lidos nas Memórias.

O amor ao detalhe, Nava traz explícito em suas narrações da vida cotidiana, nada descuradas, sejam elas produções na área médica ou literária (prosa e verso) ou em seus escritos históricos, sem descuidar de seus desenhos e pinturas e sem esquecer da dinâmica dos espaços escolares.

Assim, o termo múltiplo, indexado ao título, insere-se fidedignamente no capítulo quando referido ao escritor, em estudo, por seu trânsito em vários mundos do conhecimento, por saberes vários de áreas diversas, por saber transmutar a vida em arte, sendo ele cientista e médico, apesar dos sofrimentos que narra.

Seu amigo Carlos Drummond de Andrade também considerava Nava um sujeito múltiplo e sobre isto poemiza no soneto intitulado: “Pedro (o múltiplo)

Nava,³² que transcrevemos quase finalizando estas notações, tendo em vista que este poema resume o que vimos apresentando: Nava como um sujeito múltiplo.

PEDRO (O MÚLTIPLO) NAVA

Tantas vezes corri ao Dr. Nava
Em demanda de alívio, ele acudia.
De seu saber minh'alma fez-se escrava,
E o corpo, devedor de alegria.

Do moço Nava a poética palavra
Que em cadências modernas se expandia,
Admirei, e no peito ainda se grava
Um certo poema seu, que me arrepiá.

Nava pintor e Nava desenhista
Esquivo, agudo, exato, surpreendente,
Quem nos seus traços não consola a vista?

Esse querido Nava, simplesmente,
De nosso tempo fiel memorialista,
É mistura de santo, sábio e artista.

(ANDRADE, 1983)

Nada mais palatável que a poesia para ratificar o que mostramos do Narrador em suas múltiplas facetas já bastante apresentadas/lidas/criticadas, interpretadas e comentadas por muitos ensaístas, escritores e pesquisadores, na academia e fora dela.

Acreditamos que construímos estames que denotaram seu itinerário social pela sua produção escrita, focalizando os processos sociais e culturais nos quais foram construídas não apenas as Memórias, mas seus poemas e seus livros de história da medicina. Detemo-nos na simultaneidade de sua formação pessoal e médica, enfim, na sua produção literária, visualizadas em seus escritos em prosa e em verso, nos escritos acadêmicos e de sua história e da história da medicina, ilustrando-as com algumas de suas produções artísticas.

³² Poema extraído do livro: "Louvação poética a Pedro Nava," organizado por José E. Mindlin e Fernando Rocha Peres (1983) em homenagem aos 80 anos do escritor, cuja tiragem foi de 300 exemplares numerados e distribuídos entre os amigos do escritor. Neste trabalho nos utilizamos do exemplar nº 096.

Com este investimento inicial, esperamos ter contribuído para a compreensão do sujeito das Memórias em estudo, observando nessa construção a natureza problemática de estudos sobre memórias, que não são apenas desta pesquisa, pois esta se imbrica nas dimensões psíquicas, sociais, profissionais e culturais de um sujeito que, ao falar de si, desnuda seu grupo, sua sociedade, conforme Bosi (2003), as perfazendo no entrelaçamento de vários saberes, criando uma verdadeira ecologia.

Esta compreensão nos impôs a necessidade desta apresentação informativa, no sentido de mostrar o sujeito/narrador na inteireza totalizadora de seu passado como produção de uma vida em vestígios, reavaliada pelo presente, em circunstâncias que formalizaram tanto a vida quanto as narrativas do autor por seu caráter sócio-histórico, imanente como um modo de vida, experienciado e socializado com outras existências, do eu e da sociedade sempre em processo de formação cultural.

Contudo, outros aspectos registrados nas Memórias são considerados como imprescindíveis à interpretação do Narrador, dentre os quais a sua visão sobre criança e infância, sua percepção sobre a educação por ele recebida e sua formação médica que, em seguida, são traduzidas, inseridas em suas narrativas no contexto brasileiro.

3 CAPÍTULO II: DOS BOTÕES DOURADOS À LINHA DE TIRO: A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO MÉDICA DE PEDRO NAVA

A verdade histórica tem uma natureza diferente da verdade narrativa que nos encanta ou nos deprime. [...] A quimera narrativa é mais dinâmica: triste ou alegre, corre ao encontro dos outros para lhes contar sua história. Mas a maneira como o outro reage modifica o estilo de sua expressão. O entorno participa do relato autobiográfico! (CYRULNIK, 2009, p. 13-14).

É refletindo sobre estas palavras de Cyrulnik (2009) que ingressamos no segundo capítulo, trazendo as reflexões suscitadas sobre criança, infância, educação e formação médica nas Memórias de Nava. Estas se dão na confluência de aspectos que conformaram a sua constituição como sujeito social na dinâmica das relações sociais que configuram sua formação educativa e profissional. Dessa maneira, serão fundamentadas em estudos que, de certo modo, ratificam o testemunho do autor registrado em sua obra, no que tange ao seu processo formativo.

A compreensão da educação e da formação médica de Nava para nós é imprescindível para esta pesquisa, tendo em vista que o propósito final é o desvelamento da racionalidade por ele empregada em suas narrativas.

A dinâmica das relações sociais vividas pelo Narrador, de alguma maneira, conforma as educativas/formativas e estas ocorreram em espaços formais e informais no contexto brasileiro da denominada I República, período de sua formação, nas três primeiras décadas do Século XX. Os espaços de formação de Nava já foram objeto de estudo de Aguiar (1998).

Nesse período, segundo Spinelli (1996), grupos tradicionais dominantes, como aqueles ligados às oligarquias estaduais e à nova burguesia industrial, se uniam e, ao mesmo tempo, entravam em conflitos, na defesa de seus interesses agroexportadores e, agora, não apenas agroexportadores, mas também da indústria do capitalismo industrial emergente. Isto implicava também em mudanças e reformas no setor educacional, no tocante às ideias pedagógicas no Brasil, conforme Saviani (2007).

Irmanados pela compreensão de um momento brasileiro de mudanças e de certa instabilidade governamental, quando o Narrador se encontrava em processo de formação, nos situamos concretamente para compreender como o sujeito da memória lembra, avalia, denuncia e o que ensina sobre criança, infância, educação e formação médica no Brasil em sua reconstituição memorial em uma espécie de narrativa épica e também lírica que não deixa de ser uma interpretação do país de seu tempo, como já interpretado por Fávero (2000), Bueno (1997) e Vale (2009).

Para isto, reafirmamos que a infância é um dos períodos do desenvolvimento humano relevante para a formação subjetiva dos sujeitos e que para entendê-lo é necessário contextualizá-lo no espaço-tempo do processo cultural e civilizatório ocidental no qual se insere Pedro Nava. A infância nas Memórias compõe vários trabalhos acadêmicos sobre o autor, dentre os quais destacamos os de Pereira (1987), Oliveira (1991) e Monteiro (2004).

Nesse sentido, sinalizamos que as Memórias não trazem apenas fragmentos da infância de Nava e de sua percepção sobre criança, mas da infância de sua época. De igual forma, são vistos os registros das práticas pedagógicas das escolas de formação elementar, básica e superior frequentadas pelo Narrador, sobre as quais se delineiam os diálogos sobre sua educação/formação e como ela se apresenta na escrita de si, envolta na dinâmica escolar. Essa temática constitui dois trabalhos bastante referenciados sobre Nava: o de Garcia (1988) e o de Aguiar (1996).

É necessário informar que discutimos ainda, a partir dos escritos memoriais, a mediação pedagógica da formação médica do Narrador, compreendida como um processo atitudinal, por meio do qual o professor promove situações sistemáticas de aprendizagens, de forma ativa e colaborativa, objetivando que os alunos apropriem-se de conhecimentos significativos para a realidade humana, profissional, social e cultural. O processo de mediação ocorre, assim, ativado pelo uso de signos, símbolos e instrumentos necessários às ações sociais para o desenvolvimento humano e social e são considerados relevantes para a vida profissional.

A mediação pedagógica é discutida, neste capítulo, envolvida pelo conjunto de relações sociais que ocorrem no espaço escolar, aqui no espaço de lembranças do Narrador, entre sujeitos sociais, atores dessas relações – professores e alunos –, guiados por um currículo que uniformizava as ações educativas. Esta compreensão

de mediação foi tecida com as postulações sobre mediação de Marx (1978), Vygotsky (1989a; 1989b), Masetto (1998; 2000) e Moraes (2003). Delineamos, assim, um processo no qual é preciso perceber as categorias a ele inerentes, quais sejam: conteúdos de ensino; saber relacional; recursos didáticos; e saber contextual. Tratamos, portanto, do processo de mediação por ele relatado e do lugar que ocupa na prática da escrita de si, seus conhecimentos médicos e as influências da prática de disciplina militar inserida nesta educação/formação. Informamos que a questão dos conhecimentos médicos está calcada na narrativa naviana e já foi tema de estudo de Pereira (2001) e de Villaça (2007).

As experiências educativas vividas e narradas por Pedro Nava fornecem visibilidade à educação, em moldes militares, praticada no Brasil no início do Século XX, cujas práticas perduram até hoje, início do Século XXI, embora tenham ocorrido várias mudanças nas últimas décadas. Com esses elementos nos foi possível discutir e argumentar sobre o processo educacional por ele vivido na chamada I República brasileira, a partir de uma base que consideramos fundamental: suas lembranças da infância, discutidas, tendo como fundamento autores que refletem sobre o que está em discussão na atualidade: afinal, só podemos analisar o passado pelo presente (esta é uma das lições de Nava).

Promovemos, dessa forma, um diálogo sobre criança e infância e entre as figurações e as configurações que plasmavam sobre o discurso e instituíam nas atividades pedagógicas das escolas nas quais estudou Pedro Nava, nas primeiras décadas da República brasileira, uma modelagem de caserna com postura autoritária, repositária do pensamento liberal, que ia da educação básica à superior. Ressaltamos que a educação formal³³ de Nava se deu basicamente em dois espaços sociais: Minas Gerais e Rio de Janeiro, nas três primeiras décadas do Século XX, centros considerados avançados do país.

Assim, imbuídos pelo entendimento de que a memória subsidia o exercício da história e que os sujeitos ao escreverem sobre si interligam saberes sociais e culturais, e que estes influenciam a construção subjetiva dos sujeitos contra o desperdício das experiências conforme Santos (2006), elaboramos o presente capítulo.

³³ AGUIAR, Joaquim Alves de. (1998) em “Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava” faz uma retrospectiva minuciosa dos espaços de formação escolar do Narrador.

3.1 A CRIANÇA E A INFÂNCIA NA ESCRITA DE PEDRO NAVA

“Só quero reencontrar o menino que fui [...]”
Pedro Nava

Esse desejo expresso de Pedro Nava, nas Memórias, confirma o que diz muitos estudiosos de escritos autobiográficos, quando enfatizam que criança e infância são sempre aportes de lembranças no processo de reconstituição autobiográfica e memorialista. Comumente os sujeitos/autores, narradores de si, registram como se percebem quando criança e como revivem a infância em seus escritos: o que lembram; como lembram; o que pensam sobre as marcas positivas e negativas ocorridas na infância. De certa maneira, isto torna possível ao leitor compreender o Narrador/escritor, observando como ele se constituiu subjetivamente em seu processo existencial. Poderíamos dizer apenas que isto é lugar-comum (como já analisaram vários de seus intérpretes) nesses escritos. Entretanto, traduzimos que nas Memórias deixa de sê-lo, pois o Narrador expõe sua visão de criança e de infância, demonstrando o lugar que ocupam ou que podem ocupar em escritos memoriais e imprime na escrita seus conhecimentos médicos sobre alguns aspectos do desenvolvimento da criança, em especial, em “Baú de ossos” (NAVA, 2002) e em “Balão cativo” (NAVA, 2000).

Criança e infância são dois conceitos em constante formação e historicamente têm se desenvolvido através de um processo social sobre o qual é possível dizer que comporta rupturas e continuidades que são incorporadas pela cultura. Reconhecemos, de igual modo, que a escola como espaço de socialização dos sujeitos, além de assimilar esses conceitos em suas práticas, muitas vezes, tenta modelá-los de acordo com tais concepções, sejam elas compreendidas ou não no contexto social. Daí advém interpretações que refletem sobre a impossibilidade de educação em sentido integral no espaço escolar. (MANNONI, 1983).

Todavia, esse lugar não perde a função de espaço social formador e esse reconhecimento é feito pelo Narrador nas Memórias, numa perspectiva aproximada do que diz, hoje, Cyrulnik (2005, p. 54) “toda história da educação não passa, na verdade, da crônica das ideias que uma cultura produz para si, sobre a infância”.

Sendo assim, a criança, a infância, a escola e o processo educativo, ao serem lembrados em narrativas memoriais, consubstanciam a estreita relação existente entre a escola e o processo de formação dos sujeitos em espaços letrados, mas não deixam de trazer também nos relatos a relevância da educação intrafamiliar como parte da cultura. De certa maneira, os sujeitos recordam a criança que foram e a infância vivida, fazendo uma espécie de teorização da educação integral que receberam (em casa, na escola e nos demais espaços sociais) e aqui vemos que é isto que Nava fez.

Ao longo do processo civilizatório, verificamos que a percepção de criança e de infância vem se desenvolvendo incorporada à percepção de adulto em suas práticas de vida. Em alguns momentos históricos a criança era protegida pela comunidade, passa em outros momentos pela visão de criança como adulto em miniatura e de infância limitada (PONCE, 1981), até a compreensão de criança como sujeito de direito, com proteção estatal da infância nos dias atuais. Contudo, o ser criança sobre as vivências da infância ainda é pouco ouvido.

Por esta compreensão, os escritos autobiográficos, quando tratam desse período de desenvolvimento humano, transformam-se em fontes de pesquisa que permitem perceber a criança como ela experienciou a infância ou como o sujeito a sente quando adulto.

Nesse sentido, as Memórias dão voz ao ser que, embora não seja mais criança, o foi um dia e sobre tal ser reflete, na velhice; que não mais vivendo a sua infância, enquanto escrevia a revive através de suas lembranças para representá-la na narrativa, em sua escrita de si.

Nessa perspectiva, compreender como Nava significa e dá sentido ao ser criança e à infância em suas narrativas são possibilidades reflexivas que permitem discussões sobre criança e infância com sentido concreto, histórico e cultural, no contexto brasileiro. E, mais, permite ao mesmo tempo conhecer como a criança e a infância eram compreendidas no contexto social brasileiro, por ele experienciado, se entendermos tais relatos como testemunho de uma experiência tendo em vista que para dar sentido à sua escrita, em dadas situações, o Narrador usa a imaginação e seus conhecimentos para conduzir “seu trabalho de exteriorização e distância”, usando as palavras de Sarlo (2007, p. 54), quando discute a dimensão subjetiva das narrativas autobiográficas.

Por essa razão, a intencionalidade discursiva expressa nos fez ver a criança lembrada e a infância vivida através de leituras que nos envolveram em diálogos reflexivos, no sentido de buscar o significado do ser criança e de infância nas Memórias, visando ao entendimento do pensamento do Narrador inserido no processo de seu desenvolvimento como sujeito humano vinculado socioculturalmente à sociedade brasileira.

Pedro Nava fez a maioria dos registros sobre sua infância no livro “Baú de ossos” (NAVA, 2002) e em “Balão cativo” (NAVA, 2000). Nestes, o escritor, em sua narrativa/descritiva autobiográfica, faz uma espécie de arqueologia familiar e também de pessoas e lugares que, em uma forma de ascendência literária por ele criada, também lhes pertenciam. Sobre tal apropriação indevida, procuramos em defesa do autor vê-lo como um Narrador ao estilo benjaminiano; aquele que registra as pessoas com as quais conviveu, os ambientes públicos e privados onde viveu da forma mais detalhada possível. Isto ajuda na localização de seus ouvintes/leitores em relação ao espaço e às pessoas narradas, visualizando de forma imagética os acontecimentos e fatos que testemunham a existência, reveladora de si e de outros em seu presente, para outros presentes, como propõe Halbwachs (2004).

Em seu baú cativo, o Narrador registra a infância como um momento de sua vida no qual incorporou valores familiares e, sociais e fundamentalmente, o gosto pela leitura, sem esquecer os traumas vivenciados no espaço familiar, dentre os quais a morte do pai e o preconceito racial, demonstrado por sua avó materna, contra as negras que trabalhavam em sua casa. Estes vão marcá-lo indelevelmente por toda a vida. Ocorre-nos perceber nesta narrativa a demonstração de como o sujeito incorporou as experiências infantis e a cultura na qual estava inserido.

Nestes registros abrem-se perspectivas para a compreensão da importância das relações familiares para a formação dos sujeitos, para sua constituição enquanto sujeito subjetivo, em sentido psicanalítico freudiano, diríamos na construção do seu eu social, desde a infância. Fluiria dessas relações a relevância do passado dos sujeitos que pode ser redimido pela memória operada no presente, propositiva já discutida por Benjamim (1994) em estudos de cunho literário, e por Cyrulnik (2005; 2009) ao tratar de pessoas traumatizadas.

O autor conforma uma configuração da criança e da infância real e concreta que ele viveu, através de um desenho mental, escrito com o artefato da memória

(voluntária e involuntária), no qual faz circular suas ideias como sujeito escritor/autor e narrador de si. A polidez da escrita não consegue esconder os momentos de amargura ao tratar do seu período de vida infantil, mesmo amalgamando-os em seus conhecimentos médicos presentes em sua narrativa.

Dessa constatação foi possível pensar que Nava, ao fazer essa reconstituição, trouxe também para o debate elementos capazes de possibilitar reflexões sobre a cultura brasileira, no tocante à visão de criança e infância, ao contar os modos como ele menino/criança era tratado na família e na escola.

Então, é interessante lermos um pequeno trecho do que o memorialista lembra de si quando criança e que permaneceu indelével até o momento da vida em que escrevia as Memórias.

Desde menino, quando, de tanto ouvir falar em Ceará e Maranhão, eu enchia cadernos e cadernos do desenho de navios inverossímeis, onde havia um exagero de âncoras pendentes, gáveas em cada metro de mastro, mastros sem conta e as chaminés deitando uma fumaceira de erupção vulcânica. Nenhum barco da minha frota tinha menos de seis dessas chaminés e, além delas, velas, rodas e hélices para os grandes mares e os grandes ventos. É sempre na mezena mais alta de um deles que levanto minha flâmula e orço para o setentrião – quando certos sons, certas sílabas e certos nomes mágicos abrem em mim os caminhos do oceano. (NAVA, 2002, p.13-14).

É válido ainda pensar que o “menino” que ele foi um dia, em sua memória ressurgiu como uma criança que gosta de desenhar, e como diz na epígrafe, ele quer apenas reencontrá-lo. E, que ao não poder realizar concretamente esse encontro, ameniza seu conflito interior através da imaginação, desenhando navios que imaginariamente o levaria aos espaços brasileiros que o fazem lembrar das pessoas e lugares da sua infância. É na imagem mental dos barcos que ele desenhava que se transporta e navega no oceano da memória quando algo o faz recordar de seu próprio passado, quando menino, na escrita de um velho.

Ressaltamos que para o Narrador “as crianças (antes de desenvolverem a memória associativa) reúnem o material para a construção do fantasma favorável, da sombra propícia” (NAVA, 2002, p.18). É assim que elas vão recordar e construir sentimentos em relação aos sujeitos que povoam as lembranças, tornando as pessoas inesquecíveis por sua bondade, afetividade e doçura as quais ficam

impregnadas na memória, pulsando como artefatos de resiliência, entendida como a “arte de navegar nas tormentas.” (CYRULNIK, 2004, p. 207). Sendo assim, também, com os lugares, espaços desenhados de lembranças que compõem a infância e o imaginário das crianças. Talvez essa percepção tenha sido possível por ter o Narrador formação médica; isto vai corroborar as perspectivas iniciais que enfocam o itinerário social perpassando pela formação profissional como indissociável da escrita sobre si, que traz a vida do sujeito na constituição de sua subjetividade, de seu pensamento, enfim, na construção de sua racionalidade.

Noutro trecho, o autor, ao falar de alguns parentes com os quais conviveu na infância, apresenta algumas características de temperamento deles, informando que “também os distinguam: a invariável boa educação, a cortesia exemplar e a bondade imensa, infantil, absurda – tocando as raias da ingenuidade.” (NAVA, 2002, p. 41). Deixa assim, transparecer que para ele a infância tem um significado que comporta dimensões que envolvem além de bondade, ingenuidade. Seriam esses alguns dos sentidos que plasmam sobre o conceito de infância em nossa cultura? Fica aqui apenas o registro; não temos o objetivo de responder à questão. Contudo, essa preocupação nos reconduz à ideia de situar a infância em contextos reais, embora, reconheçamos que tal conceituação apresenta sempre semelhanças e diferenças que são complementares entre si, mesmo que se parta de perspectivas distintas para se pensar a infância situada na história social, e, na história da vida dos sujeitos em seus tempos e momentos vivenciados, com suas marcas positivas e negativas.

Em meio às lembranças do Narrador surge aquela de violência sofrida na infância, sobre o que o memorialista desabafa:

Eu tinha meus quatro para cinco anos. Tanto quanto olho meus retratos da época, era um menino de ar simpático e tímido que só podia inspirar interesse e carinho. Aquelas surras silenciosas e rápidas eram um mistério para mim. São um mistério até hoje. (NAVA, 2002, p. 237).

Observamos que estas são marcas negativas que ficaram impregnadas no sujeito que se lembra do passado como uma tatuagem representativa de algo que ele já adulto não conseguia desvendar para compreender. Mas, como um

palimpsesto, ela continua em sua memória e ascende em suas lembranças como algo sem explicação até mesmo para o velho que ele se tornou e que recorre à memória para recompor sua história em sua escrita de si.

Ressurgem em muitos momentos, da narrativa, coisas agradáveis e desagradáveis, de serem memoradas tendo em vista que “o sofrimento é provavelmente o mesmo em todo ser humano traumatizado, mas a expressão de seu tormento, o remanejamento emocional do que o destruiu depende dos tutores de resiliência que a cultura dispõe em torno do ferido,” como analisa Cyrulnik (2009, p. 6). No caso de Nava, “a obrigação do silêncio” parece ter impedido que ocorresse resiliência e o acontecimento continuou encoberto pela sombra do não falado até a escrita das Memórias.

De acordo com o que narra, as tais surras eram impingidas por uma pessoa adulta, sua parenta, sobre uma criança indefesa que, pela faixa etária, pouco distinguia de certo e de errado na vida cotidiana, muito menos podia entender por que uma criança é espancada e que a vida real é cheia de conflitos, muitos ainda inexplicáveis, segundo Winnicott (1982).

Anuímos que a criança que ele foi não é percebida de uma forma unilateral pelo sujeito da escrita que ora lembra que usava a imaginação para resolver seus conflitos e ora não encontra a resolução e ainda encara, como sofrimento, a violência sofrida como algo inesquecível, marca dolorosa, não resolvida. Mostra, dessa maneira, que está tratando da vida humana, complexa e de difícil apreensão, visto que seus variados elementos e aspectos são determinantes para a constituição objetiva e subjetiva de seus períodos e, até mesmo, para que o sujeito que escreve sobre si construa sua narração, revivendo e sofrendo as marcas negativas derivadas desse seu tempo infantil. Ratificamos nossa compreensão sobre a questão com o que afirma Cyrulnik (2009): “numa criança ferida, a fúria de compreender leva a uma intelectualização que produz o efeito de uma defesa construtiva” (CYRULNIK, 2009, p. 70), quiçá tenha ocorrido com Nava.

Dentre os aspectos levantados pelo Narrador destacam-se aqueles vinculados à cultura, aos costumes, às regras sociais, conformadas no Brasil, nas quais se considera que o adulto tem autoridade sobre a criança e essa permite aos adultos a responsabilidade por sua socialização. Essa percepção, em certo sentido coaduna a concepção de criança e infância, admitida pelos gregos antigos, e que,

segundo Kohan (2003), ali “a infância era parte indissociável de algo que constituiu um problema fundamental para Platão que em seus **Diálogos** reconstitui tanto os traços fundamentais de tal problema quanto à solução conceitual [...]”. (KOHAN, 2003, p. 27, grifo do autor),

Essa infância mantinha, na Grécia antiga, uma conexão direta com o que era tido como qualidades da *polis*, portanto, parte de um contexto social, histórico, cultural que não foi compreendido ou respeitado nos primeiros séculos da civilização ocidental e que até os dias atuais, já no Século XXI, ainda não é totalmente entendida como um momento ímpar para o desenvolvimento social e humano. Imaginemos no período histórico da infância do Narrador das Memórias.

As narrativas de Pedro Nava expõem a criança que permaneceu em sua memória. Ele dá conta disto contando fatos, vivências e experiências que deixaram marcas significativas, traumas e violências sofridas, mostrando a criança que ele foi, viveu e como sente sua infância na idade adulta, na velhice. Traz, assim, elementos representativos da sua história e da educação recebida no momento em que os acontecimentos e eventos ligados à sua formação educativa e social são revividos e também avaliados. Denota, em suas avaliações de si, as maneiras diversas de perceber o seu ser criança e o seu modo de vida, suas relações com as empregadas da casa da avó materna, que, segundo ele, marcaram positivamente sua infância, apesar da relação pouco afetiva de sua avó com elas.

Desse modo, ele vai retratando um contexto social de desigualdades frente aos processos existenciais e de condução da vida humana em seus momentos históricos, sociais e culturais, e especialmente destaca aqueles que ocorriam no espaço intrafamiliar.

Relembra das escolas nas quais aprendeu as primeiras letras, das lições de caligrafia, dos castigos recebidos, dos professores, das alegrias e dos sofrimentos que deixaram para o resto de sua vida, para a soma de seus dias, usando palavras da escritora chilena Isabel Allende (2008), fragmentos de momentos dolorosos permeados pela morte de pessoas de sua família. Mas, também, há as lembranças cuja suavidade permitiu que ele conseguisse o equilíbrio necessário ao seu desenvolvimento como sujeito humano com capacidades intelectivas múltiplas. Capaz de desestabilizar o cânone literário brasileiro no que tange à compreensão de trabalhos autobiográficos como arte literária de segunda categoria (SOUZA, 2004),

pois era assim classificada até a publicação de “Baú de ossos”, (NAVA, 2002), em primeira edição em 1972. Fornece assim esta narrativa um “sensível retrato do Brasil,” como poetizou Carlos Drummond de Andrade (ANDRADE, 2000, p. 17). Dá, assim, à autobiografia um lugar de destaque na literatura brasileira.

Podemos, por essa conexão, pensar ratificando propositivas de Bosi (2003), ao estudar memórias de velhos, e afirmar que as lembranças registradas nas Memórias corroboram a compreensão em torno da consciência e da existência do ser histórico e social, situado e construído culturalmente, no processo da vida, formado em um grupo social que faz com que tais lembranças permaneçam vivas, localizadas espacial e temporalmente e povoem a velhice. Para Bosi, “o único modo concreto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (BOSI, 2003, p. 68).

Reiteramos que tais achados na literatura memorialista podem contribuir para a re/elaboração constante do conceito de criança e de infância com sentido e significado para a história e a memória cultural da sociedade na qual viveu o autor, e na qual vivemos, contra o “desperdício das experiências,” na configuração delineada por Santos (2001). Neste estudo, pela apreensão de novos discursos sobre a criança como ser social, situado histórica e culturalmente como concebe Vygotsky (1989a).

Demanda nos vestígios das Memórias, percebermos que há necessidade de reflexão sobre o tema, pois, ao longo do processo civilizatório, a dinâmica da infância foi se modificando e, por muitos séculos, não foi possível se falar sobre a infância a partir da criança, sujeito sem voz, historicamente silenciado pelos adultos. Ainda, nos dias atuais apesar de todas as leis e decretos que asseguram os direitos fundamentais a essa faixa etária, muitas vezes, não são respeitados.

Segundo Áries (1978), em seus estudos sobre os Séculos XVI, XVII e XVIII, a abordagem da infância naquelas mentalidades da vida privada, à época, não privilegiavam um sentimento ou consciência de “infância”. Referiam-se à infância, apenas como um período relativamente curto e frágil da vida no qual o ser humano não podia por si só atender às suas necessidades básicas, necessitando, assim, da intervenção, colaboração e auxílio de um adulto o que muitas vezes não acontecia.

Essa visão permaneceu por vários séculos, mas, conforme Áries, no final do Século XVII, a criança começa a ganhar um espaço social menos desvalorizado.

Para Badinter (1985), a criança só vai despertar o interesse e a atenção dos intelectuais no Século XVIII, quando começam a observá-la, calcados na ideologia do amor e da compaixão, racional e utilitária do capitalismo econômico. Assim, a criança por não ser vista como um sujeito de direito e por não ter desenvolvidas determinadas capacidades mentais e físicas foi por muito tempo, relegada à sua própria sorte, não era ouvida e nem sentida como um ser em processo de desenvolvimento, em formação humana e social, tendo em vista que não contribuía direta e formalmente para a produção de sua própria existência nas sociedades capitalistas até o advento da indústria, quando começa a ser explorado o trabalho infantil.

No sentido de ouvir a criança para compreendê-la, o memorialista pondera que “é impossível dar uma impressão cronológica” (NAVA, 2002, p. 222) às lembranças da fase da infância que vão do nascimento aos três primeiros anos de vida, aproximadamente, pois elas surgem como se fossem incongruências e o passado remoto é muitas vezes jogado ao esquecimento. Sendo assim, para ele “só de uma ou outra coisa ocorrida com gente grande e de que ficou memória em velhos documentos, em cartas onde a tinta não se apaga” (NAVA, 2002, p. 222), é possível retornar para transformá-los em vestígios desse período da infância, como ele o fez.

Aduz, dessa maneira, como é difícil para o adulto se rever quando criança muito pequena e rememorar sua infância, pois as lembranças podem vir à memória com imagens de um espaço-tempo temperadas com o que havia de beleza e leveza, e, contraditoriamente, de feiúra e dureza, mescladas em sombras que as embotam, impedindo-as de chegar à luz sem a ajuda de materiais que funcionalmente são registros indiciários concretos do vivido, do passado ainda sentido.

O Narrador, nas lembranças da casa da avó materna traz Rosa, uma descendente de escravos que tinha uma memória fenomenal e era exímia contadora de histórias. Traduz, assim, que ouvir histórias é relevante nesse período de desenvolvimento infantil, como exemplo pondera.

Mas o melhor é que a Rosa, além de ser um canhenho vivo, sabia, ouvidas não sei onde nem de quem, todas as histórias de Andersen, Perrault e dos irmãos Grimm. Devo a ela as da Sereia Menina, do rouxinol, do Patinho Feio e dos Cisnes Bravos... Do Gato de Botas, do Barba Azul e do chapeuzinho Vermelho... Da Borralheira, do Pequeno Polegar e da Branca de Neve... Todas as noites, na hora de deitar... Rosa! Agora a Pele de Burro. Agora a Bela e a Fera. E vinham as histórias. (NAVA, 2002, p. 228).

São muitas as histórias infantis e as cantigas que povoam as Memórias de Nava, incluindo a oração que aprendeu com Rosa, repetida sempre antes de deitar: “Com Deus me deito, Com Deus me levanto. Na graça de Deus e do Espírito Santo,” (NAVA, 2002, p. 248), ensinada por Rosa e que faz parte do imaginário e da prática religiosa dos brasileiros.

Ao trazer as contribuições de Rosa para sua formação, o Narrador faz o reconhecimento das contribuições da cultura africana para a formação da sociedade e da educação dos brasileiros. Incluímos por essa razão, nas discussões sobre a infância revivida do Narrador, o processo educativo que evoca o aprender a escutar o outro como um dever de memória, que analisado, tendo como parâmetro os estudos de Sarlo, podemos afirmar que “[...] induz uma relação afetiva, moral com o passado [...]” (SARLO, 2007, p. 23).

Os passeios com um dos tios, com seu pai e as impressões de leituras deixadas por eles e por quase toda a família vão demarcar a vida deste sujeito, como leitor e escritor. Sobre esta questão oferece informações que denotam o papel do adulto no gosto pela leitura das crianças.

Ali me desabrochou amor que nunca me deixou. O amor dos livros, o amor à leitura. Eu tinha diante dos olhos o exemplo de meu Pai, de suas irmãs, de seus cunhados, permanentemente atacadados num volume da coisa impressa. Não possuía noção de leitura e já minhas tias mandavam para Juiz de Fora revista infantil que eu folheava e cortava. (NAVA, 2002, p. 353).

Nava nasceu em uma família amante das letras, portanto, com o que Bourdieu (1998) denomina de capital cultural, que é repassado para os membros da família como se fossem herdeiros. Este capital é mobilizado pelas famílias e deve ser preservado, incutido nas mentes do clã como coisa de valor transgeracional. E,

mesmo que não ocorra intencionalidade nas ações, estas são percebidas pelos herdeiros que lhes dão continuidade, como compromisso familiar de reprodução deste capital cultural, interpretação já feita por Vale (2009) e Aguiar (1998) em seus estudos sobre as Memórias do Narrador.

As escolas em que estudou, ainda criança, são lembradas como espaços nos quais o memorialista pode exercer-se como um aprendiz das letras, expandindo sua infância. Delas permanecem lembranças alegres e tristes, mas, para ele, se tornaram experiências privilegiadas na medida em que as descreve reavaliando cada momento lembrado pelas influências recebidas de professores e familiares, constituintes de sua formação como um sujeito detentor de vários saberes.

Nas lembranças da infância de Nava observamos que a criança se mescla com o adulto – portador da memória – para compor ou recompor suas experiências, particularmente as que tratam das aprendizagens da escrita, caligrafia e leitura consideradas relevantes para sua formação posterior: como médico, cientista, historiador, poeta, escritor e artista plástico. Nessas lembranças ressurgem um caderno presente de um tio, que o fará rememorar alguns anos depois de seus primeiros desenhos infantis, sobre o qual fala:

Abro o velho caderno e pela sua capa rasgada entro na minha infância, como Alice entrava, pelo espelho, na poesia do seu país de maravilhas. Nele desenhei canhestramente aquela primeira paisagem – um morro escarpado como o Corcovado com duas palmeiras que se cruzam, uma cerca que impede e a pesada, a negra estrada se perdendo além. (NAVA, 2002, p. 241).

Há neste trecho uma rendição do passado ao presente pela evidência do enunciado “uma cerca que impede e a pesada, a negra estrada se perdendo além”; em perspectiva, tal afirmação denota sofrimento, incidindo também sobre esta a longevidade do Narrador que já vê se perder no tempo muitas de suas lembranças da infância. Ao mesmo tempo, remete a uma ilustração feita pelo Narrador para o livro de Amaro (2004).

Ressurgem também as lembranças que aterrorizam as crianças e que são utilizadas pelos adultos como forma de modelagem às regras sociais e costumes por eles considerados como “bons” para as crianças. Os medos infantis são fortemente

associados a tais “práticas educativas”; a Nava, estas também foram impostas e delas ele lembra assim:

Faziam-me medo com a ominosa aparição. Coma direito, menino! Senão o **Babaquara pegocê** de noite. Esse menino não para de falar, gente! Parece relógio-de-repetição. Cala a boca, Pedro, senão o **Babaquara...** Havia sombras, lêmures, avantesmas e larvas no arsenal familiar e que eram mobilizados contra minhas infrações. Deles me ficou a sensibilidade à presença dos Demônios, a vidência intermitente dos mortos, a rudimentar e obscura profética, a “poesia em pânico, o terror das noites de insônia (em que regrido à infância desamparada!) e certa inquietação cósmica que pode bem ser caminho para Deus Nosso Senhor. (NAVA, 2002, p. 347, grifos do autor).

É relevante observarmos que o memorialista reverbera que essas práticas foram dolorosas para a criança e aterrorizantes para o adulto que ele se tornou, pois, diante das ameaças, criava inúmeras imagens pavorosas para a/o Babaquara – “fazia-o horrendo” “e na hora de dormir, subia as escadas correndo, olhos fechados para não vê-la – cantando, que canto o medo espanca”. (NAVA, 2002, p. 248).

Desse trecho concluímos que nem mesmo o gênero sexual do objeto do medo é bem definido pelo escritor, pois transita do feminino para o masculino, como coisa assexuada. Sendo assim, talvez se possa entender que essa é uma das muitas experiências consideradas como não propositivas, amargas, lembradas pelo escritor, tendo em vista que, o monstro reaparece na insônia da idade adulta como re/aparecia em seus pesadelos febris na infância. Esta pode ser uma das contribuições indicativas de Nava para estudos sobre a educação infantil através do medo e suas consequências para a formação e o comportamento dos sujeitos, tema pouco discutido fora dos limites da pedagogia, psicologia e da antropologia, mas que compõe a narrativa brasileira naviana.

A percepção do Narrador sobre as consequências nefastas do medo, no processo de formação subjetiva dos sujeitos, é corroborada por Vigotski (2003).
Leiamos:

As análises psicológicas dos temores infantis produzem uma impressão totalmente trágica: as crianças sempre testemunham e relatam esses inexprimíveis germes de terror que os adultos semeiam na alma infantil com seus relatos. [...] A utilidade educativa do “bicho-papão” no âmbito doméstico sempre se esgota na vantagem imediata da intimidação, mediante a qual pode-se conseguir que a criança renuncie a uma travessura momentânea ou obedeça a uma determinada ordem. O dano que isso provoca pode se expressar em formas de comportamento humilhantes para o ser humano que ela será décadas mais tarde. (VIGOTSKI, 2003, p. 240).

Contudo, para o Narrador, há outras lembranças da infância que parecem ser bem mais marcantes, pois se vinculam ao seu mundo profissional e estão diretamente ligadas ao sofrimento do pai; um médico que padecia de asma e que morreu quando o autor era ainda criança. Nesse trecho da narrativa implica pensarmos sobre a orfandade e o desamparo sentido por ele na infância e narrados como marcas dolorosas que a criança viveu e o adulto não conseguiu esquecer.

Uma das fortes impressões guardadas da minha infância era a de quando eu acordava e ficava calado, de minha cama, assistindo a meu Pai em luta com sua asma. Ele se punha sentado na beira do leito, braços fortemente esticados para poder levantar os ombros, coberto de suor, olhos arregalados, boca aberta, querendo beber um ar que não entrava. (NAVA, 2002, p. 261).

Existem várias passagens nas Memórias que poderiam ter sido citadas, pois se depreende delas que a infância do memorialista foi bem retratada em sua escrita tanto nos espaços sociais, como com as pessoas com as quais conviveu e que influenciaram sua formação, dentre estas se destaca o tio Salles a quem Nava se dedica em boa parte das páginas do “Balão cativo”, tornando-se seu biógrafo. Pelo que é narrado sobre este, podemos interpretar que o tio Salles foi, se analisarmos pelas teorias de Cyrulnik (2004, 2009) um tutor de resiliência para Nava.

A infância lembrada traz ainda aspectos ligados ao vestuário, aos tipos de leitura, às doenças que o acometiam, à alimentação, às brincadeiras infantis em casa e na rua, dentre outros. Carrega, assim, um verdadeiro retrato da infância brasileira como uma narrativa cultural do início do Século XX. Ele explora os espaços de sua infância e os descreve carregados de sentimentos, como se fossem

marcadores de sua vida, que afloram como que para reanimar sua escrita na velhice. Infelizmente, não é possível explorá-los totalmente. Todavia, suas reflexões nos movem a cogitar as possibilidades de novas pesquisas sobre como a criança e a infância são percebidas em escritas autobiográficas como sedimentos para estudos nas Ciências Humanas e Sociais.

Trata-se, portanto, de uma tentativa para deixar fluir o debate sobre a problemática que envolve a escuta da criança e a percepção desse ser pelo adulto, bem como o respeito à infância como um período singular para a formação de sujeitos humanos/sociais. Talvez, tenha sido esta a intenção de Nava (não sabemos), mas a admitimos como uma das lições de um velho mestre da medicina sobre o processo de formação dos humanos e a relevância desse momento para a vida humana.

Assim, passamos a entender que, tendo como suporte empírico a literatura – memorialística e autobiográfica – é possível refletir sobre a criança e a infância com sentido histórico e cultural no espaço-tempo do contexto brasileiro. Ressaltamos que o sujeito/autor construiu suas narrativas e re/elaborou percepções e visões de mundo para além do espaço educativo informal e formal infantil: falando/revivendo o contexto social da infância vivida. Lembrou e narrou a criança que foi reconstruindo em vestígios o seu próprio mundo infantil e, sobre ambos, fez suas avaliações em uma espécie de teorização das experiências infantis vividas, testemunhando, através dos resquícios memoriais, a realidade experienciada.

Consideramos ainda que essas narrativas expõem o Narrador do presente pela criança que permaneceu em sua memória auxiliada pelas experiências vivenciadas *a posteriori*, sem esquecermos do que conseguiu recolher durante quase toda a sua vida como testemunha dos fatos, das vivências que deixaram marcas significativas, indelévels, desnudando seu ser criança que viveu e sentiu a infância e o que nele permaneceu. Sarlo corrobora esta assertiva quando pondera: “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito.” (SARLO, 2005, p. 39).

As Memórias trazem, assim, elementos representativos da história de uma vida aliada a outras vidas e, nesta, a educação recebida pelo Narrador no momento em que os acontecimentos e eventos ligados à sua formação educativa e social são

revividos e também avaliados; são reelaborados como construtos autobiográficos, como afirmação deste sujeito que ora traduzimos.

Em alguns momentos, ele afirma que parece curar-se no exercício da escrita, tornando-se sujeito ao fornecer um sentido para seu próprio viver, se analisarmos suas narrativas na perspectiva de Sarlo (2005). Denota, como já enfatizamos em suas avaliações do período infantil, as maneiras diversas de perceber-se como criança, menino, em seu modo de vida, suas relações com as empregadas da casa da avó materna, as quais, diz, marcaram positivamente sua infância, embora considere como negativa a relação pouco afetiva e austera de sua avó com elas e com ele. Desse modo, vai retratando um contexto social de desigualdades frente aos processos existenciais em seus momentos históricos, sociais e culturais e, especialmente, destaca aqueles do ambiente intrafamiliar ou doméstico.

A violência dos adultos contra as crianças nessas Memórias é registrada como se o autor quisesse fazer uma denúncia, que é considerada por nós como relevante para famílias e educadores, pois a violência seja escolar ou familiar é marca negativa para a criança, se a entendermos como teorizam Cyrulnik (2004, 2009) e Vigotski (1989ab), já referenciados. O Narrador demonstra o que sofreu e como os atos violentos permaneceram por toda a sua vida, como um ponto dissonante em sua socialização, como vimos registrado nas Memórias. Nestas, anuímos com o que teoriza Cyrulnik, pois o Narrador impõe “uma lógica às lembranças, a memória traumática organiza a representação do passado.” E, “o ferido para tornar coerente a incoerência que sofreu, remaneja as peças do quebra-cabeças de sua memória [...]” (CYRULNIK, 2009, p. 147). Atitude já analisada por Arrigucci Jr. (1987), quando afirma que as Memórias embora pareçam um *puzzle* de difícil decifração, a escrita naviana lhe dá uma forma concreta.

Assim, para quem “a vida é um romance sem enredo” (NAVA, 2004c p.3)³⁴, o Narrador cria um roteiro para as Memórias da infância as cartografando com as marcas indelévels do que foi significativo, tanto negativa, quanto positivamente e que, de certa maneira, continuaram a existir em sua memória, retornáveis em forma de lembranças.

³⁴ Trata-se da epígrafe da primeira parte do livro “O círio Perfeito: memórias 6”, (NAVA, 2004c), delegada ao seu *alter ego* José Egon Barros da Cunha.

3.2 AS INFLUÊNCIAS DA PRÁTICA DE DISCIPLINAMENTO MILITAR NA EDUCAÇÃO DE PEDRO NAVA

A educação é um tema relevante para a vida social e para a política de qualquer país. É um fenômeno implicado nas questões do desenvolvimento histórico, cultural, social e econômico dos Estados contemporâneos, e no Brasil não é diferente. As reflexões de Pedro Nava sobre educação nas Memórias caminham nessa direção, haja vista que ele demonstrava profunda esperança na educação como fenômeno relevante para a humanização do homem em seus aspectos éticos, estéticos e morais e para o desenvolvimento científico e social.

Assim, partimos dessa visão de educação e de sua relevância para as relações sociais, para discutir a educação brasileira nas três primeiras décadas do Século XX, tendo como referentes notações privilegiadas em suas narrativas. Observamos, particularmente, as interpenetrações de um pensamento e de uma prática de disciplina militar, no processo educativo brasileiro formal, envolvidas nos princípios liberais que fundamentaram os discursos dos republicanos brasileiros.

As práticas de disciplinamentos militares inseridas na educação brasileira datam de antes da República, mas são pouco estudadas, pois em nosso contexto são vistas comumente, como práticas de socialização favoráveis à educação, daí a quase invisibilidade de tais práticas em escolas não militares. Mas, estas se encontram presentes de forma regimental na história dos colégios militares e não militares fundados no Brasil Império e na República. Então, parafraseando Santos (2006) podemos asseverar que os benefícios e os malefícios destas práticas só poderão ser visibilizados nas memórias de brasileiros que tiveram o privilégio de frequentar escolas formais no País, no Século XX, como no caso das Memórias de Nava.

A educação formal no Brasil, à época, era um privilégio porque, nas décadas iniciais da República brasileira, os pobres no país quase não frequentavam escolas, conforme Saviani (2007) e, quando as frequentavam muitas vezes era na condição de bolsistas internos, ou pagando à custa de muitos sacrifícios, como Nava.

Em “Balão cativo” (NAVA, 2000) o Narrador desabafa falando de sua situação no internato do Colégio Pedro II:

Eu ligara erradamente ideias de culpa e dívida a essa instrução não remunerada pela minha família e que eu tinha a impressão de estar roubando, pior, filando. Eu não sabia ainda, como professo hoje, que a instrução é direito igualzinho à liberdade. Para merecê-las, basta nascer. Aquela, além de gratuita, deve vir com bolsa, ordenado ou o nome que tenha, fornecidos pelo nosso prezado Estado – tão necessitado de sabedores quanto de soldados para defendê-lo. (NAVA, 2000, p. 310).

Nessa linha reflexiva, Pedro Nava não difere de Paulo Freire (1987) ao conceber a educação como prática de liberdade, direito social fundamental e inalienável.

Os colégios brasileiros mais renomados nos primeiros anos da República têm origens religiosas e militares e ainda nas primeiras décadas do Século XX, segundo Horta, havia no Brasil uma grande discussão em torno da questão das Forças Armadas como “educadoras do povo” (HORTA, 1914, p. 7), encampada por personagens como Olavo Bilac,³⁵ e contradita por Alberto Torres³⁶ que não acreditava nesta forma de educar o povo.

É interessante observar, a partir dos estudos de Germano (1995), que as Forças Armadas do Brasil têm interferido na vida política do país desde o Século XIX, quando adquiriram significado real para a nação brasileira por sua atuação na Guerra do Paraguai (1865-1870); aderiram ao movimento da Abolição da Escravatura em 1888, à proclamação da República em 1889, e contribuíram para o fim da denominada República Oligárquica em 1930; e em 1937. Ainda se inseriram na implantação da Ditadura Vargas. Para este autor, essa foi a forma como foram orquestrando e concedendo apoio à deposição de Vargas em 1945. Recentemente, as Forças Armadas também foram decisivas para o sucesso do golpe civil/militar de 1964. É importante lembrar, ainda de acordo com Germano, que, ao longo do tempo, a intervenção das Forças Armadas, particularmente do Exército, na vida política brasileira mudou em termos qualitativos, passando de reformista para reacionária e autoritária.

Por essa conectividade, na vida social e política brasileira (antes e durante a I República), coexistiu uma relação entre a vida civil e a militar, mesclada pela religiosa, no tocante à participação nas esferas de poder do País, inclusive, nos

³⁵ Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) foi jornalista e poeta brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

³⁶ Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917) foi político, jornalista e bacharel em direito. É considerado um dos intérpretes do Brasil de sua época.

espaços educativos formais, legitimada pelo Estado brasileiro republicano. Essa relação é registrada por Nava, discorrendo sobre estes espaços formais de educação difusores de um ideário pedagógico positivista que, em certo sentido, agregava e respaldava os ideais republicanos liberais. Esta relação civil/militar estava presente na prática pedagógica do Colégio Militar e também do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro onde estudou o Narrador das Memórias, no período em que se tornava mais exacerbada a questão militar como modelo educativo (1915-1924), que se fazia notar na “farda verde com botões dourados”. (NAVA, 2000, p. 294).

A farda verde na cor da do Exército Brasileiro não deixa dúvidas quanto ao ideário disciplinar militar introjetado pela visão e permeado pelo discurso desta escola brasileira. Engendrava por estas vias um imaginário educativo de conotação cívica discutido por Horta (1994), admirado por muitos, mas criticado por Pedro Nava.

A história brasileira também registra que, no final do Século XIX, o lema positivista, incorporado à Bandeira Brasileira, impregnou o ideal republicano de 1889 e o discurso político dos militares e dos seus aliados civis, moldando a leitura de tais palavras como símbolo da Pátria e das escolas, (GERMANO, 1995). Assim, ideias pedagógicas foram impulsionadas pelo discurso de participação política através da educação direcionada pelo Estado aos caminhos da ordem e do progresso,

Observamos que em todo o percurso da I República, a perspectiva de construir um Brasil forte e poderoso rondou as mentes e as ações dos militares, encantou a elite e seduziu intelectuais. (GERMANO, 2009a).

Nesse afã, a busca do progresso pressupunha a existência da ordem como modelo para a modernidade almejada para o país. A educação era a via sonhada para realizá-la, mas talvez desconhecêssemos que desde a “Didática Magna” (s.d.) de Comênio, a ordem é o sonho não realizado dos pedagogos, com seus métodos e técnicas para modernizar o processo educativo; torná-lo mais eficiente, rápido e produtivo, como se o humano pudesse ser moldado em todas as dimensões.

Reconhecemos, todavia, que embora esse discurso tenha sofrido os ajustes impostos pelas diferentes conjunturas históricas, a verdade é que o ideal de combater a subversão e a desordem, como corolário indispensável ao progresso, segundo Germano (2008) subsistiu em todo o período da I República. E, mesmo

depois: 1937 e 1964 são consequências dessa forma de pensamento e ação política, pois é bom sempre lembrar que o discurso, ao ingressar no mundo social, tem consequências. Seduziu escolas e educadores que desejavam um país moderno, encantou as famílias ricas e abastadas que podiam pagar escolas para seus filhos, pois a educação pública apenas engatinhava e passava em quase todos os Estados por um processo reformador jamais visto até aquele momento, no qual Nava era educado.

Para Germano (2008ab), o discurso militar, que vinha sendo instituído no país, desencadeou toda uma rede de discursos, interações sociais e de intervenções empíricas no campo político. Para este autor, esse discurso ganhou mais força, a partir de 1937, quando cresceu, no meio militar e em setores dominantes da sociedade brasileira, a ideia de constituir um Estado autoritário de segurança nacional, para conduzir o desenvolvimento capitalista/industrial do país, o progresso. Isto denota que esse discurso vinha se plasmando durante toda a I República e, pelas notações de Nava, embasava a prática educativa e por meio dele o nacionalismo brasileiro chegava às escolas em sua forma moral e cívica, almejada por Bilac, segundo Horta (1994).

As intervenções das Forças Armadas, em particular do Exército, na política brasileira, ao longo do tempo, inseriram nas relações sociais no Brasil um *imaginário social instituinte*, uma *vis formandi* que foi se constituindo, não só sobre a sociedade brasileira, mas também sobre o Estado. Esse imaginário era necessário para desenvolver o país e para dar sustentáculo ao projeto de nação almejado pelos homens de farda, segundo Germano (2008a), abraçando o sentido dado por Castoriadis (2004) aos termos assinalados. Nava acompanha o desenrolar dessa *vis formandi* e faz em suas narrativas críticas pontuais a tais relações.

Os ideais republicanos traziam em seu cerne a ideia de “ordem e progresso” balizada pelo pensamento positivista que foi também alvo de críticas do Narrador como artista e como memorialista. Então, esse *imaginário social instituinte* diz respeito não somente à implantação da República Brasileira, mas, à constituição do Exército e à natureza das intervenções dos militares na vida política brasileira. (GERMANO, 1995). Nestes ideais, a educação com base na disciplina militar, das letras iniciais até a formação superior, ou para combinar com a visão da época, dos botões dourados à linha de tiro, como registrou Nava nas Memórias.

Traduzindo as leituras feitas por Germano (1995) em novas interpretações, vemos que os militares atuaram como partido político da classe média em direção à proclamação da República e a seguir continuaram a interferir nas decisões do Estado. Em sintonia, especialmente, com a burguesia paulista liderada por Olavo Bilac no que tange a questões educacionais, eles defendiam a proposta de uma educação militar para educar e civilizar o país. (HORTA, 1994). Há uma caricatura de um militar de autoria de Nava que ilustra sua visão crítica sobre essa questão.



Figura 3: **Caricatura militar feita por Pedro Nava (conservado por Nieta).** (PENIDO, 2003, p.103).

É relevante informar o sentido de Estado reformista no Brasil já nesse período, sobre o qual a literatura na área da educação é extensa, mas são poucos os autores que empreenderam análises vinculando a atuação militar como espelho para a prática educativa, ou o discurso militar como ideário educativo, bem como as reformas educacionais como caminho político estatal para o progresso. No entanto, são significativas as análises de Saviani (2007) que sinalizam para o predomínio da

tendência humanista tradicional na educação. Assim, fornece instrumentos que possibilitam a discussão de uma pedagogia baseada na autoridade do professor, fundamentada em uma escola eficiente, disciplinadora para formar as elites, tendo como guias contraditoriamente, as práticas militares, cívicas, morais e religiosas admiradas pelos que conduziam o destino do País.

Esta tendência é mostrada por Nava nos relatos sobre a dinâmica de sua formação escolar espalhadas nas Memórias e particularmente a do Colégio Pedro II que não descuidava do batalhão nem na hora de dormir: “formávamos, os de cada divisão do lado de fora da sua respectiva sala, todos de frente para o centro do prédio. Ouvia-se a voz fanhosa do Pires-Ventania [...] Esquerda volver! Ordinário marche!” (NAVA, 2001, p. 57).

As ideias pedagógicas republicanas no período de formação de Nava irmanavam-se ao positivismo e ao laicismo e “caracterizaram-se pelo debate das ideias liberais sobre cuja base se advogou a extensão universal, por meio do Estado, do processo de escolarização considerado o grande instrumento de participação política.” (SAVIANI, 2007, p. 177).

Saviani esclarece, ainda, que nos primeiros momentos republicanos ocorreram diversas reformas educacionais pontuais no Brasil, dentre as quais destaca: a Reforma Sampaio Dória, em São Paulo (1920); a cearense, encabeçada por Lourenço Filho, em 1922; a Lysimaco Ferreira da Costa e Prieto Martinez, no Paraná, em 1923; a reforma de José Augusto, no Rio Grande do Norte, em 1924; a baiana, liderada por Anísio Teixeira, em 1924; a mineira, de 1927, realizada por Francisco Campos e Mário Casasanta; a do Distrito Federal, conduzida por Fernando de Azevedo, em 1928; a pernambucana, iniciada em 1929, por Carneiro Leão.

Cabe-nos, então, questionar como o processo educativo formal se realizava, concretamente, em um espaço que necessitava e passava por tantas reformas? Neste sentido, percebemos que a visualização de ações concretas que permitam a configuração de uma prática disciplinar militar no contexto escolar, com a significação pretendida neste estudo, só é possível pela via da narrativa de quem viveu o processo naquele tempo e momento histórico.

As lembranças do Narrador referentes às práticas escolares a que foi submetido deixam entrever diferenças quanto ao ensino de conteúdos, mas assemelham-se quanto às práticas de disciplinamento.

Nessa perspectiva de reflexão, consideramos que nas Memórias são expressas nuances que vão ao encontro das propositivas sobre a questão de um ideário ou imaginário positivista, amalgamado na educação brasileira e uma crítica ao processo republicado instaurado no Brasil, para Nava verticalizado de cima para baixo.

Pedro Nava iniciou seu processo escolar no Colégio Andrés, em Juiz de Fora, escola que frequentou até os oito anos. Era um internato e em suas Memórias ele acredita que de lá saiu porque a mãe não podia pagar as mensalidades. Não há nas Memórias registros sobre esta Escola de alguma prática que possa ser articulada com o ideário militar.

Entretanto, de outra escola por ele frequentada, o Colégio Lucindo Filho, Nava tem lembranças que podem levar os leitores a inseri-la como praticante de certa modelagem de disciplinamento militar, pois ali havia uma profunda admiração pela formação de uma identidade nacional que se fazia presente na farda onde luziam botões dourados, em homenagem à guarda municipal, e onde, segundo o autor, se ministrava “instrução ‘principalmente moral’, sobretudo cívica,” (NAVA, 2000, p. 50). Talvez ao modo ideal de educação proposto por Olavo Bilac que de acordo com Horta, consistia de uma “educação cívico-patriota” (HORTA, 1994, p. 11).

Na recriação do passado, Nava revela aos leitores suas aprendizagens escolares e avalia a prática educativa vivida em seu processo educativo com o arcabouço de conhecimentos que conseguiu adquirir ao longo dos anos. Mas, sendo rastros históricos e memorialísticos, são apenas vestígios das práticas educativas do Brasil, na I República, realçadas em seu contexto cultural de vida. De certo modo, ele imprimiu na escrita suas próprias experiências que representam não só a sua educação, mas, a de um certo grupo do povo brasileiro, especialmente daqueles que frequentaram as escolas onde ele estudou, valendo salientar que nessa época não havia ainda uma preocupação com a educação do povo (SAVIANI, 2007).

É preciso lembrar ainda que, além disto, a questão de práticas disciplinares militares no interior das escolas no Brasil é pouco pesquisada diante da gama de

pesquisas sobre problemáticas educacionais existentes. Sendo assim, vale a pena continuar a fazer articulação com as reflexões de Germano (2008a) sobre a educação brasileira, no que tange ao pensamento militar que influenciou de forma marcante o ideário pedagógico do país.

Salientemos, no entanto, que a discussão da prática educativa do primeiro triênio republicano é chamada de pedagogia tradicional pela Escola Nova, mas é renominada de pedagogia tradicional humanista por Saviani (2007). Contudo, para Germano (1995), convém sempre assinalar que a consigna positivista “ordem e progresso”, incorporada à Bandeira Brasileira, impregnou o ideal republicano de 1889, o discurso político dos militares e dos seus aliados civis. Este espírito reformista educacional das primeiras décadas republicanas é de cunho liberal e é dual, pois, de acordo com Nava, havia no Brasil duas formas de educar formalmente, uma civil e outra militar. Dualismo que também se apresenta, conforme Saviani (2007), no que diz respeito às classes sociais: escolas para ricos e escolas para pobres.

Essa impregnação contaminou a escola brasileira, e grande parte de seus representantes fazia do espaço escolar o lugar de adestramento da disciplina da caserna, pela autoridade – o professor – a quem competia impor sanções, prêmios e castigos para garantir a ordem social e pedagógica e o progresso do país, dentro e fora da escola. Este era o papel social do professor na pedagogia tradicional brasileira, confirmado nas proposições escritas das várias reformas implantadas neste período, como as já citadas.

Por esta via, entendemos que a forma de condução educativa no Colégio Lucindo Filho seguia os princípios instaurados pela pedagogia tradicional. A dinâmica formativa desta Escola deixa profundas marcas em Nava, registradas em dois momentos de suas Memórias, quando diz que negou voluntariamente que foi aluno de uma determinada professora desta escola e que lá pouco aprendeu do que seria necessário para o prosseguimento de seus estudos. (NAVA, 2000, p. 53). O Narrador informa ainda que o funcionamento desta escola era um tanto quanto assistemático, pois ele não sabia nem o ano escolar em que estava matriculado. (NAVA, 2000, p. 175).

O Narrador frequentou também, como interno, por dois anos, o Colégio Anglo em Belo Horizonte, uma escola particular onde o escritor estudou à custa de

muitos sacrifícios de sua família. Nesta, ele narra que sofreu muitas humilhações por não ter as vestimentas adequadas às atividades, por ser pobre e os diretores fazerem abertamente discriminações sociais aos alunos. Foi nesta escola onde mais se deparou com preconceito racial e com a polarização do humano através da consigna da mente sã em corpo são. (NAVA, 2000, p. 153). Nava, lembrando do Diretor do Anglo, desabafa:

[...] posso lembrar sua bajulação com os filhos dos homens importantes de Belo Horizonte e a tranquilidade cínica com que lhes dava os primeiros lugares e os melhores prêmios – fossem eles madraços, malcriados, estúpidos ou porcos. Tinham notas altas, por direito de nascença. (NAVA, 2000, p.192).

Esta citação lembra as análises de Bourdieu (2004) sobre o poder simbólico nas lutas pelo conhecimento do mundo social.

Outra escola frequentada por Pedro Nava pode levar à interpretação dos leitores de que a disciplina da caserna não é privilégio apenas das escolas de Minas Gerais; no Internato do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, no qual Nava ingressou em 1916, esse tipo de disciplina é colocado em prática de forma regimental. Aqui os botões dourados também luziam, “trazendo em relevo P II do Monarca.” (NAVA, 2000, p. 294). Nesta escola, o discurso e a ação andavam juntos, pois a formação militar era parte integrante do currículo e exercida no Batalhão dos alunos.

Nava chama à atenção para a formação humanista, do ponto de vista literário, oferecida neste Colégio onde, contraditoriamente, existia Sala das Armas e toda a disciplina era instituída de acordo com um regimento escolar/militar. Não se deve esquecer que a finalidade do Pedro II, inicialmente, era formar a elite intelectual brasileira para assumir os cargos de comando da nação e ao mesmo tempo civilizar o país. (Nava pôde estudar no Pedro II como bolsista porque era filho de um médico que morreu em serviço). Nesse sentido, historia um pouco desta relação entre educação humanista/civil e militar na dinâmica escolar do Colégio Pedro II.

O Colégio Pedro II era instituição essencialmente civil, casa de humanidades nascidas dum seminário – mas aos poucos, semimilitarizada. Em 1831, Lino Coutinho manda ministrar aos alunos **o manejo da guarda nacional** para que eles estivessem preparados não só para ganhar a vida num mister honesto como para **com as armas na mão, e como soldados da pátria (defenderem) o país e a ordem pública em caso de necessidade**. (NAVA, 2001, p. 92, grifos do autor).

Assim, nesta escola, em termos reais, é possível fazer a introjeção objetiva de uma pedagogia tradicional/humanista através de uma prática educativa dual, civil e militar adequada à consigna da ordem positivista em um modelo de educação militar, em termos de comportamento socioeducativo, para formar o homem culto e quiçá? guerreiro e cidadão como sonhava e verbalizava um dos generais do exército brasileiro, condutor da República, Caetano de Faria, conforme Germano (2008a).

A dualidade do processo educativo civil/militar do Pedro II podia ser percebida na prática avaliativa relatada pelo Narrador que revela nota para aplicação e nota para comportamento gerada por um inspetor de disciplina.

Na categoria de interno no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, o autor informa que pôde usufruir da enorme biblioteca recheada de livros clássicos e de literatura francesa, especialmente e que também pôde tornar-se um grande leitor e admirador dessas obras, prática que já vinha sendo desenvolvida no Anglo em relação à literatura inglesa, quando não frequentava alguns treinos esportivos por falta de roupa adequada. Esta prática também já vinha sendo exercitada em casa, na biblioteca do tio Salles.

As narrativas navianas deixam clara a dinâmica educativa do Colégio Pedro II e a opção deste por uma educação militar em termos de comportamento e de aplicação, por uma formação à francesa, especialmente no tocante às escolhas literárias³⁷.

Vemos, assim, a perspicácia subjetiva deste escritor que capta esse pensamento e essa prática de disciplinamento militar no interior da escola brasileira e o descreve de forma cadencial, arguta, expondo detalhes talvez invisíveis para quem não objetivou perceber a mediação pedagógica vivida pelo Narrador, tendo como fundamento a perspectiva de um discurso contra-hegemônico. Suas

³⁷ Maior aprofundamento sobre a formação de Pedro Nava como leitor na infância e na juventude consultar: GARCIA, Fontenele Celina. **Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural**. Revista **GELNE**. v.3. n.1 2001.

narrativas, assim traduzidas, pelos caminhos de sua formação, transformando em seu discurso uma ausência – a da prática disciplinar militar dentro da escola –, em presença pelo testemunho do vivido. Registra, assim, os preceitos da disciplina militar e a manutenção de hierarquias rígidas sem questionamento das ordens: “a instrução dada pelo Capitão Batista era teórica e prática. A teoria era a do fuzil e rudimentos da maneira de defender a própria vida e tirá-la ao inimigo, durante batalha.” (NAVA, 2001, p. 93). A prática recomendava “deitar imediatamente e contra-atacar dessa posição, tentando de todos os modos exterminar, ou matar, o inimigo, ou adversário” (NAVA, 2001, p. 93).

A problemática que envolve o discurso militar, embasando a educação brasileira vem sendo estudada por Germano (1995, 2007, 2008ab) que, a este respeito, dá ênfase à constituição de um imaginário social instituinte plasmando sobre a educação e suas práticas que vêm subsistindo no Brasil, desde o Século XIX, em conformidade com os ajustes necessários às diferentes conjunturas históricas, como vimos discutindo. Neste sentido, visualizamos que as Memórias trazem inúmeros elementos interpretativos para a pesquisa social, em especial sobre o pensamento educacional brasileiro e a abordagem militar de suas práticas disciplinares na primeira metade do Século XX, fundamentalmente por mostrar a dinâmica interna e cotidiana das escolas e da Faculdade nas quais estudou Nava.

São muitos os fragmentos do cotidiano escolar sinalizados pelo Narrador e alguns vão à direção do processo de mediação pedagógica, dentre os quais: a preparação das colas, que ele denomina de “variante de estudo” (NAVA, 2001, p. 41); a distinção explícita entre os alunos do internato e os do externato e aqueles que se destacavam no Batalhão do Pedro II:

Os oficiais tinham prerrogativas, maior liberdade de ir e vir no colégio, dormiam à parte e em camas melhores, num dormitório que abria no da Primeira Divisão. Também cheios de regalias eram os membros da Banda de Música e da Banda de Tambores e Cornetas – instrumentistas recrutados entre o que havia de mais rebelde e mais supinamente mal comportado no Internato e no Externato. (NAVA, 2001, p. 96).

Ressalta, também, seu envolvimento com os mais diversos tipos de leitura sobre os quais diz:

Cedo descobri minha distração. Logo fiquei fiel a quatro amigos que me valiam na hora em que eu não tinha vontade de estudar. Sonhava com ele. Me acompanharam o curso todo. Foram *Os Lusíadas*, o *Théâtre Classique* de Régnier, a *Anthologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet e o irreal, o inimaginável *Atlas* de Crosselin-Delamarche. (NAVA, 2001, p. 44, grifos do autor).

Quanto ao calendário escolar, informa que

os regimentos mandavam que as aulas do Colégio Pedro II começassem no primeiro dia útil de abril e que o período letivo durasse até 15 de novembro. O ano escolar seria assim de sete meses e meio mas, pelo menos, mês e meio eram roubados pela velha madraçaria nacional. (NAVA, 2001, p. 6).

Dá, assim, conta não só de sua memória, mas de quadros sociais e culturais do espaço escolar, um dos seus muitos lugares de aprendizagem, lugares que são descritos multidimensionalmente, como se no percurso de sua vida ele já houvesse decidido ser um mediador da memória social através do tempo. Isto nos faz lembrar a expressão de Gramsci ao tratar da formação dos intelectuais: “A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis.” (GRAMSCI, 1991, p. 9).

Então, se fizermos uma leitura da escola brasileira atentando para o que, desde 1912, o General Caetano de Faria, chefe do Estado Maior do Exército já afirmava, segundo Germano (2008), que os oficiais eram verdadeiros apóstolos da pátria e do dever cívico. Esses oficiais nas casernas deveriam “receber, educar, instruir e restituir a vida civil, aos cidadãos”. Para ele, o Exército nada mais seria que “o prolongamento da escola,” citando Horta (GERMANO, 1995, p. 7). Veremos ainda que o Colégio Pedro II, frequentado por Nava, lhe oferecia os fundamentos de uma educação militar no Batalhão de práticas cívicas e militares, que poderia ser aprimorada no futuro, na caserna, caso optasse pela carreira militar.

As palavras do General de certo modo são ratificadas nas lembranças de Nava, quando estas indicam que, através das lições de grandes escritores que tratavam sobre a arte da guerra e de cultos a grandes heróis, o Colégio Pedro II ia formando as almas. Por conseguinte, é importante lembrar que, apesar de à época já existir escolas onde predominantemente existiam disciplinas técnicas, como nas

Escolas de Engenharia e de Mineração criadas no Século XIX, neste Colégio se carregava nas humanidades e no ensino da Língua Portuguesa e de outras Línguas, especialmente a Francesa, que é destacada pelo Narrador positivamente para sua formação. Neste sentido, é válido assinalar que nas Memórias a Língua Francesa e citações de autores franceses são bastante presentes.

Apesar de toda essa influência da disciplina militar em sua educação, Nava era um humanista e sofria com as mazelas sociais do nosso país, tanto em termos políticos como educativos. Podemos dizer que ele vai se conscientizar efetivamente desta questão da influência militar em sua educação, quando ingressa na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em 1921, e tem que se inscrever na Linha de Tiro, uma espécie de serviço militar para estudantes, de onde é expulso por ter sido visto fardado em um bar. Sobre sua participação no efetivo militar superior do curso médico, revela que “demonstrava a mesma inépcia que fora” sua “característica no batalhão do Pedro II.” (NAVA, 2001, p. 348-349). Visualizamos que, aqui, ele faz a vinculação da prática educativa militar do Pedro II com a prática de disciplinamento militar da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

É imprescindível ressaltar ainda que no processo formativo escolar do autor o ideário militar apresentava-se como ícone educativo de algumas das escolas onde estudou, logo como uma forma de modelagem de um sujeito em formação, que não estava sozinho nessa *vis formandi*. (GERMANO, 2008a) usando a expressão de Castoriadis. Isto possibilita propor para a discussão que o pensamento militar influenciou o modo disciplinar da caserna que vem sendo usado na educação brasileira, permeando seus ideais que se tornam visíveis em suas práticas pedagógicas, no uso de fardamento obrigatório, nas marchas militares, na disciplina do corpo, como narra Nava, propositiva discutida também por Horta (1994) em questões vinculadas à audibilidade do hino, do sermão e da ordem do dia nas escolas brasileiras.

Permite-nos, da mesma forma, reafirmar, tendo como fundamento os estudos de Germano (1995, 2008a), que essa pedagogia. Há muito instituída e legitimada no discurso e nas práticas escolares brasileiras são partes da tentativa de promover a sonhada ordem/progresso do Estado brasileiro, na primeira metade do Século XX. Objetivava-se, dessa maneira, formar sujeitos disciplinados, cordatos e

obedientes, sujeitos civilizados à moda militar, como desejava o General Caetano Faria, para se tornarem cidadãos.

Entretanto, apesar dessa formação, o autor não se tornou um guerreiro e faz críticas contundentes nas Memórias a procedimentos bélicos, particularmente citando a Revolução de 1930, em Belo Horizonte, e a de 1932, em São Paulo. Posiciona-se também contrário à educação dada no Brasil à época, e até hoje, em polos opostos à militar e à civil, que ele considerava nociva “porque as nações deveriam se basear na unidade e não na distinção de classes ou castas.” (NAVA, 2003a, p.198). Era igualmente contrário à pena de morte e a toda e qualquer violência que ponha em risco a integridade física, psíquica e moral das pessoas.

Assim, nos questionamos: será que o intérprete/autor, ao traduzir sua história no espaço-tempo como uma realidade concreta de sua existência, expõe apenas traços de sua vida, de sua personalidade? Ou nos apresenta configurações sociais da memória e da história de seu país, capazes de trazer ao debate questões políticas, sociológicas e culturais?

Com certeza, esta será sempre uma questão a ser perseguida quando se tratar da interpretação e da tradução da obra de Pedro Nava, cognominado, por nós, de construtor social da memória brasileira; um narrador do Brasil, quando quisermos ousar refazer as interpretações do Brasil feitas por ele. Daí porque esta será sempre uma questão em aberto, provocadora de outras e novas reflexões e também de novas traduções.

3.3 A FORMAÇÃO MÉDICA NA PRÁTICA DA ESCRITA DE SI

A escrita de si como é entendida por Sarlo (2007) e Cyrulnik (2009) é construída tendo como fundamento experiências, marcas de sofrimentos, boas lembranças, conhecimentos adquiridos pelo sujeito que busca, na escrita, re/constituir-se, como testemunha de seu próprio viver e daqueles que com ele se relacionaram socioafetivamente ou não no espaço-tempo de sua vida.

Sendo assim, os diálogos aqui promovidos são traduções das Memórias de Pedro Nava enfocando sua formação médica, quando este se utiliza de seus conhecimentos médicos na composição de sua escrita de si. Talvez possa ser dito mais uma vez que essas traduções estão inseridas na busca para desvendar os itinerários sociais e as singularidades da formação médica do autor como tradutor do espaço-tempo em que viveu, fazendo pela verve literária o reaproveitamento de suas experiências.

Nesta perspectiva, tradução é compreendida, no sentido dado por Santos, como o “procedimento que nos resta para dar sentido ao mundo depois de ele ter perdido o sentido e a direcção automáticos que a modernidade ocidental pretendeu conferir-lhes ao planificar a história, a sociedade e a natureza.” (SANTOS, 2006, p. 134), E, sentindo como Susan Sontag, ao discorrer sobre tradução literária, informando que

é sobretudo uma tarefa ética, uma tarefa que espelha e duplica o papel da própria literatura, que é ampliar as nossas solidariedades; educar o coração e a mente; criar interioridade; assegurar e aprofundar a consciência (com todas as suas conseqüências) de que outras pessoas, diferentes de nós, existem de fato. (SONTAG, 2008, p. 187).

Tentamos, assim, encontrar os sentidos dados ao mundo pelo escritor, em sua tarefa solidária de escrever com consciência de si para os outros, vendo, especialmente, o que ele denota nestes o que é de sua formação médica, particularmente nos livros de memórias “Chão de ferro” (NAVA, 2001) e “Beira-mar” (NAVA, 2003a) em aspectos ligados às relações sociais de aprendizagem no processo de mediação pedagógica.

Esses sentidos parecem devolver ao Narrador o significado de sua própria vida profissional como médico, quando se dedica à literatura, daí porque nossa tradução perpassa outros momentos da escrita para além do espaço-tempo da formação médica.

Essa compreensão nos permitiu observar a relevância da formação médica do Narrador na escrita de si por entendê-la como parte da história concreta do sujeito e de sua elaboração textual. Não queremos dizer, com isto, que negamos a subjetividade do sujeito escritor perpassada na escrita que ao mesmo tempo em que o multiplica o unifica. Pelo contrário, reafirmamos a concretude subjetiva do sujeito que, inserido no contexto, viveu o presente e o transpôs para o futuro, reconstruindo seu passado, tornando-se, assim, seu tradutor e intérprete ao escrever suas Memórias, expondo a pluralidade da vida e do mundo existente em seu passado/presente, imprimindo sua formação profissional como algo de que não pôde distanciar-se no ato de escrever.

Deste modo, Nava faz a distinção e a inclusão de si na sociedade da qual é parte constituinte, amalgamando nesta aquilo que em si é singular, sem deixar de lado o que é parte sua e da memória de sua sociedade e de sua cultura e, em especial, de sua formação profissional, constatação já elaborada por Vale (2009) em seu estudo da obra naviana como documento histórico, no qual aponta as relações entre medicina e sociedade no Brasil. E, por Villaça (2007), ao confirmar em seus estudos sobre os escritos médicos e literários do autor, que a obra de Nava, sendo um todo indivisível, complementa-se, pois a literatura fundamentou a obra médica e a medicina enriqueceu sua escrita literária, ambas tecidas com fios históricos e memoriais, o que as torna experiências de conhecimento.

A narrativa das Memórias é moldada por descrições extensas, delineadas por uma escrita literária, de qualidade inquestionável, como um corpo literário por onde circulam diversos saberes. Isto permite ao leitor constituir uma argumentação substantiva em suas interpretações, como já afirmamos, dada à quantidade de aspectos da vida descritos minuciosamente, como a requerer que o leitor aproxime-se da realidade pretérita, transmutada como concreta pelo Narrador, na prosa poética de seu passado ainda presente no ato de escrever; leitura assim já deslindada por Candido (1987).

Sendo um intelectual e um sujeito aprendiz em todos os momentos, os lugares não escolares também foram de aprendizagens e podem ser encontrados nas Memórias eivados de figurações e configurações dos mais diversificados tipos, impregnados de particularidades coletivas. Também do lugar do eu que se expande, lembra, relembra, sente saudade e constrói essa história de muitos “eus”, constituindo-se também em *alter ego* (o Egon, ou José Egon Barros da Cunha) a partir de “Galo-das-trevas” (NAVA, 2003b), seu companheiro/personagem. Em certo momento das Memórias diz: “Páginas atrás deixei um eu normalizando a respiração, reduzindo o ritmo do pulso, vendo o sol cair, árvores, cabeças degoladas, torres do Observatório nadando em sangue [...]” (NAVA, 2003b, p. 39-40).

Nessa cadência, aqui e acolá vai deixando transparente sua formação em Medicina, a presentificando na elaboração de suas ideias, pondo-as em “um formol que procura preservar o vivido da fatal decomposição do esquecimento.” (BUENO, 1997, p. 45).

Não há um espaço por definição nas Memórias, no qual ele trate exclusivamente de seus conhecimentos médicos, pois em sua escrita o particular na maioria das vezes é universalizado pelo Narrador, lugares são definidos: escolas, casas, livrarias, ruas, bares, veredas, caminhos e paisagens fixadas e em movimento, no trem da vida e no chão de ferro, como analisa Aguiar (1998), sempre com um toque de seus conhecimentos da sua arte médica, como gostava de dizer Pedro Nava³⁸.

São lugares dos mais diversos tipos situados no espaço-tempo, retratados intencionalmente para a preservação literária, dosados pelos conhecimentos de sua arte miscigenada. Dessa forma, tenta dar tonalidade e sonoridade à complexidade da vida em toda a dureza da condição humana, vivida e sentida, registrada em suas expressões textuais, datadas e localizadas, em suas mais diversificadas manifestações, tais como: morte de amigos e de familiares; a luta diária de sua mãe viúva para sustentá-lo e aos seus irmãos, sem esquecer daquilo que lhe dava prazer – a leitura e o ato de ensinar.

Sendo assim, podemos afirmar que a formação médica se apresenta especialmente em alguns momentos como um auxiliar na construção de sua escrita, dentre estes destacamos a descrição do “nascimento mineiro,” quando satiriza que

³⁸ Ver “Em tempo de Nava (1971)”, curta-metragem dirigido por Fernando Sabino.

“nasce de mãe escanchada,” “cuja barriga foi untada com óleo bento,” a mãe se rompe toda e o mineiro chega: “numa última onda de águas, sangue e mecônio, o mineiro corta o silêncio com seu primeiro grito.” (NAVA, 2001, p. 310). Aqui, mais uma vez aparecem os conhecimentos médicos.

Além da descrição anterior, muitas outras, trazem particularidades, que poderíamos ensejar que são decorrentes dos conhecimentos médicos do escritor. Pontuamos também que, se desejássemos fazer uma interpretação psicanalítica não faltariam nem mesmo os sonhos para que nele investíssemos nossas reflexões. Neste aspecto, de Narrador de sonhos, Nava deixa claro mais uma vez o enraizamento de sua formação médica em sua escrita, pela forma como descreve seus “pesadelos hediondos:” “Como é que eu tinha aquela coragem de retalhar a pequena criatura a sabre e de furá-la como a um gato para ver correr o sangue que me inundava,” “[...] o ventre aberto, as vísceras dispersadas por mim [...]” (NAVA, 2001, p. 95).

Perpassa, em muitos trechos, um certo sofrimento mental que lhe provoca insônia e pesadelo, o qual ele deixa transparecer e interpreta da forma que se segue:

O rio do subconsciente não para de correr como não param a circulação, a respiração, as funções misteriosas da regulação da economia. Aquele curso subterrâneo aflora às vezes em sonhos ora brandos, ora duros geralmente duros. Flui refletindo no seu bojo líquido nuvens e estrelas que ficaram: impressões do aparentemente esquecido mas incorporado para sempre. Suas águas sem compromisso independem do modo de ser do consciente vígil que só pode ser – sendo em tempo e espaço. Existir como representação é ser coisa cronológica. (NAVA, 2001, p. 59).

Entendemos, assim, que a representação do sofrimento mental causado pela insônia é figurada metaforicamente por conhecimentos médicos e alimentada por uma construção literária impactante e poética na qual adscrita o seu próprio ser. Vida bandida, vida rural e urbanidade, o poder e a política estão presentes nas Memórias unindo sua formação médica na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte à sua vida conturbada de estudante pobre e também a de médico errante na cidade do Rio de Janeiro onde, em passeios, pôde se aprofundar naquilo que lhe era muito caro – as relações entre médico e paciente. Aqui faz circular acontecimentos e

sujeitos díspares: vai da prostituição ao comando da nação, retilhando caminhos multifacetados, oceanos pouco navegados em descrições impecáveis de instituições, pessoas e fatos. Destes, destacamos o de uma visita a um manicômio judiciário, no Rio de Janeiro, onde conhece um interno artista inusitado, cuja arte é construída com fezes humanas como se fossem tinta, relatada em “O círio perfeito” (NAVA, 2004c), realçando narrativamente a fragilidade da condição humana. Assim, parafrasando Benjamin (1994), sendo um Narrador, faz o relato do cenário e do sujeito, como um artesão modelando sua obra de arte na narrativa.

Nava reescreve (mesmo dizendo que não vai fazê-la) nas Memórias, a história da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, de maneira diferente da descrita por seus contemporâneos: Pedro Sales, Mário Mendes Campos e Aurélio Pires, citados por ele. Sua história da Faculdade é a mesma, sendo outra, é uma história que faz um cotejamento das relações humanas/sociais, da mediação pedagógica ali presenciada, do processo de ensino e de aprendizagem acontecido entre colegas e entre alunos e professores; dos livros adotados durante sua formação médica e do que tratam; de suas próprias aprendizagens sobre o que afirma: “Se muito aprendíamos em nossas aulas, mais aprendíamos do mundo, dos médicos, da vida médica, da cidade em geral e de mulheres – nos **bondinhos** que fazíamos sentados nos degraus da escadaria da faculdade.” (NAVA, 2001, p. 345, grifo do autor).

Fala de amizades iniciadas no momento de sua formação, e, em particular, de seu sofrimento como estudante pobre de medicina que teve que trabalhar para custear os estudos. É nesse momento que Nava desabafa:

Eu tinha dezoito anos, nenhum mundo nem experiência do mundo. Julgava os homens pelos homens de bem com quem tinha tratado até então. Os parentes e os mestres que admirava. Eles tinham me retribuído com o interesse e a afeição que me davam a ilusória impressão de que eu era alguma coisa, pelo menos outro homem a ser tratado de igual para igual. Mal sabia eu que estava no limiar de adquirir, à minha própria custa, a consciência de que não valia nada – porque não **podia**, no sentido político. (NAVA, 2001, p. 357, grifo do autor).

Este desabafo é decorrente de sua luta por trabalho para se manter e continuar estudando; por ter que pedir esse trabalho como favor a pessoas ligadas ao Estado, portanto, ao poder local, e de ser maltratado por elas ou a mando delas (situação que para ele foi humilhante, pois tinha consciência de sua competência e de seu saber). Essa percepção demonstra como Nava interpretava a forma clientelista de condução do Estado brasileiro à época, forma da qual ele não quis ou não pôde se afastar. Todavia, Aguiar (1998) vai mais além e afirma que Nava pouco se distanciou e pouco criticou tais práticas nas Memórias, no que é contradito por Cançado (2003) que vê em Nava o criador de um antivalor para se posicionar diante de questões políticas, econômicas e culturais do Brasil.

Nossa leitura comporta afirmar que não podemos negar o que está posto nas Memórias, que o Narrador teve dificuldades financeiras durante a infância e na juventude e que estas se agravaram durante sua formação em Medicina, quando teve que vender os livros que foram de seu pai para comprar um terno quando foi dispensado da “Linha de Tiro da Faculdade”, por ter sido visto com a farda, esta de botões pretos, em um bar. Sobre isto diz: “Estou contando estas histórias de livros vendidos e alfaiates para mostrar a dureza da vida que eu levava e a que, com meus estudos, cominava também minha heroica e formidável Mãe.” (NAVA, 2001, p. 353). Neste particular não há muita diferença entre o Pedro Nava estudante de Medicina nos anos 1920 e muitos estudantes pobres brasileiros, até hoje, início do Século XXI. Mas o que aqui desejamos é registrar o enlace entre formação médica e escrita de si, empreendido pelo Narrador tendo como contexto literário o Brasil republicano da primeira metade do Século XX, relido por ele no Brasil republicano da segunda metade do Século XX.

A leitura, assim feita, permitiu traduzir suas ideias em uma dimensão cultural e histórica, localizando a tradução no momento do Brasil vivido pelo autor, sem negar a distinção do sujeito escritor, construtor social de suas memórias, enquanto observador, intérprete e também tradutor do contexto em que sua vida, sua profissão e sua obra foram engendradas, direcionadas e configuradas pelas relações sociais de poder estabelecidas nos espaços informais e formais, educativos e sociais: família, escola, faculdade, sociedade e Estado.

Nava não obedeceu aos ditames da literatura que induzem à contenção na escrita, particularmente quando se trata de narrativa/descritiva para relatar fatos

ocorridos durante sua formação. Isto dá a entender que ele procurou registrar as pessoas com as quais conviveu, os ambientes públicos e privados onde viveu da forma mais detalhada possível, para que seus leitores pudessem se localizar em relação ao espaço descrito e visualizar, de forma imagética, como era seu espaço de formação médica, seus colegas e professores, bem presentes em “Beira-mar.” Plasma, em todo o livro, uma configuração de sua arte médica pautada em fatos, pessoas e saberes através da circulação de ideias de um sujeito escritor/médico, cuja erudição merece distinção, particularmente quando trata de seus conhecimentos na área, sem descuidar-se dos esclarecimentos necessários à compreensão do leigo que poderá ler as Memórias.

São amplas as possibilidades de leitura e interpretação sobre a formação médica na escrita de si de Pedro Nava. Algumas já foram realizadas, outras se encontram em andamento, sendo impossível apontar todas aqui. No entanto, vale destacar o trabalho de Pereira (2001) no tocante à questão do elogio médico quando fala:

Dos elogios médicos, nas Memórias, aparece a imagem do velho médico, empreendendo uma busca de si mesmo. Porém, esse retrato não é peça única, apresentando-se multifacetado, composto a partir de fragmentos do **modo de ser**, gestos pensamentos e palavras de seus antigos professores e colegas de turma. Reside na imagem desse velho a ideia de que a sua fala está carregada de vivências a serem transmitidas como testemunho gerencial. (PEREIRA, 2001, p. 225, grifo da autora).

Reportando-se ao *laudatio* difundido na Roma antiga a autora esclarece que Nava seguiu tal modelo, ao modo das Sociedades de Medicina Tradicionais Francesas, para elogiar pessoas célebres, dando a seu elogio médico uma função didática evidenciada pelas “lições de origens”, propondo modelos de conduta e de vida com sabedoria. (PEREIRA, 2001, p. 241). Isto evidencia a presença da formação médica na escrita de si na obra naviana e sua pretensão de narrá-la em forma de ensino e conseqüentemente de aprendizagem. É assim que, como o Narrador encontrado por Benjamim (1994), deixa também suas lições.

Reconhecemos, por conseguinte, que as lembranças quando escritas transformam-se em notações de memória, e é assim que enveredamos no processo

de formação no curso médico de Nava, no que tange à compreensão dessa formação, inserida no espaço social da década de 1920, na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil.

Duas questões guiaram as leituras: Como o autor transpõe para a escrita suas avaliações sobre seu processo de formação médica? Como avalia a relação entre professores e alunos? E, entre alunos e alunos?

Nas Memórias, Nava assinala várias disciplinas que fizeram parte do currículo de seu curso médico, entre as quais: Química e Física Médica, Citologia, História Natural Médica, Microbiologia, Patologia Geral, Botânica Médica, Mineralogia Médica, Farmacologia, Terapêutica, Histologia, Anatomia Patológica, muitas delas religadas, segundo o autor, nas aulas de História Natural Médica, portanto, conteúdos do seu curso.

Nossa compreensão sobre conteúdos de ensino se relaciona com tudo que é ensinado na educação formal, como conhecimentos científico, social, cultural e atitudinal de acordo com Libâneo (2004, p. 70). Nessa categoria, Nava sugere que, durante sua formação médica, os conteúdos de ensino tinham cheiro:

No curso médico, o segundo e o terceiro ano cheiram ao formol e à ponta de putrefação da salsicharia da anatomia descritiva; o quarto, à podridão escancarada da carniça da anatomia patológica; o quinto e o sexto, às morrinhas da cirurgia – adocicado de pus e éter – e aos boduns da clínica médica – odor acidulado de suor e óleo canforado. É pelo olfato que nos entra a dura lição de humildade e esse memento que nos vem dos cadáveres dos anfiteatros e dos quase cadáveres das enfermidades. (NAVA, 2001, p. 344).

Os conteúdos eram repassados em aulas e em livros, que ele chama de lições, e que assim eram chamadas pelos professores. As aulas mantinham, conforme o autor, uma sequência e a maioria dos professores, inclusive, o professor Lisboa, de quem se tornou amigo, retomava em suas aulas expositivas o conteúdo das aulas anteriores. Convencionamos que se trata, como reportou Pereira (2001), de um elogio à função didática médica.

A relação alunos / alunos insere-se no “aprender a viver” proposto por Morin (2002, p. 20). Em se tratando da relação com seus colegas, Nava avalia:

Se muito aprendíamos em nossas aulas, mais aprendíamos do mundo, dos médicos, da vida médica, da cidade em geral e de mulheres – nos bondinhos que fazíamos sentados nos degraus da escadaria da faculdade, na beira dos canteiros sempre renovados e sempre destruídos, nos passeios, devagar, pelos corredores, nas longas horas em que ficávamos no pátio olhando o seu movimento e o da rua. (NAVA, 2001, p. 345).

Para Nava, a relação com os colegas foi relevante para sua vida social e profissional; com um certo toque de saudade, revela:

Quase tanto quanto aos mestres admirávamos os monstros sagrados do quarto e quinto ano, os diretores do **Centro Acadêmico**, da *Radium*, os doutorandos [...] Mas o melhor de nosso apreço ia para a única colega de curso médico e primeira mulher formada em Medicina pela nossa casa [...] (NAVA, 2001, p. 347, grifo do autor).

O saber contextual é aqui pensado, para a formação profissional, como aquele que abrange a compreensão da condição humana e social e sua convivência planetária que, assim como pensa Morin, “[...] comporta não somente a compreensão da complexidade do ser humano, mas também a compreensão das condições em que são forjadas as mentalidades e praticadas as ações”, (MORIN, 2005, p. 115), ou seja, um saber que privilegie o conhecimento do contexto no qual se insere. No caso da formação médica, esse saber vai além daquilo que é programado como conteúdo de uma disciplina específica, para aquilo que a insere em saberes necessários ao contexto social no qual a medicina irá exercer-se. Nesse sentido, Nava critica a falta de conteúdos específicos voltados para doenças que acometiam à população brasileira em seu currículo, as chamadas doenças tropicais.

Sobre este problema, informa que não havia no currículo de seu curso a disciplina Medicina Tropical e que eram dadas apenas noções dos conhecimentos referentes a tal disciplina em História Natural Médica. Nesta disciplina,

recebíamos noções de peste, febre amarela, verminoses, *leishmaniose* e travávamos conhecimento – com transmissores como as pulgas, barbeiros, mosquitos; com bichos venenosos como os escorpiões, as lacraias, os peixes peçonhentos, as cobras. (NAVA, 2001, p. 345).

Assim, pelas conduções reflexivas já apontadas, reafirmamos que as notações de memória já incorporadas, no tocante à formação médica, formam um recurso histórico do itinerário formativo do Narrador. Observamos ainda que a utilização deste recurso deu à capacidade humana de recursividade a condição de tornar-se registro da tradução ora atualizada dos conhecimentos concernentes à mediação pedagógica da formação médica de Pedro Nava. Foi desse modo que mapeadas as notações, tentamos inscrevê-las como uma cartografia das representações feitas pelo autor, traduzidas como um campo estruturado de intencionalidades; uma nova maneira de dizer o que já foi dito do vivido de outra forma que desejamos seja solidária; um modo de elaborar memória cidadã, “aquela que registra o passado”, usando as palavras de Calvino (1990, p. 15).

A mediação pedagógica é um fenômeno que se processa durante toda e qualquer formação, como um dos saberes ditos relacionais entre professores e alunos. Um saber relacional que, no processo educativo, abrange a interação entre professores e alunos e entre alunos e alunos, que é entendido em pedagogia como aquele que vai além da autonomia e da emancipação de alunos e professores em seus processos de auto-organização pessoal e coletiva. Na construção de novos conhecimentos, passa pela “[...] qualidade da interação, onde os dois são elementos fundamentalmente importantes, o que nos leva a inferir que não depende somente da atitude do professor diante do aluno, mas das atitudes e dos comportamentos de ambos.” (MORAES, 2003, p. 210 - 211). Nesse processo interativo muitas vezes ocorrem conflitos que são prejudiciais à formação; com Nava, não foi diferente e, no final do Curso Médico, envolveu-se em conflitos que por pouco não o impediram de tornar-se médico.

Mesmo reconhecendo a existência desses fatos, Nava diz: “lembro que estimávamos os nossos professores e sobretudo que os admirávamos profundamente. [...] Era feição simpática de nossa Faculdade essa união de mestres e discípulos.” (NAVA, 2001, p. 347). No entanto, destaca alguns deles realçando a “qualidade da interação” no processo de mediação de sua formação médica, como o professor Henrique Marques Lisboa, sobre quem declara que foi ele que o colocou em contato com a arte médica e que era um dos professores do curso médico alinhado à tradição francesa de formação em medicina:

[...] foi o primeiro que encontrei e um dos que mais venerei não só durante o curso médico, mas acompanhando-lhe a vida e compreendendo o espírito público que o animava. Foi um cientista perfeito, um **herói** no significado carlyliano e uma individualidade admirável sob todos os ângulos. (NAVA, 2001a, p.338-339; grifo do autor).

[...] ele abriu os batentes da Medicina a centenas de alunos e eram suas mãos que nos impunham episcopalmente o sacramento médico – no que ele tem de mentalidade peculiar, de espírito de confraria e de coleguismo, de subordinação hipocrática aos mestres atuais e passados, de agrupamento numa escola, de adesão a uma linha de pensamento filosófico. Consciência da profissão – que representa uma verdadeira tomada de ordens no sentido moral e intelectual: **Tu és Médico...** (NAVA, 2001, p. 342, grifo do autor).

Para Nava, aluno do curso médico, o professor Lisboa mostrou-lhe o caminho da prática e da ciência médica, bem como os ensinamentos éticos necessários à profissão médica. Essa percepção do Narrador corrobora a perspectiva ensejada por Halbwachs (2004) e Bosi (2003) quanto à capacidade seletiva, avaliativa e crítica da memória.

Outro foi o professor Aurélio Pires, em quem Nava se inspirou para criar um dos seus poemas mais conhecidos “Mestre Aurélio entre as rosas” (SOUZA, 2005) e diz que dele guardou a lembrança de um professor que fazia questão de lecionar toda a matéria prevista no programa do curso e que fiscalizava pontualmente os trabalhos dos alunos.

Quanto à relação entre professores e alunos, Nava considera que, em alguns casos, perdurava para além da sala de aula, transformando-se em amizade para a vida inteira. Considera, também, que essas amizades foram igualmente importantes para sua vida profissional, contudo, narra que os conflitos nos quais se envolveu no final do curso o fizeram reavaliar algumas das amizades que havia construído durante a formação em medicina.

Agora já podemos visualizar que Nava avalia positivamente sua formação, embora pondere que naquele momento histórico o país ainda vivia um processo de transição no âmbito político, econômico e educacional buscando um realce nacionalista. Isto pode ser compreendido pelo relato de sua participação no grupo de modernistas de Minas Gerais, e a posição que eles assumiam como nacionalistas, quando da publicação de “A Revista,” periódico que transmitia as ideias desse grupo que queria “a nacionalização de nosso espírito, do sentimento de brasileiro que, devia tomar, completamente, conta de nossa consciência – e tal ia se fundamentar

nas raízes históricas da literatura mineira, louvando-se o espírito brasileiro [...]” (NAVA, 2003, p. 240).

Por fim, podemos perceber que o Narrador durante sua formação em medicina transitou pela arte, literatura e poesia, inseriu-se em grupos que discutiam o Brasil de seu tempo e procurou posicionar-se frente às questões em discussão no período, como nacionalismo, tradicionalismo, patrimônio cultural e literatura, entre outros. Dessa maneira, foi se constituindo como um escritor múltiplo que num dado momento decide tornar-se memorialista e que ao escrever sobre si reúne nestas Memórias muitos dos conhecimentos que conseguiu se apropriar para os transmitir como lições de si.

3. 4 REFLEXÕES ADICIONAIS

Estas reflexões sobre educação alimentadas nas Memórias de Nava, podem ilustrar outras discussões sobre criança e infância. E, também sobre a questão da prática de uma disciplina militar no interior da escola brasileira para a formação dos cidadãos brasileiros, aliada à compreensão do papel das Forças Armadas no processo de construção da identidade nacional e de seu discurso como modelo educativo, bem como sobre a recorrência dos conhecimentos médicos impressos na escrita do Narrador.

Salientamos, todavia, que a construção do ideário pedagógico brasileiro foi conduzida por reformas em vários setores, que influenciavam a educação nas primeiras décadas da República do Brasil como um dos elementos/instrumentos simbólicos formadores e/ou modeladores da cultura brasileira, percebida por Nava em seus escritos memoriais.

Observamos, ainda, que no período de formação básica e até no ensino superior do Narrador, a prática de uma educação que privilegiava a disciplina militar, o modo militar de modelar os sujeitos através de ações disciplinadoras, pautadas em atitudes de coação e de punições, realçadas pedagogicamente como positivas para a educação das crianças e jovens, constituiu a sua educação.

Visualizamos nestas reflexões que no processo formativo escolar do país, na primeira República, o ideário militar apresentava-se como ícone, como um ideal de educação que poderia ser alcançado pelas vias da ordem; fazia parte do conteúdo, do método educativo, dos objetivos, enfim, da arquitetura da educação brasileira republicana à época. Podemos, assim, traduzi-la como uma forma singular de modelagem militar dos sujeitos em formação, mediada pela pedagogia escolar.

Reafirmamos que o ideário militar pode ser encontrado nas narrativas de Pedro Nava em vários aspectos: da farda às leituras selecionadas, da forma de mediação do conhecimento pelos professores com os alunos à postura dos professores diante da turma em sala de aula, na maioria, autoritários. Isto nos possibilita propor, ainda, para outras discussões, que o pensamento militar influenciou e permeou os ideais e as práticas da educação brasileira republicana da primeira metade do Século XX, e pode ser encontrado em outras memórias.

Destarte, talvez possamos ainda inferir que era essa uma tentativa de modelar as almas, formar sujeitos disciplinados, cordatos e obedientes para servir aos interesses daqueles que desejavam um dia dominar o país pela força, pela adaptação dos sujeitos ao sistema de governo, de forma acrítica e a-histórica, sujeitos não rebeldes.

Notamos, portanto, por essa via, que coexistiu antes e durante a I República uma relação entre a vida civil e a militar, no tocante à participação nas esferas do poder do país, inclusive nos espaços educativos formais, instituídos pelo Estado brasileiro republicano, desde a primeira República, que se apresentam nas Memórias como inerentes à dinâmica escolar testemunhada e vivida pelo Narrador.

Esta relação transitou invisível dos botões dourados da farda de uma criança à mão que aprendia a atirar de um jovem que pretendia ser médico e que um dia usaria esse aprendizado para acabar com a própria vida. Conflui, dessa maneira, para a compreensão de uma sociologia das ausências impressa na constituição das Memórias.

4 CAPÍTULO III: SABERES COMPARTILHADOS: OS INTÉRPRETES DA OBRA NAVIANA

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora. [...] O resto é relatório. (NAVA, 2000, p. 314).

Interpretações feitas em alguns estudos que tiveram como suporte empírico/interpretativo a obra, e em especial, as Memórias de Pedro Nava são apresentadas neste capítulo. Talvez o desejo aqui fosse apontar o estado da arte desses estudos sobre o autor e sua obra e comentá-los, particularmente, os que buscam argumentos para discussões sobre literatura, sociedade e memória, para que pudéssemos sedimentar as argumentações sobre o processo racional empreendido pelo Narrador na construção de sua obra literária.

Todavia, reconhecendo a vastidão de tais estudos, optamos por selecionar, dentro deste vasto universo bibliográfico, apenas alguns destes trabalhos, tendo como critérios a construção de conhecimentos sobre o autor com enfoque acadêmico/didático e científico, bem como aqueles oriundos da crítica literária e os da tradução emanada dos poetas em cujo cerne se encontram contribuições para compreensão do pensamento do Narrador, objetivo primordial desta tese.

Diante de tais considerações é pertinente apresentar como foi conduzido este trabalho de pesquisa bibliográfica, indo ao encontro dos intérpretes de Pedro Nava. Salientamos que são considerados por nós como intérpretes aqueles pesquisadores que problematizaram, conduziram e publicaram estudos resultantes de pesquisas acadêmicas e científicas dentro de instituições de ensino brasileiras e estrangeiras, tendo a obra do autor como referencial, suporte empírico, enfim, como base de análise de suas interpretações. De igual modo, aqueles trabalhos feitos à luz da crítica literária sobre a obra ou parte dela, dos quais, aqueles que produziram trabalhos didáticos sobre o autor.

E, ainda, irmanados pela compreensão de que novas racionalidades surgem muitas vezes atreladas a construções poéticas. (SANTOS, 2006), enveredamos também por trabalhos cujos produtos são parte da verve poética de cunho literário,

quais sejam aqueles produzidos por leitores da obra, elaborados para ou sobre o autor e/ou sua obra nos quais visualizamos certo olhar afetivo, no período compreendido entre 1972 (quando foi lançado o primeiro livro de Memórias) e 2010 (ano de defesa deste trabalho).

Em nossas buscas, inicialmente consultamos o Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, mais precisamente o Inventário do Arquivo Pedro Nava (impresso) e, a partir de 2009, passamos a utilizar o Arquivo (*on line*). Em seguida, acessamos a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações de várias Universidades Brasileiras que atualmente encontram-se reunidas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD)³⁹, do Ministério da Ciência e Tecnologia, buscando trabalhos acadêmicos sobre o autor e sua obra. Outros meios eletrônicos utilizados foram o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES)⁴⁰, o *site* Domínio Público⁴¹ e também, em algumas Bases de Dados em Sistemas de Informações das Universidades Portuguesas.

De outra feita, consultamos a professora Vanda Arantes do Vale, da Universidade Federal de Juiz de Fora,⁴² reconhecida pesquisadora da obra de Pedro Nava. Esta nos indicou livros e artigos e fez comentários sobre os conteúdos de alguns desses trabalhos.

Outra via de busca foram as referências constantes dos artigos, livros, dissertações e teses consultados. Mantivemos contato, ainda, com a Fundação Casa de Rui Barbosa através de Cláudia Barbosa Reis, estudiosa das Memórias de Nava. Desta pesquisadora recebemos algumas contribuições em termos de referências e informações que constam em um livro de sua autoria, fruto de sua pesquisa de mestrado, Reis (2007).

Dessa maneira, após demandadas as leituras, fomos compondo a bibliografia que nos serviu como universo para seleção dos intérpretes de Pedro Nava, que aqui apresentamos.

Por fim, selecionamos aqueles que se enquadravam nos critérios já referidos e que de certo modo contribuem para a análise que vimos fazendo, nos permitindo

³⁹ Para maiores informações acessar: <<http://bdttd.ibict.br/>>

⁴⁰ Para maiores informações acessar: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>

⁴¹ Para maiores informações acessar: <<http://www.dominiopublico.gov.br/>>

⁴² Consulta feita durante o II Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto) biográfica, Salvador-BA, 2006.

concordar ou não com as interpretações feitas pelos autores escolhidos para serem comentados.

Dentre os críticos literários, selecionamos professores universitários, citados em vários trabalhos sobre Pedro Nava, para compor este tópico, quais sejam: Antonio Candido de Mello e Sousa, Davi Arrigucci Júnior e também o professor Afonso Henrique Fávero. Além destes, incluímos os trabalhos de cunho didático desenvolvidos pelas professoras Eneida Maria de Souza e Maria Aparecida de Campos Brando Santilli.

Além de vários outros, que seria enfadonho comentar, um dos trabalhos que poderia ter sido aqui incluído é o de Edina Panichi e Miguel L. Contani (2003), por trazer um estudo sobre o processo de criação de Pedro Nava, mas precisamente dos originais do livro “Beira-mar: memórias 4” (NAVA, 2003a). No entanto, como o trabalho de Panichi e Contani considerou que Nava faz uma tradução criativa através de uma linguagem interpretativa da cultura e da sociedade brasileira, preferimos incluí-lo como complementar para o embasamento teórico/metodológico deste trabalho no tocante à compreensão de tradução, como algo que “leva também o autor à busca de novas formas-conteúdo a partir de séries culturais (PANICHI e CONTANI, 2003, p. 133) ao invés de perder-se ou apagar-se, alargam seu significado satisfazendo, assim, o desejo do tradutor (PANICHI e CONTANI, 2003, p. 134).” Realçamos, também, que a pesquisa destes dois autores se insere em trabalhos de natureza cognitiva para compreensão da construção escrita e, assim, puderam nos auxiliar no entendimento do pensamento de Pedro Nava.

Os poetas selecionados foram escolhidos dentre aqueles cujos poemas se encontram publicados na obra memorialística de Pedro Nava, nos quais se pode traduzir uma interpretação da obra, quais sejam: Carlos Drummond de Andrade; Fernando da Rocha Peres; José Geraldo Nogueira Moutinho; Alphonsus de Guimaraens Filho; Nei Leandro de Castro; Olavo Drummond; e Luiz Carlos Guimarães.

Informamos ainda que entre os poetas que dedicaram poemas a Pedro Nava se encontra Vinícius de Moraes (1973),⁴³ amigo e presença marcante na vida e obra

⁴³ Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moares (1913-1980) Diplomata brasileiro, poeta, escritor e crítico de cinema, compositor e músico reconhecido mundialmente por suas canções e poesias, assim como por sua produção para o teatro.

do Narrador. Para Nava, Vinícius de Moraes poemisou “Balada de Pedro Nava (o anjo e o túmulo)⁴⁴” um poema de dedicação e saudade que diz assim:

BALADA DE PEDRO NAVA (O ANJO E O TÚMULO)

Meu amigo Pedro Nava
Em que navio embarcou:
A bordo do Westphalia
Ou a bordo do Lidador?

Em que antárticas espumas
Navega o navegador
Em que brahmas, em que brumas
Pedro Nava se afogou?

Juro que estava comigo
Há coisa de não faz muito
Enchendo bem a caveira
Ao seu eterno defunto.

Ou não era Pedro Nava
Quem me falava aqui junto
Não era o Nava de fato
Nem era o Nava defunto?...

Se o tivesse aqui comigo
Tudo se solucionava
Diria ao garçom: Escanção!
Uma pedra a Pedro Nava!

Uma pedra a Pedro Nava
Nessa pedra uma inscrição:
“– deste que muito te amava
teu amigo, teu irmão...”

Mas oh, não! que ele não morra
Sem escutar meu segredo
Estou nas garras da cachorra
Vou ficar louco de medo

Preciso muito falar-lhe
Antes que chegue amanhã:
Pedro Nava, meu amigo
DESCEU O LEVIATÃ!

(MORAES, 2010)⁴⁵

⁴⁴ É a trilha sonora do curta-metragem dirigido por Fernando Sabino “Em tempo de Nava” (1971).

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia/sec>>. Acesso em: 26 abr. 2010.

Os poetas que serão apresentados conviveram com Nava direta ou indiretamente ou através de cartas e se mostraram poeticamente leitores/intérpretes de sua obra, cuja aceitação interpretativa foi bem aceita por ele, pois publicou os poemas em seus livros de Memórias.

Os trabalhos acadêmicos escolhidos foram aqueles que deram maior contribuição para a compreensão do pensamento do autor durante a escrita deste trabalho, selecionados dentre aqueles que discutem as dimensões básicas por nós consideradas para a tradução do pensamento de Nava, quais sejam: sua formação pessoal; sua visão de mundo, de homem e de sociedade pautada nas relações sociais que se mostram em suas narrativas sobre o Brasil. Assim, comentaremos apenas aqueles intérpretes cujos trabalhos acadêmicos contribuíram diretamente para a compreensão da racionalidade empregada pelo Narrador.

Este capítulo é, portanto, um intertexto que tem como objetivo principal delinear um elo informativo/reflexivo para o leitor desta tese, sobre Pedro da Silva Nava, e os estudiosos de sua obra, em particular os intérpretes das Memórias, que assim se tornaram também intérpretes do Brasil, interpretado pelo Narrador que em sua obra expressa o desejo de partilhar saberes. A tradução, aqui delineada, foi conduzida por questionamentos exteriores à obra, mas referentes a ela, quais sejam: Como a obra de Nava foi recebida no contexto literário brasileiro e na academia? Quais seus principais críticos? Como esta crítica vem se delineando? O que os críticos informam sobre as Memórias, como substancial para a compreensão da racionalidade empreendida pelo Narrador? Será que esta crítica a percebe como uma narrativa brasileira?

4.1 OS CRÍTICOS LITERÁRIOS

O professor Antonio Candido de Mello e Sousa é destacado entre os principais críticos de Pedro Nava e visualmente um dos mais citados nos estudos sobre o autor. Contudo, não temos conhecimento, até o momento, de trabalhos feitos por pesquisadores que aproximem literariamente as produções literárias ou não desses dois intelectuais. Por isso, consideramos interessante fazer uma breve

leitura de aproximação dos dois. Candido é sociólogo, crítico literário e militante político de esquerda. É professor da Universidade de São Paulo (USP) e autor de livros sobre a formação da literatura brasileira. Por esta produção e por trabalhos críticos nesta área é também considerado um dos principais críticos literários do Brasil. Manteve com Pedro Nava uma correspondência afinada sobre questões ligadas à crítica literária e sociedade.

Em seu livro “A Educação pela noite e outros ensaios” (CANDIDO, 1987), que reúne textos de palestras, conferências e artigos, este eminente mestre traça o perfil memorialístico e autobiográfico de Nava como escritor ao discorrer sobre os escritores mineiros e as influências da poesia e da ficção na autobiografia. Neste estudo, os dois primeiros livros de Memórias (“Baú de ossos” e “Balão cativo”) de Nava são dissecados criticamente e “Chão de ferro” e “Beira-mar” são apenas referenciados por Candido que, sobre a escrita naviana dos dois primeiros diz: “nos seus dois livros a autobiografia desliza para a biografia que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade” (CANDIDO, 1987, p. 61). Trata, assim, do estilo do autor e do posicionamento deste diante de sua própria obra e de igual modo insere o Narrador como um escritor que na escrita expõe sua percepção de sociedade.

Para ele, nos dois primeiros livros Nava aproxima-se da autobiografia e vai deslizando à biografia dele e dos que o cercaram, fazendo emergir a visão de sociedade traduzida como “certa visão de mundo” (CANDIDO, 1987, p. 61), fazendo-o transitar do individual para o coletivo pela via de uma estilista própria que marca sua escrita.

Dessa compreensão, o crítico passa a informar que o autor em estudo usa a “prosa franca,” a narrativa longa atravessada por um pensamento lógico não linear, todavia, cronológico, mas às vezes chega ao contraditório. Assim, considera que a narrativa da própria vida, como autobiografia e memória, seja o particular por excelência em Nava. Entretanto, reconhece que os escritos navianos que estão sendo por ele analisados, o colocam entre os maiores escritores brasileiros, admitindo a localização desta obra literária, mesmo sendo memorialística e autobiográfica, à altura das grandes obras da literatura brasileira, como as de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes.

Este crítico reafirma o confinamento da narrativa à memória, mas considera-a inserida em uma abordagem romanceada que, pela imaginação, poética, estilo e experiência de escrita e de leitura do Narrador, faz uma apreensão do passado, particularmente, em “Baú de ossos,” que é seu, apenas por “herança genética”, pois é o passado de sua família, experiência não vivida pelo escritor, portanto, memórias dos outros “seus”, não suas tornadas vivas em sua escrita. (CANDIDO, 1987).

Nava, segundo Candido traz em “Baú de ossos” e em “Balão cativo” “a história geral de grupos, situados no seu respectivo espaço social e tomados como ponto de referência para ver o mundo” (CANDIDO, 1987, p. 62). Nos dois livros, é no mundo brasileiro que o Narrador transita, de Minas para o Ceará, indo e vindo para o Rio de Janeiro para construir o passado de sua família, para compor o seu, por essa razão, espacialidades sociais são inventadas e reinventadas “com a força da mais alta verdade da arte e da vida” (CANDIDO, 1987, p. 63). Para nós, o crítico refere-se àquela arte que por ser dinâmica carrega sofrimentos, alegrias, vida pulsante – é a vida social/humana essencial e necessariamente dialogal e conflitual que é contada.

Assentimos com os entendimentos de Candido (1987) em suas críticas, especialmente quando informa que a literatura transporta sujeitos da realidade para a reinvenção da escrita, tornando-os personagens de uma ficção que por reversibilidade molda-se ora ao particular, ora ao universal, sem perder as possibilidades de condução do real e do irreal, posto ser a arte literária das Memórias, invenção de Nava: uma narrativa poética ficcionável, algumas vezes recaindo nos lugares comuns da autobiografia, daí sua beleza, enquanto narrativa de vidas em uma sociedade em processo de conscientização cultural, da qual ambos (Narrador e crítico) são testemunhas.

Candido deixa ainda fluir em suas críticas a Nava o sociólogo e antropólogo de sua própria formação ao asseverar que o Narrador “[...] penetra **simpaticamente** na vida dos antepassados e dos parentes mortos, no seu ambiente, nos seus hábitos, e não tem outro meio de os configurar senão apelando para a imaginação.” (CANDIDO, 1987, p. 61, grifo do autor).

Nessa perspectiva, concordamos com tais críticas e percebemos a aproximação do crítico com o escritor por suas produções literárias, em especial, em seu livro “Parceiros do Rio Bonito” (CANDIDO, 2001), fruto de sua tese de doutoramento, no qual traz suas elaborações sobre o caipira brasileiro, situado no

interior de São Paulo. Nesse livro, o crítico literário/cientista social mesmo sem dizer que o faz, enfoca uma memória brasileira, a do caipira, penetrando simpaticamente (usando suas palavras) naquele mundo, tornando-o presente nas discussões sobre os modos de vida do povo brasileiro. Assim, faz com que a experiência caipira seja uma das partes da história social do país em retratos socioantropológicos de uma parcela da população do Brasil.

Nesse sentido, Nava também assim procede, nos dois livros analisados por Candido, ao trazer ao debate social pela via literária a cultura da sociedade brasileira, moldada por um estilo singular agregante de vários estilos de escrever memórias e autobiografias, como ressalta esse crítico literário, situando sua narrativa em duas regiões bastante díspares do País: a Nordeste e a Sudeste.

Aproximam-se também Candido e Nava por se distinguirem na luta contra o subdesenvolvimento do Brasil e pela relevância que imprimem à literatura. Ambos observam o duplo papel exercido por esta na formação da sociedade brasileira, desenlaçado por eles em suas produções intelectuais, ora como sendo de dominação utilizada como instrumento colonial para exclusão dos não cultos, ora de desenvolvimento como meio de disseminação de uma linguagem elaborada sem descuidar da linguagem oral não culta, com vistas a permitir a circulação de conhecimentos e saberes, favorecendo, desse modo, o desenvolvimento do país como nação.

Situando a escrita memorialista e autobiográfica de Nava dos quatro primeiros volumes das Memórias, em termos de tempo e espaço histórico-social da escrita (anos 1960 e 1970), Candido a este se refere como um tempo, primeiro turbulento e, em seguida, terrível, “brutalmente opressivo” e “ferozmente repressivo”. Foram “anos de vanguarda estética e amargura política”, todavia, revela que os anos 1970 foram de “verdadeira legitimação da pluralidade” (CANDIDO, 1987, p. 208-209), apesar das agruras da ditadura civil/ militar estreada em 1964 e que aqui permaneceu até 1985 aproximadamente. Um tempo que impunha o silêncio na interpretação de Nava.

Em termos de crítica literária, podemos dizer que Candido (1987) afirma o destaque de Nava de transitar do individual para o universal pela utilização de recursos estilísticos que o singularizam como escritor de memórias, em uma trama discursiva elaborada em torno de ideias sobre cultura e sociedade na construção de

suas Memórias. Desse modo, reaviva a cultura brasileira pela reanimação relida do passado, trazendo uma visão de humanidade, de sociedade e de modo especial do Brasil.

Por estas percepções de Candido (1987), podemos anuir que Nava traz no arcabouço literário, por ele construído, uma postura de reconhecimento cultural, demandada em suas lições existenciais de vida e de visão de mundo, as quais nos consentimos traduzir como pautadas em uma nova racionalidade.

Davi Arrigucci Júnior é professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. Além de “Enigma e Comentário: Ensaio Sobre Literatura e Experiência” (ARRIGUCCI JR., 1987) no qual consta o ensaio “Móvil da Memória,” sobre o qual nos debruçamos para comentar suas críticas a Pedro Nava, publicou em torno de cinco livros em sua área de atuação, sendo “Outros achados e perdidos” (1999) o último.

No ensaio “Móvil da Memória”, escrito em 1986, um dos trabalhos bastante citado pelos estudiosos da obra de Pedro Nava, Arrigucci Jr. tenta definir o que são as Memórias e começa por situar o autor no tempo/momento social da escrita do Narrador, sobre o que afirma tratar-se de um “[...] momento da vida brasileira arrolhada pela pior repressão política, que tentava tapar com a censura e a mentira qualquer discurso inteligente sobre a história do país [...]” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 67).

Este crítico aponta fundamentalmente certa necessidade de autoconhecimento do Narrador como membro do Movimento Modernista, embora tardio, pois já tinha em si a leitura e a interpretação social do que havia sido produzido por seu grupo dos anos 1920, portanto, em meio século de existência e persistência do modernismo brasileiro. Isto lhe garantia buscar formas não delineadas por seus antecessores, ou mais adequadamente, o que ele considerava ausente nesses trabalhos para a compreensão e interpretação da cultura brasileira. Por essa percepção, informa que Nava é um narrador fora do comum, pois como memorialista reconstruiu sua “crônica de saudades” literariamente organizada em torno de elementos, fatos, acontecimentos e sujeitos procedentes de diferentes classes sociais, populares e burgueses, que nela se unificam de forma multifacetada para retratar o todo brasileiro, sua sociedade e suas relações sociais, como modo de reconhecimento da diversidade cultural do país.

Arrigucci Jr. constrói seu ensaio sobre as Memórias percorrendo inicialmente os antecedentes literários do país e do Narrador na memorialista brasileira para sugerir o distanciamento deste de seus companheiros de grupo, até mesmo de Manuel Bandeira e das “memórias desabusadas” de Oswald de Andrade (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 73), dois autores da convivência de Nava. Recuando no tempo vai até ao memorialismo tradicional do Século XIX e aí também não encontra similaridades que sugiram aproximação com as Memórias o que lhe permite classificá-las como “*sui generis*” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 74). Em sua busca, contudo, consegue encontrar na literatura brasileira de outros gêneros, algumas afinidades com as Memórias nas obras de Gilberto Freyre, em “Casa Grande & Senzala” (FREYRE, 1963), e em “O Atheneu”, de Raul Pompéia (2005), em características mescladas pela valorização do passado histórico brasileiro do qual essas obras e as Memórias se constituem, se construíram e se irmanam na concepção deste crítico. Reconhece, todavia, que embora “revelam mais afinidades íntimas” são “completamente diferentes entre si” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 74), mas seus fins desvelam um Brasil íntimo, constituído por uma sociedade que se coletivizava assim como sua literatura; que se reconhece adscritando na narrativa seus protagonistas sociais.

Por essa constatação, Arrigucci Jr. (1987) nos fornece elementos para a compreensão de passado capacitante na constituição das Memórias, necessária à visão de Nava como um sujeito cujo pensamento comporta uma racionalidade para além do pensamento hegemônico.

O método construtivo das Memórias é também examinado pelo crítico que sobre este diz que elas não configuram um microcosmo, como a obra memorial de Proust. Sugerem muito mais uma paisagem cuja incompletude a torna fugidia para o leitor (ressaltamos que as Memórias são uma obra incompleta). Para ele, a trajetória metodológica de Nava circula entre o que é concreto, próximo, embora simbolicamente retratado em fragmentos, ora usando a memória involuntária, ora retomando a experiência da memória voluntária que surge quando guiada pela intenção do Narrador. Por seu plano literário, que torna o passado capacitante, potente, “assim, as Memórias não se compõem de um discurso puramente narrativo, mas também de um verdadeiro diálogo dramático com o passado” (ARRIGUCCI JR.,

1987, p. 88), dando-lhe vida e movimento através de personagens que ressurgem dos ossos e se interconectam na temporalidade das Memórias.

As análises sobre as questões de estilo são desveladas por Arrigucci Jr. (1987) que para isto considera a filiação de Nava ao Modernismo que, segundo o autor, se empenha em “redescobrir a realidade brasileira” e que, apesar de “todo comprometimento de classe”, conseguiu

chegar ao conhecimento mais profundo e geral dos modos de vida e sensibilidade da sociedade brasileira no seu dia-a-dia do passado, através de formas particulares e concretas de seu cotidiano, de repente chamadas à vida pelo toque de arte que aí desencadeou a ressurreição da memória. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 110).

Por fim, este crítico chega à conclusão que “o grande feito de Nava – enigma de sua arte – parece ser o de arrancar o passado da imobilidade de coisa morta,” como “um escultor, diante da matéria inerte pode nos dar a sugestão de movimento.” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 110). Nesta interpretação já podemos observar uma das características da racionalidade cosmopolita (SANTOS, 2006) nos estudos de Nava pela valorização do passado, como *locus* de construção de uma nova leitura do presente, consciente, portanto, da relevância da história para a constituição e compreensão dos processos sociais. Ai se encontra a contribuição desse intérprete para as argumentações deste trabalho.

O professor Afonso Henrique Fávero do Departamento de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é injustamente pouco citado em trabalhos acadêmicos sobre o Narrador, o inserimos entre os críticos pela qualidade do ensaio que iremos comentar e pelo currículo deste pesquisador na área da literatura e do memorialismo brasileiro. O professor Fávero em sua tese de doutorado orientada pelo professor Antonio Dimas (1991), um crítico literário que também tem estudos publicados sobre a obra de Nava, se debruçou inúmeras vezes sobre a obra deste memorialista, para dissecar o memorialismo brasileiro; desconhecemos, no entanto, outros artigos de Fávero sobre a obra de Nava, exceto o que comentaremos aqui.

Para Fávero (2000), a sensação perpassada na leitura das Memórias é a de estarmos diante do “ponto mais alto do memorialismo brasileiro” (FÁVERO, 2000, p.

61), o que corrobora nossa percepção sobre a desestabilização do cânone literário brasileiro quando da publicação de “Baú de Ossos” (NAVA, 2002) detectada por vários intérpretes da obra.

Assim, anuímos que o ensaio deste professor, publicado na “Revista *Cronos*”,⁴⁶ busca encontrar na obra de Pedro Nava características definidoras da literatura brasileira, seguindo uma abordagem histórica do memorialismo brasileiro. É desse modo que se permite logo de início afirmar que as Memórias vão muito além do registro pessoal e se encaminham para a visão de grupos sociais e do próprio País, como já havia observado Candido (1987) e Arrigucci Jr. (1987).

O ensaio refere-se aos seis volumes acabados das Memórias, sobre os quais Fávero pondera que para ele foi difícil expor uma ideia aproximada do conjunto da obra, dada a forma analítica, minuciosa e vigorosa empreendida pelo Narrador. Para isto, ele recorre a outros autores, dentre os quais Aguiar (1998), Arrigucci Jr. (1987), Candido (1987), Dimas (1991), Meyer (1986) e Nunes (1987), autores aos quais também recorreremos.

Fávero reverbera sobre a questão do detalhamento na escrita das Memórias exercitado exhaustivamente por Nava, ponderando que isto o “capacita a detalhar tudo a que não tivera acesso direto” (FÁVERO, 2000, p. 63), como Narrador, alimentando sua “imaginação e verossimilhança” (FÁVERO, 2000, p. 63). Dessa forma, pode ratificar a interpretação dos comentadores da obra já referidos, salientando o modo de construção da obra naviana como um percurso reconstruído do passado, dos antepassados, dos grupos com os quais manteve relações pessoais e sociais, com os quais conviveu com particular atenção voltada para a história da cultura brasileira, da qual era arguto observador e admirador. Corrobora, as interpretações de Cançado (2003).

Sugere, de igual modo, que Nava retinha uma profunda identificação com sua terra e que um forte apego às suas origens predomina em seus relatos e mais relatos da trajetória de sua vida e das vidas vividas ao seu redor. Essa compreensão remete à de Silva (2000) sobre o percurso intelectual do também médico como Nava, Josué de Castro, quando esta pondera:

⁴⁶ *Cronos*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ISSN DA VERSÃO ELETRÔNICA 1982 5560, acesso livre em: www.cchla.ufrn.br/cronos; e-mail: cronos@cchla.ufrn.br

O indivíduo não é a soma de suas impressões gerais e sim de suas expressões singulares. A terra natal tem uma profunda importância na elaboração dos símbolos-imagens que nutrem os nossos devaneios, pois a terra natal é menos uma extensão que uma matéria, um fragmento qualquer nos remete a ele e a reconstruímos como a idealizamos na memória, por isso é possível localizá-la e reconhecê-la, seja numa cor, num cheiro ou num som. (SILVA, 2000, p. 83).

Este ensaísta demonstra ainda que Nava percorreu nas Memórias os itinerários já desvendados pelo memorialismo tradicional brasileiro, assumindo, contudo, a terra natal como o também médico Josué de Castro com outras óticas, sugerindo diálogos, conflitos, embates da “forma que melhor lhe convém” (FÁVERO, 2000, p. 72) para expressar os momentos do panorama nacional, do Brasil Imperial ao Movimento Constitucionalista de 1932. Finaliza Fávero seu ensaio sinalizando a “criatividade, a adequação, a liberdade” (FÁVERO, 2000, p. 72), além da busca por totalidade, como qualidades indelévels da obra naviana responsáveis pelo reconhecimento a ela dedicado nas letras brasileiras.

A professora Eneida Maria de Souza leciona Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais. É autora de dois trabalhos sobre Pedro Nava. Um deles é “Pedro Nava: trechos escolhidos” (SOUZA, 2005), no qual ela faz a apresentação deste trabalho que foi organizado para a “Coleção Nossos Clássicos,” dirigida fundamentalmente para o ensino das literaturas: brasileira e portuguesa, desde sua criação em 1957.

Na apresentação, ela situa o escritor como literato memorialista e afirma que as Memórias de Nava são compostas em um “[...] texto que se situa a meio caminho da ficção e do documento, pela reinvenção dos fatos vividos [...]” (SOUZA, 2005, p. 17), no qual o escritor utiliza-se de “um número razoável de metáforas de bom rendimento para a compreensão do processo criador, [...]” (SOUZA, 2005, p. 19). Afirma que estas imagens metafóricas são utilizadas amplamente pela crítica literária brasileira que se dedica à obra naviana.

Chama à atenção ainda, para o Nava arquivista, o cronista, o médico e o memorialista, situando-o socioculturalmente. Corrobora, portanto, a percepção de um Nava múltiplo, como já o apresentamos. Assim, ela organiza didaticamente os conhecimentos que deseja compartilhar sobre este sujeito e sua obra. Em seguida, traça um perfil de Nava como autor no tempo/espaço brasileiro e apresenta uma

antologia do autor, por ela organizada com trechos de cada um dos livros das Memórias, exceto “Cera das almas” (NAVA, 2006), à época, ainda inédito. Cada texto é precedido de uma síntese de cada volume. Essa antologia é complementada com os dois poemas mais conhecidos do poeta Nava, “Mestre Aurélio entre as rosas” e “O defunto”. (SOUZA, 2005).

O outro trabalho de Eneida Souza é “Pedro Nava, o risco da memória” (SOUZA, 2004), um livro que por seu formato e conteúdo não deixa de ser também didático. Neste, capricha no enfoque informativo e histórico fazendo uma espécie de análise diacrônica do Narrador e de suas Memórias, começando pelo fim – pela morte do Narrador e com ele o fim da escrita das memórias e não das Memórias já escritas, pois estas tornam possíveis visitas imaginárias ao memorialista, compósito de partes da história brasileira. Dessa maneira, alia, ao contexto de Nava, fatos, espaços, história, cultura e sujeitos no cenário do redor do Narrador, envolto em literatura, poesia, artes plásticas e medicina.

Esta autora recorre em suas interpretações, neste livro, a dois temas amplamente discutidos nas Memórias: a morte,⁴⁷ como já sinalizamos, e o processo criativo do Narrador. Quanto a este último salienta que Nava criou, ao longo de sua vida, um verdadeiro museu imaginário com objetos concretos e a eles recorria durante a escrita. Neste museu que servia à escrita e à vida do memorialista tudo funcionava como “gatilho associativo,” usando as palavras do autor em “Galo-das-trevas” (NAVA, 2003b, p. 38) e nele o próprio escritor e seus amigos eram objetos auto/representativos da narração, dispositivo desencadeador de lembranças, personagens e autores. Citando Cardoso (1999), esclarece que “[...] Nava se apresenta tanto como o século, como um homem velho, distante dos sonhos da vanguarda e da revolução, ao transformar a perda das ilusões políticas e profissionais em gesto rememorador [...]” (SOUZA, 2004, p. 112). Quem sabe, Nava buscasse como pondera a autora, iluminada pelas reflexões de Benjamim, no interior de seu apartamento, “uma compensação pelo desaparecimento dos vestígios da vida privada na cidade grande.” (SOUZA, 2004, p. 112).

O risco das amigadas de Nava é também traçado por Souza (2004) de forma singular, ao recorrer a estas na composição de seu livro, comentando: Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Juscelino Kubitschek, entre outros, para

⁴⁷ É interessante também ler sobre esta temática o estudo de Ana Cristina Chiara (2001), “Pedro Nava: um homem no limiar”.

mostrar que “a escrita memorialista de Nava se impõe como resposta a todo desejo de encarar o passado como algo que deverá ser remodelado, uma vez que se revela impossível a recuperação integral das origens.” (SOUZA, 2004, p. 110).

Nessa perspectiva, em parte, a interpretação desta autora, quanto à percepção de passado na perspectiva naviana, se afasta da nossa, no sentido em que, para nós, Nava, ao construir suas Memórias, faz a releitura do passado, remodela-o, impondo-se para isto a um novo modo de pensar. Reconhecendo a impossibilidade de reconstruí-lo integralmente em sua obra literária, o faz em uma espécie de colagem na qual criador e criatura se fundem socialmente: um está no outro; o autor se personifica, corporifica-se como seu próprio personagem, duplicando-se em um *alter ego*; não há dissociação entre eles; melhor dizendo, a não existência do criador não inviabiliza a existência do que foi criado; o passado e o presente se unificam nas Memórias; a criação permanece e contém nela o criador e seu tempo para que se possa refletir sobre o futuro – contraindo-o para nosso tempo, enquanto leitores da obra. Afinal, residem na criação de novas temporalidades as possibilidades de reconstrução do passado na obra literária. (SANTOS, 2006).

Um dos pontos altos do livro de Souza (2004) é a interpretação comparativa criada entre a obra de Nava e a de Guimarães Rosa pela autora, tangenciando o traço espaço/situacional da inscrição literária de ambos. Sobre os dois ela diz que a memorialista naviana: “[...] se pauta pela visão também tardia do moderno – a reconstrução da cidade imaginária do passado conta com os desvios e descompassos do presente [...]” (SOUZA, 2004, p. 109), já “a narrativa rosiana, em descompasso com a vanguarda literária de sua época, realiza uma leitura inusitada do momento, ao deslocar o foco da cidade e dos símbolos tradicionais de progresso para os resquícios e as perdas provocados pelo processo de modernização.” (SOUZA, 2004, p.109-110).” Assim, podemos perceber que os dois autores, conforme Souza, se aproximam por simbolizarem literariamente tempos esquecidos, modernização, vanguarda moderna e tradição, litoral e sertão na recomposição do passado pelo presente do Brasil de suas narrativas.

A professora da USP, Maria Aparecida de Campos Brando Santilli leciona disciplinas vinculadas à literatura portuguesa. O trabalho “Pedro Nava” (SANTILLI, 1983) foi organizado, para a série Literatura Comentada, da Editora Abril Educação

e contou com a colaboração do próprio Pedro Nava ao conceder à professora uma entrevista⁴⁸ que se encontra ali publicada.

Observamos que Santilli organizou a “seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios” como um estudo histórico-literário de cunho didático, com o objetivo de fazer circular conhecimentos sobre o autor e sua obra de uma forma, diríamos, bem compreensível e crítica, dando-lhe o formato de uma antologia sedimentada de modo sociocultural e político.

Na primeira parte, apresenta uma biografia de Nava construída com criatividade com trechos retirados dos livros que formam o conjunto das Memórias a qual intitula de “O Pedro Nava, de Pedro Nava: retalhos de Memórias”. Esta parte é composta ainda por duas questões da entrevista já citada, nas quais Nava fala sobre a utilização de um *alter ego* em suas narrativas, afirmando: “O Egon naturalmente é minha pessoa. Eu passei a contar como se fosse terceira pessoa, porque me transformei em simples narrador.” (SANTILLI, 1983, p. 14). E, se encerra com uma exposição de fotos de Nava e uma cronologia biográfica deste autor.

Na segunda parte “Obras do autor,” os textos selecionados foram extraídos dos seis livros completos das Memórias publicados até 1983. Cada um é introduzido com uma interpretação do texto selecionado feita pela organizadora que sobre a segunda parte de “Baú de ossos: memórias 1” (NAVA, 2002), “Caminho novo,” diz: “Só a arqueologia amoroso e correspondente de um Pedro, como o Nava, poderia resgatar esse Rio antigo que outras memórias ingratas condenariam ao fatal esquecimento.” (SANTILLI, 1983, p. 21). Essa interpretação reforça a compreensão que vimos desenvolvendo sobre a visão do passado em Nava, como um tempo capacitante em uma leitura de reconhecimento daquilo que foi tornado inexistente pela razão metonímica.

O trecho de “Balão cativo: memórias 2” apresentado é “Engenho velho” e Santilli sobre este desvela que Nava narra o Rio de Janeiro poeticamente usando para isto registros do vivido do quadro humano e urbano da cidade, “daí a abundância de pormenores” (SANTILLI, 1983, p. 41), retratando a cidade em beleza e feiúra entre a falta de organização dos poderes instituídos e a natureza que se impõe como a querer esconder a miséria ali existente em pleno desenvolvimento.

⁴⁸ Entrevista realizada por Maria Aparecida Santilli, em 1982, no Rio de Janeiro, Santilli (1983, p. 105-108).

“Rua da Bahia” é o texto de “Chão de ferro: memórias 3” (NAVA, 2001), o último capítulo deste livro, escolhido pela organizadora que informa: nesse texto o autor de maneira enamorada revela seu lado mineiro para falar de um tempo no qual apresenta e define Belo Horizonte.

De “Beira-mar: memórias 4,” a autora seleciona também “Rua da Bahia” situado no segundo capítulo, e sobre este revela que Nava mergulha na história dos anos 1920, no Movimento Modernista Brasileiro, enfim, o momento “dos contatos no mundo dos escritores, decisivos para estimular Pedro Nava nos rumos do caminho literário que haveria de seguir.” (SANTILLI, 1983, p. 52).

Dando continuidade, ela apresenta “Galo-das-trevas: as doze velas imperfeitas” (NAVA, 2003b) como o último livro de Pedro Nava, publicado até aquele momento. O texto escolhido é um pequeno trecho da segunda parte do livro: “O branco e o marrom”, extraído do capítulo “Belorizonte belo”. Neste, a autora interpreta que Nava se assemelha a qualquer narrador para contar a história do “doutor José Egon Barros da Cunha” o *alter ego* por ele criado e com o qual transitará como se “fossem personagens do próprio escritor Pedro Nava” (SANTILLI, 1983, p. 79), situando-os no final da década de 1920 e início de 1930. Traz, ainda, o Anexo II do livro “Galo-das-trevas” (NAVA, 2003b), “Peixe-vivo”.

Em seguida, apresenta o que intitula de “Panorama da época” fazendo o que diz ser “A história nas memórias”, constrói aqui o que propôs um estudo histórico-literário, distribuído em 10 temas, quais sejam: memórias que dilatam a História no qual desvela que: “são uma escala notável na caminhada da cultura brasileira. Nelas, as referências para um panorama de época bastam ou excedem.” (SANTILLI, 1983, p. 98). Nesta interpretação vemos que a autora faz uma aproximação com o que vimos discutindo como dilatação do presente.

Outro tema é “Cinema e música para a massa,” no qual registra que filmes são lembrados pelo Narrador dizendo: “Nava detém-se na recuperação do passado do cinema e homenageia o fascínio dos astros e estrelas da época, sublinhando Charles Spencer Chaplin, o Carlito cujo retrato traria alfinetado em sua parede, desde os idos de 1916.” (SANTILLI, 1983, p. 99).

Em o “Impacto da Guerra,” a professora informa que Nava foi testemunha da I Guerra Mundial (1914/1918) que quebrou “o clima de paz podre dos últimos anos descuidados da **bela época**” (SANTILLI, 1983, p. 99, grifo da autora). Registra,

ainda, em “Os problemas da República,” em breves palavras, a mudança de poder no Brasil naquele período e a luta entre civilistas e militares que excluía a questão nacional envolta em desemprego e greves retratadas por Nava.

Nos “Anos de Modernismo e Tenentismo” enfoca a exposição de Anita Malfatti em 1917, em São Paulo, e a política de Epitácio Pessoa que tentou agregar civis e militares, mas que não aplinou o choque entre militares e o governo nos grandes Estados do Brasil, o que desencadeou a revolta dos jovens oficiais chamada de Tenentismo. Passa ainda pelo levante do Forte de Copacabana em 1922, e pela ascensão de Getúlio Vargas ao poder, derivada da política revolucionária dos tenentes. Destaca também a Semana de Arte em São Paulo como uma ofensiva modernista, formando assim o espetáculo reinante na Primeira República que acabaria em 1930.

Em “Os registros de Nava,” Santilli informa que para Nava arte era uma coisa agradável e política o aborrecia, mas que nas Memórias arte e política “se infiltram e se alastram, ocupando o grande espaço de decisão da vida brasileira”, (SANTILLI, 1983, p. 100), especialmente na década de 1920, e nas que a ela imediatamente se seguiram.

Na “República Nova e golpes,” a autora registra a campanha de Júlio Prestes em 1929, e a ferrenha oposição de estados como Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Trata-se, segundo a autora, de um momento de insatisfação que culmina com o assassinato de João Pessoa, governador da Paraíba, e o início da revolução liderada por Getúlio Vargas, em 1930, que assume o poder após a deposição de Washington Luís. Finda neste momento a Segunda República e dois anos depois eclode a Revolução constitucionalista de 1932 da qual resultam as eleições constituintes de 1933 e a promulgação da Constituição brasileira de 1934.

Para esta autora, “Totalitarismo e eleições” são os “polos políticos que caracterizavam as disputas do mundo contemporâneo” (SANTILLI, 1983, p. 101) que se delineavam contraditoriamente “no espaço instável das tendências liberais” (SANTILLI, 1983, p. 101). Isto se confirma no Brasil, em 1937, quando “Getúlio Vargas dissolve o Congresso, implanta o Estado Novo, extingue os partidos políticos e institui depois a censura aos meios de comunicação” (SANTILLI, 1983, p. 101), e, no mundo, com a explosão da Segunda Guerra Mundial que o banhará de sangue espalhado pelo nazismo e o fascismo. Finda a Guerra, no Brasil, são criados novos

e importantes partidos políticos; vem o governo de Eurico Gaspar Dutra e a volta de Getúlio Vargas em 1951, e sua morte em 1954; tem também o governo de Kubitschek e a eleição de Jânio Quadros e sua renúncia, e também o golpe de 1964.

“Um amargo sabor”, conforme a autora, deixa os rastros da História nas Memórias, assim, “de tudo quanto foi passado a limpo do rascunho da história, sobraria a Pedro Nava este amargo sabor na revisão final: **uma densa e má tristeza desprende-se da história da República.**” (SANTILLI, 1983, p. 102, grifos da autora citando Nava)⁴⁹.

Há ainda nesta antologia uma parte com a Cronologia Cultural Brasileira encontrada pela autora na obra de Nava, que vai da Abolição da escravatura e da publicação de O Ateneu, de Raul Pompéia, em 1888, até o Governo do General João Figueiredo, em 1978. E, outra, com “Características do autor,” espaço onde é publicada a entrevista realizada pela autora com Pedro Nava na qual ele fala de “como e por que me fiz memorialista” (SANTILLI, 1983, p. 105), de seu envolvimento com o Modernismo e de ter uma língua diferente, transitando da linguagem culta para a do povo; da morte como verdade para todos nós; de um trauma amoroso pela morte da amada; de suas *madeleines*⁵⁰; de suas ligações com as raízes da literatura brasileira e universal.

O livro se encerra com alguns exercícios e atividades de criação, direcionados para aprendizagens sobre as Memórias do autor e, conseqüentemente, sobre o Brasil revisto e narrado por Nava.

Gostaríamos de comentar outros autores e críticos da obra de Nava, mas infelizmente não será possível fazê-lo neste trabalho. Todavia, pedimos permissão para registrar o livro do também médico Raimundo Nunes, “Pedro Nava: memória” (NUNES, 1987). Trata-se de uma síntese biográfica na qual plasmam informações culturais e humanas sobre o roteiro de vida e obra do médico-escritor Pedro Nava: do memorialista intemporal aos encontros com homens das letras do Brasil, realizados na casa de Plínio Doyle⁵¹ a partir de 1964, as *Sabadoyles*, que nada mais

⁴⁹ É importante lembrar que Pedro Nava escreveu suas Memórias durante a ditadura militar implantada, no Brasil em 1964.

⁵⁰ Para maiores conhecimentos sobre este tema na obra naviana sugerimos a leitura de “Baú de *madeleines*: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava” de Maria do Carmo Savietto (2002).

⁵¹ Plínio Doyle (1906-2000), grande amigo de Nava era o anfitrião das *Sabadoyles*, reuniões em que se encontravam escritores e intelectuais, como Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Murillo Araujo e Pedro Nava durante o período da ditadura implantada no Brasil, em 1964.

eram que uma confraria de amigos tentando romper o silêncio imposto pela ditadura civil-militar que governava o Brasil.

4.2 OS POETAS

Iniciamos nossos comentários pelo poeta e escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) que, além do poema “Pedro (o múltiplo) Nava” (já transcrito no primeiro capítulo), escreveu também o poema “Pedro Nava a partir do nome,” publicado no livro de Memórias “Balão cativo”, de Nava (2000) e em (PERES; MINDLIN, 1983). Neste poema Drummond faz uma espécie de interpretação do autor e de suas Memórias em uma resenha poética, arqueológica e biográfica do autor, tendo o sobrenome Nava como elemento de recorrência, como pode ser compreendido nos versos: “Nava,/ o novo sentido da palavra/ agora poesia/ de distintas maneiras naviexpressa/ em verso múltiplo,/ eis salta do verbo/ para navianimar membros rígidos inertes/ da gente sofredora/ [...]” (NAVA, 2000, p. XVI).

Plasma sobre o poema de forma recorrente o sentimento de profundo conhecimento e respeito mútuo existente entre Nava e Drummond como profissionais da palavra, pela construção poética conduzida com fios históricos, linearizados do passado para o presente e, ao mesmo tempo, dinâmicos por fazerem circular de maneira elevada a imagem de Nava feita pelo poeta que une nos versos – escrita e amizade⁵². Deixa, assim, entrever nas estrofes um Nava que se historiciza, se poemiza e se transforma em arte médica e artes plásticas para se tornar escritor “no corpo brasileiro repartido/ em clãs, em escrituras, em sussurros/ de alcova, que, navisutil [...],” (NAVA, 2000, p. XVII), compõe a literatura de um Brasil por eles traduzido.

Assim, verificamos que há neste poema de Drummond sobre/para Nava uma interpretação de sua obra memorialista, situada no espaço-tempo brasileiro: “Nava recolhe grava:/ sensível retrato do Brasil/ pulsando em navicinzza do passado [...]” (NAVA, 2000, p. XVII).

Doyle é o fundador do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), que guarda documentos de grandes autores. Um ano antes de sua morte publica sua autobiografia “Uma” Vida”, Doyle (1999).

⁵² Para melhor compreensão é interessante ler: “Pedro Nava leitor de Drummond: a memória, os retratos, a leitura” de Raquel Guimarães (2002). (LE MOING, 1996).

Os poemas de Carlos Drummond para Pedro Nava são mesclados com o carinho e o afeto que os uniu como amigos de toda a vida, sentimentos estes que também são expressos por Nava sobre Drummond em inúmeras citações em suas Memórias. Essas são, portanto, nossas percepções sobre a poética de Drummond para Nava.

Outro poeta que dedicou poema a Pedro Nava foi o historiador baiano Fernando da Rocha Peres, organizador do livro “Correspondente Contumaz” (ANDRADE, 1982) que contém as cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava, no período de 1925 a 1944⁵³, em uma edição organizada a pedido de Pedro Nava. Neste livro, além da apresentação de Peres sobre a preparação da obra, há outra de Nava sobre Mário de Andrade, o que demonstra a relação de amizade entre ambos.

Foi também Fernando Peres, juntamente com José Ephim Mindlin (1914-2010)⁵⁴ que, em 1983, organizaram o livro “Louvação Poética a Pedro Nava” (1983), reunindo poesias que homenageiam Nava pela passagem dos seus 80 anos e que é apresentado por Mindlin que diz, referindo-se ao verso de Drummond, para Nava: “mistura de santo, sábio e artista,” (PERES; MINDLIN, 1983, p.3): “concordo plenamente com a qualificação de Nava como **sábio** e **artista**. Quanto ao **santo**, tenho minhas dúvidas, como certamente terá todo aquele que leu seus livros de memórias. A menos que se fale em **santo endiabrado** [...]” (PERES; MINDLIN, 1983, p. 1: Apresentação, grifos do autor). Neste o poema “Nava/ Naveta/ Nava” de Fernando Peres encontra-se publicado (PERES; MINDLIN, 1983, p. 8) e é também publicado em “Chão de ferro: memórias 3” (NAVA, 2001, p. XV). Este poema é composto por uma estrofe formada com 14 versos.

Peres traz poeticamente nos entreversos um convite de confirmação de poeta para poeta à viagem feita pela leitura das Memórias: “[...] viagem do irmão do poeta/ ao quintal anterior/ dos cearás e das minas: navanavetanavas [...]” (NAVA, 2001, p. XV), o que nos indica uma interpretação situada do espaço brasileiro feita pelo poeta intérprete influenciado pela leitura de Nava.

⁵³ É preciso informar que Pedro Nava é considerado também epistológrafo e algumas das cartas por ele recebidas foram objeto de análise de Greyce Kely Piovesan, no trabalho intitulado “Prezado Doutor, Querido amigo, caro memorialista: a sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava” (2009).

⁵⁴ José Ephim Mindlin foi advogado, empresário e bibliófilo brasileiro, doador da vasta coleção de obras brasileiras que compõe o acervo da Biblioteca Brasileira da USP.

De leitor para leitor: “[...] Amigos nesta naveta/ somos todos passageiros/ e mergulhamos sem medo/ no cipoal da memória/ de Pedro da Silva Nava [...]” (NAVA, 2001, p. XV).

De intérprete para intérprete: “[...] O incenso que respiramos/ nesta naveta de prata/ é passado redivivo/ de Pedro da Silva Nava [...]” (NAVA, 2001, p. XV), reporta-se aqui à compreensão de passado como *locus* onde se encontram poeta e memorialista, suas histórias e suas vidas.

A poética de Peres, com relação à obra de Nava, fala por si e demonstra seus sentimentos de amigo para com o Narrador, trazendo da mesma forma o que lhe inspirou a leitura das Memórias na prosa/poética escrita por Nava.

José Geraldo Nogueira Moutinho (1933-1991), escritor e poeta brasileiro, é natural de Pidamönhagaba, no vale do Paraíba. Segundo Arrigucci Jr., “acompanhou de perto e a cada passo a publicação dos diversos volumes das Memórias” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 70) e escreveu, sobre estas, artigos de reconhecimento crítico. Assim sendo, podemos afirmar que este poeta/escritor tem certa autoridade para falar das Memórias para além da crítica literária em prosa e nos versos que dedicou a Nava e sua obra.

O poema de Moutinho intitulado “A Pedro Nava” foi publicado em “Louvação Poética a Pedro Nava” (PERES; MINDLIN, 1983) e em “Balão cativo” (NAVA, 2000). É composto em seis quadras e pode ser classificado como um rondó às Memórias iniciais, pois os dois versos iniciais são formados pelos títulos dos dois primeiros livros de memórias de Nava: “Baú de ossos/ Balão cativo/ roda de expostos/ salvos do olvido.” (NAVA, 2000, p. XIX).

A compreensão que nos ocorre a partir dos versos de Moutinho impõe a interpretação de que os dois livros, de certo modo versificados por ele, salvam do esquecimento vestígios de uma realidade que havia sido olvidada e que Nava, como um artista, talha, grava e escalavra esse esquecimento, “de uma a outra teta” (NAVA, 2000, p. XX), mesmo sofrendo, “num só gemido.” (NAVA, 2000, p. XIX).

A perspectiva de tempo como algo que foi lavrado e colhido por Nava é recomposto por Moutinho em sua poética quando diz: “Nava que o tempo/ lavra perdido/ colhendo lento/ cardume esquivo.” (NAVA, 2000, p. XIX). Sugere, assim, que o Narrador foi colhendo em seu tempo experiências que durante o processo de

escrita, apesar de se apresentarem volumosamente em suas lembranças, muitas foram perdidas, não se transmutaram para a memória escrita por serem fugidias.

Expõe ainda este poeta o transitar de Nava por saberes vários na vida pessoal e na elaboração das Memórias; entre a cultura humanística e a científica; a literária e a médica; o saber popular e o culto. Leiamos isto nos versos: “Vasto remígio/ por sobre as campas/ além do Estige/ talhando estampas.” (NAVA, 2000, p. XIX). Estes denotam um voo do artista Nava por sobre o mundo e a mitologia grega, que vai além do Rio do Inferno por meio da arte e da literatura.

Em seu poema, Moutinho consegue persolver o memorialista em suas várias atuações profissionais, literárias e artísticas ao lhe dedicar uma poética que religa vida e obra em múltiplos saberes.

Outro poeta é Alphonsus de Guimaraens Filho, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 1940. Neste ano foi publicado seu primeiro livro de poesia, “Lume de Estrelas”, pelo qual recebeu o Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha e Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Em 1946, publicou “Poesias” e, em seguida, “A Cidade do Sul” (1948), “Poemas Reunidos”, 1935/1960 (1960), “Antologia Poética” (1963). Para a crítica literária integra a terceira geração do Modernismo. Foi eleito membro da Academia Marianense de Letras em 1962 e, em 1974, conquistou o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, pelo livro “Absurda Fábula” (1973). Ganhou ainda, em 1985, o Prêmio Jabuti de Poesia, pelo livro “Nó” (1984).

Para Pedro Nava, Guimaraens Filho, dedicou dois poemas: “Canção da Manhã mais matinal,⁵⁵” no qual faz um relato poético de um passeio feito por amigos entre esses Pedro Nava, numa manhã, pelo bairro da Glória, no Rio de Janeiro e “Um poema para Pedro Nava⁵⁶”. Este é formado por doze estrofes formadas por tercetos. As cinco primeiras são notadamente inspiradas no primeiro livro das Memórias “Baú de ossos” (NAVA, 2002) e as demais no segundo, “Balão cativo” (NAVA, 2000).

A poética de Guimaraens Filho a Nava apresenta-se como uma ode à amizade e admiração que este nutria pelo Narrador. Desta poética emana uma

⁵⁵ Publicado em “Beira-mar: memórias 4”, Nava (2003a, p.XI-XII) e em “Louvação Poética a Pedro Nava”, de Peres e Mindlin (1983)

⁵⁶ Publicado em “Chão de ferro: memórias 3”, de Nava (2001) e em “Louvação Poética a Pedro Nava”, de Peres e Mindlin (1983).

tradução que tem o poder da recriação em versos do passado registrado por Nava, como modo de existência ao revelar: “Pedro Nava: no teu baú de ossos/ Tão igual ao que é nosso atroz baú,/ descubrem-se irrisórios, vão destroços/ [...] da vida que é silêncio amargo e nu,/ devastado de sombra, de remorsos,/ vida que prendes e domas tu.” (NAVA, 2001, p. XIII).

Traduz ainda a capacidade de elevação espiritual que ele sentiu na *inter-legere* da leitura/escrita/leitura produzida por Nava ao compor: “[...] qualquer coisa irrompe,/ que nos lava/ de claridade... Ao sonho, à dor, à vida,/ leva-nos tu na tua nave, Nava.” (NAVA, 2001, p. XIV).

Em síntese, à sua maneira, este poeta ao versejar: “[...] Seguindo-se, seguimo-nos... E o que é morte/ subitamente sobe do mais fundo/ das coisas como vida que suporte/ [...] qualquer rude desgaste, e do desgosto/ de ser um sonho só no áspero mundo / – como uma cicatriz no nosso rosto, [...].” (NAVA, 2001, p. XIV), aproxima sua interpretação da obra naviana da que fazemos de “O fazedor,” de Borges (1987, p. 102), que trata de um homem que se propunha a desenhar o mundo ao longo dos anos e que descobre antes de morrer que o seu mapa traz as linhas de seu próprio rosto.

Assim, revelamos as nossas reflexões possibilitadas pela poesia de Guimaraens Filho a Pedro Nava.

Nei Leandro de Castro é outro poeta/escritor que dedicou poema a Pedro Nava. Ele é norte-rio-grandese da cidade de Caicó, formado em direito, mas tem dedicado sua vida profissional à publicidade e à literatura. Foi um dos fundadores da revista natalense “*Cactus*”. Tem vários livros de poesia publicados, dentre os quais “Voz Geral” (1963) que traz uma poesia de forte cunho social, mas boa parte dos livros é voltada para o erotismo, como “Zona Erógena” (1981) e “Era uma Vez Eros” (1993). No gênero romance, escreveu “O Dia das Moscas” (1983), “As Dunas Vermelhas” (2004) e o mais famoso “As Pelejas de Ojuara” (2006) inspirado na cultura popular sertaneja. Este foi premiado pela União Brasileira de Escritores e adaptado para o cinema em 2007, com o título “O Homem que Desafiou o Diabo”. Em 2009, lançou seu último livro: “A Fortaleza dos Vencidos” (2009).

Castro é um dos escritores brasileiros que manteve correspondência com Pedro Nava e a ele dedica “Lendo Pedro Nava”, publicado pelo Narrador em seu livro de Memórias “Beira-mar” (NAVA, 2003a) e por Peres e Mindlin (1983). Trata-se

de um poema que podemos classificar, em linguagem popular, “de um fôlego só”. É formado por uma só estrofe, com 56 versos nos quais vemos a traduzibilidade de suas percepções pessoais sobre a leitura das Memórias, manifestadas na poesia. Traz, dessa maneira, aquilo que sentiu durante a leitura poeticamente, ao ler em versos: “Lá vem de novo o danado/ desse homem me deixar/ acordado a noite inteira/ sem piscar, sem bocejar,/ me embrenhando no seu mundo/ memória, fotografia/ ampliada em quatro cores/ por sua sabedoria.” (NAVA, 2003a, p. XIII).

Castro mostra também certa inquietação reflexiva em relação à leitura das Memórias: “Lá vem de novo esse homem/ recuperando destroços/ de repente redivivos/ num profundo baú de ossos,/ me embalo no seu balão/ cativo. Ah, me cativa/ cada página que às retinas/ se transforma em sensitiva/ exposta ao mundo, rosácea,/ caleidoscópio girando/ que continua o seu giro/ na mente, até mesmo quando/ a gente para de ler.” (NAVA, 2003a, p. XIII).

De certa maneira o poema de Castro expressa também a agonia e o êxtase verificados durante sua leitura quando declara: “[...] Ah, Pedro Nava, teus livros/ são perdonavania/ uma espécie contagiante/ de mental ninfomania). /A gente para de lê-los/ e a mente não fica em paz./ *Sed non satiata, grita:/* - Eu quero mais/Quero mais!.” (NAVA, 2003a, p. XIII).

Essas são as nossas impressões do poema de Nei Leandro de Castro inspirado na obra naviana.

Mineiro como Nava, Olavo Drummond (1925-2006) também dedicou um poema a Pedro Nava. Foi advogado, político, jornalista e escritor. Foi redator do serviço de radiodifusão do Estado de Minas Gerais, redator do jornal “Estado de Minas”, redator do “Diário da Tarde”, e redator da revista “O Cruzeiro”, do Rio de Janeiro. Foi amigo próximo de inúmeros estadistas, grandes empresários e artistas brasileiros e, reconhecido, por toda a vida, por sua amizade com o presidente Juscelino Kubitschek. Foi também membro da Academia Mineira de Letras, onde ocupou a cadeira de número 12, sucedendo a Tancredo Neves.

O poema de Olavo Drummond dedicado a Pedro Nava interpreta o pensamento deste autor expresso nas Memórias, mostrando o mundo carnavalizado, cultural e experiencialmente demonstrado na prosa naviana em seu poema “Canção a Pedro Nava”, publicado em “Galo-das-trevas: memórias 5” (NAVA, 2003b) e em Peres e Mindlin (1983). Este poeta se irmana especialmente ao

Narrador e faz das lembranças do memorialista as suas lembranças. O poema é constituído de oito estrofes que se enredam numa composição sinóptica dos quatro primeiros livros das Memórias, versificando sobre “Baú de ossos” (NAVA, 2002), “Balão cativo” (NAVA, 2000), “Chão de ferro” (NAVA, 2001) e “Beira-mar” (NAVA, 2003a).

Trata-se, de um depoimento de leitura, uma resenha poética, consentida, permitida e agradecida nas rimas dos versos; “[...] Belorizontei, demais da conta,/ Nas trilhas do teu viver/ Bebi ciência, saudade/ Felicidade, sofrer [...]” (NAVA, 2003b, p. XIII). Realçam-se, neste poema, vários personagens/biografados por Nava, dentre os quais: “Emílio Moura, os Alfonsus/ Teixeira, alma de santo,/ Borges da Costa, cirurgia,/ Os Machados, expoentes/ Poesia compondo a arte/ Medicina estancando o pranto/ Fabinho alegrando a gente [...]” (NAVA, 2003b, p. XIV).

Assim, vai acentuando questões que se articulam em torno da geração retratada por Pedro Nava, nas Memórias, e que o poeta reafirma verificando: “[...] Quem não curou escreveu/ Quem não poetou ensinou/ Quem não ensinou construiu/ Tudo resume a mais bela/ Geração que Minas viu.” (NAVA, 2003b, p. XV).

É um poema sobre o qual podemos dizer que foi feito sob a influência da leitura da obra memorialista naviana por trazer na poética conteúdos, formas e contextos essenciais à compreensão desta, expondo fatos e pessoas: “Quanto mortal revivendo/ Com os olhos umedecidos/ Um passado de poesia,/ Céus, panoramas, ternuras,/ Bar do Ponto, Anatomia [...]” (NAVA, 2003b, p. XIII).

Por fim, o poeta agradece ao Narrador: “[...] Obrigado, Pedro Nava,/ em nome de tudo mais/ Das virgens belorizontinas,/ Das Deusas belorizontais! [...]” (NAVA, 2003b, p. XV), numa clara demonstração de afetividade e de conhecimento da obra e do autor. (NAVA, 2003b, p. XV).

Outro poeta intérprete de Nava é Luiz Carlos Guimarães (1934-2001),⁵⁷ nascido em Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Foi jornalista, juiz de Direito e professor universitário. Sua obra poética começa com: “O aprendiz e a canção” (1961) e, segue com “As cores do dia”, “Ponto de fuga”, “O sal da palavra”, “Pauta de passarinho”, “A lua no espelho” e “O fruto maduro” além de outras. Reconhecido como um dos grandes poetas do Brasil, por escritores e poetas como Pedro Nava, Ledo Ivo, Francisco C. Dantas, Ivo Barroso e Affonso Romano de Sant’Anna. Sobre

⁵⁷ Mais informações sobre o autor, inclusive, alguns de seus poemas podem ser lidos em: <http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/lulab.htm>

o livro “Ponto de fuga”, deste poeta, Pedro Nava comentou: “Que poesia terrível e pungente é a sua! Todo o seu livro é uma onda me levando⁵⁸.” Sob a influência da leitura da obra naviana “Galo-das-trevas,” este poeta compôs a “Naveana do Galo-das-trevas” publicado no sexto livro das Memórias “O círio perfeito.” (NAVA, 2004c, p. IX-XII).

O poema é composto em quatro estrofes e o poeta na primeira compara o Narrador e o livro “Galo-das-trevas” (NAVA, 2003b) a um rio que dele recolhe dias, anos e o cotidiano. Assim, ele vai ingressando no passado do escritor. No mesmo ritmo recursivamente, situa-o no presente em versos minuciosamente cuidados, denotando seu conhecimento pessoal, profissional e estético do Narrador; contextualiza-o no bairro da Glória, no Rio de Janeiro; poemiza sobre a dinâmica do espaço vivido de seu personagem ora interpretado; desnuda a estética do envelhecimento transposta para o livro; a solidão e a insônia e o mundo do lembrador das Memórias chamando a atenção deste quando fala: “Lembras o explodir das flores em relevo?/ Os ocos de silêncio da rua Direita/ desenhados no vento?” (NAVA, 2004c, p. X).

Dessa forma, Luis Carlos Guimarães, não apenas resenha poeticamente o livro, transmuta suas impressões pessoais sobre o cotidiano de Nava e se arvora a aconselhar em versos o Narrador: “Pedrinho, Pedrinho?/ você faz mal em trabalhar num dia tão lindo!/ - É hora de viver a vida muito curta!” (NAVA, 2004c, p.X). Revivendo a leitura, o poeta navega na poesia, localizando-se no seu presente, traduzido como saudade para voltar ao passado do Narrador: “[...] A madrugada amena da Glória/ sem assaltos naquele tempo,/ hoje muro bruto pedra/ vergalhões cimento armado [...]” (NAVA, 2004c, p. IX).

Vai assim, seguindo Nava como um passeante iluminado pelo “galo-das-trevas”. Vai deixando transparecer certa preocupação com o colega/autor das Memórias. Vejamos “[...] A melancolia daqueles tempos/ tinha a força dos teoremas,/ a síntese dos aforismos,/ o taciturno das desgraças [...]” (NAVA, 2004c, p. X).

É desse modo, que o poeta vai tracejando seu mapa poético do livro por meio de uma diacronia (familiar a ambos) de cores, luzes e sombras reveladas nos versos: “Barcos cordames velas bandeiras/ se diluíam em fundos evanescentes,/ parentes alaranjados do azul./ As nuvens conservavam o dia/ em sua brancura

⁵⁸Disponível em: <<http://www.umacoisaeoutra.com.br/literatura/lulab.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2009.

apenas tocada./ As metalizações da tarde/ - em blau azurino marinho ultramar [...].” (NAVA, 2004c, p. X). Até chegar à última estrofe na qual as qualidades culinárias da mãe do Narrador, dona Diva Jaguaribe, são realçadas na poesia; na cadência de um poeta que, nos parece, também era um dos apreciadores da culinária familiar de Nava: “Nunca esqueci, na sua casa/ sempre foram iguarias/ angu, feijão-mulatinho,/ arroz, picado de carne/ com chuchu ou com abobra; [...].” (NAVA, 2004c, p. XI).

Outros poetas, como Hélio Lima Carlos⁵⁹ e Gastão Castro Neto,⁶⁰ também se dedicaram à interpretação da obra de Pedro Nava poeticamente e seus poemas são publicados nas Memórias; não temos condições de fazer uma tradução deles neste item, preferimos citar seus versos em outros espaços deste trabalho.

4.3 OS TRABALHOS ACADÊMICOS

Os dois quadros (3 e 4) a seguir mostram informações pontuais (título, autor(a), instituição e ano de conclusão) de dos trabalhos de dissertação e de tese já elaborados no Brasil, Portugal e França constantes dos sistemas de informação desses países aos quais tivemos acesso. Salientamos, no entanto, que existem ainda vários trabalhos de monografias, dissertações e teses, artigos científicos e de crítica literária, crônicas e trabalhos publicados em eventos cuja base empírica é a obra de Pedro Nava, mas que não temos condições de comentá-los aqui, nem mesmo de referenciá-los neste trabalho.

A seguir, comentaremos cinco trabalhos de teses os quais deram substanciais contribuições para a compreensão da racionalidade empregada pelo Narrador em sua obra. Os demais estão citados direta ou indiretamente no corpo desta tese, indicando a temática de estudo, bem como sugerindo leitura, conforme cada caso.

⁵⁹ “Os fantasmas da Rua da Glória 190” *In*: Nava (2004c, p. XIII-XIV).

⁶⁰ “Cruz Vermelha”, *In*: Nava (2003b, p. XI-XII).

Nº	Título	Autor(a)	Universidade	Ano
01	Infância: espaço de refúgio do escritor de Memórias	Ana Lúcia M. Pereira	PUC/RJ	1987
02	O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beira-mar/memórias 4	Edina Regina Pugas Panichi	Universidade Estadual de Londrina	1989
03	A escola como personagem da Literatura brasileira	Celina F. Garcia	UFC	1988
04	Um homem no limiar: sobre o tema da morte em Pedro Nava	Ana Cristina Chiara	PUC/RJ	1989
05	Diálogos com Pedro Nava: a sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo	José Anderson Freire Sandes	UFC	
06	Memorialismo e autobiografia: a reconstrução da infância na Literatura brasileira	Adriana Alvin de Oliveira	PUC/RJ	1991
07	As memórias indiciárias de Pedro Nava: entre a história, a autobiografia e a ficção	Maria Luíza Medeiros Pereira	UNICAMP	1993
08	Pedro Nava leitor de Drummond: a memória, os retratos a leitura	Raquel Beatriz J. Guimarães	UFMG	1999
09	Da urdidura e da Trama: um estudo sobre a intertextualidade em Baú de Ossos, de Pedro Nava	Marlene de Paula Fraga	PUC/Minas	1995
10	Pedro Nava: mulheres reveladas e veladas	Ilma de C. B. e Salgado	CES/JF/MG	1999
11	Pedro Nava: anatomista da memória	Cristina R. Villaça	Universidade Federal de Juiz de Fora	2000
12	Rito, morte e memória: elementos para uma análise do ponto de vista em Pedro Nava	Juçara Marçal Nunes	Universidade de São Paulo	2000
13	Um certo olhar sobre a velhice: a narrativa memorialista de Pedro Nava	Ângela Maria Carneiro Silva	UERJ	2001
14	Pedro Nava: poeta bissexto e memorialista	Rosana Fumie Tokimatsu	Universidade de São Paulo	2002
15	Memórias da Infância em cinco narrativas brasileiras (de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Pedro Nava, Fernando Sabino e Carlos Heitor Cony)	Adriana Siqueira Monteiro	Universidade do Porto/PT	2004
16	Cidade Personagem: o Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava	Claudia Barbosa Reis	PUC/RJ	2005
17	Escolas literárias: as "crônicas de saudades" de Pedro Nava e Raul Pompéia	Júlio de Souza Valle Neto	UNICAMP	2005
18	No rastro dos Boitempos:	Adriana Helena de	Universidade Federal de	2005

	considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois contemporâneos seus	Oliveira Albano	São João Del Rei-MG	
19	Prezado Doutor, Querido Amigo, Caro Memorialista: a sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava	Greyce Kely Piovesan	Universidade Federal de Santa Catarina/Florianópolis	2009
20	Literatura e Memória em Pedro Nava: a ficcionalização da experiência, por uma poética do passado	José Carlos da Costa	Universidade do Oeste do Paraná/Cascavel/UNIOEST E/PR	2009

Quadro 03: **Dissertações sobre a obra de Pedro Nava**

Fonte: Plataforma Lattes CNPq, Bibliotecas Digitais de Dissertações e Teses das Universidades Brasileiras e Sistemas de informações das Universidades Portuguesas.

Nº	Título	Autor	Universidade	Ano
01	Porto inseguro: formas cativas de ossos, na linguagem das Memórias d' O defunto	Lenira Marques Covizzi	USP	1980
02	O tecido do tempo: a ideia de patrimônio cultural no Brasil	Mariza Veloso Motta Santos	UNB	1992
03	Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava	Antônio Sérgio Bueno	UFMG	1994
04	Pedro Nava: <i>La solitude habitée</i>	Monique Le Moing	SORBONNE	1994
05	A escrita Frankenstein de Pedro Nava	Celina Fontenele Garcia	UFMG	1994
06	A Luta pela Expressão em Pedro Nava	Edina Regina Pugas Panichi	UNESP	1994
07	Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava	Joaquim Alves de Aguiar	USP	1996
08	Baú de Madeleines: o intertexto proustiano nas Memórias de Pedro Nava	Maria do Carmo Savietto	USP	1998
09	Aspectos do memorialismo brasileiro	Afonso Henrique Fávero	USP	1999
10	Memórias Videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava	José Maria Cançado	PUC/MG	2003
11	Das aparas do tempo às horas cheias: uma leitura das Memórias de Pedro Nava	Maria Luíza Medeiros Pereira	UNICAMP	2001
12	Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava	Cristina Ribeiro Villaça	UFFRJ	2007
13	Formas intercomunicacionais em Pedro Nava: o signo verbal e o pictórico	Ilma de Castro Barros e Salgado	UERJ	2008
14	Pedro Nava - cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890-1940).	Vanda Arantes do Valle	UFMG	2009
15	Rastros da leitura, trilhas da escrita: um estudo sobre o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos	Raquel Beatriz Junqueira Guimarães	UFMG	2010

Quadro 03: **Teses que interpretam a obra de Pedro Nava**

Fonte: Plataforma Lattes CNPq, Bibliotecas Digitais de Dissertações e Teses das Universidades Brasileiras e Sistemas de Informações das Universidades Portuguesas e Francesas

Comentamos, inicialmente, o trabalho de Vale (2009), professora do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, pesquisadora da obra de Pedro Nava, uma das mais citadas em trabalhos cujo foco são as Memórias deste escritor. A pesquisa desenvolvida por esta estudiosa intitulada: “Pedro Nava – cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890-1940),” da qual resultou sua tese de doutoramento, busca as contribuições deste autor para a História da Medicina no Brasil, fazendo a articulação medicina e sociedade brasileira.

Trata-se de um trabalho pioneiro, por inserir no âmbito das pesquisas históricas do Brasil a obra naviana como documento histórico de uma época, voltado especialmente para estudos que entrelacem literatura, medicina e sociedade no Século XX no país. Sua pesquisa fundamenta-se, dentre outros, em autores como Pierre Bourdieu para discutir questões vinculadas à visão de mundo e à participação do memorialista nos grupos sociais na tentativa de responder à pergunta: como o coletivo se interioriza no sujeito social na obra de Nava?

Na interpretação de Vale (2009), Nava tornou-se o cronista de uma época, demonstrando entre outras formas de relações socioculturais aquelas existentes no Brasil entre medicina e sociedade nos Séculos XIX e XX. Diz que Nava promove, assim, certo desenrolar histórico entre conhecimentos científicos e não científicos nas práticas de cura no Brasil, mostrando os usos práticos e os baseados em experiências científicas. Induz diálogos entre natureza e cultura, entre história e sociedade em um estilo literário “*sui generis*,” como sugerido por Arrigucci Jr. (1987).

Vale (2009) faz a identificação, em seu trabalho, das contribuições de Nava para a medicina e a sociedade brasileira, contextualizando os escritos navianos como suportes para a compreensão de um período no qual o Brasil tentava se situar como nação em termos científicos, culturais e identitários. Apresenta, ainda, as inúmeras doenças e terapêuticas descritas por Nava nas Memórias, e comenta algumas delas, dentre essas o câncer, para mostrar que o autor “tratou essa questão como médico e, como literato, construiu metáforas sobre essa doença.” (VALE, 2009, p. 139).

Assim, essa pesquisadora deu sua contribuição para a compreensão das relações entre literatura e sociedade em observações pontuais emanadas da obra de Nava que denotam os encontros e diálogos criados pelo Narrador, entre

Medicina, História Social e História das Ciências, da Saúde e das doenças no Brasil e, de igual modo, para a educação médica.

As principais contribuições de Vale (2009) para nossa pesquisa residem em sua perspectiva de ver as Memórias como uma crônica e como um conjunto literário no qual diferentes saberes dialogam confluindo para uma verdadeira ecologia de saberes.

Outra pesquisadora é Villaça (2007) que em sua tese de doutoramento “Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava,” faz um trabalho crítico que revela a história/memória perpassando por todos os escritos de Nava. Para ela, até mesmo nos trabalhos médicos, o escritor fazia denotar sua verve literária memorial e histórica de forma unificada.

Há para Villaça (2007) uma estreita relação entre os escritos do médico/escritor com os do escritor/médico desvelados pelo método de trabalho e pelo estilo literário presentes na obra (histórica e memorial) por ela analisada.

Enquadra o Narrador no grupo dos “velhos modernistas,” apoiando-se na tese de Santiago (1989), mas, acrescenta que Nava “proporcionou um olhar crítico e já distante do movimento modernista dos anos 20.” (VILLAÇA, 2007, p. 11). Para essa autora, a obra de Nava é rizomática, aberta, imprevisível e híbrida; “nela os saberes diversos misturam-se aos acontecimentos vividos, [...] (VILLAÇA, 2007, p. 160)”, cabendo, assim, ao memorialista encontrar um ponto de convergência que, segundo a autora o singulariza pela capacidade de dar um cunho literário a tudo que escrevia. Essa interpretação nos indicou caminhos para a traduzibilidade da obra naviana ao desvelá-lo como detentor de uma racionalidade nova, expressão para além do modernismo, pontuada pela pesquisadora como “ponto de convergência” de um pensamento singular.

Para Villaça (2007), Nava, em seu esforço literário interpretativo, revela uma explicação do Brasil inovadora e retrata a geração de sua época por testemunhar seu próprio momento cultural, transitando num território fronteiro entre medicina e literatura, entre tradição e realidade sem abrir mão de sua condição de médico, detentor de uma formação culta, conhecedor da história, da política e da cultura brasileira.

Cançado (2003) em “Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava” (2003) deu inúmeras contribuições para encontrarmos no pensamento de Nava

aportes para discutirmos a sociologia das ausências. Seu trabalho foi fruto de sua tese de doutoramento e nele se expande uma leitura nova para além de uma interpretação literal. Este autor enxerga em Nava a recusa à delimitação de classe e de clã em favor de uma adesão solidária ao outro; um sujeito que exprime nas Memórias algo sedicioso, tecido em uma forma de alteridade para ele desconhecida, um “não sabido.” (CANÇADO, 2003, p. 13) que

diferentemente do eu evocativo das classes patriarcais brasileiras, território social simbólico de onde parte quase todo o memorialismo brasileiro, se vê na situação de – do interior mesmo desse território – escolher e abraçar um antitrunfo identitário, um contrapatrimônio simbólico de classe e de clã: nada no bolso ou nas mãos. (CANÇADO, 2003, p. 17).

Nava conseguiu conforme Cançado (2003) construir uma prefiguração de si mesmo para ver a infâmia do existente e do civilizacional, constituindo suas Memórias baseando-se em um comunitarismo brasileiro. Para ele o Narrador do seu lugar de origem, se permitiu entrar nas entranhas da história da sociedade brasileira e na sua própria história que ele desejava revelar de outro modo; construindo uma nova leitura de seu país, pois a que o representava já não lhe servia como valor – era perversa. Então, para se re/ver, cria um antivalor que lhe possibilita: “sobrevir à origem e nela reabrir uma historicidade, uma conflagração, uma polissemia, para além da sua condição lesada” (CANÇADO, 2003, p. 199), para fazer a releitura de “uma espécie de reprodução não burguesa da existência burguesa no Brasil.” (CANÇADO, 2003, p. 202).

Nava convoca, na percepção de Cançado (2003), uma emancipação das letras brasileiras; das pessoas comuns; dos lugares e do patrimônio cultural do país, tornando-se protagonista de uma cultura que inclui o povo, une o público ao particular, constituindo, assim, um modo de presença para esta cultura ao tornar existente essa experiência histórica, social, política e cultural ímpar, singular, diversa e rica em aspectos de solidariedades e de não solidariedades que merecem ser relidos.

Nas Memórias, para este autor, o Narrador tece e filia-se a esta cultura e se permite modificá-la, impondo ao passado uma nova leitura; transforma-a fazendo “uma espécie de **conflagração significativa** do nosso passado, da nossa formação

e da própria história da literatura brasileira.” (CANÇADO, 2003., p. 65, grifo do autor).

Este pesquisador foi fundamental para que compreendêssemos a racionalidade empreendida por Nava em seus escritos, especificamente no que incide sobre o pensamento do Narrador em termos de inovação de leitura de mundo, de homem e de sociedade impressa pela fragilidade da condição humana. Um pensamento, que para Cançado (2003), permitiu que Nava se reconhecesse, reconhecendo o outro como parte de si, localizando-se em seu tempo e espaço determinados, sem esquecer o entorno social de onde se localizava para ver o todo, ou pelo menos o que conseguiu ver de uma cultura socialmente construída pelo envolvimento de diversas culturas.

Aguiar (1998), em “Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava,” faz uma síntese da formação de Pedro Nava, visando responder à questão: formado o homem e o escritor, o que Nava pretende com as Memórias? Em vários momentos ressalta a experiência de Nava como escritor e salienta a questão do domínio do Narrador sobre várias áreas do saber. Reverbera que o memorialista foi um sujeito culto, amante das artes e leitor de obras de grandes autores, que se beneficiou dos privilégios da classe da qual provinha e manteve durante a vida uma rede de relacionamentos influentes nos meios culturais e políticos do Brasil.

Essas interpretações partem do livro referido, derivado da tese de doutoramento do autor, que considera Nava um Narrador experiente e em suas análises o situa nos espaços de formação quais sejam: a casa, a escola, o trabalho e a rua. Assim, vai dispendo nos espaços formativos a história do sujeito autor das Memórias nos processos que o transformaram em uma “personalidade pública”, construtor de uma obra literária confessional que o torna um grande escritor, além de médico engajado em sua especialidade, a reumatologia.

O trabalho de Aguiar (1998) sobre Pedro Nava cumpre o que foi objetivado, localizando-se na área na qual se desenvolveu Literatura Comparada, mas, em vários momentos, para situar essa Literatura, recambia-se para a história e os estudos sociológicos como fez posteriormente Cançado (2003), Villaça (2007) e Vale (2009). Já na introdução, insere suas análises sobre o Narrador no espaço-social no qual começaram e foram escritas as Memórias – “1968, no raiar de um ano de crises agudas no panorama político-cultural do país e do mundo.” (AGUIAR, 1998, p. 13).

Dessa maneira, assim como Vale (2009), Aguiar considera as Memórias “a crônica de toda uma época.” (VALE, 2009, p. 15), constituída de modo enciclopédico como literatura autobiográfica, ficcional, histórica, poética e romanesca. Aguiar sugere, ainda, que Nava tem uma visão épica do seu passado e do Brasil, expondo uma alegoria positiva, do país “embora modesto e sofrido, é um país digno, trabalhador empenhado e instruído, que emana da figura do homem que se expõe.” (AGUIAR, 1998, p. 210).

Fala também do trânsito de Nava pela literatura, como leitor e escritor e considera que antes das Memórias ele era apenas uma personalidade literária e não um escritor no sentido pleno. Faz um resumo das Memórias carregando nos aspectos especializados no processo narrativo e aponta o arquivo pessoal de Nava como algo determinante para a construção escrita do Narrador, o que sinaliza para o procedimento da escrita, tendo como foco a concepção de memória e o lugar do esquecimento nesta, como algo que precisa ser des/revelado. (AGUIAR, 1998).

Aguiar inclui o Narrador como representante das letras de uma classe de privilegiados que foi formado nos padrões da camada superior da nossa sociedade (AGUIAR, 1998, p. 201-202), após analisar a história da formação de Nava em uma modelagem de topografia educacional. Informa sequencialmente que o Narrador foi um escritor que tinha experiência com as artes visuais e formação burguesa que lhe permitiram recontar experiências a partir de espaços por ele re/desenhados.

Conclui seu trabalho, informando que Nava, apesar de simplificar o mundo em seus retratos do Brasil, o faz embalado entre experiência particular e social na mistura de recordação e escrita própria do texto memorialístico. (AGUIAR, 1998).

Por fazer uma leitura literal das Memórias de Nava, guiada para a compreensão da formação burguesa de um homem burguês, contraditoriamente, Aguiar (1998) contribuiu para que víssemos nos escritos navianos aquilo que diferenciava o Narrador dos demais memorialistas e historiadores do Brasil, a saber: um sujeito que expõe seu pensamento em uma linguagem despreocupada com os padrões usuais, com o discurso hegemônico. Nas palavras de Garcia (1997), isto “desperta a atenção dos leitores que tentam apontar, nessa obra anfíbia, a liberdade de escrita, a liberação das convenções sociais e o abundante conhecimento literário demonstrado.” (GARCIA, 1997, p. 19).

Por fim, comentamos o livro do professor Bueno (1997) “Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava”, também fruto de pesquisa de doutorado na qual este autor analisa as Memórias tendo como procedimento três categorias operacionais: espaço, corpo e figuração como eixo procedimental. Considera que o espaço nas Memórias funciona como um detonador de lembranças, de memórias, sendo, assim, demarcadores dos limites temporais, dizendo: “percebe-se que o memorialista não abdica da busca utópica do sentido original,” (BUENO, 1997, p. 27), iniciada nos desenhos de um menino e terminada nas letras do memorialista.

Bueno (1997) reafirma a questão da atrofia da experiência do homem moderno, discutido por Benjamin, para afirmar que Nava não é um homem moderno, pois traz aos seus relatos várias formas de vida, de conhecimento e de construção da realidade acumulados pela memória que, se traduzem como suas experiências singularizadas, e, assim, vence os ditames da modernidade: “Ele consegue devolver a aura às experiências pretéritas ao recontextualizá-las na narrativa.” (BUENO, 1997, p. 53).

O corpo, como mediador entre o espaço e a figuração, é analisado tendo como base os conhecimentos do Narrador sobre formas e anatomia. Segundo Bueno (1997), corpo que foi o lugar no qual o Narrador incorporou suas experiências e saberes e que lhe possibilitou o transitar entre eles, o que vai permitir a este pesquisador dizer que “um pintor e um poeta nos piscam o olho por trás desse memorialista” (BUENO, 1997, p. 21) que conseguiu por meio do “amor pelas formas” explicar “até mesmo a relação complexa [...] com a morte (BUENO, 1997, p. 21). E é aí que reside a figuração que contém a ideia de processo, de construção do Narrador, figuração que, para este pesquisador, se apresenta na linguagem poética, nas descrições, nos desenhos, nos mapas, nas formas envolvidas por palavras mágicas corporificadas nas Memórias e que fazem delas uma narrativa das experiências brasileiras.

Bueno (1997) considera que Nava em seu circuito de evocação faz um esforço para recuperar o passado, modifica-o, imprime neste, sua leitura, e nos textos que constrói “a língua se expande e caminha cada vez mais em direção às próprias possibilidades internas da linguagem, ou seja, ritmo, sonoridade, organização inédita de imagens e associações criativas.” (BUENO, 1997, p. 144).

Assim, conforme este autor: “a obra memorialística de Nava é mais que o precioso material de sua história pessoal e um retrato de época.” (BUENO, 1997, p. 145).

Do modo como Arrigucci Jr. (1987) e Cançado (2003), Bueno também credita às Memórias uma busca de ausências ao afirmar que “há um movimento sacralizador dos primórdios e uma necessidade de fazer do passado uma presença.” (BUENO, 1997, p. 25). Foi esta a contribuição primordial destes pesquisadores para nossa pesquisa.

4.4 À GUIA DE REINTERPRETAÇÃO

Assentimos que, entre os críticos, poetas e acadêmicos, os estudos sobre as Memórias de Pedro Nava vêm demonstrando dois aspectos que podem ser achados em toda sua obra sobre a qual nos debruçamos, quais sejam: a singularidade literária de um escritor que consegue transformar o individual em universal e o particular em público. Para alguns, isto se deve a efeitos estilísticos e, para outros, é a necessidade de um autoconhecimento situado culturalmente e a recusa voluntária a clichês e de/limitação de classe ou de clã social, ênfase dada por Cançado (2003).

Para quem “só há dignidade na recriação,” Nava vai se destacar não só como memorialista, mas também como humanista no sentido e significado postulados por Susan Sontag (2008), que entende que só através do espírito crítico e do livre arbítrio podemos compreender a dor dos outros e nos posicionarmos contra a violência e a brutalidade, nos tornando concretamente humanos. Em sua busca de ausências Nava buscava também esse sentido de humanidade. Quem sabe seja esta percepção que, de certo modo, faz os leitores e críticos olharem para a história e a cultura brasileiras inscritas nas Memórias com sentido de pertencimento, vendo-as como a modelagem de um pontilhista que não perde a harmonia, mas mostra as diferenças em pingos de diferentes tons, buscando significar a cultura na qual se insere pictoricamente, retratando-a com arte, para mostrar aquilo até então, não visto ou pouco visualizado na sociedade brasileira.

Contudo, devemos lê-las com foco na concretude da existência do Narrador, observando sempre que o autor era pobre, mas provinha de uma família letrada e

que para estudar teve que vencer barreiras sociais, humilhações e falta de condições materiais, pois sua família se viu empobrecida com a morte prematura de seu pai.

Em suas narrativas nas Memórias e nos livros de história da medicina, faz circular a língua culta e a dita chula, a erudita e a popular e a médica feita com cuidado para o entendimento do leitor comum. Assim, há intérpretes que deixam transparecer que estas configuram um aspecto que se une à confusão atribuída à percepção de cultura brasileira desenvolvida por Nava, na qual público e privado, erudito e popular se mesclam e se reproduzem socialmente. Para nós, isto nada diminui a relevância do Narrador para as letras brasileiras, pois possibilita vê-las singularmente, nesta multiculturalidade, no movimento da vida e nas formas de sociabilidades que não ocorrem apenas em ambientes propícios para tal.

A maioria dos críticos é unânime em afirmar que o Narrador transita por um sentido e significado de morte como referente articular de sua obra, aliado a seus conhecimentos médicos. Não negamos tais constituintes na escrita de Nava. Todavia, nos posicionamos contrários a tais achados como fio condutor, preocupação primordial, pois para nós o que conduz literariamente o mundo subjetivo deste escritor, seu cimento de unificação é a fragilidade da condição humana, materializada no processo de vida em sociedade, que implica necessariamente os cuidados com o corpo (matéria da vida), que nasce, vive e morre (entrando em decomposição), sedimentando-se, no entanto, na história pessoal e social onde se coletiviza, tornando-se histórico-cultural.

Informamos que alguns destes intérpretes foram nossos acompanhantes neste trabalho, uns por reconhecerem no Narrador uma subjetividade “*sui generis*” que induz diálogos entre natureza e cultura, entre história e sociedade, como sugerido por Arrigucci Jr. (1987), a qual vimos denominando como desestabilizadora, conforme Santos (2006), por ter esta oferecido à literatura brasileira uma obra na qual ausências históricas são tornadas visíveis; outros por demonstrarem que nas Memórias há um profícuo diálogo entre saberes médicos, literários, artísticos e poéticos, uma conversa franca e inacabada que ocorre na família, nos bares da vida, na rua e nas instituições Estatais, na qual se processa a reconstituição sócio-histórica e cultural do passado brasileiro; e, ainda, outros que encontram nas Memórias vidências brasileiras que se desdobram do passado para o

presente, revivem e transformam-se em algo visível, conhecimento produzido socialmente, encontrado nas brechas do tempo emanadas das lógicas navianas desnudadas em experiências de uma vida.

5 CAPÍTULO IV: A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS NAS NARRATIVAS DO BRASIL DE PEDRO NAVA

“Contra o inimigo burguês que nos despreza...
Esse Nava, querido companheiro.”
(Carlos Drummond de Andrade)

As lições de sociologia das ausências possibilitadas na obra, em especial nas Memórias de Pedro Nava em suas narrativas sobre si e o Brasil, formam o contexto de conversão deste quarto capítulo. Aduzimos nestas reflexões às interpretações ou visões do mundo brasileiro relatadas em suas experiências sociais, profissionais e pessoais. Enfim, nos processos de mediação social nos quais se envolveu e narrou, tendo em vista que “lidar com a sensação da falta parece ser o destino das Memórias; elas historiam ausências” como observou Arrigucci Jr. (1987, p. 87). Nelas, “estão presentes as discussões estéticas e políticas que propunham a construção de uma nova nacionalidade,” como interpretou Vale (2009, p. 164). Sendo assim, reiteram que são narrativas do Brasil do tempo e momento histórico social vivido pelo Narrador que, nos parece, buscava na essência histórica de seu mundo uma essência nacional.

Imbuídos destas interpretações, procedemos a uma leitura ativa das Memórias e de outros escritos de Nava para conduzir a análise reflexiva nos guiando à compreensão de uma nova racionalidade, capaz de expandir o presente, permeada por razões lógicas para além das razões instrumentais e pragmáticas do pensamento moderno ocidental, divisor da realidade social em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, conforme Santos (2006).

Nesse sentido, para designá-las nos embasamos teoricamente nas proposições para pensar o mundo, a vida, a ciência e a sociedade em suas relações sociais presentes na obra de Santos (2006; 2001), em particular, no que denomina de sociologia das ausências como aquela que reconhece o outro como produtor de conhecimento. Segundo ele, esta sociologia é capaz de captar “os silêncios, as necessidades e as aspirações impronunciáveis [...]”, através de “[...] comparação entre os discursos disponíveis hegemônicos e contra-hegemônicos, e pela análise

das hierarquias entre eles e dos vazios que tais hierarquias produzem.” (SANTOS, 2001, p. 30).

Na obra naviana encontramos assertivas e propositivas com argumentos que nos fizeram anuir com Santos, quanto à necessidade de se buscar consistência explicativa em novos discursos para ir ao encontro de experiências desperdiçadas em todo o mundo, pela compressão do presente entre o passado e o futuro, fundada na razão metonímica que “[...] diminui ou subtrai o mundo tanto quanto expandiu ou adicionou de acordo com suas próprias regras.” (SANTOS, 2006, p. 100).

Nessa direção, observamos que o Narrador das Memórias se contrapõe à compressão do presente pelo desejo explícito, em suas narrativas sobre o Brasil, de expandir o seu próprio presente a ele agregando as experiências sociais de um passado inicialmente não vivido por ele, até chegar ao seu próprio passado, utilizando uma nova racionalidade. Defendemos, assim, que a racionalidade empregada por Nava aproxima-se da razão cosmopolita quando traduzimos seus escritos dialogando com Santos (2006) sobre as possibilidades de encontrarmos em narrativas autobiográficas uma nova maneira para pensar os homens, na tessitura das relações sociais em um mundo globalizado cultural, econômica e socialmente.

Nessa linha de reflexividade redizemos que, para Santos (2006), há perspectivas de encontros de novas formas para se pensar sobre a riqueza inesgotável do mundo, por meio de uma nova racionalidade, a qual denomina de razão cosmopolita, componente fundamental da sociologia das ausências. Estas formas podem ser empreendidas por subjetividades desestabilizadoras através de procedimentos cognitivos com possibilidades de se contraporem às lógicas inerentes à razão indolente engessada por pensamentos monoculturais que instruem a produção de não-existência de pessoas, saberes e práticas sociais.

As lógicas da razão indolente são disseminadas e exercidas em sua forma metonímica pela organização social capitalista e alimentadas por hierarquizações que sustentam os cânones criados nesse sistema para se impor como aquilo que é da ordem do capital, que há muito vem sendo globalizado hegemonicamente, pois

a pobreza de experiência não é a expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância, a arrogância de não se querer ver muito menos valorizar a experiência que nos cerca, apenas porque está fora da razão com que a podemos identificar e valorizar. (SANTOS, 2006, p. 101).

Nesse veio argumentativo podemos compreender que “[...] a aspiração da dilatação do presente tem sido formulada apenas pelos criadores literários,” (SANTOS, 2006, p. 101), com o que, à sua maneira corrobora, Nava refletindo sobre a finitude da vida, ao afirmar: “Fujamos desse grande medo com a leitura. Vou ao canto de estante onde estão meus prediletos. Os que procuram o tempo perdido como Proust e os que fazem-no deslizar pessoa por pessoa fato por fato como Saint-Simon.” (NAVA, 2003b, p. 51). Expande, assim, seu próprio presente, suas experiências pessoais e, como o narrador benjaminiano, capacita seu passado como lição para o presente, observando e valorizando, à sua maneira, a experiência brasileira.

É preciso reafirmar que a razão indolente, de acordo com Santos (2006), se apresenta em modelos ou formas sociais que são legitimadas como monoculturas, identificadas em suas proposições/teses, como a do saber e de seu rigor, produtora do ignorante; a do tempo linear que conduz ao residual; a da classificação social que produz o inferior; a da escala dominante que produz o local, e a produtivista que produz o improdutivo. São formas de distinções capazes de produzir inexistências dividindo a realidade social. Acreditamos que críticas a tais modelos e formas encontram-se expostos na literatura e aí podem ser dissecados, traduzidos e utilizados como “documentos históricos” como fez Vale (2009), e “modo de presença” da cultura brasileira, como defende Cançado (2003) em suas análises sobre a obra de Pedro Nava.

Sendo assim, a razão cosmopolita, contraposta à indolente em sua forma metonímica, pôde ser buscada e compreendida pelos caminhos da literatura, pois foi exercida no trabalho literário em análise, no sentido de constituição de uma sociologia das ausências se usarmos as teses de Santos (2006) para compreendê-la, situando-a socioculturalmente. Daí a necessidade da complementação analítica com um trabalho de tradução para a compreensão das lógicas que conformam o discurso de Pedro Nava, expõem seu pensamento e desnudam sua visão de homem, de sociedade e de mundo.

O trabalho de tradução pode trazer, para o campo social de experiências de conhecimentos, as discussões acadêmicas e científicas sobre novas racionalidades e sobre as experiências, os saberes e práticas que em uma dada cultura foram silenciados devido a várias formas de opressão. Entre estas estão as que ocorreram

e as que ocorrem nos mundos coloniais e pós-coloniais, como o brasileiro, as quais vêm sendo embaladas ao longo de cinco séculos por um pensamento capaz de naturalizar as diferenças, tornando-as invisíveis, indizíveis e inaudíveis na construção de saberes científicos e sociais.

Vemos, assim, que a racionalidade cosmopolita, de acordo com Santos (2004, p. 779), é capaz de, em sentido inverso à razão indolente, “expandir o presente e contrair o futuro. Só assim, será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje.” Trata-se, portanto, de uma razão propositiva que busca sentidos possíveis para o mundo e para as possibilidades de transformação da existência social e da própria sociedade e pode ser encontrada, reafirmamos, em obras literárias de grandes cientistas e pensadores como a de Nava.

Nessa perspectiva, visualizamos que a literatura histórica e memorialística naviana se constituem pautadas em uma racionalidade capaz de dilatar o presente e ao mesmo tempo contrair o futuro, como propõe Santos (2006), ao anuir a capacidade potenciadora da leitura para a compreensão das possibilidades humanas com base em uma nova forma de pensar sobre as relações sociais.

A dilatação do presente é a expressão que exprime o futuro inscrito no presente, reconhecendo, neste presente, o passado, para que se possa identificar nele, as experiências sociais produzidas como ausentes e, assim, considerá-las como alternativas às experiências hegemônicas. Assim, a dilatação do presente possibilita o reconhecimento de relações de poder livres das dicotomias que tornam inexistentes pessoas, experiências e grupos sociais, permitindo ver os dominados como protagonistas sociais o que possibilita a recuperação da experiência desperdiçada. Trata-se, portanto, de uma condição que se pauta na coexistência de totalidades que podem ser encontradas através da sociologia das ausências como processo investigativo. (SANTOS, 2006).

A contração do futuro parte da perspectiva de que “é no presente que se cuida do futuro.” (SANTOS, 2006, p. 116). Sendo assim, o presente redireciona ativamente o futuro, mas a contração do futuro, em certa medida, contribui para a dilatação do presente ao se contrapor às perspectivas de reflexões pautadas apenas na visão de tempo linear inibidora das possibilidades existentes no presente, por não transformarem o passado em ampliação do presente, como requer a sociologia das

emergências que substitui o vazio do futuro em atividades plurais realistas e simultaneamente utópicas porque, em algumas situações, existem apenas como tendência, como possibilidade a ser manifestada.

Nava, ao narrar a experiência social brasileira e interpretá-la propositivamente, reiteramos, o fez através de uma subjetividade designada como desestabilizadora, já discutida nos capítulos anteriores, conforme as propositivas de Santos (2006). Trouxe ao mundo brasileiro uma escrita carregada de possibilidades de novas leituras pautadas em uma visão do existente, experienciado e tornado possível, o que de certo modo é complementado por Vale (2007) que, se utilizando da teoria psicanalítica para interpretar o Narrador, nos diz que

[...] podemos observar, na obra de Nava, o caráter antropofágico da sociedade brasileira, notada por Oswald de Andrade em 1928. Sociedade que digeriu a Psicanálise e a transformou em um dos elementos da cultura nacional nas décadas posteriores. (VALE, 2007, p. 85).

A tradução das narrativas de Nava é assim entendida como suporte epistemológico com possibilidades de tornar compreensível e inteligível, como propõe Santos (2001), as aspirações de um dado saber e de uma cultura por outra, em tempos e momentos diferentes. Desse modo, a tradução aqui viabilizada articula as lógicas inerentes à sociologia das ausências e nos conduz a perceber também o pensamento naviano disposto de forma não linear, movido por um conhecimento cujas marcas trazem um princípio histórico dentro de uma abordagem crítica e humanista, propositiva e opinativa sobre tudo que se contrapõe a processos sociais desumanizantes.

Essas características podem ser percebidas na mensagem que transcrevemos a seguir, aparentemente longa, mas traz em si uma espécie de seiva do pensamento do Narrador quanto aos direitos inalienáveis do homem.

É uma honra figurar entre os que o programa Flávio Cavalcanti⁶¹ distingue para dirigir uma palavra aos seus patrícios na ocasião cheia de apreensões

⁶¹ Este programa era exibido aos domingos na TV Tupi, do Rio de Janeiro, apresentado por Flávio Cavalcanti. Em 1970 foi suspenso pela ditadura militar porque o apresentador protegia a atriz Leila

dessa passagem de 1979 a 1980. Quem sou eu? Para endereçar nesta hora uma mensagem aos brasileiros. Poderia falar como médico que exerce sua profissão há 52 anos, durante os quais deu suas manhãs à vida hospitalar, participando, portanto, da miséria e da carência das classes desprotegidas do Brasil. Ou como escritor público que sou há 10 anos, procurando bem ou mal, servir à cultura de minha terra. Mas numa ou noutra qualidade não encontro expressões que tenham oportunidade nesse fim de ano-princípio de ano. Prefiro falar como homem da rua, bater na tecla em que todos batem e meter minha colher no caldeirão em que todos mexem. E não o farei no sentido de mensagem, mas, mais modestamente, dando conselhos, de velho que está entrando no septuagésimo sétimo ano de sua vida. E fa-lo-hei tratando de assunto explosivo: a violência. Combater a violência... Seria como tratar uma moléstia grave que para ser curada precisa em primeiro lugar ter nome, no caso, o diagnóstico. E o diagnóstico das causas da violência no século e no nosso meio, ainda não foi feito. Só se fala em bandidos e marginais e nada sobre as causas sociais e econômicas do seu aparecimento. Ninguém acusa a sociedade que gera e cria os criminosos que merece. Ninguém falou das medidas de administração e progresso que escorraçam os humildes de sua nesga e despejam nas cidades aqueles que para comer têm que assaltar. O frio e a fome fazem sair os lobos da mata para virem buscar sua presa nas ruas do burgo. Ninguém ousa falar nas palavras malditas que são “reforma agrária! Que sendo justa e equitativa, fixará o homem no campo reintegrando-o na sua qualidade de roceiro ou vaqueiro e impedindo que ele assuma as posições cujos nomes são ditos como quem cospe: marginal, bandido, assaltante. E são cusparadas dadas para o ar e que caem sobre todos. E para a moléstia ainda não diagnosticada da violência, os rinocerontes preconizam logo um tratamento cirúrgico: pena de morte. Essa obscenidade esse *ruptus* soprado pelos dinossauros antes aumentariam que diminuiriam a violência. Fariam seu drama, sua legenda e seus mártires. Nada de caçada ao homem. A moléstia precisa ser diagnosticada por “médicos” no caso o psicólogo, o assistente social, o médico mesmo, os homens inteligentes que têm se mostrado capazes de entender o fenômeno brasileiro. Os que sabem que o Brasil precisa mais de piedade que de governo. Essa é a – digamos mensagem – que tenho para meus patrícios. A eles imploro que meditem nestas palavras de um velho que parafraseando Lima Barreto – prefere morrer do que matar e que a escolher – preferiria a companhia dos assaltantes a dos que querem acabar com eles a custa da pena de morte (NAVA, 1999, p. 78-79).

Lemos, assim, que o pensamento do Narrador se insere, transita, circula, articula-se e infiltra-se nos diferentes saberes e práticas sociais por ele assumidas como experiências de solidariedade⁶² diante do sofrimento humano, em suas leituras críticas sobre o mundo brasileiro. Estas atitudes o conduziram a fazer em todo percurso de sua produção literária o reconhecimento da fragilidade da condição humana e do papel social dos sujeitos, especialmente dos intelectuais e do Estado

Diniz, que havia sido entrevistada pelo jornal “O Pasquim,” reconhecido semanário de oposição ao governo brasileiro da época. Para maiores informações, ver Dicionário Cravo Albim (2006).

⁶² Aqui empregada, no sentido dado por Santos (2006), como orientação epistemológica que torna “possível a comunicação e a cumplicidade,” passando pela “revalorização da solidariedade como forma de conhecimento e pela revalorização do caos como dimensão da solidariedade” (SANTOS, 2006, p.86); nessa compreensão, como alargamento do sentido do nós e reconhecimento do outro.

brasileiro, frente às questões e problemas que emergem nessa sociedade. Assim, mesmo vivendo sob uma ditadura militar⁶³, prefere dizer o que pensa a se calar diante de temas polêmicos como a violência e a pena de morte.

Nesse sentido, a tradução aqui empreendida se deu mediante a leitura dos conhecimentos literários produzidos por Nava como uma forma de investigação que, em seu cerne, traz o desvelamento das lógicas que sustentaram seu discurso, sua maneira híbrida e transdisciplinar de fazer história, poesia e literatura memorialística. Então, podemos dizer que um dos objetivos desta tradução é inseri-las no campo dos saberes das Ciências Sociais para, de igual modo, nominá-las, pois, até o momento, encontram-se inominadas ou apenas nominadas em perspectivas conjecturais em grande parte por conhecimentos derivados da Linguística e da História da Literatura, entre outros.

Dessa maneira, mesmo fazendo uma tradução entre textos de uma mesma Língua – a Portuguesa –, assumimos também a postulação de Susan Sontag (2008) sobre tradução, quando esta nos indica: “a tradução é o sistema circulatório da literatura mundial.” (SONTAG, 2008, p. 187).

Assim, a concepção de trabalho de tradução por nós interpretado pode ser conduzida com o que é concebido por Santos (2006), como

procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que não se esgotam nessas totalidades ou partes. (SANTOS, 2004, p. 802).

É válido salientar que há entre os intérpretes da obra aqueles cujos trabalhos de um modo geral sugerem que Nava fez uma espécie de teorização de suas experiências e ao mesmo tempo interpreta o Brasil, delineando retratos de seu

⁶³ Trata-se do período posterior ao golpe de Estado de 1964, “deflagrado em nome da ordem, do combate à desordem, à subversão comunista e à corrupção.” Durante aproximadamente 21 anos (1964-1985), os militares governaram o Brasil usando como justificativa a ideologia da “**doutrina da segurança nacional**, cujas palavras-chave eram **segurança e desenvolvimento**, portanto, o lema **ordem e progresso** agasalhado por um outro vocabulário, atualizado com os tempos da **Guerra Fria**, envolvendo o conflito entre capitalismo e socialismo” (GERMANO, 2008, grifos do autor). Para melhor compreensão deste período, ler: GERMANO, J. W. O discurso político sobre educação no Brasil autoritário. **Caderno CEDES**, São Paulo; Campinas, 2008a, p.313-332. (CEDES, v.28, n.76, p. 283-284, set./dez. 2008).

tempo, pelo testemunho do vivido, entre os quais Candido (1987) e Cançado (2003). Desse modo, podemos ratificar que ele cumpriu, à sua maneira, seu papel intelectual por meio de sua produção literária e profissional ao traduzir sua sociedade e suas experiências para o texto literário como modo de existência pessoal e social contra o que Santos (2006) concebe como epistemicídio cultural, injustiça cognitiva e social que sabemos foram praticados largamente no Brasil durante e após a colonização.

A leitura que fizemos nos escritos navianos foram procedimentalmente guiados por uma cartografia simbólica ou sociológica, pois utilizamos como estratégias em sua composição dois procedimentos metassociológicos desenvolvidos por Santos (2006), configurados no sentido de uma sociologia das ausências pelo trabalho de tradução que, ao serem localizados, são demandantes de entendimentos cartográficos. Foi assim que questionamos as lógicas da produção de não-existência quais sejam:

- a) A monocultura do saber e seu rigor que “consiste na transformação da ciência moderna e da alta cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente.” (SANTOS, 2006, p. 102);
- b) A monocultura do tempo linear que “traz a ideia de que a história tem sentido e direcção únicos e conhecidos.” (SANTOS, 2006, p.103);
- c) A monocultura da classificação social que consiste na naturalização das diferenças pela distribuição das populações em categorias raciais e sociais, pautadas em relações de dominação. (SANTOS, 2006);
- d) A lógica da escala dominante que reduz as escalas possíveis a dois modos: o universal e o global dominados pelo universalismo europeu. (SANTOS, 2006);
- e) A lógica produtivista exercida pela monocultura dos critérios de produtividade capitalista, inquestionável e aplicável à natureza e ao trabalho humano.” (SANTOS, 2006, p.104).

Estas monoculturas foram inseridas nas discussões e nas reflexões sobre a postura racional expressa pelo Narrador, observando-se se elas faziam parte da racionalidade por ele exercida, mesmo considerando-se que as narrativas são uma obra de difícil decifração, conforme os trabalhos acadêmicos/científicos que vimos apresentando. Daí porque fizemos uso de interpretações de outros autores e

situamos a discussão no contexto histórico e cultural para reiterar nossas argumentações quanto à nova racionalidade impressa por Nava, diferente, portanto, de um pensamento baseado nestas monoculturas, e pouco re/criativo e imaginativo.

Foi, dessa forma, que encontramos na obra de Nava trechos com possibilidades discursivas que nos permitiram o trabalho de tradução articulado as cinco ecologias que compõem a proposta de Santos (2006), a saber:

- a) A ecologia de saberes é discutida como uma epistemologia capaz de reconhecer os processos subjetivos da condição, da criação e da imaginação humana num diálogo entre diferentes formas de conhecimento, entre saberes científicos e não científicos vistos nos escritos de Nava sobre a história da medicina brasileira no período da colonização;
- b) A ecologia das temporalidades parte neste trabalho da observação no trabalho de tradução dos diferentes tempos presentes na literatura memorialista de Nava. Discutimos aqui a criação do tempo da narrativa em dois outros autores como tempos que muitas vezes não são lineares. São tempos diversos em diferentes culturas e escritos literários; tempos que mostram o passado como parte de uma temporalidade capaz de imprimir modificações no presente e no futuro, vistos no(s) tempo(s) da literatura criado(s) por Nava;
- c) A ecologia dos reconhecimentos foi buscada na obra do Narrador como uma capacidade de pensar que abre espaço para o reconhecimento das diferenças recíprocas contra os epistemicídios e injustiças culturais e sociais praticados no Brasil, dentre os quais aqueles exercidos contra os afrodescendentes durante e após a libertação dos escravos no País, permanecendo até os dias atuais;
- d) A ecologia das transescalas *locus* operativo de des-globalização do local pelo exercício de uma sociologia cartográfica⁶⁴ que possibilita ver o local no global sem perder suas características culturais, compatível com o que desvendou Nava em suas leituras sobre a cidade do Rio de Janeiro;

⁶⁴ Para Santos (2001, p. 224), uma cartografia sociológica ou simbólica trata de representações sociais e expressa que “[...] os mapas são um campo estruturado de intencionalidades, uma língua franca que permite a conversa sempre inacabada entre a representação do que somos e a orientação que buscamos” no espaço-tempo das sociedades modernas.

e) A ecologia das produtividades é o espaço no qual se rediscute a questão do desenvolvimento, pelo envolvimento, da cumulação pela distribuição baseada em princípios de cooperação e solidariedade entre os sujeitos sociais, a sociedade e o Estado. Aqui é vista na perspectiva de uma visão da velhice na sociedade industrial para a compreensão da velhice na obra naviana.

Estas ecologias são lógicas inerentes à sociologia das ausências e necessárias ao trabalho de tradução que operamos fazendo dialogar o saber literário compreendido na obra de Nava, em especial nas Memórias e nos escritos de história da Medicina com o saber sociológico e epistemológico desenvolvido por Santos.

É relevante informar que a sociologia das ausências, de acordo com Santos (2006), pode ocorrer pela via das ecologias, em cinco campos sociais, quais sejam: as experiências de conhecimentos, de reconhecimento, de desenvolvimento, de democracia e, por último, de comunicação e informação.

A pesquisa que aqui expomos transita entre estes diferentes campos sociais da experiência brasileira, mas insere-se, contextualmente, no campo social das experiências de conhecimentos por promover o diálogo entre saberes e entre diferentes áreas, e, ao mesmo tempo, por situá-los na área das Ciências Sociais e Humanas.

Sendo assim, as cinco ecologias foram trabalhadas como categorias de busca interpretativa (fundamentais e estruturais); sedimentaram a análise tradutora da obra pelos registros narrativos de experiências que se desenvolveram em campos sociais diversos e ali se encontram disponíveis em recortes de memórias que compõem uma narrativa brasileira do Século XX.

Nesta perspectiva, reside o delineamento de uma sociologia das ausências na obra de Nava que convidamos a encontrar na leitura das páginas a seguir, nos questionando sempre: o que ele deixa entrever em suas Memórias brasileiras sobre uma nova racionalidade? Quais lógicas sustentam suas narrativas? Será que são possibilidades de diálogos entre saberes, literatura como espaço de denúncias sociais, possibilidades de dilatação do presente, lições de si como modos de luta contra o desperdício das experiências sociais, enfim, serão apenas rastros de suas preocupações com a fragilidade da condição humana e com o papel social dos sujeitos? Ou, quem sabe, uma luta por mais dignidade e solidariedade social e

humana? Nossa pretensão não é respondê-las, mas promover diálogos nos quais elas se encontrem presentes como mote para uma conversa, ora boa e amena, ora sofrida e revoltante, quiçá, seja também edificante para reflexões sobre “a humanidade da humanidade,” com a significação ensejada por Edgar Morin (2002).

Aqui as argumentações nada mais são que traduções da narrativa do Brasil feita por Nava, que traz em si instrumentos discursivos que possibilitam afirmar que, ao denotar a experiência social brasileira, partindo da teorização de suas próprias experiências vivenciais, imprime nelas testemunhos de vida e significação da vida como atos humanos mediados, não naturalizados. Esses atos construídos em suas relações sociais concretas, nos quais se tornou sujeito de sua obra, contador de histórias de vidas que compõem a sua própria história e a de seu mundo social, nos campos sociais nos quais atuou de forma múltipla, prosaica e poeticamente.

Dessa forma, Nava tornou visível em forma literária, algumas invisibilidades presentes na sociedade brasileira, particularmente aquelas ligadas aos preconceitos raciais e questões articuladas à destituição dos pobres no país. Trouxe resíduos sociais de outras histórias de seu processo civilizatório, impondo-se pela escrita, por seu discurso multifacetado, fazendo o que Santos (2001) denomina de aproveitamento das experiências sociais, pois cunhou em sua prática intelectual uma verdadeira ecologia entre os saberes com os quais se defrontou e dos quais se apropriou; com sua escritura permitiu a dilatação de seu tempo, tornando, como já afirmamos, o passado capacitante⁶⁵ para ser relido e realimentado por novos e outros saberes, possibilitando a construção de novos conhecimentos.

Essas verificações deram, portanto, a condução da estrutura argumentativa e nos fizeram perceber o pensamento do Narrador disposto e atravessado por lógicas que ainda não haviam sido interpretadas sociologicamente, com intencionalidade explícita para tal abordagem em estudos sobre sua obra. Todavia, reafirmamos que esta já foi bastante interpretada literariamente e nela foram encontrados estilos, lugares-comuns, métodos e técnicas de criação entre outras derivações da área literária. Algumas trazem a obra localizada historicamente, outras literariamente, como vimos discutindo. Existem ainda aquelas que trazem críticas significativas, outras nem tanto, mas todos concordam e confirmam o

⁶⁵ Trata-se, segundo Santos (2006, p. 83) de uma leitura histórica em cuja temporalidade o passado tem possibilidades de ser “reanimado em nossa direção pelo sofrimento e pela opressão que foram causados na presença de alternativas que os podiam ter evitado.”

impacto causado no meio literário brasileiro quando da publicação das Memórias, dentre os quais Bueno (1997, p. 144), que afirma “a obra memorialística de Nava é mais que o precioso material de sua história pessoal e um retrato de época. É, antes de tudo, uma pátria de signos”.

Assim, convidamos o leitor ao diálogo, com a tradução feita desta “pátria de signos” como narrativas do Brasil do Século XX, de Pedro Nava.

5.1 A ECOLOGIA DE SABERES NA POLIFONIA DA MEDICINA POPULAR BRASILEIRA

Nava foi um Narrador capaz de cunhar diversos saberes em sua prática intelectual e, em especial na escritura de suas Memórias, em seus livros de história da Medicina e em suas crônicas. Enfim, em sua obra desenvolvida para além de sua especialidade médica, um aporte para a compreensão da presença de uma sociologia das ausências, tendo como um dos guias epistemológicos a ecologia de saberes, se fizermos a tradução de suas narrativas, conforme o que propõe Santos (2006).

Em seus escritos, Nava fez denúncias sociais e ousou através da literatura preencher lacunas históricas existentes no Brasil, promovendo, assim, a expansão não apenas de seu presente, mas de seu mundo e dos modos de vida que lá existiam, nos mais diversos campos sociais. Isto vem possibilitando que se transponham com ele, enquanto Narrador, as escalas limitadoras do mundo colonial brasileiro, contrapondo-se às visões que emparedavam os saberes ali existentes, para vê-los em novas perspectivas. A história da medicina brasileira, e em particular seus estudos sobre medicina popular no Brasil Colônia, foi uma de suas muitas paixões de pesquisa, daí porque a elegemos como suporte de discussão sobre ecologia de saberes. Usando suas palavras,

O estudo da história da Medicina praticada no Brasil tem de ir buscar suas fontes em elementos semelhantes aos que são necessários ao estudo da História Geral da Medicina. É indispensável para uma boa compreensão da evolução da arte em nosso país, tanto no seu aspecto culto, oficial e erudito, como no seu aspecto popular – o conhecimento de documentos de várias naturezas.

Os que tratam da cultura e dos costumes do índio brasileiro na época da Descoberta e nos períodos subsequentes; os que tratam da cultura e dos costumes dos grupos negros entrados no Brasil com o tráfico africano; os que se referem à Medicina Portuguesa coeva, não só do ponto de vista de sua literatura, como do da legislação metropolitana que dizia respeito às instituições sanitárias e ao exercício da internística, da cirurgia e da obstetrícia; os que tratam das doenças do índio e do negro; os fornecidos pela poesia popular, pelo folclore e pela literatura de costumes, tomados como material de pesquisa sobre as concepções populares de doença e remédios; os trazidos pela imprensa leiga, como reflexo da vida da coletividade; [...]. (NAVA, 2003c, p.17-18).

Nessa perspectiva, ratificamos com suas palavras porque o traduzimos como portador de uma nova racionalidade, na qual podemos compreender em suas buscas, em torno da história da medicina, uma verdadeira ecologia de saberes. Vejamos “a incorporação precoce de nossa flora às possibilidades das duas medicinas exercidas no Brasil – a erudita e a vulgar – é a maior influência desempenhada sobre as mesmas ou pelo jesuíta, ou pelo índio, ou pela ação conjunta de ambos,” acrescida da “influência do elemento africano que o tráfico introduziu e que é parte integrante da civilização brasileira.” (NAVA, 2003c, p. 22).

Desse modo, a medicina erudita e a vulgar, no período colonial brasileiro, são vistas pelo Narrador em diálogos culturais no Século XX, através do esforço de pesquisa sociocultural desenvolvido por ele como a querer preencher vazios históricos, existentes no Brasil, com seu trabalho, nos fazendo anuir com Santos sobre a centralidade das relações entre saberes, quando afirma:

A ecologia de saberes convoca a uma epistemologia polifônica e prismática. Polifônica, porque os diferentes saberes são simultaneamente partes e totalidades e, tal como numa peça musical, têm desenvolvimentos autônomos, ainda que convergentes. Prismática, porque se cruzam nela múltiplas epistemologias cuja configuração muda consoante a **disposição** dos diferentes saberes numa dada prática de saberes. (SANTOS, 2006, p. 161, grifo do autor).

Nava recorreu ao que poderíamos denominar de conhecimentos históricos e cartográficos médicos, para construir uma polifonia de saberes, fazendo uma espécie de anatomia social e humana para descrever seus percursos de vida: familiar, social, educativo e cultural, em espaços formais e informais definidos em uma escrita que prima pela erudição. Usou o desenho gráfico, o anatômico e o caricatural, muitas vezes como base, índice despertador de lembranças, descritos particularmente nas Memórias para representar expressivamente pessoas, instituições e espaços públicos. Em sua ecologia de saberes vai deslindando existências de saberes tornados invisíveis pela razão metonímica, como os saberes dos índios e dos africanos no Brasil. Sendo assim, é na interação entre medicina popular e medicina científica no Brasil, vista por Nava, que se apresenta indiscutivelmente a ecologia de saberes em sua obra na prática cultural brasileira:

Medicina popular portuguesa, medicina indígena, medicina dos religiosos e feitiçaria devem ter entrado em sincretismo e começado a amalgamar o que ficou até hoje como nossa medicina popular. Esta constituía-se tanto da experiência coletiva, como de ensinamentos advindos de livros destinados a fazer os leigos suprirem bem ou mal a escassez ou a ausência dos médicos. (NAVA, 2003c, p. 227).

Nesse sentido, procurou o Narrador revelar experiências sociais de conhecimentos sem descartar os conflitos e diálogos. Muito embora em alguns momentos se posicione favorável à medicina científica, não deixa de relatar a medicina popular no Brasil dos primeiros séculos após o descobrimento em 1500. Faz, assim, a tradução de conhecimentos ausentes ou pouco discutidos no Brasil.

Para Santos (2006), a incomensurabilidade no interior de uma mesma cultura é também uma das questões que se apresentam à ecologia de saberes. Assim, Nava deixa entrever que em seus escritos, passado e presente da cultura brasileira não têm um lugar definido, ocorrem..., pois sua concepção de história e memória tem a ver com condição de leitura de mundo, de sociedade e da vida, sua e de seu leitor. Quem sabe?, seja por isto que a estética da narrativa naviana traga seu mundo das letras, das artes e dos diversos saberes, incluindo-se, nesta, os saberes médicos, em versos errantes pelos caminhos da prosa autobiográfica trabalhada como obra de um artista múltiplo que nela modela sua escultura

vivencial, de uma forma, digamos pouco usual de escrita literária. Talvez seja esta uma forma de leitura descentralizada do mundo brasileiro explorado por ele como modo de reconhecimento de uma cultura que se fez no diálogo com outras.

Em sua ecologia de saberes, a memória e a história se constituem como um cimento que argamassa o passado, no presente, fazendo emergir o passado como conteúdo de futuro que se faz no presente. Nas Memórias e nos estudos sobre história da medicina desenvolvidos por Nava, essa afirmativa pode ser ratificada tendo em vista que este traça um elo possível entre medicina popular e científica praticadas no Brasil, já confirmado em outros estudos sobre o autor, dentre os quais: o de Vale (2009) e o de Villaça (2007).

Nos escritos navianos, medicina popular e religiosidade são vistas como práticas sociais e culturais cotidianas no espaço-tempo da formação cultural do povo brasileiro. Essas temáticas, quando articuladas, oferecem aos estudiosos possibilidades para uma compreensão mais abrangente de como era praticada a medicina no Brasil colonial. Para alguns autores cujos trabalhos enfocam a história da educação médica, dentre os quais Gondra (2004), até 1808, a medicina praticada no país era aquela oriunda dos povos que aqui chegaram em 1500 e nos séculos subsequentes, incorporada às práticas de cura dos povos indígenas que aqui viviam. Contudo, esse autor chama a atenção para as práticas jesuíticas de cura pela fé, e também da dos povos africanos que aqui aportaram como escravos. Nessa conjunção de culturas, sem muito esforço podemos verificar que a religiosidade dava o tom da medicina, numa mistura de crenças inimaginável. Corrobora, portanto, as ideias de Nava sobre o diálogo entre saber popular e religiosidade no período colonial brasileiro. Nessa perspectiva de tradução, ratificam a tese de “leitura polifônica da realidade, própria da ecologia de saberes,” encontrada em Santos (2006, p. 165).

Na direção de compreender Nava como portador de uma nova racionalidade, apreendemos em seus estudos sobre as “misturas do humano com o divino⁶⁶” na medicina popular do Brasil colonial, que estes são a pedra de toque para discutirmos a emanção de uma ecologia de saberes na obra do autor em suas buscas sobre a história da medicina no Brasil, sem descurar da formação médica

⁶⁶ Expressão cunhada por NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia São Paulo: Ateliê Editorial: Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003c, p. 183.

aqui disseminada a partir de 1808. Seu grande investimento nesse sentido, se encontra nos livros “Território de Epidauro” (NAVA, 2003d) e “Capítulos da História da Medicina no Brasil” (NAVA, 2003c), já discutidos e referenciados.

Desse modo, podemos enfatizar que entre benzilhões, pajelanças, rezas e bruxarias a medicina popular foi sendo moldada no Brasil, na perspectiva naviana, pelo entrelaçamento de várias culturas. Entretanto, ele informa que a partir do Século XVIII a inserção da medicina popular na dinâmica das práticas religiosas vai ser muito criticada, dada a chegada de vários médicos e de pessoas que sabiam ler no país, além daqueles vinculados à Companhia de Jesus. Aduzimos, portanto, que neste momento começa a chegar ao país a medicina científica que relega os conhecimentos da medicina popular e os conhecimentos dos índios e dos africanos por não interagir com eles, descartando seus limites e possibilidades.

Segundo Nava (2003c), em terras Tupiniquins até o Século XVIII, a medicina predominante era a popular, solidamente vinculada a sistemas mágicos e religiosos. Estes, herdados como já salientamos, dos povos indígenas, dos africanos e dos portugueses letrados – os jesuítas – e também dos não letrados que povoaram o país e formaram o povo brasileiro, constituindo uma prática de medicina popular diversificada, atuante na arte de curar o corpo sem descuidar do espírito e da promoção da fé, complexa e multifacetada.

A medicina popular no período colonial brasileiro e a religiosidade nas práticas de curas são assuntos recorrentes na empreitada de Nava como historiador da medicina. No livro “Capítulos da História da Medicina” (NAVA, 2003c) entre outros temas, trata da medicina popular brasileira do Século XVIII e oferece aos leitores e pesquisadores indícios de um vasto campo de pesquisa ainda pouco explorado, no que tange à representação e aplicação da religiosidade, das crenças e superstições do povo na arte de curar. A doença, à época, de acordo com Nava, era vista como castigo de Deus, dos santos, dos orixás ou era feitiço. A crença católica, em especial a do culto mariano, criou uma legião de Nossas Senhoras voltadas para a Saúde; temos por esta via: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Bom Parto, Nossa Senhora da Boa Morte, Nossa Senhora do Leite entre outras. As demais crenças também criaram artifícios de cura nas figuras de caboclos, do fogo, da água, do culto à lua, ao sol...

Os curadores, as rezadeiras, os raizeiros, os pajés, as mães-de-santo e os ativistas médicos, todos eles apelavam para o espiritual, para algo que transcende à compreensão concreta, lógica de suas práticas de cura. Isto fica evidente nos diversos tratamentos que são narrados na literatura que trata da medicina praticada no Brasil no século de ouro, dentre estes, a “triaga brasilica”, um contraveneno preparado pela Companhia de Jesus, citado por Nava.

Os processos curativos concernentes à mistura de fé e medicina eram dos mais diversos. Iam do comércio de livros ao uso dos santos. Conforme Nava (2003c), havia uma verdadeira panóplia de santos no apelo de curas nas práticas populares que unificavam medicina e religiosidade. Havia santos capazes de interceder como intermediários da Graça para quase todas as enfermidades: “Santa Águeda, contra as dores dos peitos”; “Santo Abraão, advogado contra o demasiado choro dos meninos”; “Santo Amaro, contra os achaques das pernas e braços” [...]. (NAVA, 2003c, p. 177), entre tantos outros que faziam parte da onomástica da fé para a cura. Ele ressalta que, naquele momento histórico, o comércio de livros resumia-se a uma casa que “só vendia obras de teologia e por um livreiro que só se encarregava de distribuir volumes de medicina portuguesa.” (NAVA, 2003c, p. 152).

Os registros históricos da medicina no Brasil da época colonial, feitos pelo autor, informam sobre misturas que dão a tônica de um conservadorismo popular, mesclado com elementos religiosos presentes na cultura brasileira. Suas origens remontam à Medicina portuguesa, à arte curativa africana e a dos índios da nova terra – Brasil –, praticadas em nossa terra por ativistas que mal conheciam as partes do corpo humano, exceto os jesuítas que aqui aportaram com o objetivo de curar corpos e salvar almas.

Nava enfatiza ainda a falta de médicos e o excesso de rezadores e benzilhões que tornaram essas misturas fatores predominantes, especialmente pelas influências da permanência das diversidades culturais religiosas na prática popular da medicina. Salienta, todavia, a predominância da visão e da prática católica controlada pela Companhia de Jesus. Sobre isto, observamos a prática de ex-votos até nossos dias, ainda largamente praticada, como forma de agradecimento pela cura. Este é um dos componentes herdados da concepção católica; curada a pessoa, faz-se então um molde da parte do corpo que é levada até o santo protetor. Tal prática dá a dimensão das crenças religiosas que associam

determinados males físicos e psíquicos a nomes de santos católicos, mostrando as influências da Religião Católica na formação e nas experiências culturais do Brasil.

Confirma-se tal assertiva no livro *Disquisitiones Magicae*, de Martinho Delrio, um jesuíta referenciado por Nava e que diz ter sido este publicado no Século XVIII, sobre o qual conclui, de acordo com as informações do autor:

Os remédios dessa medicina, mesmo aqueles que agem por via natural, são ministrados com um cerimonial de mistério e de magia, que aos olhos do povo só pode aumentar seu valor e sua eficácia [...] onde o gosto por essa mistura do humano com o divino está patenteado nas invocações, nas preces simples ou seguidas de imposições manuais e de gestos de esconjuro; no rudimento de atos sacrificiais praticados sobre animais vivos; no esboço de penitência e castigo buscados no remédio estercoreário e imundo – que acompanham a administração corriqueira de suadouros; de purgas de velame e de jalapa; de infusos, cozimentos e tinturas de jatobá, pinhão aroeira e pimenta; de fórmulas contendo o tártaro para o paludismo e o mercúrio para a sífilis. (NAVA, 2003c, p. 179).

Nava nos induz a perceber que em termos de conhecimentos das práticas de cura no Brasil colonial, a medicina popular ia “povoando” o Brasil e o imaginário de seu povo unindo o natural ao sobrenatural. Nessa contextura, sobre essas práticas e as praticantes da obstetrícia colonial, oferece algumas informações:

Eram parteiras ou **comadres**, quase todas caboclas ou negras velhas que, à habilidade **aparadeiras**, acrescentavam certa prática no tratamento das moléstias do aparelho genital feminino e iam mesmo ao exercício médico – tratando com remédios primitivos ou com rezas e esconjuros e inovações cabalísticas. Usavam [...] uma cruz branca nas portas de suas casas [...]. (NAVA, 2003c, p. 153, grifos do autor).

Era assim que chegavam ao mundo, no Século XVIII, os novos brasileiros pelas mãos daquelas que habitavam na casa da cruz branca. Nava ainda informa que, para ele, a medicina popular tem teor intuitivo e instintivo, cuja empiria se baseia no aproveitamento das experiências da medicina, dita douta. Chama também a atenção para a reflexão sobre as experiências da medicina popular, como um curioso fenômeno que para ele é inseparável da cultura e da coletividade, podendo, assim, ser considerada nas

ideias de comiseração e de solidariedade humana; as alterações que lhe são impostas pela transmissão oral e pela sua adaptação ao sentimento religioso; seu etiologismo sobrenatural e a consequência disto na feitiçaria, nas práticas cabalísticas e nas revivescências de terapêutica místico-teúrgica inseparáveis da arte curativa do povo. (NAVA, 2003c, p. 180).

Ribeiro (1997) corrobora esta perspectiva, afirmando que no final do Século XVIII

houve, [...] um decréscimo do emprego das substâncias utilizadas ou associadas às práticas populares de curas mágicas na medida em que se impunham explicações mais satisfatórias às doenças, mas isso não significava que as crenças próprias do universo mágico desaparecessem totalmente [...]. (RIBEIRO, 1997, p. 138).

Nava sinaliza que, apesar do decréscimo das práticas populares, a medicina popular no período, articulada à religiosidade, continua bem viva na cultura do povo brasileiro, unindo crenças e valores morais e espirituais, tendo em vista que um projeto político de medicina social para o Brasil, capaz de promover conhecimentos sobre as práticas de medicina popular, ainda não foi devidamente efetivado.

As palavras de Nava (2003c), em síntese, dão ao debate outros elementos para se pensar sua narrativa sobre a cultura brasileira, dentro de uma perspectiva de ecologia dos saberes em relação às práticas de cura, ao afirmar:

Os processos curativos do povo, [...] fazem parte do seu complexo cultural, da mesma forma que seus sentimentos religiosos, seus hábitos de preparação alimentar, suas manifestações artísticas, sua posição de espírito em face dos antepassados, da morte, da sucessão paterna ou materna, da fraternidade associativa ou de sangue, seus preconceitos e proibições – é natural que esses processos curativos mantenham ao mesmo tempo um caráter de imutabilidade com que são transmitidos através da vida sucessiva das gerações – estas marcas que são a distintiva dos grupos – quer os consideremos do ponto de vista puramente racial, quer do que os separa historicamente. (NAVA, 2003c, p. 180).

Por estas perspectivas de análise podemos compreender que a formação cultural do povo brasileiro, no tocante ao que explicita Nava sobre medicina popular no Brasil, comporta em certa medida a mistura do humano com o divino, com o científico e o cultural em suas práticas desde o período Colonial. Tal prática confirmada e descrita pelo Narrador nas Memórias em Monte Aprazível, em São Paulo e no interior de Minas Gerais em meados do Século XX (NAVA, 2004c), onde viu e repreendeu um colega médico por receitar “carqueja e de preferência amarga e mais raspa de caroço de abacate queimado,” dizendo que, assim, este se igualava aos curandeiros (NAVA, 2004c, p. 91), de quem narra ter ouvido em resposta o seguinte:

[...] O nível da população dominante aqui prefere o curandeiro de que você fala com tanto desprezo e que em verdade é um benemérito no Brasil inteiro. Primeiro, ele pratica uma profissão nascida de inegável vocação – no relacionamento dele e do doente, estabelecido mais facilmente que com o doutor. Segundo, ele é onipresente e exerce onde não há médico nessa nossa terra onde os colegas só se concentram em capital e cidade grande... (NAVA, 2004c, p. 91).

Reconhece, portanto, intervenções no real tornadas possíveis por outras formas de conhecimento para além da ciência moderna, como uma espécie de desafio ao conhecimento científico e diz ter aceitado, como lição, o que disse o colega. Mas, vemos que, como médico, “o princípio da precaução” se sobrepôs até mesmo diante do respeito à crença alheia e à prática do colega. Santos (2006, p.163), ao discutir um dos princípios da ecologia de saberes, qual seja “uma luta não ignorante contra a ignorância”, pondera que “conhecer erradamente é a ignorância não assumida” e traz elucidações para questões desta natureza, ao afirmar: “a ciência moderna tem de sair de si enquanto monocultura de saber para voltar a si enquanto componente da ecologia de saberes”. (SANTOS, 2006, p.163). Trata-se, portanto, de reconhecer os momentos anteriores de uma prática e o contexto no qual ocorre, tendo em vista que “a história é o presente em acção” (SANTOS, 2006, p. 163) e a realidade é sempre mais complexa.

Nas Memórias, a convergência entre conhecimentos múltiplos sejam científicos, não científicos, didáticos e populares estão presentes como se o autor buscasse promover relações entre saberes para se opor à aporia engendrada sobre tais relações pela epistemologia monocultural presente em sua área de atuação profissional, especialmente. Sendo médico, poeta, artista plástico e escritor memorialista, transitou em meio a tais saberes e práticas com desenvoltura, fazendo emergir em cada atitude a unidade do diálogo entre eles na composição de sua ecologia de saberes ali presente.

Por estas conexões culturais apresentadas em pequenos recortes de uma vasta obra, consubstancia-se que Nava, nos escritos sobre história da medicina, faz uma avaliação das práticas curativas no país no qual viveu, traçando uma lógica de simultaneidade entre as populares e as científicas, na qual percebemos características de reconhecimento da diversidade cultural, epistemológica e ontológica encontradas no Brasil dentro destas práticas de cura.

5.2 A ECOLOGIA DAS TEMPORALIDADES NOS TEMPOS DA LITERATURA DE SI

Diz-nos Santos que “a linguagem silenciosa das culturas é acima de tudo uma linguagem temporal” (SANTOS, 2006, p. 109), nos conduzindo a observar que entre as várias explicações sobre tempo e história que o Narrador espraçou nas Memórias e em outros escritos, destaca-se: “de toda história a ordem cronológica pode ser desobedecida se há fato mais novo cuja importância concorra para adular a interpretação de passado recente ou mesmo remoto.” (NAVA, 2006, p. 6). Isto induz à introdução da discussão sobre a presença de aspectos que nos permitam discutir a ecologia das temporalidades em seus escritos.

Para Santos (2004, p. 787), “a ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos” e segue a linearidade do tempo guiando o progresso e a modernização dos países centrais do sistema mundo, guia também “os conhecimentos, as instituições e as formas de sociabilidades” que por eles são conduzidos. Dessa maneira, o que não converge para esse sentido é considerado atrasado e não assimétrico à modernidade ocidental. Então, o que não está posto na linhagem histórica pela lógica do tempo linear não se enquadra como moderno,

contemporâneo, não existe ou é apenas resíduo de um “tempo que ficou para trás”. Fora dessa lógica temporal tudo é obsoleto – assim são vistos os estudos sobre memórias, autobiografias e narrativas.

Alguns pensadores reafirmam as qualidades e deficiências das narrativas, como podemos observar quando lemos em Benjamim (1994)⁶⁷ que, no tocante a estudos memoriais, devemos ter cuidado com a memória mecânica, tradução de tradições que não valem a pena ser honradas por não servirem à mediação da vida social. No entanto, isto não é o caso das Memórias de Nava, o qual apesar de ler sua cultura de forma particular, não nega as tradições, mas vai além delas, aproximando-se do que ele denomina de sabedoria em seus aspectos narrativos de uma “verdade vivida”, pela releitura do passado.

Afirmamos que os termos propostos para discussão em torno de uma sociologia das ausências nas Memórias já sinalizam para esta percepção benjaminiana e indicam, de igual modo, que o tempo, nessa perspectiva, tem vários sentidos e traduzem uma “linguagem cultural” na direção dos tempos presentes na narrativa. Segundo o Narrador, o passado lhe permitiu a leitura das relações sociais por ele vividas no presente, mas “a viagem da memória não tem possibilidade de ser feita numa só direção: do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca de nossos “eus”. (NAVA, 2001, p. 239-140). É nesta busca dos “eus” que se coletivizam as Memórias de forma recursiva e que o passado nelas se encontra e se torna capacitante nos tempos construídos por Nava.

Assim sendo, tratamos inicialmente de discutir brevemente o tempo no mundo da história da ciência e dos narradores de si como um modo para pensarmos a ecologia das temporalidades na obra naviana.

O tempo, ao longo da história do desenvolvimento científico, vem sendo uma problemática da Física e, como tal, é concebido e aplicado em sua produção acadêmica e científica. Entretanto, desde as últimas décadas do Século XX, a questão tempo começou também a ser reassumida pelas Ciências Humanas e as Sociais e é bastante inserida em estudos antropológicos e filosóficos, sem, no entanto, desprezar os conhecimentos da Física.

⁶⁷ Para Benjamim (1994), as narrativas estão desaparecendo e o narrador pode ser visto como um sujeito que retira de sua experiência o que conta como experiência própria, relatada conjuntamente as experiências dos outros. Nesta narrativa o narrador incorpora ao que narra experiências que podem ser vistas/compreendidas também como de seus ouvintes/leitores. O narrador é, assim, uma figura que transita entre o mestre e o sábio de um tempo.

Nesse sentido são especiais as postulações de Prigogine (2002), propondo uma reformulação das “leis da dinâmica” por não ver “outra maneira de fazer caber o tempo na descrição física do mundo” (PRIGOGINE, 2002, p. 31). Este cientista assume que o problema do fluxo do tempo sempre foi uma das maiores preocupações humanas e que os diferentes saberes jamais deram conta das probabilidades inerentes a este fluxo e ao que estas proporcionam; conservam, criam, fazem, desfazem, os seus ritmos, e até mesmo seus paradoxos. Os diversos conhecimentos científicos negam assim, de certa forma, a equivalência da dimensão temporal e suas possibilidades de criatividade da vida e da sociedade, segundo Prigogine e Strangers (1992).

Presumimos, desse modo, que há várias formas de se pensar o tempo e de narrá-lo, o que vem sendo feito ao longo do processo civilizatório por escritores de si, de maneiras diversificadas unindo presente, passado e futuro muitas vezes de forma não linear, retroativa e proativa. Talvez para eles o que importe seja a linguagem temporal da cultura, por eles assimiladas e, nesta, o tempo é diverso, recorrível, recuperável em seus fins literários, de acordo com Santos (2006).

Tais reflexões conduzem a questionamentos sobre: como os homens representam o tempo em suas narrativas escritas? Como conseguem assumir as diferentes temporalidades existentes no mundo? São questões em perspectiva, pois não temos a pretensão de respondê-las, mas sim de fomentar diálogos sobre a temporalidade literária das Memórias, de colocá-los em discussão atrelando-os à busca de rastros que nos permitam articulá-los às lógicas que compõem a racionalidade cosmopolita que defendemos se aproximar da empregada pelo Narrador.

A concepção de tempo dentro das perspectivas de análise da ecologia das temporalidades é um procedimento metassociológico para reflexão sobre a sociologia das ausências. Aqui temos as percepções de tempo apresentadas em narrativas autobiográficas como instrumental argumentativo, talvez, quem sabe?, como Santos (2006) fez em suas pesquisas e estudos, buscando “identificar outros discursos e narrativas sobre o mundo.” (SANTOS, 2006, p. 93). Nas Memórias, estes nos fizeram assentir com formas diferentes de pensar sobre o mundo, a sociedade e a vida.

Santos (2006) considera ainda que a ciência e os conhecimentos por ela produzidos têm como fundamento lógico a linearidade do tempo, reconhecendo que isto é uma “primazia da modernidade ocidental.” (SANTOS, 2006, p. 109). Concebido, como linear, o tempo moderno vai desconhecer as regras dos tempos sociais, desqualificando-as e retirando-lhes os sentidos de construção, de movimento oscilatório, de diferenças culturais e até mesmo de percepções pessoais sedimentadas subjetivamente durante o processo de vida dos sujeitos, em determinados locais e momentos históricos.

A ecologia das temporalidades é pensada por Santos (2006), reafirmamos, inserida na proposição de uma nova racionalidade, dentre as cinco que apresenta como partes da razão cosmopolita. Propõe que coexistem diferentes concepções de tempo e que “diferentes culturas criam diferentes comunidades temporais.” (SANTOS, 2006, p. 109). Nestas comunidades, saberes, práticas e experiências sociais são muitas vezes invisibilizados por não serem consentidas temporalidades diversas na construção de conhecimentos e por não terem a história como princípio temporal, e a cultura como lugar de pensamentos e linguagens múltiplas, polissêmicas, polifônicas. Daí advém a pergunta-chave: como o tempo é concebido e traduzido na linguagem cultural das Memórias de Nava?

Por esta conectividade reflexiva e operativa, apontamos a existência de diferentes formas de concepção de tempo nas construções textuais das Memórias empreendidas por Nava como narrador de si, no sentido da constituição de ideias interpretativas que possibilitaram pensar que este escritor construiu e re/construiu tempos não lineares ao escrever sobre sua própria vida. Vale ressaltar que nessa re/construção o tempo foi assumido na ordem/desordem do passado que se fez presente, no seu presente, para um futuro cujo tempo talvez não mais lhe pertença materialmente, mas que se torna concreto, se perenizando pela obra literária, cuja linguagem cultural nos permitiu, em nosso tempo presente, buscar conotações e denotações de uma razão cosmopolita, em suas Memórias.

A ecologia das temporalidades em Nava pode ser interpretada a partir da seguinte citação: “as associações de idéias, o encadeamento dos fatos e sua narrativa quebram constantemente o tempo. O narrador é arrastado, muitas vezes, para trás, mergulha no passado; doutras, é puxado para a frente – e invade o futuro

dos acontecimentos.” (NAVA, 2004c, p. 241). Desse modo, tempos que podem ser ativados e desativados nas elaborações memoriais de sua narrativa.

Para Santos (2006), a

subjetividade ou identidade de uma pessoa ou grupo social num dado momento é um palimpsesto temporal do presente, é constituída por uma constelação de diferentes tempos e temporalidades, alguns modernos outros não modernos, alguns antigos outros recentes, alguns lentos outros rápidos, os quais são activados de modo diferente em diferentes contextos ou situações. (SANTOS, 2006, p. 109).

Percebemos, assim, que o Narrador em sua produção literária, particularmente nas Memórias, corrobora a percepção citada acima e criou campos de possibilidades para a compreensão de subjetividades ou identidades em espaços provocadores de interpretações sobre o tempo e a vida, e, em especial sobre a condição humana em suas experiências mediadas pelas relações sociais. Afinal, para Nava, “o tempo é como o diamante: fragmentado, nada vale,” (NAVA, 2004c, p. 347), e quem sabe, por isto ele tecia o tempo com fios sociais pelos rastros históricos que conseguiu salvar do esquecimento.

Esta proposição nos conduz a ver as Memórias como um campo de múltiplas representações através do qual o escritor, narrador de si, avaliou suas experiências num tempo seu e de sua sociedade, dando, assim, à escrita uma conotação de preservação do vivido pela re/vivência do passado; transpondo para sua escrituração, pela via da imaginação criativa a linguagem de sua cultura em seu tempo e momento histórico; seu espaço social em uma “linguagem temporal,” como sugere o pensamento de Santos (2006), em citação antes referida.

Aduzimos, então, que inúmeros escritores, que escreveram sobre si, também apresentaram visões de mundo e de sociedade que denotam um pensamento para além do tempo por eles experienciado por meio de uma razão nova de pensar sobre si e sua cultura no tempo por eles percebido.

Entendemos assim que o tempo dos narradores de si, traduzido em memórias e em narrativas autobiográficas, escrituras cujo autor escreveu sobre o tempo, por ele vivido. Fornece elementos argumentativos para nos contrapormos à monocultura do tempo linear, do pensamento moderno modelador da razão

indolente, diante da constatação de que este é um dos determinantes imperativos da racionalidade da modernidade capitalista ocidental, mas não o é daqueles que, de certa forma, pensam através dos fios cognitivos da razão cosmopolita.

Sendo assim, vejamos que lições nos trazem e o que nos dizem sobre o tempo dois narradores de si, brasileiros e contemporâneos de Pedro Nava: Luís da Câmara Cascudo (1998), brasileiro, escritor, folclorista e professor e Edgard de Assis de Carvalho (2005), antropólogo, escritor e professor. Em termos lineares dois sujeitos do tempo de Nava que têm o domínio da língua culta, são intelectuais e escreveram tendo como suporte empírico suas experiências vivenciais, portanto, em recortes memoriais de suas vidas.

De Cascudo (1998), selecionamos um de seus livros de memória intitulado “Na Ronda do Tempo.” Neste, ele narra sua vida no ano de 1969, quando já vivia “na ordem do dia”: e pensava o “tempo-dimensão em que todos os volumes e ângulos da Evocação voltam a uma unidade emocional e verídica” (CASCUDO, 1998, p. 25). Ao dar volume e ângulos ao tempo, Cascudo o dimensiona, o preenche em uma forma para além das linhas determinadas pelo discurso moderno e evoca para o sentido de tempo uma subjetividade una e múltipla – “emocional e verídica” – quiçá? concreta, pois, se há volume no seu “tempo-dimensão,” há conteúdo; não é um tempo vazio. Mais adiante salienta: “A imaginação é a mesma. A Percepção, idêntica ao velho Tempo. O aparato intermediário à execução é que se amotinou, inconformado com a servidão septuagenária” (CASCUDO, 1998, p. 38). Nesta, ele usa uma expressão cultural “velho tempo” para informar que mesmo na velhice o seu processo criativo continua inalterado, mas que ele tem algumas dificuldades de ordem prática e aí entra o tempo calendário, que o conforta; conformando-o como septuagenário.

Cascudo (1998) apresenta percepções de tempo diversas e até se faz geômetra desses tempos, sugerindo formas e idades para os tempos como uma tentativa de amoldá-los à sua vida, tornando-as partes de si, umas inalteradas e outras que se modificaram, mas não interferiram em seu processo imaginativo e perceptivo. Concordamos que na escrita seu tempo não é linear, é recursivo e aninha-se à cronologia do texto.

De Carvalho (2005), a escolha foi pelo livro “Virado do avesso.” Neste, o autor descreve de forma narrativa o novo trajeto de sua vida, partindo do momento

em que sofreu um grave atropelamento e necessitou por em ação o “novo” corpo em consonância com a mente, para daí pensar um tempo também novo que fosse seu para continuar a viver, religando as im/possibilidades às quais seu corpo agora estava exposto; às novas regras mentais de um corpo que até então era conduzido sem maiores dificuldades. Assim, é ainda vivendo esse problema que o autor nos fala do seu tempo:

Meu tempo pessoal, cósmico, requer adiamentos, postergações, redirecionamentos, que, com certeza, não serão obtidos em meio a congressos acadêmicos e brigas inglórias pela conquista dos poderes efêmeros da academia. Pressinto que meu papel de formador será o único elo vivo que me manterá atado à universidade, uma segunda pele, camada entrecortada de ideias que impregna meus tecidos visíveis e invisíveis, cuja profundidade ainda resta descobrir, verdadeira fascinação, processo de intensa transformação interna e externa de minhas raízes bioantropossociais. (CARVALHO, 2005, p. 108).

Interpretamos que Carvalho (2005) aproveita a experiência negativa do atropelamento que provocou mudanças em sua vida para refletir em torno de seu “tempo pessoal,” tempo de escolhas em sua própria vida, Imprimindo-lhe agora uma dêis/continuidade, uma progressão não-linear. No entanto, rítmica, inserida no cosmos e pensada, sobretudo, amalgamada àquilo que lhe permita conseguir dar conta de seu tempo, em seu novo tempo, no tempo que ele agora se arvora criar para si, concomitante ou simultaneamente organizado e desorganizado.

Trata este narrador de um tempo próprio, que para ele funciona como criação para o cotidiano, um novo tempo, em um novo corpo, com novas im/possibilidades, articulado com seus desejos objetivos e subjetivos. Seria, talvez, um tempo tatuado de humanidade, de reconhecimento das fragilidades do humano a partir de uma situação concreta – vivida e sentida –, de sincronias e diacronias em relação aos outros tempos cujas temporalidades ainda não se trans/formaram, mas que incidem sobre esse tempo que, sendo seu, é também de seu corpo, cujos limites e transformações são guiados por suas “raízes bioantropossociais.” Portanto, inserido no magma de sua própria cultura e saber, aliado agora a um saber fazer de seus tempos (pessoal e cósmico), “activados de modo diferente em diferentes contextos e situações,” se analisarmos, conforme Santos (2006, p. 109).

Em Cascudo (1998), observamos em sua linguagem um tempo que “era velho,” enquanto ele era novo; e que era novo, enquanto ele era velho carregado de recursividade, antagonias e reversibilidades. Deixa-nos a sensação de que o tempo tem uma direção/evolução cuja fixidez e mobilidade é difícil de ser percebida, mas que é possível concebê-las no movimento da vida pela via da linguagem. No entanto, ele o apresenta diferente do tempo da vida humana, que é constituído, portanto, por tempos diferentes, cuja intensidade pode ser sentida. Entretanto, não pode ser modificada, embora seja mutante em suas dimensões evocativas em busca de uma verdade temporal para si, que possa ser traduzida para a escrita, tornando-se, desse modo, conhecimento/literatura, saber sobre sua cultura, seu modo de ver, sentir, perceber, compreender o tempo de sua vida para narrá-lo, testemunhando-o como experiência do seu tempo.

Carvalho (2005) assume a direção de seu tempo, mas não nega a sua inserção cósmica pontuando-lhe, no entanto, uma dimensão de vida, de formação, de compromisso com seu próprio ser no tempo vivido. Aqui percebemos um tempo que tem significado para a vida, que interfere nas ações e modificações do corpo e pode ser controlado por este, sendo também por ele controlado. É um tempo margeado de sentidos diversos, talvez pensados em uma lógica para além da ecologia das temporalidades, muito mais propenso a uma lógica delineada por uma ecologia das ações em sentido complexo (MORIN, 2002), mas que não deixa de ser um tempo do sensível, do diverso. Nossas reflexões nos conduzem a pensar que estes dois narradores de si criaram formas para explicar a si em diferentes tempos, usaram a imaginação, a memória e um arcabouço literário de vasta erudição que lhes permitiu tratar o tempo de várias formas sem se perderem nas amarras da linearidade do tempo moderno: da rapidez e do esquecimento, da não vinculação com a cultura. Cuidam, assim, das experiências que valem a pena ser traduzidas, em forma de conhecimento sobre o ser e estar no mundo, como sugere Freire (1987). Através da literatura, fazem o que Santos (2006) expressa como “dilatação do presente,” como fez o Narrador das Memórias quando se debruçou sobre as experiências brasileiras.

Pensamos, assim, que os três narradores possibilitam em suas escrituras a compreensão de uma ecologia das temporalidades proposta por Santos (2006), no momento em que os tempos dessas narrativas são compostos/criados e recriados

na composição de seus tempos pessoais, sociais, históricos e culturais. Com regras próprias, essas narrativas permitem a cada narrador se tornar audível e visível em um tempo seu, passado relido no presente, presente visto pelo passado, traduzido para um futuro que poderá ou não ser deles. Inserem, dessa forma, na cultura de sua sociedade, na própria memória, sem preocupação com a linearidade imposta ao tempo pela racionalidade da modernidade ocidental suas percepções temporais e a linguagem de sua cultura em seus campos de conhecimento sem descurar dos demais.

Permite-nos, dessa maneira, inferir que a linguagem que traduz o tempo ou os tempos traz em si e para si uma cultura que vai se configurando socialmente, possibilitando, assim, ocorrências de tempos diversos em várias direções e dimensões pessoais, espaciais, temporais e históricas, tanto pelos caminhos da imaginação sociológica quanto epistemológica, por inserirem novas leituras do passado. A leitura desses autores nos possibilitou delinear com mais facilidade os tempos das Memórias.

Nas Memórias no livro “Balão cativo: memórias 2” (NAVA, 2000) há uma concepção de tempo atrelada à de memória. Nesta, o Narrador brinda-nos com uma figuração de linguagem que faz saber do tempo por ele percebido na lida diária com a escrita como fizeram Cascudo (1998) e Carvalho (2005). Parte do todo em movimento de seu passado que mostra continuidades e descontinuidades emprestadas pelo presente, capazes de transformar o passado capacitando-o a ser traduzido, tornando a memória sobre a qual se debruça – esponjada. Assim, se revela sobre o tempo que interfere na memória:

Mesmo pensando diariamente no mesmo fato sua restauração trará de mistura o analógico de cada dia – o que chega para transformá-lo. É como navegar, arrastando dentro do mar-tempo um fio e um anzol que são sempre os mesmos mas sobre os quais se grudam as camadas e as camadas de plâncton que acabarão por transformar a coisa filiforme e aguda numa espécie de esponja. A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. (NAVA, 2000, p. 239 -240).

Nava sinaliza assim que o tempo pode ser traduzido como mar, figura de linguagem que semanticamente traz a imagem de movimentos não linearizados, em ondas de várias formas, direções, padrões e intensidades. São vários momentos, experiências que no movimento temporal configuram a memória e amalgamam a viagem de sua linguagem memorial, onde “o compromisso do memorialista com a verdade dos fatos não o impede de produzir um **mais além**, que faz a própria matéria narrada mais poderosa e resistente à corrosão do tempo.” (BUENO, 1997, p. 144, grifo do autor).

Será que poderíamos pensar o “mar-tempo” como um tempo que se revolve, que guarda segredos e mistérios segregados pela memória? Não somos capazes de construir uma resposta, mas fica o registro da questão suscitada para nos fazer informar que o sentido de tempo das Memórias, muitas vezes, nos chega pelas interrogações possibilitadas durante a leitura. Sendo assim, preferimos não explorá-las e nos conformar com a ideia de que o tempo de Nava é o da diversidade, da heterogeneidade e das temporalidades culturais, tempos diferentes.

O Narrador desvela-se, em muitos trechos revelando uma criação imagética necessária ao trabalho da memória para caminhar em sentido contrário ao tempo de progressão linear, dizendo: “Olho para atrás no tempo, varo sessenta anos, vejo a perspectiva longínqua da Rua Direita, do alto dos Passos, vejo destacar-se o grupo de meninos vestidos de branco, roupa à marinheira.” (NAVA, 2000, p. 61). Neste trecho, o tempo é passado que pode ser visitado, basta olhar “atrás no tempo”, pois nele está contido passagens da vida e dos costumes. É um tempo com conteúdo cultural que permite que se reviva – se veja em perspectiva –, o passado; que possibilita ver imagens, formas, figuras. Desse modo, sua percepção aproxima-se da de Cascudo pelo uso da recursividade na linguagem empregada com sentido de um ato capaz de volver o tempo para atualizá-lo na escrita.

Assim, revisitado, o tempo é como um espelho que estando diante de nós nos projeta no presente de maneira inversa, recursiva, numa perspectiva que nos traz para nos vermos de frente, portanto, sem percebermos que há um descontínuo e uma não linearidade quando, ao nos vermos refletidos, somos portadores de reversibilidade. Isto possibilita que nos vejamos e reconheçamos como nós mesmos, e que outros nos vejam e reconheçam, pelos contornos cognitivos da memória e da cultura; pelo que se é capaz de ver dela no tempo vivido, no presente.

Nava o apresenta em ondas, um tempo “navegos”, usando a palavra da poetiza paraibana/potiguar Zila Mamede (1929 -1985), que vai e volta deixando suas marcas fluídas na narrativa, para que os navegantes flutuem viajando pelo “mar-tempo” por ele ideado. (MAMEDE, 2003).

Cria também um tempo espelho, imagético e situado, condutor de suas idas e vindas do presente para o passado e deste para o presente, sem desprezar, assim, as perspectivas para o futuro.

Aponta assim um tempo brasileiro, que permanece inalterado em alguns aspectos, sem negar os movimentos da história que dão a este certo significado de renovação temporal. Dentre estes estão os encontros entre práticas de cura no Brasil, historiados pelo Narrador, o qual nos leva a apreender sua percepção de tempo como algo cuja mobilidade depende da racionalidade humana, empregada nas ações, dando uma visão de passado revigorado, situado e renovado por novos saberes constituídos por novas racionalidades.

5.3 A ECOLOGIA DOS RECONHECIMENTOS: o negro como protagonista da experiência social brasileira

A indignação de Nava diante da questão do preconceito racial e do esquecimento das influências da cultura africana no Brasil, para a qual ele busca reconhecimento, é nítida em sua obra literária e expressa em sua poética, nos versos: “[...] São negros, são párias/ São filhos da massa/ São massa de amor,/ São todos parentes/ São primos carnais/ São seres fraternos/ Ligados a mim/ Por laços profundos./ São todos do imo,/ Do peito, da alma/ Da massa de amor,/ este amor unitivo/ [...]”⁶⁸ e também na produção artística.⁶⁹ (NAVA, 1996).

⁶⁸ “O Canto do Vingador” (1943), poema de Pedro Nava, transcrito por Le Moing (1996), p. 265-266.

⁶⁹ Pedro Nava é autor de dois desenhos que retratam pessoas negras, intitulados Claudionor (1927) e Dorcelinda (1927) dedicados a Mário de Andrade. Os dois desenhos se encontram no Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP/São Paulo/Brasil.

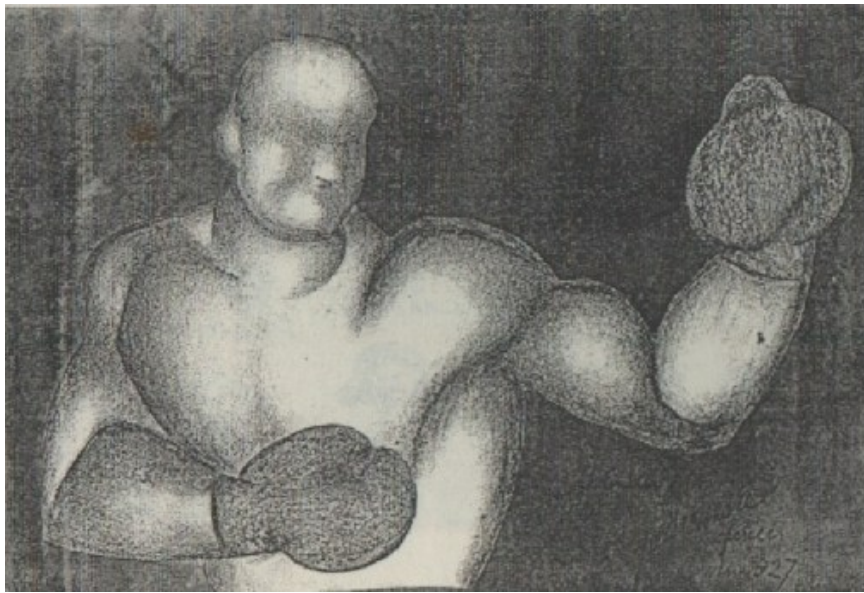


Figura 4: **Desenho de Pedro Nava. (Acervo da Casa de Ruy Barbosa)**

Isto nos conduz aos estudos de Santos (2006) sobre as perspectivas emergentes de uma nova racionalidade sedimentada em uma ecologia dos reconhecimentos, uma das lógicas que compõem a racionalidade cosmopolita, um instrumento do pensamento, da razão, da cognição que, como tal, exerce-se à medida que se expressa contrapondo-se à lógica da não-existência desqualificadora de pessoas e grupos sociais.

Esta lógica é contrária fundamentalmente a pensamentos que hierarquizam de forma discriminadora, certos agentes, desqualificando também, suas experiências sociais e suas práticas culturais, bem como seus saberes. Esse modo de ver, perceber e pensar o mundo em sociedade ocorreu e vem ocorrendo, segundo Santos (2004), nos mundos pós-colonizados, atravessados pelo universalismo europeu⁷⁰.

Dessa maneira, trazemos à discussão a questão da classificação social baseada nas diferenças para a experiência social brasileira, inserida na cultura e no significado dos povos africanos para a formação cultural e social do Brasil. É apenas

⁷⁰ Termo usado por Wallerstein (2007) para designar a retórica dominante explicativa do mundo e da vida em sociedade, assumida como justificativa política por líderes políticos e intelectuais, dentre outros, pautada em valores universais inquestionáveis. Forma criticada pelo autor por distorcer a realidade e por não considerar o outro como portador de valores, sendo assim, é uma retórica parcial por defender apenas os interesses dos poderosos do mundo. Esse universalismo europeu unipolar, na verdade faz parte da estrutura cultural/intelectual do sistema-mundo moderno, a partir do segundo milênio: o milênio das descobertas imperiais.

uma ilustração da questão, mas anuímos a ela para discutirmos a presença da ecologia dos reconhecimentos na obra de Nava porque a questão africana ainda não foi totalmente reconhecida, nem mesmo na literatura produzida sobre esta no país.

Contudo, ainda é na literatura especialmente, na memorialística e na poética brasileiras que se encontram registros da cultura da África, nos mais variegados aspectos coletivistas dessa tradição. Nesses registros consubstanciam-se narrativas das relações familiares, das práticas alimentares, das festividades e das práticas de sociabilidades do povo africano, disseminadas em obras de autores brasileiros, dentre os quais destacamos: Gilberto Freyre (1963) em seu “Casa Grande & Senzala”. Há também escritores como Jorge Amado (1912-2001) que em sua “Tenda dos Milagres” (1970), critica pesquisadores como Nina Rodrigues que via o negro como causador da inferioridade do Brasil. Ainda outros poetas como Castro Alves (1847-1871) autor de “O Navio Negreiro” e “Vozes d'África” (ALVES, 1997), ambos publicados no livro “Os Escravos,” divulgado em primeira edição em 1883, com poemas que combatiam a escravidão no país e mostravam o negro como humano em sua diáspora, cujas dores marcavam indelevelmente seus corpos e almas.

Desse entendimento, como questão basilar para a compreensão de uma ecologia dos reconhecimentos, presente nas Memórias, problematizamos o epistemicídio da cultura dos povos africanos praticados inicialmente pelos colonizadores e aceito de maneira acrítica, posteriormente ao período da escravidão, no Brasil. Este foi sendo o caminho que conduziu ativamente a leitura pelas reflexões de Nava que expressa “o esquecimento a que vai sendo relegada a escravidão e a condição ignominiosa do escravo que, por extensão injusta, era considerada ignomínia do negro e não do branco que fora seu artífice.” (NAVA, 2003c, p. 22).

Frutifica-se, portanto, a necessidade de mostrarmos os encontros desta cultura na tessitura literária de Nava pela tradução, embora em vestígios, da cultura africana em expressões que se reportam a esta, manifestadas em aspectos não naturalizados. Os registros dessa cultura e das relações sociais pouco cordiais que com ela foram estabelecidas, como constituinte da brasileira, foram também impressas em sua formação e na de outros brasileiros.

No livro “Baú de ossos” (NAVA, 2002), o autor faz um estudo genealógico que abrange a última metade do Século XIX e ingressa pelos anos iniciais do Século XX. Neste, suas reflexões sobre alguns registros de cultura africana partem da leitura e da interpretação contextual da temática, qual seja a do reconhecimento desta cultura em meio à diversidade cultural brasileira, na qual viveram seus ancestrais presentes no conteúdo deste livro.

Por essa conexão, a presença da cultura africana nas Memórias é uma forma de inserção e de reconhecimento empreendida pelo Narrador, observando o epistemicídio infringido a essa cultura no Brasil, pelos colonizadores, do mesmo modo que narra as suas marcas em suas raízes culturais e em sua formação como sujeito social.

O modo de exposição do Narrador, em vários trechos, nos forneceu argumentos para refletirmos sobre a inserção do negro como protagonista da experiência brasileira, corroborando os fundamentos analíticos formulados por Santos (2006, 2004, 2001) cujo cerne concorre para uma produção científica voltada para o aproveitamento das experiências culturais, observando-se a injustiça e a violência cognitivas praticadas pelos colonizadores contra os povos colonizados em todas as partes do mundo. Estes fundamentos analíticos são ratificados por Germano (2008)⁷¹ em seus estudos sobre violência epistêmica quando trata da questão africana e indígena no Brasil, nos mostrando que esta foi praticada em larga escala pelos colonizadores.

Este modo nos conduziu a afirmar ainda que, concomitantemente, as Memórias possibilitam reflexões e informam carências de pesquisas sobre as experiências sociais dos negros africanos no Brasil. Este fenômeno foi abordado por Nava em “Capítulos da História da Medicina” (NAVA, 2003c, p. 22-23), quando revela que apesar de existir “ensaios de sociologia, em trabalhos médico-sociais e em estudos consentâneos,” estes eram investigados apenas por ilustres mentalidades renovadas inspirados em Nina Rodrigues⁷², para ele precursor de estudos sobre negros no Brasil. Contudo, é necessário ressaltar que Nina Rodrigues

⁷¹ Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/.../RELATORIO_DO_I_SNECS.doc> e em Globalização contra-hegemônica, solidariedade e emancipação social. **CRONOS** (Natal), v. 8, p. 41-56, 2008.

⁷² Nina Rodrigues é autor de “Os Africanos no Brasil” (1976) no qual tenta mostrar os perigos que para ele representam as influências do negro na cultura brasileira, sugerindo o branqueamento desta pela imigração européia.

via no negro a causa da inferioridade do Brasil em relação às nações civilizadas do mundo, posicionamento divergente do de Pedro Nava.

Inserindo a problemática da cultura africana na cronologia histórica, vemos que os primeiros africanos chegaram ao Brasil por volta de 1549 e durante mais de três séculos trabalharam e produziram riquezas para os colonizadores. Na condição de escravos, de mercadorias, de máquinas humanas, eram vendidos e comprados. Em seu preço e no lucro estava a vida como valor de troca e de mercado. Esta consideração nos permite afirmar que dos africanos no Brasil foi retirada a possibilidade de se exercerem como seres humanos, tendo “muito diante de si” sob o ponto de vista do processo de valorização da vida humana, nos apropriando da expressão de Bloch (2005, p. 246), possibilidade impossível de ser realizada na relação entre colonizador e colonizado, e, em particular, entre escravo e senhor.

Nas terras brasileiras, os escravos/negros produziram também amores e ternuras, transbordaram afetos e dedicação, conforme registra Freyre (1963); quando crianças, eram companheiros de brincadeiras dos meninos brancos, os quais haviam sido amamentados pelas mães-pretas que permitiam aos brancos crescerem fortes e saudáveis com o leite produzido em seus corpos negros. É interessante verificar que no aleitamento – negros e brancos – alimentavam-se nas mesmas tetas de um corpo negro que fluía como vida para ambos.

Contudo, mesmo diante destas constatações, não eram reconhecidos como sujeitos de direito; eram concebidos como coisas, objetos de uso, com valor de troca no mercado. As crianças negras eram tratadas como animais de estimação pelas crianças da classe dominante e pelos senhores, reforçando a condição de “não humano” dos escravos negros, fato que pode ser lido através de uma obra de arte do século XIX, de Jean Baptiste Debret.⁷³

⁷³ Para maiores informações ler: LIMA, Valéria. Uma Viagem com Debret. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2004. (Coleção: Descobrimo o Brasil)



Figura 5: **Um jantar brasileiro (1827).**

Fonte: <<http://www.belavista-rio.com/blog/media/3/debret%20p>>.

É preciso observar que Debret ultrapassa, como Nava, a narrativa dos fatos, com intencionalidade diretiva ou não, mas que traz vestígios para a composição de uma nova história do Brasil em nuances da trama social do dia-a-dia que diz muito de uma sociedade que emergiu de uma colonização que expropriou saberes e culturas, promovendo, assim, um vazio das experiências sociais ali existentes. Por esse procedimento, torna-se uma colonização excludente do que era cultural no espaço do colonizado não apenas pelo extermínio dos índios, mas também pelo não reconhecimento dos negros como sujeitos de direito, o que, de certo modo, vem se perpetuando na sociedade brasileira. Esta pintura retrata a vida privada e igualmente as contradições presentes na sociedade, se fizermos a leitura desta para além da estética como Benjamim fez do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, releitura ratificada por Hosbawm (2004, p.188) e por Santos (2006, p. 53).

Nesse sentido, é imprescindível que o passado seja concebido como espaço-tempo capacitante, *locus* de ausências que ainda não foram transpostas para a experiência social, ainda não narrados ou historiados, como queiram, pois expõe Nava:

Devemos ao escravo o algodão maranhense e a cana de Pernambuco. E se a nossa unidade nacional é resultado da estabilidade do Segundo Reinado, esta foi alicerçada naquelas lavouras e, principalmente, na de café das três províncias de São Paulo, do Rio e de Minas, apoiadas, por sua vez, sobre os ombros de Atlas do nosso negro. (NAVA, 2003c, p. 23).

Por estes e outros motivos, fazendo a leitura pela lógica dos reconhecimentos nas Memórias, observamos que quando não mais suportavam o trabalho forçado, a violência física, os escravos se revoltavam contra os maus-tratos, pois viviam em condições desumanas. Eram maltratados como coisa/mercadoria “sem alma,” em comum acordo com a verve jesuítica, de certa maneira, orientadora das mentes que governavam o *modus operandi* do capitalismo naquele momento histórico no Brasil. Nava relata em “Baú de ossos” (NAVA, 2002) histórias que nos indicam a existência funesta destas relações inumanas – no Brasil da escravidão negra – que moviam a economia e geravam riquezas para os senhores e para os colonizadores.

Assim, não se pode negar que nos séculos de escravidão africana foi praticada no País a mercadorização da vida, o epistemícidio cultural e a violência cognitiva e física, reconhecidos por Nava após a libertação dos escravos, ao observar que tais relações ainda perduravam no país, como formas de preconceitos raciais por falha moral e de sensibilidade e até de inteligência. Isto porque, para ele, aos negros negaram não apenas a alma; proibiram as crenças; calaram seus dialetos e suas línguas, suas vozes, enfim, seus gostos, seus prazeres, seus usos, práticas e costumes, vidas que poderiam ter sido vividas com dignidade, em conformidade e respeitando sua cultura.

Após 1888, no Brasil, passou-se a uma nova modalidade agora de injustiça social/legal invisibilizada socialmente e alinhada com o descaso do Estado que parecia não ver a população negra, a não ser quando desejava atingir determinados propósitos, especialmente os vinculados a trabalhos domésticos, à guerra e à prostituição, a primeira e a última são bastante recorrentes nas Memórias.

Nava ao tratar dos seus antepassados, dos seus modos de vida, das suas relações intrafamiliares, dos hábitos e costumes do povo brasileiro, reafirma que estes foram formados em meio às culturas indígenas, dos brancos e dos negros. É deste amálgama cultural que extrai os registros sobre a cultura africana e consegue encontrar o lugar desta na formação cultural do Brasil, enfatizando em muitos

trechos o que ele vivenciou desta cultura e das práticas de vida dos negros que se tornaram significativas para sua vida, tornando-se, assim, constitutiva de sua formação pessoal.

O Narrador tem origens familiares em duas regiões bastante distintas do Brasil: a Nordeste e a Sudeste. Sobre a primeira, diz que a Abolição da Escravatura ali foi bem aceita e que “Francisco José do Nascimento, o famoso **Dragão do Mar**” é referido como herói, pois “acabara com o tráfico de escravos no Ceará.” (NAVA, 2002, p. 42, grifo do autor). Complementa afirmando: “O nosso meio familiar, muito antes de 88, já estava expurgado dos defeitos de sensibilidade e desvios de moralidade que o cativo e os cativos destingem sobre os senhores.” (NAVA, 2002, p. 47). Há neste trecho uma crítica à falta de solidariedade humana exercida pelos que apoiavam a escravidão no país, entre eles alguns de seus familiares mineiros. Traz, ainda, inúmeras informações sobre os movimentos antiescravistas na região Nordeste do Brasil, desde 1880, dentre as quais a “Sociedade Abolicionista Cearense” e alguns de seus componentes e também sobre a fundação do Centro Abolicionista do Ceará, em 1882.

Relativamente à segunda Região, a Sudeste, o Narrador registra amargas lembranças em relatos de assassinatos, de maus-tratos e de abusos de negras na condição de escravas e como amantes, de revolta de escravos e escravas. Aponta também alguns fatos ocorridos com negros, após 13 de maio de 1888. Assim, vai exercendo sua capacidade de pesquisador e historiador, indicando caminhos para pesquisas científicas que, se bem conduzidas, poderiam contrapor-se à história oficial, fazendo dialogar questões como o racismo no Brasil, sob novas óticas, com novos documentos declarados, com novas formas de lê-los e pensá-los pela tradução da experiência brasileira com uma nova racionalidade.

Denota mais uma vez em suas narrativas a capacidade de releitura existente no passado, pela manifestação do que falta ou do que vem sendo negligenciado pela razão indolente, omissora e provocadora de carências, como denuncia Santos (2006). Então, vejamos um dos caminhos para pesquisas indicados pelo Narrador que se enquadra na perspectiva de uma ecologia dos reconhecimentos:

O inventário de Dona Doroteia, com sua minúcia, permite levantar a estatística racial dos seus escravos. Se todos os documentos congêneres e coevos foram feitos assim, existe, aí por esses arquivos e cartórios do Brasil, material com que substituir os livros de entradas de negros que o Conselheiro Rui Barbosa mandou queimar, pensando que queimava a escravidão e o sangue africano que corre no sangue de todo brasileiro: Porque, no Brasil, de hoje, podemos dizer que não há branco sem gota de sangue negro, nem há negro sem gota de sangue branco. O que é preciso é continuar misturando – como foi ensinado pelos nossos maiores lusíadas. (NAVA, 2002, p. 127).

Nava, num sentido mais geral, provoca seus leitores, tornando possível a leitura da situação social incômoda pela qual passavam os escravos, definidos socialmente como propriedade privada, maltratada por seus senhores e, ao mesmo tempo, aduz a forma encontrada para limpar a mancha da escravidão no País. Aqui, sem muito trabalho ou desgaste, apenas queimando documentos oficiais a realidade foi apagada por ordem do jurista e escritor, quase herói brasileiro Rui Barbosa, uma espécie de “conselheiro da Nação.” A ação empreendida por este “conselheiro” nos remete a vê-lo bem diferente do companheiro Sancho Pança, do Dom Quixote de *La Mancha* (1978), de Miguel de Cervantes (1547-1616) que a todo custo e ações procurava impor a realidade ao personagem Quixote, lutando até contra os ventos que moviam e ameaçavam “a vida real” do cavaleiro Quixote e seus companheiros. Dessa maneira, Sancho contribuía para a compreensão da realidade e encarava com certo humor os conflitos entre o real e o ideal, entre o sonho e a realidade e especialmente, entre o passado e a leitura no presente – do que nos situa como humanos em empatia com os outros.

Do modo como foram apagados os registros dos negros enganados e trazidos à força como escravos e inseridos legalmente no Brasil, foi praticada também injustiça social e cognitiva, negando-se aos negros das gerações futuras o conhecimento de sua ancestralidade, dos seus lugares de origem. Transformaram os documentos históricos concretos em cinzas, conformando-nos a afirmar a negação da existência de um fato histórico, social e econômico, tendo em vista que essas pessoas eram vendidas e aqui produziam riquezas para seus donos e se autoreproduziam, como mercadoria, quando geravam filhos. Produziam não só para seus proprietários, mas ainda, para os países imperiais que usufruíam das riquezas do colonizado.

Afirmamos, portanto, que suprimidos os registros de entrada de negros, pelo fogo, foram eliminadas informações da cultura deste povo, inclusive sua identidade simbólica, particularidades como seus nomes próprios e informações sobre suas raízes ancestrais.

Todavia, o Narrador encontra um elo vincular intransponível que dá continuidade à cultura africana, que transforma o brasileiro geneticamente em seus herdeiros, em seus descendentes diretos – o sangue dos brasileiros, repetimos, como Nava “no Brasil, de hoje, podemos dizer que não há branco sem gota de sangue negro, nem há negro sem gota de sangue branco.” (NAVA, 2002, p.127).

O autor registra ainda, com revolta, em seu baú memorial a existência de provas concretas de objetos usados para tortura de escravos, guardados na residência de um dos seus familiares: “[...] curioso é que na despensa [...] a Inhá Luísa guardava sua palmatória de cabuína e lá é que ela passava as rodadas de bolo nas crias da casa. Como se não tivesse havido a Princesa Isabel nem Treze de Maio.” (NAVA, 2002, p. 244).

Nas Memórias, há um esboço de projeção da valorização da cultura africana, imerso na tradição relevante do uso da palavra como mobilizadora das relações sociais e humanas, de certa forma inserida na sociedade brasileira pela cultura africana. Nesse sentido, aproxima-se Nava do escritor africano Amadou Hampâté Bâ (2003) que diz em suas memórias que a palavra enriquece a memória por ser dialogal, solucionadora de conflitos, palavra que vale mais que muitas riquezas, palavra viva, construída social e culturalmente. A palavra é usada por Nava para fazer o reconhecimento da unidade brasileira, na diversidade de sangues que compõem o seu e a do seu povo – o brasileiro –, unificado pela língua pátria – a portuguesa do Brasil, constituída pelas que a formaram.

Aos africanos escravos no Brasil foi proibido se comunicarem em seus dialetos e línguas, sendo-lhes imposta uma nova, a Língua Portuguesa, unificadora do país, o que oferece à interpretação elementos para reflexões sobre a violência epistêmica e cognitiva da qual fala Germano (2008), praticada pelos colonizadores do Brasil sobre índios e negros.

É com as palavras que se educa, contam-se histórias que embalam a infância e aquecem a velhice com suas lembranças. Palavra de valor inestimável na cultura africana, verbo que foi suprimido dos africanos que aqui aportaram como

escravos; que aprenderam uma nova língua e com ela conseguiram imprimir na cultura brasileira seus costumes e valores morais e sociais e estes vão influenciar o processo formativo dos brasileiros, como informa Nava.

Nesse sentido, o Narrador relembra de Rosa, a negra de memória fenomenal, contadora das histórias que animaram sua infância, que recriava histórias de origem europeia, recitava poemas, cantava e que o fez questionar-se sobre os mundos de onde provinham tantas criações, fazendo-o, na velhice, lembrar dela em sua prosa, poeticamente: “Ah! Rosa, rosa nas trevas, rosa de trevas, rosa de amor, purpúrea e bela, rosa para nós há tanto desfolhada na aridez sepulcral dos nossos corações, rosa da infância, rosa unicamente nominativa, jamais declinável.” (NAVA, 2002, p. 232).

Tais recordações remetem ao personagem Kindzu, do escritor moçambicano Mia Couto (2002), que ao lembrar de um velho pescador revela: “[...] as estórias dele fazem o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo.” (COUTO, 2002, p. 17). O mundo de Nava foi assim, ampliado por Rosa, uma afrodescendente que se fez admirar pelo uso da palavra, pela memória e pela forma de contar histórias, mesclando culturas que deixaram na formação sociocultural do Narrador a marca indelével que o notabilizou como contador de histórias de seu próprio povo, reconhecendo os negros como parte dele.

Nava retira ainda do baú de memórias, dentre outras referências à cultura africana, os usos cosméticos da banha de porco para amansar os cabelos, “[...] para amainar suas ondas, óleo de babosa. Para fazê-los brilhar, gosma de quiabo.” (NAVA, 2002, p. 147).

Não seriam estes conhecimentos, práticas culturais que ainda perduram em nossa sociedade como contribuição da cultura africana? Será que o conhecimento científico já se apropriou deles para confirmar seus princípios ativos em formulações farmacológicas de difícil compreensão, capazes de negar e de invisibilizar a sabedoria popular e as práticas e costumes de um povo? Deixamos para outros as respostas a estas questões.

Outros aspectos realçados sobre a cultura africana no livro tratam dos costumes alimentares que vão do cuscuz de fubá doce ao uso de pimenta: “usamos e abusamos da pimenta que veio da África” (NAVA, 2002, p. 169); das plantações de banana ao jeito de passar roupas, como se o memorialista quisesse demonstrar que

apreciava as derivações desta cultura no Brasil enraizadas. Aqui fazemos uma aproximação do Narrador através dos tempos, com as considerações de Yash (2003) sobre direitos humanos e autonomia cultural, quando este afirma: “As culturas deveriam ser reconhecidas de forma a construir pontes e a aumentar o entendimento e apreciação mútuos das culturas [...]” (YASH, 2003, p. 610). Este talvez fosse também o desejo de Nava que vai além dos seus registros sobre a cultura africana, denunciando a escravidão privada, posterior à libertação dos escravos no país⁷⁴.

No Brasil a cultura africana encontra-se amalgamada com outras culturas que, interligadas com a dos índios e europeus, configuram a brasileira, reavivadas na narrativa das Memórias em fatos que se apresentam nas relações que envolvem trabalho, tanto nos espaços domésticos como em outros espaços. Enfoca a mistura das raças, denuncia crueldades e informa vias para outras pesquisas, pois há nas Memórias fragmentos que demonstram a forma de interpretação social do Brasil a partir das leituras feitas pelo Narrador no internato do Colégio Pedro II e em livros de escritores que tratam de sua terra.

Com suas palavras,

[...] a inteligência brasileira chegando ao apogeu, desde o início do estalo de Vieira.” (...) Era todo o Brasil amorimense, povoando o estudo com figuras trazidas pela mão dos nossos escritores. E quando estávamos cheios de índios, negros, luas, engenhos, mangues, mares, jangadas, frutas, das luas, dos sóis como não há e que Rocha Pita deixou em testamento para os porquê-me-ufanistas, via-se chegar mais gente e compreendíamos que o começo não era 1500 [...]. (NAVA, 2001, p. 49).

Com isto nos foi possível traduzir que o autor procura informar a seus leitores que a história brasileira precisa ser relida, que devemos pensar no antes de 1500 para que, por essa via, os nossos ancestrais chamados de índios pelos colonizadores reingresssem em nossa memória, com suas experiências e sabedorias e, para que, os que ainda sobrevivem se tornem visíveis, existentes em seu próprio território e sejam valorizados como partes deste.

⁷⁴ É interessante também ler a crônica de Pedro Nava “Discriminação”, reproduzida por Le Moing (1996, p. 273-276).

A cultura africana nas Memórias é presença constante e se aliarmos o que nela se encontra com o que ocorre no dia-a-dia de hoje em nossos costumes e formas de percepção da vida e do mundo, poderemos ver então, que são conhecimentos que estão presentes em outros livros de memórias de brasileiros, além da obra de Nava. E também que é uma discussão que não deve se emparedar na literatura, embora não possa prescindir dela ao partir para o debate político e social concreto. Vemos assim, que

[...] uma compreensão mais nítida dos problemas raciais do Mundo e do nosso país – concorreram para que se atenuasse consideravelmente o absurdo preconceito que já existiu no Brasil e que hoje sobrevive apenas na falta de inteligência e de autocrítica de uma minoria de brasileiros que devia olhar um pouco mais para os seus cabelos, para os seus beijos e para o seu ângulo facial antes de manifestar o seu arianismo cruel, anacrônico e irrisório. (NAVA, 2003c, p. 22).

Realçamos que esta tradução implica em dizer que o Narrador nas entrelinhas sugere que estes reconhecimentos podem ser buscados para serem reinterpretados de outro modo, para que, assim, possam dar contribuições para a descontinuidade da prática de epistemicídio cultural e social e a atitudes preconceituosas impostas aos negros no Brasil. Assim, gera um saber comprometido em desvelar nuances da cultura que os africanos aqui disseminaram, por uma lógica de reconhecimento que permite ver que, ao se unir com a dos outros povos em “comunhão”, ou quem sabe solidariamente, formaram a cultura brasileira, e se tornaram parte do todo multicultural do País. Dessa maneira, faz nascer “um conhecimento novo do negro e do formidável papel desempenhado por ele, tanto no estabelecimento de nossa civilização material, quanto na configuração do nosso complexo racial, psicológico e cultural” como narrou Nava (2003c, p. 23).

5.4 A ECOLOGIA DAS TRANSESCALAS NO MOVIMENTO INTERESCALAR DO ITINERÁRIO NAVIANO NO RIO DE JANEIRO

A ecologia das transescalas é uma das lógicas da sociologia das ausências, uma das formas de pensar inserida na razão cosmopolita, proposta por Santos (2006). Sendo assim, é necessário que a busquemos no itinerário de Pedro Nava como uma lógica que possibilita a valorização do local, situando-o de maneira solidária e inclusiva, sem, no entanto, deixar de verificar como este Narrador se posiciona diante de questões que envolvem respeito ao pensamento dos outros. Esta ecologia permite reflexões sobre aquilo que não é visualizado pelos padrões da globalização hegemônica, mas que existem e, como tal, necessitam de visibilidade em outros ou novos padrões sociais, dentro do contexto em que ocorrem.

Assim, refletir sobre a ecologia das transescalas, a partir da obra naviana, requer que o situemos como um escritor com capacidades cognitivas para além do comum, por este utilizar diferentes estilos e formas na construção de sua escrita, e por transitar entre o real, o histórico, a ficção e a poesia, a ciência e a religião de maneira dialogal, como apontaram vários de seus intérpretes.

Tratar desta lógica, tendo como *locus* de tradução as Memórias, passa pelos lugares lembrados por Nava que remontam, na escrita, a espaços conhecidos e situados geograficamente, por onde transitava, os quais são descritos no movimento da vida que lá existia, como a querer fixar ou dar concreticidade ao passado no presente sobre as páginas nas quais escreve. Como se desejasse nos dizer que para pensar a sociedade brasileira e a si mesmo, é relevante que nos situemos na história de um povo que se constituiu com particularidades únicas, com modos de vida mesclados por diversas culturas, compósito de um jeito de ser e viver que é transposto para a concretude do dia-a-dia; para as dinâmicas familiares, sociais, políticas e culturais, na práxis do cotidiano pela diversidade de aspectos multifacetados que se apresentam no mundo brasileiro.

Portanto, no espaço-tempo, momento vivido e não esquecido nas cenas da vida, temperadas com as saudades do Narrador que encena em seus escritos vida e morte como partes de uma mesma dimensão do humano e de inúmeros outros humanos com os quais conviveu naqueles espaços que ele transmutou memorialmente.

Para fazer isto nas Memórias, se utiliza de seus conhecimentos médicos, da arte e da literatura abundantemente. Assim, podem estas também ser referidas como um arcabouço referencial da literatura brasileira e mundial, pois há na escrita deste Narrador um mundo literário que se espraia e em alguns momentos se sobrepõe ao mundo de sua formação médica. Contudo, esse mundo se impõe à escrita como conhecimento voltado à vida e à morte, como partes indissociáveis dos conhecimentos médicos do escritor que narra, sem deles se afastar até mesmo para localizar espaços físicos e sociais, particularmente, quando trata da cidade do Rio de Janeiro. É discorrendo sobre esta que tenta “dar visibilidade e credibilidade a conflitos localizados entre aspirações universais e globais alternativas.” (SANTOS, 2006, p. 112). Procura assim, solidariamente tornar visíveis os espaços desta cidade em descrições minuciosas de suas belezas naturais, dos problemas sociais e humanos, entre os quais os da destruição do patrimônio público e cultural que ali existia.

Sobre seu itinerário interescalar nesta cidade informa:

[...] eu me dou ao trabalho de dar rua e número das casas que descrevo e ficarei amplamente recompensado se uma única pessoa quiser seguir meus itinerários para ver no lugar certo os requintes de serralheria que eu indico e mais a graça de certas varandas, a proporção das janelas e portas, a sugestão de um velho portão que se enferruja, dum muro, duma parede, dum telhado e até a humildade do lixo despejado nos baldios – nessa nossa cidade linda como Nápoles e mais suja que o Cairo (NAVA, 2003b, p, 23).

Nestas reflexões, Nava (2003b) faz uma localização cultural, política e social do Rio de Janeiro e ao mesmo tempo apresenta problemas sociais ali existentes, realçando comparativamente que não são diferentes de outras cidades, mundo afora. Reforça, dessa maneira, a forma de pensar que possibilita ver o local no global e vice-versa sem que ambos percam suas características culturais, o que constitui a ecologia das transescalas. Nesse sentido, Nava (2003b) trabalha nas Memórias partindo de analogias entre o local e o global, traçando, ao mesmo tempo, aspectos de valorização e de crítica social.

Por essa constituição, a sociologia das ausências, nessa perspectiva, permitiu ao Narrador recuperar aspirações universais alternativas que ficaram

ocultas pelo processo de globalização concernente à prática de pensar o mundo, a sociedade, os indivíduos e a natureza através do universalismo abstrato europeu com suas particularidades na diversidade da vida.

Nessa direção tradutiva, observamos que Nava aproxima-se de Ítalo Calvino quando este também demonstra preocupação com a questão do lixo na Itália, em seu livro autobiográfico “O caminho de *San Giovanni*” (CALVINO, 2000), como algo que vem se tornando padronizado e invisibilizado e que passa pela visão de mundo que plasma sobre as sociedades modernas ao revelar:

A má administração alastra-se por centenas de caminhos manifestos e ocultos em nossos municípios, mas é sempre nos escondedouros da empresa de coleta de lixo que o escândalo eclode, irrefreável. É como se algo de podre revelasse na relação com o lixo, um vício estrutural da mente italiana [...]. (CALVINO, 2000, p. 87).

A lógica que combate a monocultura do universalismo abstrato de escala global que paira sobre o mundo atual, como podemos observar pela imaginação literária de Nava e de Calvino, é aquela que permite tornar presentes problemas sociais locais para a partir disto, promover lutas locais (ou pelo menos torná-los discutíveis e visíveis) contra a inércia organizativa dos Estados, transmutando-as como pontos de resistência ao universalismo globalizante, pois “não há globalização sem localização.” (SANTOS, 2006, p. 112). Mas, para isto é necessário que a exclusão seja vista como parte de experiências sociais locais no movimento da vida humana, como vimos os dois autores tratarem os problemas causados pelo lixo, oferecendo aos leitores uma dimensão não apenas estrutural, pois o lixo é visto como parte da conjuntura da globalização hegemônica e um problema que vem se agravando com o desenvolvimento ou, melhor dizendo, com o avanço capitalista.

Ainda sobre este problema em seus passeios pela cidade do Rio de Janeiro o Narrador mapeou também os resíduos não tratados da sociedade de consumo, marcos da globalização hegemônica e da descartabilidade do capitalismo aliados ao descaso dos governantes e das pessoas.

Toda a encosta da montanha está coberta de utensílios imprestáveis e policrômicos, de restos de papel, de comida, de roupas que repugnam e revoltam a quem olha de perto aquela imundice acumulada de negligência, descaso e incapacidade de nossa limpeza urbana. (NAVA, 2003b, p. 16).

Assim, em continuidade à questão da lógica que permite ver a exclusão no local, vemos que lixo e homens são dois aportes de exclusão social e estão presentes nas reflexões de Nava quando este faz uma narrativa sobre a feira livre do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, revelando:

O mercado acaba a meio-dia e carregadas as barracas – surge o batalhão terrível dos mendigos catando no chão a comida que caiu. São mulheres, crianças, velhos. Não são gatos nem cães. São seres humanos. Por tal espetáculo somos todos responsáveis, os que não precisamos mexer em restos de lixo para matar a fome. Sim, todos responsáveis. É sobre essa massa de sangue, pobreza e carne desvivida que assenta nossa pirâmide social. (NAVA, 2003b, p. 21).

Neste trecho, revemos, mais uma vez, a leitura do local feita pelo Narrador no movimento do dia-a-dia e, nesta, suas aspirações com relação à justiça social como busca de dignidade para os mais pobres e respeito com o humano. Lixo, como alimento, é para ele incompatível com a condição do humano. Ele o traz envolto por uma interpretação sugestiva de compromisso e de responsabilidade social de todos como marca de solidariedade que poderia promover mudanças no contexto brasileiro, ali particularizado, mas que para ele são direitos universais. Daí podermos compreendê-lo como um escritor cuja trama intelectual desnuda-se de forma transescalar não só no tempo, mas no espaço social e na dinâmica da vida humana, expressa pela escrita autobiográfica que diz muito de si e do mundo social.

Desse modo, incorpora no contexto de sua narrativa suas reflexões sociais fazendo uma leitura de mundo impregnada de desejo por justiça social, particularizando o local para fazer emergir as divergências e desigualdades sociais existentes no mundo brasileiro por ele lido.

Para Santos (2006, p. 113), “a sociologia das ausências exige o exercício da imaginação cartográfica” que vimos ser exercido pelo passeante Narrador das Memórias que, em suas descrições sobre o Rio de Janeiro, encontra as marcas da

colonização portuguesa na cidade e, como um cartógrafo da vida, traça uma geografia sentimental, mostrando a ação deletéria e despropositada das demolições realizadas em nome do progresso e “do tráfego citadino” em detrimento da memória. Vê também se desfazer a espacialização necessária à circulação das “liberdades individuais”, do pequeno comércio, das pessoas comuns e sobre isto informa:

À medida que as obras do Metrô e a sensibilidade dos procônssules nossos governantes vão demolindo de preferência o que há de sentimental, histórico e humano no Rio de Janeiro, multiplico meus passeios nas ruas malferidas – como quem se despede. Assim, acompanhei, qual agonia de amigo, a depredação da Lapa. Esse **embelezamento** feito a picareta roubou ao bairro tradicional um dos seus encantos que era o ar de aconchego, de intimidade dos cafés, cervejarias, bares, cabarés e entradinhas suspeitas que se escondiam nas casas antigas e nas dobras de Mem de Sá, Maranguape, Mosqueira.” (NAVA, 2003b, p. 9, grifo do autor).

O que foi particularizado pelo Narrador não ocorre apenas no Rio de Janeiro; em outros contextos, os impactos da globalização hegemônica são também reafirmados para mostrar e denunciar a miséria e a exclusão dos mais pobres e dos não reconhecidos como legítimos representantes do capital, como os negros, os índios, os velhos, as crianças, os pobres.⁷⁵

O Rio de Janeiro, a cidade que ele escolheu para viver e morrer é uma das cidades personagens das narrativas navianas e, segundo Reis (2007), o grande investimento literário situado do Narrador aparece em “Galo-das-trevas:...” (NAVA, 2003b), quando ele a torna instrumento temático de pesquisa social. Assim, o Narrador vai dissecando esta cidade por meio de um estudo comparativo consigo mesmo, com a condição humana e sua decrepitude. Neste, ela se decompõe em mostras analógicas de muitas partes do mundo; o local e o global vão se tornando difusos e a policultura socioespacial da cidade vai se impondo como marco histórico-cultural nesta narrativa brasileira, em um modo transescalar temporal, criado como alternativa à destruição daquilo que é parte de seu itinerário pessoal e ao mesmo tempo do itinerário universal que ali se encontrava como a querer salvar-se e salvá-la do esquecimento.

⁷⁵ É interessante ler algumas crônicas de Pedro Nava reproduzidas. LE MOING, Monique. **A solidão povoada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Os registros de bens materiais e imateriais dão forma às suas críticas, fazendo, então, o que Santos (2006) propõe como “a perspectiva das vítimas da modernidade e, portanto, a perspectiva pós-colonial,” (SANTOS, 2006, p. 34), qual seja, ver no espaço-histórico aquilo que o distingue ou que o torna, ao mesmo tempo, diferente e igual, individual e coletivo, local e global em diálogo com a cultura universal.

Os marcos arquitetônicos da colonização são descritos como pontos de um mapa cognitivo que para o autor logo deixará de existir pelas demolições e aterros que ocorrem constantemente na cidade. Sobre estes revela:

[...] Uma demolição, o aterro que fez a nova praia de Copacabana – suprimem assim milhares de coisas, interrompem e bloqueiam a memória. Há desse jeito um momento de guardar certos ambientes nos seus íntimos detalhes – todos importantes porque qualquer unzinho deles poderá disparar num futuro obscuro o gatilho da recordação. Se tudo é suprimido, jamais dar-se-á o encontro do lembrador com o fragmento que desencadeia a lembrança. (NAVA, 2004c, p. 249-250).

De igual modo, Nava admirava o que havia da cultura europeia incrustada na cidade do Rio de Janeiro e fazia denúncias sobre o impacto das aspirações universalistas da modernidade impostas à cidade. Criou em suas narrativas um modo para mostrar a existência de aspirações universais alternativas à destruição do patrimônio público material e imaterial operada sobre a cidade em nome do progresso.

Assim, se utilizando da literatura, transporta, via memória, o que conseguiu salvar do esquecimento para o seu monumento literário, portanto, aquilo que considerava relevante ser preservado em seu itinerário, fazendo uma espécie de transmutação do concreto de seu cotidiano como um retrato do visível, uma iconografia do espaço e do tempo de seu passado/presente, expandindo-o. Procura, assim, mostrar seu inconformismo diante da não preservação da cidade e da cultura, oferecendo visibilidade literária aos problemas através de descrições que pontuam a despromoção do patrimônio público ali operada.

De acordo com Reis (2007, p.108), Nava existiu como um “observador do mundo” e, como tal, construiu suas memórias como uma memória cidadã no sentido

dado por Calvino (1990, p.15). Aquela memória que registra o passado “como as linhas da mão”; um mapa tatuado no próprio corpo, o qual basta vê-lo para senti-lo como parte de si. Uma memória que procurou ver, no local, o global para distingui-lo como patrimônio local/universal, pois (usando suas palavras), “se tudo é suprimido, jamais dar-se-á o encontro do lembrador com o fragmento que desencadeia a lembrança.” (NAVA, 2004c, p. 50). Então, o material e o imaterial do passado deixariam de existir, pois seriam fadados ao esquecimento pela falta de indícios da existência de um concreto que faz lembrar, que se torna permanência, presença, marco da vida, quem sabe? Ratifica, dessa forma, a tese de Santos (2006) sobre o encontro da sociologia das ausências em criadores literários.

Santos (2006) sugere ainda que a lógica das transescalas é aquela capaz de reflexões que tornam existentes formações locais de resistência à globalização hegemônica. Nessa perspectiva, há uma crônica de Pedro Nava, publicada Le Moing (1996, p. 276-278), intitulada “Ligas e associações de bairro,” na qual este autor registra a existência de ligas e associações no Rio de Janeiro e, sobre a formação dessas, avalia:

A formação dessas ligas, a meu ver, deve-se principalmente ao fato de não haver, nos partidos políticos, lugar para suas preocupações. O número de seus filiados, quer dizer, de votantes, é que deve fazer parte de sua consciência na hora de sua escolha – não de candidatos que os atraiam e arrebatem com palavras e promessas vãs, mas que lhes seja possível orientar dentro da linha de idéias, para assim fazerem jus aos seus votos. Assim como os governos constituídos se arrogam o direito de espiar cada cidadão até no mais íntimo de sua consciência, no mais resguardado de sua intimidade, no mais defendido de sua privacidade e em todas as cores de sua ideologia política, as ligas de bairro por sua vez têm o mesmo direito e até o dever de levantarem por todos os meios e modos o fichário daqueles que pretendem dirigir nossa política e dentro dela legislarem e executarem. (NAVA, 1996, p. 277).

Mais adiante, na referida crônica, Nava faz sugestões relativas à como estas ligas e associações devem proceder, especialmente, quando das escolhas dos representantes políticos.

É preciso informar ainda, à guisa de conclusão deste item, que o pensamento transescalar de Nava se apresenta em outros espaços fora de sua narrativa sobre o Rio de Janeiro, pois, através da “estilística da universalização”

(usando palavras de Bueno (1997, p.19) vai fazendo o cruzamento do mundo e mostrando o entrelaçamento de culturas através dos bordados das rendeiras do Ceará, como podemos verificar na citação a seguir.

De mãe para filha passam também os desenhos com as hipérbolas, as espirais, as parábolas e as elipses imitando os pontos de Inglaterra, de Alençon, de Veneza, de Malinês, do Reino que vão aparecer nas curvas, nas órbitas, nas radiais e nos arcos da **cobra doida**, do **rabo-de-pato**, do **cu-de-pinto**, da **espinha de peixe**, da **sobrancelha**, do **siri**, do **repinico**, do **olho-de-pomba**, da **escada-de-palácio** e da **espuma-do-mar**. (NAVA, 2002, p. 304, grifos do autor).

Mas, não é apenas o Rio de Janeiro que é personagem das Memórias, Juiz de Fora e Belo Horizonte também o são e marcam a expressão da função específica da memória contra o esquecimento e em favor do diálogo multicultural. As cidades personagens mostradas pelo Narrador trazem as formas de lutas de vida de um povo que se fez brasileiro em redescritões dos espaços locais através das relações sociais que lá existiam. Assim, em seu movimento interescalar passado e presente fundem-se e mostram muitas invisibilidades sociais através de relatos da dinâmica do dia-a-dia, nos espaços da política e da cultura, das artes e da literatura que ali eram produzidos/formados e criados como uma marca indelével, uma presença brasileira, nas palavras de Cançado (2003).

5.5 A ECOLOGIA DAS PRODUTIVIDADES E A REDESCRITÃO DA VELHICE NAS MEMÓRIAS

A ecologia das produtividades consiste na percepção e na recuperação da

valorização de sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas operárias, das empresas autogeridas, da economia solidária etc., que a ortodoxia produtivista capitalista ocultou ou descredibilizou. (SANTOS, 2006, p. 113).

Por esta via, introduzimos a discussão em torno da ecologia das produtividades exposta nas Memórias, chamando a atenção para a produção da não-existência da razão metonímica que legitima em um mesmo espaço e momento histórico a produtividade e a improdutividade. Vale ressaltar que são formas sociais por meio de um discurso que expande preconceitos des/classificadores dos sujeitos, atores sociais, de maneira indiscriminada, como produtivos e/ou improdutivos, tendo como aporte de legitimação a idade destes, a cor da pele, a origem familiar, entre outros. Essa lógica ao mesmo tempo em que descredibiliza os sujeitos sociais os vai tornando invisíveis, inexistentes socioculturalmente.

Nessa classificação, velhos, adolescentes, mulheres e crianças são alguns, dentre outros protagonistas da vida e de experiências sociais, que são classificados como improdutivos; incapazes de produzirem suas próprias existências de acordo com os critérios que regem a concepção de desenvolvimento e progresso capitalista, regida pela rapidez e descartabilidade assumida na modernidade ocidental que a ordena. No Brasil, além destes sujeitos, temos os índios – os verdadeiros donos das terras brasileiras – que são descredibilizados pela razão metonímica.

O Narrador das Memórias liberta-se desse ditame paradigmático moderno e por sua atividade intelectual na velhice se contrapõe, como sujeito social atuante, a essa forma de percepção das capacidades produtivas dos velhos, dos idosos como queriam.

Dessa forma, demonstra que estes podem ser incluídos como sujeitos capazes de agir com imaginação criadora e são produtivos à sua maneira. Essa apreensão nos permitiu pensar que talvez possamos idealizar que os velhos possam se inserir neste contexto de globalização de maneira contra-hegemônica, formando redes alternativas de re/inserção da velhice para a compreensão e construção de uma sociedade mais humana, contra a injustiça social imposta a eles através de práticas de injustiça cognitiva, de falta de acessibilidade, pela descredibilização de suas capacidades intelectivas. Afinal, diz Gabriel García Márquez (2005): “É um triunfo da vida que a memória dos velhos se perca para as coisas que não são essenciais, mas raras vezes falhe para as que de verdade nos interessam.” (MÁRQUEZ , 2005, p. 14).

Ao se impor por suas ações como um sujeito que na velhice conseguiu desestabilizar o cânone literário brasileiro, construindo uma obra densa que contribuiu para se interpretar o Brasil de seu tempo e também para se pensar em um mundo mais justo, o Narrador quebra preconceitos que há muito foram enraizados. Arrigucci Jr. ratifica nossa percepção ao afirmar que Nava “[...] começou por quebrar a cara do preconceito corrente que reduz a velhice à ausência de desejo, à rigidez de atos e ideias, à improdutividade e à espera solitária da morte.” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 69).

Bosi (2003), em seu estudo sobre lembranças de velhos ao discutir a velhice na sociedade industrial expõe:

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Satre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor. Quando as pessoas absorvem tais ideias da classe dominante, agem como loucas porque delineiam assim o seu próprio futuro. (BOSI, 2003, p. 77-78).

A crítica à produção de não-existência e de rejeição da velhice, nesta sociedade, nas Memórias pode ser observada também em questões que envolvem a prática médica do Narrador, que sempre pautado em seus ideais humanistas, fazia dela um momento de ensino e aprendizado mútuo, num diálogo entre o médico e o paciente e, já bastante idoso, passou a atender no consultório de um sobrinho, também médico, para não abandonar totalmente sua profissão. Mesmo assim, aos 72 anos quando ainda continuava sua militância pela formação médica continuada no Anfiteatro da Policlínica Geral do Rio de Janeiro foi impedido de atuar em 1975. Para Nava numa clara demonstração de mandonismo contra ele, como relata em seu livro inacabado “Cera das almas” (NAVA, 2006) e na carta que escreveu, à época, endereçada à classe médica do Rio de Janeiro.

O significado de produtividade para Nava passa pela crítica ao progresso que para ele era maléfico à preservação da vida e daquilo que faz o sujeito se inserir social, ética, estética e responsavelmente em sociedade, o que pode ser visto em

suas crônicas sociais transcritas no livro de Le Moing (1996). Ali observamos como ele se contrapõe à lógica que supervaloriza a economia em detrimento das questões ambientais e humanas e da própria vida em sociedade.

Demonstrou que na velhice ainda é possível se fazer escolhas e que este é um momento da vida humana no qual as experiências de conhecimento estão mais ricas, mais amadurecidas e podem contribuir para a multiplicidade e diversidade de experiências profissionais e de vida com seus conflitos e diálogos.

Segundo Silva (2001), na obra *naviana* é possível perceber um pensamento que expõe o processo de envelhecimento como uma das fases da vida humana, permeada de conhecimentos com riqueza de detalhes e experiências que formam o alicerce das memórias. Torna-as, assim, uma obra admirável por expressar a função da memória na velhice, com sentido de inclusão e de redescrições da própria velhice na vida e na sociedade. Esta autora parte da situação contextual dos idosos nas sociedades atuais em que os velhos já se apresentam com características específicas e formam uma demanda social densa que carece de visibilidade.

Nessa perspectiva de interpretação elaborada por Silva (2001) percebemos que ela advoga que Nava ao produzir uma obra densa, já velho, conseguiu contribuir para tornar visível a produção intelectual na velhice, corroborando, portanto, a propositiva explicitada por Arrigucci Jr. e ensejada por todos os seus intérpretes.

Nesse sentido, colabora para o entendimento de que Nava, ao redescrever os velhos na vida social, preconiza a existência destes como sujeitos sociais atuantes, contrapondo-se à monocultura produtivista que os descarta. Nas Memórias, a velhice impõe-se pela força do reconhecimento do processo de transformação corpórea e mental no processo de desenvolvimento humano, bem retratado por ele, sedimentado em conhecimentos médicos.

Nava mostrou, ainda, que sua concepção de vida produtiva se mescla à própria vida, incluindo, nesta, a velhice, e vai além dela pelos caminhos da escrita, mas reconhece os limites impostos pela idade e condena a lógica da rapidez e da quantidade da lógica mercantil usada por muitos para descredibilizar os velhos.

É preciso lembrar que “nas sociedades industrializadas o Estado protege o idoso ou o moribundo, como qualquer outro cidadão, da violência física óbvia. Mas ao mesmo tempo as pessoas, quando envelhecem e ficam mais fracas, são mais e mais isoladas da sociedade.” (ELIAS, 2001, p. 85). A velhice vem sendo, portanto,

reduzida ao silenciamento, à supressão de atividades físicas e cognitivas e à solidão, especialmente nas grandes cidades.

Dessa situação concreta, Silva (2001) ainda pode nos dizer, para corroborar a interpretação em curso, que a pertinência do trabalho de Pedro Nava possibilitou que se veja em novas perspectivas que o envelhecimento como processo vital vem passando por transformações. Deu assim à velhice um espaço como grupo social com demandas e características próprias; com especificidades que necessitam ser reconhecidas para que ocorra inclusão e acessibilidade dos idosos na vida social.

Contudo, é preciso informar que Nava foi um sujeito que transitou por diversos saberes. Talvez por isto seus escritos tragam um alerta aos interpretantes de memórias, qual seja: é “[...] impossível lembrar o passado sem sobrepor-lhe uma camada do presente [...]” (NAVA, 2001, p. 302) e que na maioria das vezes a memória pode nos mentir por ser compósita de lembranças e esquecimentos, como teoriza Ricœur (2007), Sarlo (2007) e Bosi (1987).

Aqui ele nos deixa uma das lições mais caras à sociologia das ausências proposta por Santos, qual seja: a precaução em suas reflexões sobre os erros de conhecimentos cujas consequências vão além dos cientistas. Mas, é essa “camada do presente”, na constituição de sua racionalidade para pensar o passado, no presente de seu pensamento que é fundamental para nossa tradução em busca de uma ecologia das produtividades em suas Memórias. Sendo o seu presente o de um velho, demonstrou que neste momento foi capaz de trazer à tona experiências de conhecimentos, de trabalho e de produção literária, credibilizando, dessa maneira, a velhice, dentro de um mundo movido pelo capitalismo que a descredibiliza e de uma sociedade que a rejeita, pautando-se em uma razão metonímica.

O encontro de uma ecologia das produtividades nas Memórias e nos demais escritos históricos de Nava não se dá apenas pela inserção da velhice. Esta pode ser visualizada também através da percepção do universo de personagens por ele retratados, aos quais dá vida em sociedade no movimento dos fatos, da história e, particularmente, nos modos de vida dos brasileiros – da cozinha às sociedades de medicina das quais participou.

Em sua formatação literária são credibilizados, tornados existentes, alocados como protagonistas sociais; como parte da experiência brasileira: loucos, artistas, prostitutas, peixeiros, coveiros, ambulantes, entre médicos, políticos, literatos e

poetas da mais alta linhagem brasileira, como parte de um todo indivisível (a sociedade brasileira).

5.6 REAQUECENDENDO A TRADUÇÃO

Foi-nos possível apreender ainda em outros escritos de Nava, para traçar nossas argumentações, que lendo a obra, lemos também o mundo brasileiro que desejávamos traduzir pelas narrativas; desvendando as lógicas que ali se encontravam presentes pelo menos em vestígios, nos relatos de suas experiências sociais, como parte da experiência social brasileira lida, teorizada e narrada por ele.

Nas Memórias e nos livros propriamente de História da Medicina de Nava, podemos ler em todo percurso uma lição sobre os processos subjetivos que influenciam a condição criativa e a imaginação humana como se quisesse nos dizer que a produção literária e científica assenta-se nesse fluir conflitual e ao mesmo tempo dialogal entre vários saberes. Em muitos trechos das Memórias, suas condições físicas pessoais ou o estado do ser que escreve naquele momento (um velho) é também trazido para o texto, bem como suas leituras e impressões sobre determinados espaços geográficos, condições sociais e materiais de existência, como a nos falar que sujeito e “objeto” na produção literária se autoinfluenciam na composição do texto.

Trouxe, assim, as experiências de conhecimento como co/existência em sua sociedade e fez convergir para o debate formas de conhecimentos diferentes como as discutidas sobre práticas de cura no período colonial brasileiro. Tornou, assim, de certo modo, compreensíveis e discutíveis as práticas de cura da medicina popular ali exercitadas.

Fez de suas narrativas do Brasil uma “constelação de saberes” que transitam do local para o global, fazendo emergir diálogos sobre aspirações sociais e culturais que são locais e universais. Nesse sentido, é preciso ainda informar que há também, em algumas notas de viagem à Jordânia e a Israel, o registro de Pedro Nava sobre suas percepções das lutas sem sentido alimentadas pela intolerância

cultural, religiosa e econômica, quando, descendo da Igreja da Visitação em Jerusalém, pensa na falta de diálogo e de respeito entre os povos:

Dá pena imaginar que toda essa paz seja fictícia e que as populações separadas por poucos metros de casas destruídas e pelos arames farpados da *no man's land*, que corta a cidade de Jerusalém, estejam na realidade afastadas por quilômetros de ódio e de incompreensão – sem perceber que o túmulo de Davi, o Santo Sepulcro e a Mesquita de Omar – encostados uns nos outros só indicam a necessidade de coexistência e entendimento. O símbolo a ser tomado seria o da Mesquita de Omar – onde está a pedra do sacrifício de Abrão – sagrada para muçulmanos, cristãos e judeus. (NAVA, 2004b, p. 41).

Assim, reforçou nossa compreensão de que “só existe conhecimento em sociedade e, portanto, quanto maior for o seu reconhecimento, maior será a sua capacidade para conformar a sociedade, para conferir inteligibilidade ao seu presente ao seu passado e dar sentido e direção ao seu futuro,” como atualmente vem nos ensinando Santos (2006, p.138).

Esperamos (mesmo não sendo usual dizer neste momento) que este capítulo tenha conseguido, de modo recíproco, ser designado como parte de um todo que em sua incompletude se complementa e se unifica pelas veredas teóricas e empíricas formadas pelos rastros sociais do Brasil que Nava nos legou em fios de “documentos declarados” de si e de sua sociedade, os quais traduzimos, neste trabalho, à luz de um embasamento que possibilitou vê-lo como portador de uma nova racionalidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] demos as mãos através do tempo e, de certo modo, cada um influenciou o outro. Esse, certamente, é o significado real da história; a oportunidade que se abre de voltarmos ao passado, lidar com suas imagens e, assim fazendo, transformá-lo em nosso próprio passado. (COWAN, 1999, p. 165)

Foi com este sentimento expresso por James Cowan (1999) nesta epígrafe que chegamos até aqui nesta pesquisa, e retomamos para iniciar estas considerações finais o trabalho de Guimarães (2002) sobre as Memórias no qual ela considera que estas são um monumento verbal cujas ruínas carregam um “grito de agonia” e um “imortal soluço de vida” (GUIMARÃES, 2002, p. 92), os quais, através de uma escrita polida e erudita, merecem distinção, tornando presentes algumas mesclas da fala do povo brasileiro. E também, por trazer para as narrativas brasileiras, dentro de um *locus* social e cultural sobre o qual podemos dizer que, em geral, é pouco letrado e pouco leitor, as leituras navianas de personagens que compuseram a história oficial do país, bem como suas leituras e interpretações feitas em autores clássicos da literatura universal, sem esquecer-se de biografar várias personagens de seu “chão de ferro,” cujas histórias não fazem parte da história oficial do Brasil.

Assim como Arrigucci Jr. (1987), Candido (1987) e outros, Guimarães (2002) também encontrou nas Memórias um algo mais, um ir além do memorialismo praticado no Brasil. Então, na pesquisa que desenvolvemos estas interpretações já nos davam base para nos direcionarmos para o encontro de uma nova racionalidade nos escritos navianos. Neles, a intencionalidade precípua buscava encontrar elementos para uma investigação pautada em procedimentos embasados na sociologia das ausências, comportando inicialmente as considerações destes autores, pois as análises feitas nos conduziram a apreender nas narrativas navianas que vida, obra e sociedade são inseparáveis do contexto social e cultural dos sujeitos, da dinâmica da vida e do trabalho.

Dessa maneira, nos movemos no campo das experiências sociais do Brasil tornados visíveis nos escritos navianos e pudemos perceber nestes, entre outras experiências e práticas, marcas da formação do povo brasileiro, delineadas na do Narrador, como formas de alteridades que nos dizem o que fomos/somos nesta experiência coletiva.

Neste sentido, ao nos alicerçamos na formação educativa e profissional do sujeito em análise, vimos que esta perpassa toda sua produção literária no momento em que ele tomou consciência de sua existência como ser finito e passou a observar, nos meandros de sua história, a história diversificada de seu próprio povo; na dinâmica dos processos de sociabilidade nos quais se envolveu: da cozinha de sua casa, de sua formação médica à comunicação nacional. A partir dessa tomada de consciência, assumiu-se em um mundo significado não só por si, mas por outros sujeitos, atores sociais que deram sentido e significaram a sua história e a sua cultura, protagonizando, então, o reconhecimento das diferenças, das exclusões, das lacunas históricas e dos vazios sociais na sociedade na qual se inseria.

Por essas razões, é preciso ainda lembrar que os livros de Nava, que não são autobiográficos/memoriais trazem também sua visão do mundo brasileiro em uma mescla de articulação cognitiva, que comporta ciência, literatura, arte, religião e práticas populares de cura, haja vista a sedimentação das interpretações das ideias do autor analisado, em suas postulações sobre história da medicina científica e popular brasileira. Vale destacar os indicativos de pesquisas existentes nesses trabalhos, entre os quais realçamos o aproveitamento das experiências sociais de índios e negros em relação à utilização da flora brasileira nas práticas de cura.

Nas Memórias há configurações que são elaborações próprias e outras que sofreram interferência do relacionamento do sujeito com os grupos sociais e os espaços nos quais ele atuava, mediadas pelas leituras e vivências profissionais. Enfim, pelo itinerário e a formação social e intelectual do Narrador que conseguiu, nesse trânsito, se apropriar de múltiplos saberes. Nava torna-se, tendo como fundamento seus escritos, um protagonista social e intelectual de seu tempo. Apontam seus escritos para uma função social da memória, especialmente nos mundos pós-coloniais, por preencherem ausências historicamente construídas pelo pensamento hegemônico, nos espaços que comportam envolvimento cultural e político. Ainda acrescentamos outros espaços nos quais as condições sociais de

existência do Narrador puderam influenciar com sua narrativa autobiográfica, sua escrita de si, não apenas por denotar *nuances* de sua personalidade, mas também por descrever fatos, acontecimentos e lugares do passado, com a visão de seu presente no momento de sua escrita dialogal, conflitual e pormenorizada.

Talvez o Narrador, inserido em sua comunidade de origem, estivesse buscando uma razão em si para estar no mundo, especialmente porque sabemos que o escritor/narrador assumia consigo e com sua sociedade um compromisso social como homem: profissional/médico – cientista e intelectual por suas atitudes diante da vida. Buscou como médico e pesquisador inserir o país nos meios científicos internacionais, e como escritor foi capaz de desestabilizar o cânone literário brasileiro, mobilizando os críticos e a academia e deleitando, com sua escrita, inumeráveis leitores. Dessa forma, não apenas as Memórias de Nava, mas também sua história da medicina brasileira, mesclada com a mundial, fornece à história concreta do país um arcabouço literário relevante, em termos de produção textual de uma sociedade em processo de desenvolvimento e modernização. Desse modo, possibilitou o registro de aspectos políticos, sociais, científicos e culturais avaliados pelo Narrador como uma memória que não é apenas sua, mas de um grupo de convivência que se une a outros; daí o valor da memória social como ponderou Bosi (2003) ao analisar memórias de velhos. E, respeitosamente, velho também era Nava quando escreveu as Memórias e reescreveu a velhice.

Opinamos que são amplas as possibilidades de interpretação das Memórias de Nava, muitas já foram realizadas, outras se encontram em andamento. Dada à vastidão da obra, podem ser, ainda, exploradas várias temáticas em seus escritos, além das já exploradas como indicaremos a seguir, pois são visíveis se fizermos a leitura em uma perspectiva investigativa de sociologia das ausências. Chamamos, assim, à atenção para a questão de temáticas ligadas à construção social de um povo como nação, no tocante à política e a constituição da República brasileira; à história da educação no Brasil e às variáveis inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, observando-se as dinâmicas internas da escola brasileira naquele momento histórico; à religiosidade do Narrador expressa nas Memórias como se configurasse a praticada pelo povo brasileiro em um misto de cristandade e misticismo; ao reconhecimento das mulheres negras no processo de formação cultural do Brasil. Há também aquelas vinculadas ao pensamento religioso e à

educação formal; a dualidade da educação brasileira em uma mistura militar e civil, e em escolas para ricos e escolas para pobres; o papel do adulto e do ambiente no processo de formação para a leitura de si e do mundo, reforçando, assim, a relevância de pesquisas sociológicas que tenham como *locus* a literatura para a interpretação do Brasil pretérito, desvendando as continuidades e descontinuidades nele existentes.

Aqui as interpretações suscitadas pela leitura permitiram discutir um pouco suas ideias em uma dimensão cultural no espaço e tempo histórico, sem negar a distinção do sujeito escritor, construtor social de suas memórias. Enquanto observador/leitor do mundo, Nava constitui-se como interpretante e tradutor do contexto em que sua vida, sua profissão e sua obra foram engendradas, direcionadas e configuradas pelas relações sociais de poder estabelecidas nos espaços informais e formais, educativos e sociais: família, escola, faculdade, sociedade e Estado.

Nava não obedeceu aos ditames da literatura que induzem à contenção na escrita, particularmente quando se trata de narrativas, daí a visão de monumento literário ensejada por muitos de seus intérpretes. Isto dá a entender que ele procurou registrar as pessoas com as quais conviveu, os ambientes públicos e privados onde viveu da forma mais detalhada possível, para que seus leitores pudessem se localizar em relação ao espaço descrito e visualizar de forma imagética as pessoas sobre as quais ele fala. Assim, plasmando nas Memórias existe uma configuração do real através da circulação de ideias de um sujeito escritor, cuja erudição merece distinção, dentro de um espaço social e cultural – que diríamos, em geral, pouco letrado – destacando-se não apenas como médico reumatologista, mas como memorialista e humanista.

Reafirmamos na pesquisa que nos escritos de Nava foi visualizado o itinerário social, percorrido e reconstruído pelo sujeito/autor/narrador de si, construtor de um texto, que, ao falar de si, fala dos momentos da história social brasileira e a vivifica, denotando nessa escritura a intencionalidade de preservação e expansão do que um dia foi o seu presente. Confluiu, por esta viabilidade, o ensaio de um novo procedimento científico/social desenvolvido por Santos (2006) e abraçado por nós, a sociologia das ausências em suas formas de analisar a sociedade e o mundo científico, a partir de novas lógicas, novas formas de pensar, discutidas aqui como

ecologia de saberes, ecologia dos reconhecimentos, ecologia das temporalidades, ecologia das transescalas e ecologia das produtividades. Encontramos nos escritos de Pedro Nava o que nos possibilita afirmar que ali estas ecologias estão presentes, pois este Narrador além de mostrar, por sua obra, ser detentor de uma subjetividade desestabilizadora, imprimiu nesta uma marca indiscutível de visão do passado como arcabouço de novas descobertas para que se possa fazer uma nova leitura do mundo para além da razão metonímica engessada pelo pensamento universalista europeu.

Foi assim que conduzimos a construção de uma pesquisa que tratou de memórias como narrativas autobiográficas, como fontes de pesquisa, no sentido de contribuir para a compreensão da sociologia das ausências, sendo também uma tentativa para pensar em outras contribuições que fizessem dialogar saberes, visando amplificar as discussões sobre temáticas que articulassem memórias e pesquisas sociais. Nessa perspectiva, ratificamos a tese de Santos (2006) sobre as possibilidades de encontrarmos na literatura delineamentos de uma nova racionalidade, a qual denomina de cosmopolita, e que ensejamos dizer que encontramos nos escritos de Nava.

Os caminhos que foram tecidos puderam, assim, se bifurcar em veredas possíveis e pontes adequadas a serem transpostas pelas condições ideadas para seu percurso na contextura acadêmica e social, em seus tempos e espaços.

Pontuamos que, ao desvelarmos o sujeito das memórias nos dois primeiros capítulos, pudemos compreendê-lo como um sujeito social, que mesmo passando por dificuldades socioexistenciais, lutava para conseguir vencer tais barreiras posicionando-se de maneira singular nos espaços por onde transitou. Talvez isto tenha lhe possibilitado ver no local o que muitos antes dele não puderam ver. Nesse sentido, citamos duas percepções de Nava: o papel do negro na formação econômica do Brasil como protagonista social, inclusive, da mulher negra na formação do povo brasileiro e a questão do disciplinamento militar na dinâmica escolar do país os quais discutimos um pouco.

Nos dois últimos, procuramos fazer uma espécie de dissecação das Memórias, considerando que os demais escritos de Nava também são memoriais por desnudarem-se em uma perspectiva de autoconhecimento declarado do sujeito, como havíamos visto nos dois primeiros capítulos. Desse modo, pudemos continuar

traçando uma cartografia sociológica que se iniciou simbolicamente quando da publicação dos primeiros livros das Memórias até o ano de 2010, quando da defesa deste trabalho. Caminhamos, assim, seguindo um mapa já desvelado por outros companheiros de leitura, escolhidos entre críticos literários, poetas e acadêmicos para, em seguida, enveredarmos pelos escritos navianos ao encontro de uma sociologia das ausências expressa por uma subjetividade desestabilizadora adscrita em uma racionalidade cosmopolita.

Por fim, ressaltamos que estas são apenas mostras fragmentárias que traduzem um pouco da vida de um sujeito que soube traduzir o Brasil do Século XX, ameahando o que poderíamos sintetizar como formas sociais e culturais de vidas, embrenhadas na política e banhadas na escrita, de certa forma, pela formação intelectual e médica do autor. Esperamos, então, que as interpretações suscitadas possam contribuir para novas pesquisas que tratem de problemáticas relacionadas à construção de outras formas de se fazer pesquisa sobre itinerários sociais e formação, inclusive, sobre a formação médica, entre outras.

Lembramos ainda aquelas pesquisas voltadas à tradução de experiências vividas e expressas em produções literárias para re/composição do passado nas Narrativas do Brasil, como esta que concluímos com os versos do poema “Cruz Vermelha” de Gastão Castro Neto, publicado por Pedro Nava (2003b, p. XII), feitos sobre a influência da leitura dos livros de Pedro Nava:

O Cristo de mim suspende do fim/ a lágrima circuncisada em pecados
varonis,/ O pé no engodo dos esgotos da cidade velha,/ O corpo tremulando
como a cabeça de João Batista/ transfigurada em caracóis nordestinos/
Levando, devagar e sempre, o coração em serpentinas/ Onde as veias
prefiguram a aparição da lenda,/ Lenda em cada mês, semana, tempo de
mim [...].”

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Fapesp, 1998.

_____. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: FAPESP, 1996. Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada). Universidade de São Paulo, USP, 1996.

ALBANO, Adriana Helena de Oliveira. **No rastro dos Boitempos**: considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois conterrâneos seus. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de São João Del-Rei: 130p. 2005.

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Houaiss Ilustrado**: Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.

ALLENDE, Isabel. **A soma dos dias**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

ALVES, Castro. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

AMADO, Jorge. **Tenda dos Milagres**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970. (Obras Completas de Jorge Amado).

AMARO, Austen. **Juiz de Fora: poema lírico**. Juiz de Fora (MG): FUNALFA, 2004.

ANDRADE, Mário de. **Correspondente contumaz**: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

_____. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez com Ilustrações de Pedro Nava. Edição crítica dedicada à memória de M. Cavalcanti Proença. Coleção Universitária de Literatura Brasileira, Série C - Ficção - romance e conto. v. 1. Livros Técnicos e Científicos Editora/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia (SP) Rio de Janeiro - RJ/São Paulo – SP;1978.

ANDRADE, Carlos Drummond. Pedro Nava a partir do Nome. *In*: NAVA, Pedro. **Balão Cativo**: memórias 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: ZAHAR; 1978.

ARRIGUCCI JR. Davi. **Enigma e Comentário. Ensaios Sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. O Escorpião Encalacrado. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. Os Melhores Contos de Rubem Braga. São Paulo: Editora Global, 1999.

_____. Outros achados e perdidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BADINTER, Edith. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANDEIRA, Manuel. (Org.) **Antologia de poetas bissextos contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1965.

BASTOS, Dilza Ramos. **Pedro Nava no Acervo Bibliográfico da Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2003. Papéis avulsos 46.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BLOCH, E. **O princípio da Esperança**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005. v.1.

BOMFIM, Manuel. **A América Latina: males de origem. O parasitismo social e evolução**. Rio de Janeiro, Paris: Garnier, [s.d.], (1905).

_____. **Lições de Pedagogia: Teoria e Prática da Educação**. Rio de Janeiro: Livraria Escolar, 1915.

_____. **Noções de Psicologia: Teoria e Prática da Educação**. Rio de Janeiro: Livraria Escolar, 1916.

_____. **O Brasil na América: Caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

_____. **O Brasil na História**. Deturpações das tradições, degradação política. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1930.

_____. **O Brasil Nação**. Realidade e Soberania Brasileira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931, 2 vols.

_____. **Pensar e Dizer: Estudo do símbolo no pensamento e na linguagem**. Rio de Janeiro: Casa Electros, 1923.

BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. Tradução Rolando Roque da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOTLER, Alice Happ. H. Educação, multiculturalismo e ética. In: **V Colóquio Internacional Paulo Freire**, 2005, Recife: **Anais eletrônicos**, Recife: UFPe, 2005. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/Textos/Alice_Happ_Botler.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Poder Simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

_____. **Vísceras da memória**: uma leitura da obra de Pedro Nava. 1994. 177f. Tese. (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1994.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990a.

_____. Assunto encerrado – Discursos sobre literatura e sociedade. 1.ed. (Tradução Roberta Barni. [Uma pietra sopra. Discorso di literatura e società, 1980] São Paulo: Companhia das Letras, 2009 .

_____. **O caminho de San Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Marta. **O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava**. Fortaleza, edições da UFC, 1992.

CANÇADO, José Maria. **Memórias videntes do Brasil**: a obra de Pedro Nava. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. Memórias videntes do Brasil: **a obra de Pedro Nava**. 1994. 234f. Tese. (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1994.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. **A Revolução de 1930 e a cultura**. São Paulo: Cebrap, 1984.

_____. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, v. 1.

- _____. **Formação da literatura brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, vol. 2.
- _____. **O Significado de “Raízes do Brasil”.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Os parceiros do Rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 34. ed., 2001.
- CARDOSO, M. R; VASCONCELLOS, E. **Pedro Nava, o alquimista da memória.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003 (Catálogo de exposição).
- _____. Carta de leitor; reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. *In:* Walnice Nogueira Galvão; Nádia Batella Gotlib. (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000, v , p. 333-339.
- CARDOSO, M. R. **De Próprio Punho:** manuscritos de Lúcio Cardoso e Pedro Nava. *Revista Palavra*, Rio de Janeiro, Brasil, v. 4, p. 44-57, 1998.
- _____. R. **As cidades da memória:** uma leitura benjaminiana de Nava. *Semear (PUCRJ)*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 161-171, 1999.
- CARLOS, Hélio Lima. Os Fantasmas da Rua da Glória 190. *In:* NAVA, Pedro. **O Círio Perfeito:** memórias 6. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Virado do avesso.** São Paulo: Seleta Editorial, 2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Na ronda do tempo:** memórias. Natal: EDUFRN, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável:** as encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. VI.
- CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CASTRO, Nei Leandro. **A fortaleza dos vencidos.** São Paulo: Arx, 2009.
- _____. **As Dunas Vermelhas.** São Paulo: A. S. Editora, 2004.
- _____. **As pelejas de Ojuara:** O homem que desafiou o diabo. 5 ed. São Paulo: Arx, 2006.
- _____. **Era uma Vez Eros.** Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1993.
- _____. Lendo Pedro Nava. *In:* NAVA, Pedro. **Beira-mar:** memórias 4. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a. p. XIII- XIV.
- _____. **O Dia das Moscas.** Rio de Janeiro: Codecri, 1983.
- _____. **Voz Geral.** Rio de Janeiro: Eros, 1963.

_____. **Zona erógena**. Rio de Janeiro: Eros, 1981.

CASTRO NETO, Gastão. Cruz Vermelha. *In*. NAVA, Pedro. **Galo-das-Trevas** as doza velas imperfeitas: memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XI-XII.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote De La Mancha**. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril, 1978

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

CHIARA, Ana Cristina de Resende. **Um homem no limiar**: sobre a morte na obra de Pedro Nava. 1989. 151f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

_____. **Pedro Nava, um homem no limiar**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COMÊNIO, Jean Amós. **Didáctica magna**: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [s.d.].

COSTA, José Carlos. **Literatura e Memória em Pedro Nava**: a ficionalização da experiência – por uma poética do passado. 2009. Dissertação (Mestrado) Universidade do Oeste do Paraná, Cascavel. 2009.

COSTA, Nazareh *et al*. **Cozinha do Arco-da-Velha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Cacém/Portugal: Editorial Caminho, 2002.

COVIZZI, Lenira Marques. **Porto inseguro**: formas cativas de ossos, na linguagem das Memórias d' O defunto. Pedro Nava. 1980. 266. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1980.

COWAN, James. **O sonho do cartógrafo**: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do Século XVI. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. São Paulo: Editora três, v. 1 e 2, 1973.

CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho**: histórias de resiliência (o retorno à vida). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

_____. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIMAS, Antonio. **Memória e pudor**. CONGRESSO ABRALIC. LITERATURA E MEMÓRIA CULTURAL, 2., 1991, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura comparada, 1991. v.1, p. 589-593.

_____. Um modelo para nossas Memórias. *In*: **Jornal da Tarde**, 18/9/1976.

DOYLE, Plínio. **Uma vida**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 1999.

DRUMMOND, Olavo. Canção a Pedro Nava. *In*. NAVA, Pedro. **Galo-das-Trevas** memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b. p. XIII-XV.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo, Brasiliense: 1972.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

EM TEMPO DE PEDRO NAVA. Produção e direção de Fernando Sabino e David Neves. Distribuidora: SARAPUI PROD. ARTISTICA (DVD) Diretor: David Neves Diretor: Fernando Sabino FICHA TÉCNICA Mídia: DVD Região: 4. Ano de produção: 2006. País de Produção: Brasil Gênero: DOCUMENTARIO, 1971.

FÁVERO, Afonso Henrique. Pedro Nava: Um memorialista e tanto. **CRONOS**, Natal-RN, v.1, n.2, p. 61-72, jul./dez. 2000.

_____. **Aspectos do memorialismo brasileiro**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira USP. 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em:
http://almanaque.folha.uol.com.br/folhetim_15mai1984.htm; acessado em 20 dez.2009.

FRAGA, Marlene de Paula. **Da urdidura e da Trama**: um estudo sobre a intertextualidade em Baú de Ossos, de Pedro Nava. 197f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação da PUC-Minas, Belo horizonte, 1995.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Roteiro lírico de Ouro Preto**. Editora da Universidade de Brasília. Brasília; 1982.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. v. XXI. Ed. *Standard* Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 12. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA:
Disponível em: <http://pedronava.clientes.tecnopop.com.br> Acessado em: 20 set. 2009.

GARCIA, Celina Fontenele. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. Fortaleza: EUFC, 1997.

_____. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. 1994, 260f Tese (Doutorado) – Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

_____. **A escola como personagem da Literatura Brasileira**. Universidade Federal do Ceará, 1988.131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Ceará, 1988.

_____. **Pedro Nava e a aquisição de sua identidade cultural**. Revista **GELNE**. v.3. n.1 2001.

GAMA, Geraldo Guimarães. Pedro Nava, o Médico. *In: Território de Epidauro*. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2003e. p.17-35.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O discurso político sobre educação no Brasil autoritário. *In: Os vinte e um anos de ditadura militar no Brasil e a educação: seu legado para o debate educacional atual*. Caderno Cedes, São Paulo, Campinas, 2008a, p.313-332. (CEDES, v.28, n.76, p. 283-284, set./dez. 2008a)

_____. Ordem e progresso: o discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. *In: Revista Educação em Questão*. Natal, RN: EDUFURN, 2008b, v.32, n.18, maio/ago.2008b, p.79-112.

_____. **I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (I SNECS-Natal/RN, 17 e 18/04/2008 RELATÓRIO PARA DIVULGAÇÃO)** [http://www.sbsociologia.com.br/downloads/RELATÓRIO DO I SNECS.doc](http://www.sbsociologia.com.br/downloads/RELATÓRIO_DO_I_SNECS.doc). Acessado em: 12 de maio de 2009.

_____; SILVA, Lenina Lopes Soares. A formação médica na prática da escrita de si. **Anais... III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA**, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; SILVA, Lenina Lopes Soares. A formação médica na prática da escrita de si. *In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, Anais...* 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; LIMA, J. G. S. A.; SILVA, Lenina Lopes Soares. Educação e pensamento militar no Brasil República. **Anais... IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA**, 2009, RIO DE JANEIRO.

EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO : QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

_____; LIMA, J. G. S. A.; SILVA, Lenina Lopes Soares. **Lições de literatura no ensino de História da Educação. Anais... IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA**, 2009, RIO DE JANEIRO. EDUCAÇÃO, AUTONOMIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. RIO DE JANEIRO: QUARTET, 2009. v. 1. p. 00-00.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo**: itinerário de um pensador. 1998. 281f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, Higiene e educação escolar. *In*: LOPES e outros (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1991.

_____. **Breves notas sobre a política de Maquiavel**. *In*. Cadernos do Cárcere: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. v. 3 . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

_____. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. *In*. **Cadernos do Cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b.

GUIMARAENS FILHO. Alfonsus de. Um Poema para Pedro Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Chão de ferro**: memórias 3. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001. p.

_____. Canção da Manhã mais Matinal. *In*: NAVA, Pedro. **Beira-mar**: memórias 4. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a. p. XI-XII.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. **Pedro Nava**: Leitor de Drummond. a memória, os retratos a leitura. Campinas-SP: Pontes, 2002.

_____. **Pedro Nava: Leitor de Drummond**: a memória, os retratos a leitura. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

_____. **Rastros da leitura, trilhas da escrita:** um estudo sobre o leitor em Pedro Nava e Graciliano Ramos. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

GUIMARÃES, Luiz Carlos. Naveana do Galo-das-trevas. *In:* NAVA, Pedro. **O Círio Perfeito:** memórias 6. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003c.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HEISENBERG, Werner. **A parte e o todo:** encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

HERSCHMANN, Micael M. e PEREIRA, Carlos Alberto Messder. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno.** Medicina, educação e engenharia anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Erik. **Era dos extremos:** o breve século XX:1914 -1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos:** o breve século XX:1914 -1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, J. S. B. **O hino, o sermão e a ordem do dia:** a educação no Brasil (1930-1935). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

IGLÉSIAS, Francisco, **História e literatura:** ensaios para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Cedeplar-FACE-UFMG, 2009.

INVENTÁRIO DO ARQUIVO 8 – Pedro Nava. Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora: Rio de Janeiro, 2001.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **A roda da vida:** memórias do viver e do morrer. 9. ed. Rio de Janeiro: GMT, 1998.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique.** Paris: Ed. *du Seuil*, 1975.

LE MOING, Monique. **A solidão povoada.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LE MOING, Monique. **Pedro Nava: La salitude habitué.** 1994. 362f 2.v. Tese (Doutorado) – *Université de La Sorbonne Nouvelle*, Paris, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Valéria. **Uma Viagem com Debret.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção: Descobrindo o Brasil).

MAMEDE, Zila. **Navegos**: A Herança. Natal, RN: Ed. UFRN, 2003.

MANNONI, Maud. **La educación imposible**. México: Siglo XXI editores, 1983.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Memórias de minhas putas tristes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

MARX. Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

MASETTO, Marcos T. Discutindo o processo ensino/aprendizagem no ensino superior. In: MARCONDES, E.; GONÇALVES, Eernesto Lima. (Coord.). **Educação médica**. São Paulo: Savier, 1998. Parte I, p. 11-19.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. (Org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Papirus Educação)

MARTINS, Franklin. Disponível em: <http://www.franklinmartins.com.br/>, acessado em: 20 out. 2010.

MENDES, José Manuel Oliveira. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 13, p. 503-540.

MEYER, Augusto. **Textos Críticos**. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986. (Col. Textos).

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da Colônia**: limites e espaços de cura. Recife: Fundação de Cultura da cidade de Recife, 2004.

MONTEIRO, Lobato. **Ideias de jeca tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

MONTEIRO, Adriana Siqueira. **Memórias da infância em cinco narrativas brasileiras (de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Pedro Nava, Fernando Sabino e Carlos Heitor Cony)**. 2004. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras. Universidade do Porto/Portugal.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, Vinicius de. **Balada de Pedro Nava (o anjo e o túmulo)**. Minas Gerais, Belo horizonte, mar.1973. Suplemento Literário, v. 8, n. 343, p.5,24; e em: www.viniciusdemoraes.com.br/

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOUTINHO, José Geraldo Nogueira. A Pedro Nava. In: NAVA, Pedro. **Balão Cativo**: memórias 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

NAVA, Pedro. Se eu soubesse brincar. *In*: ANDRADE, Mario de. **Correspondente contumaz**: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Edição preparada por Fernando Rocha Peres).

_____. O canto do vingador. *In*: LE MOING, Monique. **A solidão Povoada**. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1996. p 265-66.

_____. Ligas e Associações de Bairros. VIU, 28/9, 1982. *In*: LE MOING, Monique. **A solidão Povoada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Cadernos 1 e 2**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **Balão Cativo**: memórias 2. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

_____. **Chão de ferro**: memórias 3. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

_____. **Baú de Ossos**: memórias 1. 10. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Beira-mar**: memórias 4. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003a.

_____. **Galo-das-Trevas**: as doze velas imperfeitas - memórias 5. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003b.

_____. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Cotia São Paulo: Ateliê Editorial: Londrina, PR: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003c.

_____. **Território de Epidauro**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2003d.

_____. **O anfiteatro**: Textos sobre medicina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003e.

_____. **Viagem ao Egito, Jordânia e Israel**: anotações extraídas dos diários do autor. 2. ed. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a.

_____. **A medicina de Os Lusíadas e outros textos**. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2004b.

_____. **O Círio Perfeito**: memórias 6. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2004c.

_____. O defunto. SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava 1903-1984**: Trechos escolhidos. Rio de Janeiro: 2005, p. 115-118.

_____. **Cera das almas**: memórias 7. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Giordano, 2006.

NERUDA, Pablo. **Confieso que he vivido**. *Memorias*. Barcelona: Seix Barral, 1974. (autobiografia).

NOBRE, Itamar de Moraes. **A fotografia como narrativa visual**. 2003. 146f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2003.

NUNES, Marçal Juçara. **Rito, morte e memória**: elementos para uma análise do ponto de vista em Pedro Nava. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Clássicas) –Universidade de São Paulo, 2000.

NUNES, Raimundo. **Pedro Nava: memórias**. São Paulo: Ateniense, 1987.

OLIVEIRA, Adriana Alvim de. **Memorialismo e autobiografia**: a reconstrução da infância na literatura brasileira. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1991.

PANICHI, Edina e CONTANI, Miguel L. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina (PR): Eduel; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PANICCHI, Edina Regina Pugas. **Estilística léxica em Baú de Ossos**. 1983. 47f. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR; 1983.

_____. **O processo criativo e a adjetivação de Pedro Nava na obra Beiramar/memórias 4**. 1987. 178f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, história e Psicologia da UNESP, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1987.

_____. **A luta pela Expressão em Pedro Nava**. São Paulo: UNESP/SP 1994.

PENIDO, Paulo. **Pedro Nava: O bicho Urucutum**. Seleção de textos e desenhos. São Paulo: Ateliê editorial/Girodano, 1998.

_____. **O bicho urucutum**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PEREIRA, Ana Lúcia Muglia. **Infância**: espaço de refúgio do escritor de Memórias. 1987. Dissertação (Mestrado). PUC/RJ. 1987.

PEREIRA, Maria Luiza Medeiros. **Das aparas do tempo às horas cheias**: uma leitura das memórias de Pedro Nava. Tese de Doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.

_____. **As memórias indiciárias de Pedro Nava** - entre a história, a autobiografia e a ficção. (Dissertação de Mestrado) - Universidade de Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, São Paulo, 1993.

PERES, Fernando da Rocha e MINDLIN, E. José (Orgs.) **Louvação Poética a Pedro Nava**. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda, 1983. Edição numerada de 001 a 300. Livro n.096.

PERES, Fernando da Rocha. Nava/ Naveta / Nava. *In*: NAVA, Pedro. **Chão de ferro**: memórias 3. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, Giordano, 2001.

PIOVESAN, Greyce Kely. **Prezado doutor, Querido amigo, Caro memorialista: a sociabilidade intelectual nas cartas de Pedro Nava.** Dissertação de Mestrado. p. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. Florianópolis, 2009.

POMPÉIA, Raul. **O Atheneu.** São Paulo: Editora Martin Claret Ltda, 2005.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes.** 6. ed. São Paulo: Cortez, Editora Associados, 1981.

PORTO, Regina Maria Laclette. **Índice onomástico para Beira-Mar de Pedro Nava.** 1989. 78f. Trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, Escola de Biblioteconomia, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

PRIGOGINE, Ilya e STRANGERS, Isabelle. **Entre o tempo e a eternidade.** São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. **As leis do caos.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

REIS, Cláudia Barbosa. **Cidade Personagem: O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava.** Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2007.

_____. **Cidade Personagem: O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava.** (Dissertação de Mestrado PUC/RJ) Rio de Janeiro, 2005.

REVISTA DA UFG - Tema ENSINO SUPERIOR. Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás - Ano VII, n. 2, dezembro de 2005.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII.** São Paulo: Hucitec, 1997.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento.** Campinas – SP: Editora UNICAMP, 2007.

_____. O passado tinha um futuro. *In:* MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 6, p. 369-378.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

ROSNAY, Joel de. Conceitos e operadores transversais. *In:* MORIN, E. (Coord.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Cap. 8, p. 493-499.

SAES, Décio A. M. **A formação do estado burguês no Brasil (1889-1891).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SACKS, Oliver W. **Tio Tungstênio: memórias de uma infância química.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Com uma perna só.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALGADO, Ilma de Castro Barros. **Pedro Nava: Mulheres Reveladas e Veladas.** Juiz de Fora (MG): I. de C. B. e Salgado, 1999.

_____. **Pedro Nava: Mulheres Reveladas e Veladas.** (Dissertação em Letras. 95 f. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/MG) - Universidade Federal de Juiz de Fora/MG, 1999.

_____. **Juiz de Fora nas memórias de Pedro Nava: Uma meta-ficção histórica.** Juiz de Fora: Editar Editora Associada, 2003.

_____. **Formas intercomunicacionais em Pedro Nava: o signo verbal e o pictórico.** Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

SANDES, José Anderson Freire. **Diálogos com Pedro Nava: A sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo.** Fortaleza: Editora Omni, 2005.

_____. **Diálogos com Pedro Nava: A sedução da palavra na literatura, na história e no jornalismo.** Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Ceará, UFC, 2005

SANTIAGO, Silviano. Prosa atual literária no Brasil. *In: Nas malhas da letra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção para um novo senso comum; v.4).

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** 3. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática).

_____. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Conhecimento Prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências revisitado.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Renovar a Teoria Crítica: e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Pedro Nava: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios**. São Paulo: Abril Educação, 2003. 108p. (Literatura comentada).

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: autores associados, 2007. (Coleção memória da educação).

_____. Tendências e correntes da educação brasileira. *In*: BOSI, Alfredo *et. al.* **Filosofia da educação brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

SAVIETTO, Maria do Carmo. **Baú de Madeleines: O intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava**. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

_____. **Baú de Madeleines: O intertexto proustiano nas memórias de Pedro Nava**. São Paulo: Tese de Doutorado. Universidade do Estado de São Paulo. 1998.

SCHWARTZMAN, S. *et al.* **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

SEMPRUN, Jorge. **A escrita ou a vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Ângela Maria Carvalho. **Um certo olhar sobre a velhice: a narrativa memorialística de Pedro Nava**. Dissertação de Mestrado, 2001: Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2001.

SILVA, Lenina Lopes Soares. **Lembranças de alunos, imagens de professores: narrativas e diálogos sobre formação médica**. 2006. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/detalhes> acesso irrestrito.

_____. **Lembranças de alunos, imagens de professores**. Natal-RN: Observatório RH-NESC UFRN, Una, 2008.

_____. **Configurações da escravidão negra no Brasil na épica de Pedro Nava**. *In*: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL, 2010, Natal/RN. Programa de Pós-graduação em História/UFRN, 2010. v. 1. p. 1-11.

_____. **Criança lembrada, infância revivida: notas breves de uma pesquisa**. *In*: II REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 2009, Natal/RN. Direitos, Justiça e Diferença na América Latina. NATAL : UFRN, 2009. v. 00. p. 01-12.

_____. **As "misturas do humano com o divino" na medicina popular do Brasil Colonial**. *In*: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL: A EXPERIÊNCIA COLONIAL NO NOVO MUNDO (SÉCULOS XVI A XVIII). NATAL/RIO GRANDE DO NORTE: UFRN, 2008.

_____. **Lições do passado:** memórias e narrativas autobiográficas em perspectivas para o futuro. E-CADERNOS CES/Portugal, Universidade de Coimbra/PT, Coimbra: 2008, v. 02, p. 01-12.

_____. **A roda da vida.** São Paulo: Revista Kairós, v. 10, p. 259-264, 2007.

_____; GERMANO, José Willington. Mediação pedagógica em notações de memórias. **Anais... III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA,** 2008, NATAL/RIO GRANDE DO NORTE. (AUTO)BIOGRAFIA: FORMAÇÃO, TERRITÓRIOS E SABERES. NATAL/RIO GRANDE DO NORTE : UFRN, 2008.

_____; GERMANO, José Willington. Herdeiros do mundo: a construção da cultura brasileira nas Memórias de Pedro Nava. **Anais... XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA,** 2009, BUENOS AIRES. MEMORIAS:XXVII CONGRESSO ALAS 2009: LATINOAMÉRICA INTERROGADA. Buenos Aires - Argentina : Universidade de Buenos Aires/Faculdade de Ciências Sociais, 2009. v. 1. p. 00-00.

SILVA, Tânia Elias Magno da Silva. **Imagens da Fome e o itinerário intelectual de Josué de Castro.** In: **CRONOS,** Natal-RN, v.1, n.2, p.73-92, jul./dez.2000.

SONTAG, Susan. **Ao mesmo tempo: ensaios e discursos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Eneida Maria de. **Pedro Nava, o risco da memória.** Juiz de Fora (MG): FUNALTA, Edições, 2004.

_____. **Pedro Nava 1903-1984:** Trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 2005. (Coleção Nossos Clássicos).

SPINELLI, José Antônio Lindoso. **Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar: 1930/35.** Natal: EDUFURN, 1996.

TOKIMATSU, Fumie Rosana. **Pedro Nava: poeta bissexto e memorialista.** 2002. Dissertação (Mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo. 2002.

VALE, Vanda Arantes do. Psicanálise – Memória nas Memórias de Pedro Nava – Uma introdução. Psicanálise & Barroco – **Revista de Psicanálise.** v.5, n.1: 74-86. jun. 2007.

_____. **Pedro Nava: cronista de uma época (Medicina e sociedade brasileira - 1890-1940.** Tese de Doutorado, 2009: Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

VALLE NETO, Júlio de Souza. **Escolas Literárias:** as "Crônicas de Saudades" de Pedro Nava e Raul Pompéia. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. 147p; Universidade Estadual de Campinas/SP, 2005.

VILLAÇA, Cristina Ribeiro. **Pedro Nava: anatomista da memória**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2000.

_____. **Entre musas e doutores: uma leitura da obra de Pedro Nava**. Tese de doutorado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2007.

VIVACQUA, Eunice. **Salão Vivacqua; lembrar para lembrar**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro/BDMG Cultural, 1997.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989a.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989b.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu: A retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WINNICOTT, David. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

YASH, Ghai. Globalização, multiculturalismo e Direito. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.